

Cândida Mara Britto Leite

**O /R/ em posição de coda silábica no falar
campineiro**

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em
Linguística do Instituto de Estudos da Linguagem da
Universidade Estadual de Campinas como requisito
parcial para obtenção do Título de Doutor em Linguística.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Tânia Maria Alkmim.

Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP

Instituto de Estudos da Linguagem – IEL

Campinas - 2010

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca do IEL - Unicamp

L536r

Leite, Cândida Mara Britto.

O /R/ em posição de coda silábica no falar campineiro / Cândida Mara Britto Leite. -- Campinas, SP : [s.n.], 2010.

Orientador: Tânia Maria Alkmim.

Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

1. Atitudes linguísticas. 2. Língua portuguesa - Variação. 3. Estereótipo (Psicologia). 4. Róticos. 5. Fonética acústica. I. Alkmim, Tânia Maria. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.

oe/iel

Título em inglês: The /R/ in the syllable coda position in the Campinas native accent.

Palavras-chaves em inglês (Keywords): Language attitudes; Portuguese language - Variation; Stereotype (Psychology); Rhotics; Acoustic phonetics.

Área de concentração: Linguística.

Titulação: Doutor em Linguística.

Banca examinadora: Profa. Dra. Tânia Maria Alkmim (orientadora), Profa. Dra. Dinah Maria Isensee Callou, Prof. Dr. Emilio Gozze Pagotto, Profa. Dra. Maria Bernadete Marques Abaurre e Prof. Dr. Plínio Almeida Barbosa. Suplentes: Profa. Dra. Rosane de Andrade Berlinck, Profa. Dra. Maria Filomena Spatti Sândalo e Profa. Dra. Vandersi Sant' Ana Castro.

Data da defesa: 24/02/2010.

Programa de Pós-Graduação: Programa de Pós-Graduação em Linguística.

BANCA EXAMINADORA:

Tânia Maria Alkmim

Tânia Alkmim

Dinah Maria Isensee Callou

Dinah Callou

Emilio Gozze Pagotto

Emilio Gozze Pagotto

Maria Bernadete Marques Abaurre

Maria Bernadete Marques Abaurre

Plínio Almeida Barbosa

Plínio Almeida Barbosa

Rosane de Andrade Berlinck

Maria Filomena Spatti Sandalo

Vandersi Sant' Ana Castro

IEL/UNICAMP
2010

*À minha família e
Àqueles que se interessam pelos estudos
lingüísticos,*

Dedico

AGRADEÇO

À Prof^ª. Dr^a Tânia Maria Alkmim, por ter me orientado durante a realização desta pesquisa, pelas discussões, pela relação de confiança estabelecida e pela oportunidade de poder trilhar o meu caminho pelos estudos da linguagem;

Aos Profs. Drs. Tânia Maria Alkmim, Maria Bernadete Marques Abaurre e Plínio Almeida Barbosa, pela cuidadosa leitura e pelas observações feitas a uma versão deste trabalho durante o exame de qualificação;

Aos Profs. Drs. Dinah Maria Isensee Callou, Emilio Gozze Pagotto, Maria Bernadete Marques Abaurre, Plínio Almeida Barbosa, Rosane de Andrade Berlinck, Maria Filomena Spatti Sandalo e Vandersi Sant' Ana Castro por terem aceitado o convite para participar da banca examinadora desta tese. Agradeço, ainda, aos professores titulares da banca de defesa pela leitura atenta e pelas valiosas sugestões.

Ao Prof. Dr. Plínio Almeida Barbosa, com quem muito aprendi nas aulas de Fonética, agradeço a atenção dispensada sempre que o procurei;

À Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), pelo incentivo e pelo período de dois anos em que fui liberada para retomar e me dedicar às atividades do doutorado;

Ao CNPq, pela concessão de bolsa de estudos durante alguns meses no início do doutorado;

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pela bolsa de estudos concedida durante o período em que fui liberada para retomar o doutorado;

Ao Departamento de Estudos Lingüísticos e Literários (DELL/UESB) e à Área de Língua Portuguesa e Linguística (ALPL/UESB), pela liberação de algumas reuniões e pelo incentivo à formação docente;

A todos os colegas do GPEL/UESB pelas experiências compartilhadas e por terem colaborado para a minha liberação junto ao DELL/UESB. Registro um agradecimento especial às amigas: Adriana Lessa, Conceição Fonseca, Gorette Ferreira, Nirvana Ferraz e, à Edvania Gomes e Vera Pacheco, pela ajuda junto às minhas atividades acadêmicas, quando eu mais precisei;

Aos informantes desta pesquisa, imprescindíveis na realização de estudos dessa natureza, pela gentileza e pela compreensão demonstrada ao longo das sessões de coleta de dados;

À Sandra Merlo, pela assessoria estatística e pelo diálogo virtual;

Aos funcionários do IEL, sempre solícitos;

Aos familiares e amigos que, mesmo distantes, torcem, se preocupam e rezam para que tudo dê certo;

Aos queridos amigos (as) que encontrei no IEL, desde o Mestrado – Cínthia Ishara, Edvania Gomes e Flaviane Fernandes – e àqueles que também fizeram parte desse percurso, em momentos distintos: Marcela Fossey, Daniel Silva, Neli Edite, Simone Floripi e Luciana Lucente.

Por último, mas não menos importante, agradeço à minha família (minha mãe – Santa Britto – Sandra, Gil, e minhas sobrinhas) e a Alexandre Granito pelo amor e aconchego, que só pessoas tão queridas podem nos dar!

*Atentem ao que vou contar
com muita seriedade
é com tristeza que escrevo
não vai nenhuma saudade
porque ninguém pára a vida
só a morte em sua vontade*

*Mas orgulho e prepotência
às vezes de mais da conta
seguem modismos baratos
mostrando só uma ponta.
Então, responder é preciso
pra aliviar uma afronta (...)*

*Já faz tempo que “caipira”
virou modo de xingar
se usa dessa palavra
para o outro aporrinhar
como se fosse ofensa
e não pudesse orgulhar*

*Até o erre arrastado
é mote de zombaria
Ma ninguém mesmo percebe
que o erre do nosso caipira
é o mesmo erre entonado
nas “terras das pradarias”?*

*O erre do inglês do norte,
parece, vem embalado
com a roupa do caubói,
todo, todo endolarado,
se mostrando superior
pra quem quer ser enganado (...)*

(Ralf Campos em “Mão Caipira, sim senhor!” – trechos selecionados)

RESUMO

Este trabalho, desenvolvido no âmbito da Sociolingüística, é resultado de uma pesquisa que buscou investigar a variação e as atitudes relacionadas a um segmento lingüístico do falar campineiro: o /R/ em posição de coda silábica. A hipótese que norteou a pesquisa é que o rótico está em um estado mais avançado, se comparado a outras cidades do interior paulista, no que se refere ao enfraquecimento desse segmento, tendendo à vocalização ou ao apagamento. Esse enfraquecimento seria o responsável pela impressão, de oitiva, dos informantes que julgam pronunciar uma variante de /R/ avaliada como “intermediária” e indicada como característica do falar campineiro. A partir dessa proposição, busca-se analisar o processo de variação lingüística do /R/ em posição de coda silábica medial e final que parece ocorrer em Campinas e investigar as atitudes lingüísticas, nos termos de Schlieben-Lange (1993), procurando descrever os estereótipos e as atitudes relacionados à variável lingüística em questão. Para tanto, o *corpus* selecionado é composto por dados de doze informantes naturais de Campinas. Esses dados foram coletados mediante entrevista semi-diretiva e através da leitura de palavras e sentenças. Foram realizadas análises auditivas e acústicas do rótico com o intuito de verificar quais as variantes que concorrem em posição de coda silábica. Essas análises poderiam fornecer informações para que se possa compreender os depoimentos dos informantes campineiros. Os resultados alcançados nesta pesquisa mostram que há variação lingüística do rótico e que a variante mais freqüente é o /R/ caipira. Esse resultado contraria a alegada existência de um /R/ característico do falar campineiro.

Palavras-chave: atitudes lingüísticas, língua portuguesa – variação, estereótipos, róticos, fonética acústica

ABSTRACT

This sociolinguistic work investigates the variation and social attitudes related to a linguistic segment of Campinas native accent: /R/ in syllabic coda position. The hypothesis that guided this research is that the rhotic is in a more advanced state than in other cities in the countryside of São Paulo as regards its attenuation, which causes it to be either vocalized or erased. This attenuation would be the responsible for the hearsay impression of the informants who believe to utter a variant of /R/ assessed as “intermediate” and seen as proper to Campinas native accent. We depart from this assumption in order to analyze the process of linguistic variation of /R/ in final and medial syllable coda position that appears to occur in Campinas, and to investigate linguistic attitudes (Schlieben-Lange, 1993). Our attempt is to describe the stereotype and attitudes related to the linguistic variety at stake. The corpus comprises data collected from twelve native inhabitants of Campinas. The informants were interviewed and had to read words and sentences. We undertook auditory and acoustic analyses of the rhotic so as to verify which varieties co-occur in syllable coda position. These analyses could provide useful information to understand the accounts of the informants. The results evidence that there is linguistic variation of the rhotic and that the most frequent variety is caipira /R/. This finding contradicts the alleged existence of a typical Campinas /R/.

Keywords: language attitudes, portuguese language – variation, stereotypes (psychology), rhotics, acoustic phonetics.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 –	Sobreposição dos espectros FFT e LPC referente à palavra <i>torto</i>	47
Figura 2 –	Ilustração dos critérios adotados para segmentar e anotar os dados.....	50
Figura 3 –	Efeitos de perturbações locais nas frequências dos três primeiros formantes, F1, F2 e F3. (figura reproduzida de KENT; READ, 1992, p 27)	55
Figura 4 –	Principais tipos de configurações da língua (<i>tongue shape</i>) encontradas para os /r/'s do inglês britânico e os r/'s do inglês americano (figura reproduzida de DELATTRE; FREEMAN, 1968, p. 41).....	58
Figura 5 –	Espectrograma GP 1: <i>terto</i> e <i>tutor</i> concatenados.....	76
Figura 6 –	Espectrograma JB 1: <i>tarto</i> e <i>terto</i> concatenados.....	76
Figura 7 –	Espectrograma LB 1: <i>tirto</i> e <i>tatir</i> concatenados.....	78
Figura 8 –	Espectrograma OE 1: <i>tarto</i> e <i>Qatar</i> concatenados.....	78
Figura 9 –	Espectrograma MC 1: <i>terto</i> e <i>bater</i> concatenados.....	79
Figura 10 –	Espectrograma LH 1: <i>tatir</i> e <i>tirto</i> concatenados.....	80
Figura 11 –	Espectrograma TG 1: <i>torto</i> e <i>tutor</i> concatenados.....	81
Figura 12 –	Espectrograma JP1: <i>turta</i> e <i>tutur</i> concatenados.....	81
Figura 13 –	Espectrograma CL1: <i>tarto</i>	84
Figura 14 –	Espectrograma CL2: <i>tutor</i>	85
Figura 15 –	Espectrograma CL3: <i>mercado</i>	86
Figura 16 –	Espectrograma CL4: <i>certa</i>	87
Figura 17 –	Espectrograma CL 5: <i>orgulho</i> e <i>vergonha</i> concatenados.....	88

Figura 18 –	Espectrograma EG 1: <i>torto e tutor</i> concatenados.....	89
Figura 19 –	Espectrograma EG 2: <i>o transporte</i>	90
Figura 20 –	Espectrograma EG3: <i>parque</i>	91
Figura 21 –	Espectrograma AL1: <i>Qatar e tarto</i> concatenados.....	92
Figura 22 –	Espectrograma AL 2: <i>tarto</i>	93
Figura 23 –	Espectrograma AL3: <i>esporte</i>	94
Figura 24 –	Distribuição das variantes no <i>corpus</i>	95
Figura 25 –	Médias das frequências de F2 em função das vogais em PI, PM e PF.....	100
Figura 26 –	Médias das frequências de F3 em função das vogais em PI, PM e PF.....	102
Figura 27 –	Médias das frequências de F3 em vogal em sílaba CV e em CVR.....	104
Figura 28 –	Médias das frequências de F1, F2 e F3 em função da variável sexo.....	105
Figura 29 –	Médias das frequências do F3 em PM em função da faixa etária	108
Figura 30 –	Médias das frequências do F3 em PF em função da faixa etária..	109
Figura 31 –	Médias das frequências do F3 em PF em função do grau de escolaridade.....	111
Figura 32 –	Médias das frequências do F3 em PI, PM e PF para a vogal em sílaba CV, VRt e /R/ caipira.....	114
Figura 33 –	Médias das frequências do F3 em PF para a vogal em sílaba CV, VRt e /R/ caipira.....	115
Figura 34 –	Comparação das proporções VR/palavra entre a vogal em sílaba CV e as variantes /R/ caipira e vogal rotacizada.....	117

Figura 35 –	Figura reproduzida de SCHLIEBEN-LANGE, 1993, p. 96.....	126
Figura 36 –	Espectrograma AL 4: <i>porta</i>	137
Figura 37 –	Espectrograma AL 5: <i>porta</i>	146
Figura 38 –	Espectrograma JC 1: <i>porta</i>	147
Figura 39 –	Espectrograma TG 2: <i>porta</i>	148

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 –	Médias das frequências dos formantes das vogais em palavras CVC e dos alofones vocálicos associados ao /r/ final. Frequência formântica em ciclos por segundo.....	64
Tabela 2 –	Médias dos três primeiros formantes do /r/ final em palavras monossilábicas em função das vogais que o precedem. Frequência formântica em ciclos por segundo.....	70
Tabela 3 –	Médias das frequências dos três primeiros formantes do /r/ silábico e final. Frequência em Hz. Desvio padrão entre parênteses.....	71
Tabela 4 –	Resultados encontrados para F3 em função da variável coda silábica.....	96
Tabela 5 –	Médias das frequências de F1, F2 e F3 para VR em função das vogais na PI,PM e PF.....	99
Tabela 6 –	Médias das frequências de F1, F2 e F3 das vogais em sílaba CV e da PI da sequência CVR	103
Tabela 7 –	Resultados encontrados para F3 em função da variável sexo...	106

SÍMBOLOS UTILIZADOS PARA A TRANSCRIÇÃO ORTOGRÁFICA *

[[	Dois turnos de fala iniciados ao mesmo tempo
[	Sobreposição de vozes; A concomitância de vozes NÃO se dá desde o início do turno, mas a partir de um certo ponto. FORMA UM NOVO TURNO
[]	Sobreposição localizada; ocorre em um dado momento do turno e NÃO FORMA UM NOVO TURNO
(+), (1,5)	Pausa. As pausas que tiveram uma duração acima de 1,5 segundo foram cronometradas
(incompreensível) ou (escreve-se o que se supõe ter ouvido)	Dúvidas e suposições
/	Truncamento brusco
MAIÚSCULA	Ênfase ou acento forte
: :: :: (co::mo)	Alongamento de vogal
(())	Comentários do analista
-----	Silabação
”	aspas duplas. Para subida rápida de entoação (interrogação)
,	Aspa simples. Para subida leve (vírgula ou ponto e vírgula)
,	Aspa simples abaixo da linha. Para descida leve ou brusca
eee ele, ca ca ca cada	Reduplicação
eh, ah, oh, ih::, mhm, ahã, etc	Para pausas preenchidas, hesitações ou sinais de atenção
...	Transcrição de um trecho
/.../	Corte na produção de alguém

* De acordo com Marcuschi (1986).

SUMÁRIO

1 Introdução

1.1	Considerações iniciais.....	01
1.2	Justificativa: uma proposta de investigação do /R/ campineiro.....	03
1.2.1	Campinas: a capital do interior paulista.....	07
1.3	Objetivos do estudo.....	08
1.4	Hipóteses da pesquisa.....	09
1.5	Apresentação dos próximos capítulos.....	14

2 Estereótipos sociais e suas implicações para os estudos sociolingüísticos

2.1	Retomando as questões iniciais.....	17
2.2	Estereótipos sociais.....	18
2.2.1	Atitudes, estereótipos, preconceito e estigma: delimitando os conceitos..	23
2.3	Avaliação social, insegurança lingüística e estereótipos: gatilhos para a variação e/ou mudança lingüística.....	25
2.3.1	Quando a avaliação social e insegurança lingüística desencadeiam a variação.....	26
2.3.2	Estereótipos lingüísticos: outro estágio na avaliação das variáveis lingüísticas.....	31
2.4	Estigma e estereótipos acerca do dialeto caipira, do /R/ caipira e do /R/ “intermediário”	32

3 Procedimentos Metodológicos

3.1	Apresentação.....	37
3.2	Perfil dos informantes e gravação dos dados.....	38
3.3	Descrição do <i>Corpus</i>	40
3.3.1	Crerios empregados para elaboração, execução e gravação das entrevistas.....	40
3.3.2	Procedimento para elaboração e gravação do design experimental.....	42
3.3.3	Segmentação, anotação e mensuração.....	44
3.3.3.1	Frequência de formantes.....	45
3.3.3.2	Duração da proporção VR/palavra.....	48
3.3.4	Análise estatística.....	50

4 Características acústicas do /R/ campineiro

4.1	Apresentação.....	53
4.2	Fonética acústica: referencial teórico.....	53
4.3	Estudos fonético-acústicos do /r/ no Inglês e do /R/ caipira no	

	Português do Brasil.....	56
4.4	Inter-relação entre róticos e vogais.....	63
4.5	Parâmetros acústicos do /R/ caipira: frequência e duração.....	67
4.5.1	Frequência de formantes.....	67
4.5.2	Duração.....	72
4.6	Descrição e análise dos dados: o /R/ campineiro a partir de critérios acústicos.....	73
4.6.1	As variantes do /R/ em coda silábica no falar campineiro.....	74
4.6.1.1	Amostra 1: predominância da variante /R/ caipira.....	75
4.6.1.2	Amostra 2: as variantes encontradas.....	83
4.6.2	Frequência dos formantes.....	95
4.6.2.1	Frequência dos formantes: coda medial ou final.....	96
4.6.2.2	Frequência dos formantes em relação aos fatores: tipo de estímulo (palavra ou sentença) e número de repetições (1, 2 ou 3).....	97
4.6.2.3	Frequência dos formantes e o fator tipo de vogal (/a/, /e/, /i/, /o/, /u/).	98
4.6.2.4	Frequência dos formantes e a variável sexo.....	104
4.6.2.5	Frequência dos formantes e a variável faixa etária.....	107
4.6.2.6	Frequência dos formantes e a variável escolaridade.....	110
4.6.2.7	Frequência dos formantes: vogal rotacizada ou apagamento do /R/ caipira?.....	112
4.6.3	Duração relativa: descrição e análise.....	116
4.7	Síntese.....	118
5	Atitudes lingüísticas: <i>saber e discurso público sobre a língua</i>	
5.1	Questões iniciais.....	121
5.2	Atitudes lingüísticas: delimitando o conceito.....	122
5.2.1	Atitudes sob a perspectiva da Psicologia Social.....	122
5.2.2	Atitudes lingüísticas: o saber e o discurso público sobre a língua.....	123
5.3	Descrição e análise dos depoimentos.....	127
5.3.1	Percepção e avaliação das diferenças dialetais.....	127
5.3.2	Avaliações acerca do /R/ caipira e do /R/ campineiro.....	132
5.3.2.1	A estereotipização do /R/ caipira.....	132
5.3.2.2	Idealização do /R/ campineiro: reflexo da insegurança lingüística.....	136
5.3.3	O olhar do campineiro em relação à capital do interior paulista: uma cidade indecisa?.....	142
5.4	Síntese e Discussão.....	145
5.4.1	O fato lingüístico e os depoimentos: aparente incongruência.....	145
5.4.2	A vitalidade do /R/ caipira.....	149
5.4.3	Por que variantes não prestigiosas persistem?.....	150
6	Considerações finais	155
	Referências Bibliográficas	161

Apêndice A	171
Apêndice B	179
Apêndice C	181
Apêndice D	199
Apêndice E	201

1

Introdução

1.1 Considerações iniciais

A presente pesquisa situa-se no âmbito da Sociolingüística, uma das áreas da Lingüística. Embora o interesse por aspectos sociais da linguagem não seja recente, a emergência de estudos formais relacionando esses aspectos o são. Coube a William Bright a tarefa de propor uma síntese das diferentes contribuições dos 25 pesquisadores que se encontraram em maio de 1964, em Los Angeles, por ocasião da conferência que marcou o nascimento da Sociolingüística e que reuniu, dentre outros, John Gumperz, William Labov, Dell Hymes, John Fisher, José Pedro Rona, dentre outros. Naquele momento, diante das distintas tradições de pesquisa que compunham essa disciplina, Bright assinala que a Sociolingüística “não é fácil de definir com precisão e ainda acrescenta que uma das maiores tarefas da Sociolingüística é mostrar que a variação ou a diversidade não é livre, mas que é correlata às diferenças sociais sistemáticas” (BRIGHT, 1974, p. 18).

Muitos foram os esforços empregados por lingüistas, sociólogos, antropólogos, psicólogos, diversos pesquisadores imbuídos no propósito de firmar, no âmbito da Lingüística, o estudo do fenômeno lingüístico no contexto social. Assim, resume Alkmim (2001, p. 31): “a Sociolingüística nasce marcada por uma origem interdisciplinar”. Os trabalhos desenvolvidos na esfera da Sociolingüística têm revelado que a variação está longe de ser algo casual, pois as alterações lingüísticas serão sempre o resultado do favorecimento de uma variante sobre a outra. As variáveis que os falantes incorporam às suas gramáticas mantêm, portanto, uma estreita relação com o contexto social.

Desde então, pesquisas com essa perspectiva emergiram mostrando o papel decisivo dos fatores sociais na explicação da diversidade lingüística. Entre essas pesquisas,

destaca-se o trabalho pioneiro desenvolvido por William Labov (1972) que, ao lidar com questões como essas no clássico estudo de Martha's Vineyard, investiga a variação fonética existente entre a pronúncia do ditongo /aj/, em palavras como right, wine, e do ditongo /aw/ em palavras como house, out, buscando entendimento para essa variação na vida social dessa ilha. O estudo revelou, então, que há uma distribuição social dos ditongos, de forma que os que desejam ficar na ilha adotam uma pronúncia mais centralizada, típica dos viniardenses, diferente da pronúncia adotada por aqueles que querem partir.

Da mesma forma, e de maneira mais sistematizada, em *The stratification of English in New York city* propõe um entendimento da variação/diferenciação lingüística do /r/ com as estratificações sociais. Nesse trabalho, Labov (1966) incorpora a regra variável, parte integrante da competência lingüística do falante e cuja frequência de aplicação varia com a presença de certos fatores lingüísticos e extralingüísticos, e fixa a Teoria da Variação, um modelo de descrição e interpretação do fenômeno lingüístico no contexto social de comunidades urbanas, também conhecido como Sociolingüística Variacionista.

Os estudos de variação lingüística em todo o mundo foram profundamente influenciados pelo trabalho de Labov e muitos foram os avanços alcançados pela Sociolingüística Variacionista. Muitos estudos têm sido desenvolvidos no português do Brasil (doravante PB) seguindo essa vertente. No entanto, diferentemente dos trabalhos realizados pela Teoria da Variação, nesta pesquisa pretende-se investigar a realização do /R/¹ em posição de coda² silábica em dados de fala da cidade de Campinas para além da estratificação recorrente em trabalhos dessa natureza, a saber: gênero, idade, classe social, ocupação, entre outras.

Para além do manejo da ferramenta estatística variacionista e dos resultados que podem ser alcançados por esses estudos, situa-se o propósito desta pesquisa que,

¹Em função da variabilidade dos sons dos róticos, da dificuldade apontada pelos estudos fonológicos em precisar quantos e quais são os fonemas róticos em posição intervocálica, e da perda de contraste entre esses sons em posição de coda silábica, o arquifonema /R/ será adotado, neste texto, para representar tal neutralização.

² Conforme Selkirk (1982), uma sílaba consiste em um ataque (A) e em uma rima (R); a rima, por sua vez, consiste em um núcleo (Nu) e em uma coda (Co). Qualquer categoria, exceto Nu, pode ser vazia (COLLISCHONN, 2001, p. 92).

primordialmente, visa a dar voz ao interlocutor, procurando investigar nas relações destes com seu grupo social as inquietações, inseguranças e atitudes positivas e negativas que perpassam os depoimentos, que podem ser percebidas em determinadas situações e que, por vezes, são verbalizadas. A propósito dessas preocupações, Dittmar (1996) acrescenta:

It is time to describe and to explain the social genesis of speech variation, verbal routines, attitudes, stigmatization of varieties, linguistic inequality, and the like (DITTMAR, 1996, p.148 – grifos do original).

Assim, além do interesse em verificar o fenômeno lingüístico, as possíveis variantes fonéticas, é preciso buscar respostas que satisfaçam questões como: por que as pessoas se comportam e comunicam de determinada maneira, em detrimento de outra? Por que e onde se sentem confortáveis, ou não, em usar uma variante ou outra? O que pode estar em jogo na competição entre uma variante a despeito de outra? Para responder a perguntas como essas é preciso estar atento aos dados de maneira a considerá-los não apenas como ocorrências ou como resultado da aplicação de regras, mas como indícios para um entendimento da interação social que permeia a variação. Essas são algumas das questões que dizem respeito ao presente estudo e que serão apresentadas adiante.

1.2 Justificativa: uma proposta de investigação do /R/ campineiro

O interesse em estudar a possível variação do /R/ em posição de coda silábica em dados de fala da cidade de Campinas surgiu a partir do estudo desenvolvido por Leite (2004) e dos depoimentos dos quatro informantes³ que fizeram parte da enquete desta

³ Os informantes foram: (i) LF, 26 anos de idade, sexo masculino, superior incompleto; (ii) SA, 37 anos de idade, sexo feminino, superior completo; (iii) CM, 50 anos de idade, sexo feminino, superior completo e (iv) CJ, 45 anos de idade, sexo masculino, superior incompleto. Os dados dos dois primeiros informantes compuseram o *corpus* da pesquisa de Leite (2004), como dados “controle”, e os dados dos dois últimos são aqueles que foram coletados apenas para esta pesquisa. Segue, adiante, uma descrição mais detalhada desses informantes.

pesquisa – dois deles entrevistados exclusivamente para este trabalho e outros dois que já tinham sido entrevistados anteriormente por Leite (2004) e que foram recontactados, em janeiro de 2007, com o objetivo de complementar a coleta de dados que serviu para fomentar as hipóteses desta pesquisa.

No estudo de Leite (2004), a partir dos dados coletados junto a oito graduandos da Unicamp oriundos da cidade de São José do Rio Preto e residentes em Campinas – alunos que estavam chegando em Campinas e aqueles que estavam na cidade há pelo menos quatro anos –, foi possível observar que os graduandos concluintes procuravam acobertar a pronúncia do dialeto caipira – típica da sua cidade de origem – e, nesse sentido, privilegiavam variantes que consideravam menos marcadas, como a vogal colorida⁴, por exemplo. Segundo esses informantes, essa alteração seria influenciada pelo /R/ “intermediário” de Campinas. Alguns campineiros, também entrevistados, argumentavam que o falante natural de Campinas possuía uma fala “intermediária”, menos marcada que a de outras cidades do interior paulista.

Dos dados que compuseram a enquete, aqueles que foram gravados apenas para esta pesquisa foram coletados junto a dois informantes: ambos adultos, sendo um do sexo masculino, 45 anos de idade, com nível de instrução superior incompleto (identificado como CJ) e um do sexo feminino, 50 anos de idade, com nível de instrução superior completo (identificada como CM). Os informantes declararam ter residido apenas em Campinas. A coleta procedeu mediante entrevista que seguiu um roteiro⁵ composto por questões que versavam sobre diferenças dialetais. As questões formuladas em momento algum faziam referência ao aspecto lingüístico que constitui o objeto de investigação da pesquisa e, mesmo assim, todos apontaram o caráter estigmatizado do /R/ típico do interior paulista e a diferença entre essa pronúncia e aquela que caracteriza o /R/ campineiro. Além dos dados desses dois informantes, foi realizada uma sessão de entrevistas com a informante SA (F – 37 anos), que já fizera parte da pesquisa realizada por Leite (2004), conforme esclarece a nota de número 3.

⁴ No trabalho de Leite (2004), a vogal colorida refere-se à vogal rotacizada, tal qual caracterizada no capítulo 4 desta pesquisa. Essa é uma variante avaliada positivamente pelos informantes entrevistados por Leite (2004).

⁵ Os roteiros utilizados nas entrevistas encontram-se no apêndice A.

A enquête realizada confirma o resultado já apontado por Leite (2004). Nessas entrevistas, os informantes afirmaram que o campineiro fala um /R/ menos marcado que aquele característico do dialeto paulista⁶. Segundo alguns desses informantes, esse /R/ seria “intermediário”. As questões que podem ser visualizadas a partir das entrevistas ilustram certa tensão que reclama por uma interpretação.

Em entrevista realizada com campineiros, foi perguntado a eles se havia um falar característico do interior de São Paulo. A fala da informante SA (F – 37 anos) representa a maioria das respostas obtidas:

SA (F – 37 anos): é:: quanto mais você percebe que as pessoas são do interior (+) mais elas falam o / o que se costuma chamar de / do dialeto caipira (+) que é puxar as consoa::ntes (+) porta ((caracteriza o /R/ caipira)) é:: palavras desse tipo (+) e:: o paulista falando parece que ele tá numa / numa conversa informal (+) tá falando com um grupo de amigos (+) parece que não tem aquele: cuidado todo de tá:: seguindo é: no:rmas e:: (+) não sei se isso é correto não

Ao serem convidados a opinar a respeito de uma possível caracterização do falar campineiro⁷, se haveria algum traço que marcasse esse falar, responderam:

⁶ O termo “dialeto” não é fácil de ser definido e está sempre relacionado aos conceitos de língua e sotaque. Do ponto de vista estritamente lingüístico, Trudgill (1974b, p. 3-5) afirma que o termo “dialeto” refere-se a diferenças de vocabulário, gramática e pronúncia em uma língua. O termo “sotaque”, por outro lado, refere-se somente a diferenças de pronúncia. Partindo de outra perspectiva, Fernández (1998, p. 87), explica que um dialeto existe quando os habitantes se consideram membros de uma comunidade de fala dialetal circunscrita em um determinado território, quando consideram que a sua variedade é suficientemente diferenciada de outras e quando interpretam e valoram de forma semelhante a variação sociolingüística. Por meio de critérios como esses, por exemplo, é que os estudos dialetológicos estipulam um contínuo dialetal a que se denomina “dialeto paulista”. O /R/ caipira já era apontado por Amadeu Amaral, em 1920, como pertencente à variedade do português popular brasileiro falado na antiga província de São Paulo e é encontrado, ainda hoje, em dados de fala do interior paulista, como noticia Castro (2009).

⁷ Para Dubois *et al.* (1973, p. 266), “o falar é uma forma da língua utilizado num grupo social determinado ou como signo de pertencer ou da vontade de pertencer a este grupo social. Cada um destes falares possui regras sintáticas e vocábulos que lhe são específicos e muitos outros que são comuns a muitos falares da língua ou mesmo a todos”. Tomo aqui o termo “falar campineiro” para me referir à variedade do português falada na cidade de Campinas.

LF (M – 26 anos): é o meio termo entre o / o caipira e o paulistano ((risos)) /.../ é intermediário (++) não é muito arrastado mas também não é muito certinho (+) não é muito:: eu não tô sabendo / eu não tô sabendo explicar direito a:: / o jeito de falar do campineiro (+) mas é / é uma coisa que você não fala: um /R/ muito forçado (+) é:: muito ACENTUADO como:: fala:: alguém mais do interior e também eles não fala um /R/ muito CORTADO como fala alguém da / da capital (+) eu percebo que o:: / o: paulista ele gosta de alonga:r as: consoantes e o paulistano ele gosta de cortar elas no meio

Ou, ainda:

CM (F – 50 anos): os erres né” (+) e tem os metidos que procuram falar carioca

SA (F – 37 anos): ah: é MUITO diverso porque Campinas é uma cidade que recebe muito migração (+) então é MUITO misturado (+) tem horas que cê ta ouvindo um campineiro / uma pessoa que mora em Campinas falando como um nordestino’ como um mineiro’ como pessoa do / aí: são vários os traços (+) eu acho que aí cê tem / é difícil de dizer (+) é muito misturado (+) muito misturado (+) é / é um caldeirão de influências’ entendeu”

SA (F – 37 anos): eu acho que é mais interiorana (+) levemente mais interiorana (+) eu acho que ela recebe mais influência do interior

É importante ressaltar que em momento algum da entrevista foi feita nenhuma pergunta que abordasse o /R/ em nenhum de seus aspectos e todos os informantes mencionaram esse fato, procurando caracterizar o falar do campineiro como uma pronúncia intermediária, conforme evidenciado acima.

Uma vez que se considera a existência de formas variantes e uma identidade por parte do falante em relação a uma dessas formas, pode-se pensar que aí já entram em cena juízos de valor, acompanhados de significados sociais. A propósito de questões como essa, Labov (1972, p. 23) afirma: “only when social meaning is assigned to such variations will they be imitated and begin to play a role in language”.

1.2.1 Campinas: a capital do interior paulista

A Região Metropolitana de Campinas (RMC)⁸, que tem como núcleo o município de Campinas⁹, ocupa área de 3.673 km² e conta com 2,3 milhões de habitantes. Segundo Cano e Brandão (2002, p. 403), entre as doze RMs apontadas pelo trabalho *Caracterização e tendências da rede urbana do Brasil* (IPEA; IBGE; NESUR), essa é a única RM cujo núcleo não é também capital estadual.

Em se tratando de Campinas, Semeghini (1991) afirma que o aglomerado urbano dessa cidade é o segundo pólo manufatureiro do estado. Aponta, também, os seguintes dados que justificam a importância de Campinas no cenário paulista e brasileiro:

A produção industrial de sua região é menor apenas que as do estado de São Paulo, da grande São Paulo e do estado do Rio de Janeiro, superando as de todos os demais estados brasileiros. Sua produção agropecuária é a segunda de São Paulo, e no cenário brasileiro é superada apenas pelas dos estados sulinos de Minas Gerais. Como pólo de comércio e serviços a cidade também alcança grande relevo nacional [por exemplo, é a terceira praça do país em movimento bancário e a agência local da Cacex registra anualmente movimento de exportações que atinge mais de 15% do total brasileiro] (SEMEGHINI, 1991. p 12).

No auge dos seus 235 anos, Campinas ostenta o título de capital do interior paulista, assim é definida e homenageada por uma empresa do ramo imobiliário no jornal *Correio Popular*¹⁰ em edição especial de comemoração do aniversário da cidade – um

⁸ Segundo dados fornecidos por Cano e Brandão (2002), essa RMC, que foi institucionalizada pela Lei Complementar Estadual nº 870 de 19 de junho de 2000, é constituída pelo agrupamento de 19 municípios: Americana, Artur Nogueira, Campinas, Cosmópolis, Engenheiro Coelho, Holambra, Hortolândia, Indaiatuba, Itatiba, Jaguariúna, Monte Mor, Nova Odessa, Paulínia, Pedreira, Santa Bárbara D'Oeste, Santo Antônio de Posse, Sumaré, Valinhos e Vinhedo. Além de ser sede dessa RMC, Campinas também é sede da Região Administrativa de Campinas (RAC), que engloba sete regiões de governo: Bragança Paulista, Jundiaí, Limeira, Piracicaba, São João da Boa Vista, Rio Claro, bem como da Região de Campinas (RGC) que abrange 90 municípios.

⁹ O município de Campinas é formado pela cidade de Campinas e por quatro distritos: Barão Geraldo, Joaquim Egídio, Sousas e Nova Aparecida.

¹⁰ *Correio Popular*, 14 de julho de 2003, p. 19.

caderno exclusivo que traz reportagens e felicitações de diversas instituições, políticos e do comércio em geral parabenizando a cidade por esta ser o referencial econômico e tecnológico para a região e o país.

A avaliação que Semeghini (1991) faz quanto aos aspectos econômico-político e sociais que caracterizam Campinas é de uma cidade que ocupa uma posição de “interface”, distinguindo-a das demais cidades do Estado de São Paulo:

A cidade pôde sempre colocar-se como uma interface entre o interior e a capital, dividindo com esta as funções urbanas crescentemente complexas que o desenvolvimento econômico no território paulista engendrava, antecipando para o interior as transformações nos padrões sociais e urbanísticos próprios da industrialização em curso, transformações essas que inicialmente manifestavam-se na capital (SEMEGHINI, 1991, p. 183 – grifo do autor).

Quanto ao aspecto lingüístico que aqui se discute, Campinas estaria, também nesse âmbito, à frente das demais cidades do interior paulista, isto é, em um “estágio mais avançado” em se tratando do processo de variação lingüística que se suspeita ocorrer, semelhante às capitais brasileiras citadas na pesquisa de Callou *et al.* (2002), no que se refere ao enfraquecimento do /R/ em posição de coda silábica? Questões como essa norteiam o presente estudo e o justificam, uma vez que poderão contribuir para a descrição de aspectos sociolingüísticos do PB.

1.3 Objetivos do estudo

Considerando as questões suscitadas, o presente estudo tem dois objetivos gerais, que são: (1) examinar o processo de variação lingüística do /R/ em posição de coda silábica que parece ocorrer em Campinas; e (2) investigar as atitudes lingüísticas, ou seja, o saber e o discurso público sobre a língua, nos termos de Schlieben-Lange (1993),

procurando descrever os estereótipos e as atitudes que recobrem a variável lingüística em questão. Como desdobramento desses objetivos principais, busca-se, também: (i) realizar análises auditiva e acústica no intuito de verificar quais as variantes que concorrem em posição de coda silábica no falar campineiro; (ii) averiguar se as análises empreendidas fornecem alguma informação em que se possa apoiar no intuito de compreender/analisar os depoimentos dos informantes campineiros, uma vez que estes afirmam que realizam um /R/ “intermediário”, que os distingue do falar do interior paulista.

1.4 Hipóteses da pesquisa

A hipótese inicial da pesquisa é que o rótico que ocupa a posição de coda silábica no falar campineiro encontra-se em um estado mais avançado no que se refere ao enfraquecimento¹¹ – tendendo à vocalização ou ao apagamento – desse segmento, mesmo em posição interna, se comparado a dados de outras cidades do interior paulista analisados por Amaral (1920), Rodrigues (1974), Head (1973, 1978), Leite (2004), Guiotti (2002), por exemplo¹². Paralelo a esse processo, há a estigmatização do /R/ caipira por parte da comunidade local¹³, bem como por falantes naturais de cidades do interior de São Paulo, que pode contribuir para acelerar o referido processo. Esse enfraquecimento seria o responsável pela impressão, de oitiva, daqueles que julgam falar um /R/ “intermediário”.

Dessa forma, é possível pensar que a ocorrência de palavras como /karta/ que parecem ser pronunciadas por campineiros como [ˈkajtɐ] ou [ˈkate] seja um indício do processo histórico de enfraquecimento do rótico em posição de coda silábica apontado por

¹¹ O estudo realizado por Callou *et al.* (1996) indica a ocorrência do zero fonético (ou apagamento) do rótico em posição de coda silábica, especialmente em verbos, em dados do dialeto do Rio de Janeiro. A investigação feita por Soares e Leite (2007) com dados de fala de uma cidade do interior paulista – dados de São José do Rio Preto (SP) – confirmaram a análise feita por Callou *et al.* (1996). Devido a resultados como esses, evitou-se o uso de verbos para a montagem do design experimental do *corpus* desta pesquisa.

¹² Os estudos realizados por Amaral (1920), Rodrigues (1974), Head (1973, 1978), Leite (2004), Guiotti (2002), entre outros, apontam para a vitalidade do /R/ caipira em dados de fala do interior paulista.

¹³ Conforme demonstrado em Leite (2004).

Callou *et al.* (2002)¹⁴ para os dialetos do Rio de Janeiro, Recife, Salvador, Porto Alegre e São Paulo. Por se tratar de uma cidade do interior paulista – em cujo dialeto, possivelmente, ocorra um segmento aproximante retroflexo¹⁵ nessa posição – se as respectivas variantes forem produtivas, a semivogal seria uma variante do rótico em coda silábica, podendo, ainda, dividir espaço com a ocorrência do zero fonético ou apagamento do rótico.

Assim, se a referida vocalização ou apagamento estiverem ocorrendo, compreendida aqui como uma etapa do enfraquecimento que culmina com o cancelamento do segmento, poderá ser entendida como uma simplificação da estrutura silábica no sentido de atingir o padrão CV. A propósito disso, Callou *et al.* (1996) afirmam:

Sem dúvida, o apagamento torna a sílaba aberta, simplificando, assim, a estrutura silábica e alcançando o padrão ideal CV. Todas as consoantes que travam sílaba – s, r, l – podem ser canceladas no português do Brasil. Em onset o apagamento conduz ao padrão V e à possibilidade de encadeamento de várias vogais, o que não é, de um modo geral, desejável nas línguas (CALLOU *et al.* 1996, p. 488).

Uma possível resposta para a ocorrência de vogal seguida de semivogal – ou *Vglide* como denominam Callou *et al.* (2002) – que se supõe ocorrer na posição de coda silábica no falar campineiro seria admitir o princípio da dispersão da sonoridade (Clements, 1990)¹⁶ como apontam Callou *et al.* (2002) para a vocalização do L. A propósito disso, declaram:

¹⁴ Segundo Callou *et al.* (1996), o arquifonema /R/ apresenta, em posição de coda silábica, um elevado grau de polimorfismo, prestando-se, exemplarmente, à caracterização da variação no PB. Em seu trabalho, que segue a metodologia quantitativa laboviana, analisa as ocorrências de /R/ oriundas de trinta inquéritos do tipo diálogo distribuídos por uma área geográfica englobando as cidades de Porto Alegre, São Paulo, Rio de Janeiro, Salvador e Recife.

¹⁵ Carvalho, K. C. H. P. (2002) analisando acusticamente dados do interior de São Paulo ilustra a ocorrência do /R/ caipira – intitulada pela autora como aproximante retroflexa – na posição interna de sílaba. Para maiores esclarecimentos ver: CD-Rom do 50º GEL correspondente ao 32º volume da Revista Estudos Lingüísticos.

¹⁶ Apud Kenstowicz (1994, p. 283).

(...) a coda preferencial numa sílaba VC é determinada pela seguinte escala de sonoridade: Vglide> Vlíquida> Vnasal> Vobstruinte. No caso, a vocalização do L em coda silábica faz com que o declive de sonoridade, observado na demissílaba VC (Vlíquida), passe a um plateau de sonoridade (Vglide), uma vez que vogais e glides apresentam o mesmo grau de sonoridade. O processo de enfraquecimento é, pois, impulsionado por princípios universais de silabificação, o estágio final (apagamento do segmento) atingindo o padrão ideal CV (CALLOU *et al.* 2002, p. 543).

Pode-se, também, hipotetizar que está ocorrendo um enfraquecimento do /R/ em posição de coda, e que esse enfraquecimento pode estar relacionado a uma tendência geral à posteriorização da articulação das consoantes que ocorre nos demais dialetos abordados por Callou *et al.* (2002). Quanto a esse processo, que, segundo os autores, vem ocorrendo no PB, esclarecem:

A realização do R, determinada dialetalmente, vai de uma vibrante múltipla alveolar (rara em posição de coda) a um zero fonético (em posição final de vocábulo). Essa possibilidade de variadas realizações pode ser vista como vestígio de um processo de enfraquecimento, que leva até mesmo ao apagamento do segmento. A seqüência postulada seria $RR \rightarrow R \rightarrow x \rightarrow h \rightarrow \emptyset$ (CALLOU *et al.* 2002, p.544).

Abaurre e Sandalo (2003, p.173)¹⁷, ao tratar das variantes de /R/ em posição de coda, ressaltam que em vários dialetos do interior do Brasil o /R/ nessa posição é realizado como uma aproximante coronal. Acrescentam ainda que “o português brasileiro favorece elementos com o traço [-consonantal] em coda silábica, uma vez que um processo de vocalização está ocorrendo com a lateral e com nasais nesta posição”. Considerando a argumentação das autoras, que inclusive prevê a derivação da mudança lingüística apontada nos estudos de Callou *et al.* (2002), o /R/ forte pode ser admitido em coda em vários

¹⁷ Nesse trabalho, as autoras admitem a vibrante como o elemento subjacente, capaz de derivar a alofonia dos róticos no PB de maneira simples, natural e com alto poder de previsão.

dialeto do PB, pois, por ter se tornado um glide pelo processo de debucalização¹⁸, passa a ser bem aceito em uma língua que privilegia aproximantes em tal posição. Finalizando, essa questão, arrematam:

É verdade que ainda temos dialetos do português que favorecem uma consoante verdadeira em coda, isto é, a fricativa velar no Rio de Janeiro ou o tepe em alguns dialetos do sul e sudeste, mas um elemento [- consonantal], que pode ser um elemento debucalizado ou uma aproximante coronal, surge como a variante mais comum em coda na maioria dos dialetos (ABAURRE; SANDALO, 2003, p.173).

Se se consideram as hipóteses elencadas acima, há que se pensar, também, nos motivos pelos quais certa variante ocupa posição de destaque em relação às demais. Qual a relação entre as variáveis sociais e essas escolhas? Além dos fatores lingüísticos, quais fatores sociais estão por trás do favorecimento de uma variante sobre a outra? Os falantes desse dialeto em questão estão atentos a essas variações? Posicionam-se?

O enfoque que se pretende dar a esta pesquisa pauta-se numa concepção de que os estudos lingüísticos e os fatores sociais estão inter-relacionados no desenvolvimento da variação e da mudança lingüística. Dessa forma, concordando com Weinreich *et al* (1968):

Explanations which are confined to one or the other aspect, no matter how well constructed, will fail to account for the rich body of regularities that can be observed in empirical studies of language behavior (WEINREICH *et al*, 1968, p. 188).

¹⁸ Abaurre e Sandalo (2003), nesse trabalho, adotam a visão de Halle (1995) e Halle *et al* (2000) por considerarem essa representação menos controversa em termos de hierarquia de traços. Nesses estudos, esses pesquisadores propõem uma hierarquia, denominada Teoria do Articulador, em que tomam a fonética articulatória como critério para estabelecer uma hierarquia de traços. Pela representação elaborada pelas autoras, dois nódulos, Ponto e Gutural, referem-se a grupos de articuladores anatomicamente adjacentes. A debucalização é compreendida como o desligamento do nódulo de Ponto da Raiz. Para maiores esclarecimentos a respeito desse processo, vale consultar a referência supracitada.

É preciso estar atento ao jogo social que delineia – e é delineado – no âmbito da sociedade. Vários são os fatores que aproximam a cidade de Campinas de uma capital e que a distancia de uma cidade do interior. Um ponto interessante que apareceu nas entrevistas diz respeito à estereotipização e à avaliação do indivíduo a respeito do seu falar. O campineiro argumenta que fala um /R/ “intermediário”. Falará mesmo? Poder-se-ia hipotetizar, ainda, que o campineiro apenas idealize essa pronúncia, de forma semelhante ao que foi registrado por Peter Trudgill (1974), em que o informante se vê como quem utiliza a forma a que aspira, forma esta que, para ele, é prestigiosa. Resultado semelhante foi obtido por Labov (1966). Estudos como esses nos fazem pensar em possíveis interpretações para a questão que norteia esta pesquisa – questão surgida a partir de uma afirmação recorrente na fala dos campineiros entrevistados em enquete. No julgamento deles, o falar campineiro caracteriza-se por um /R/ intermediário. Alguns deles afirmaram, também, que é típico do campineiro tentar ocultar a sua “caipirice”. Tal declaração pode ser entendida se se considera a larga estereotipização que envolve esse assunto.

Por outro lado, pode-se pensar, também, que a afirmação relacionada à existência de um /R/ intermediário tenha fundamento e que a afirmativa dos informantes apenas sinalizam para um processo de variação e mudança lingüística em andamento, assim como ocorre em outros dialetos do PB. Soma-se a essa possibilidade lingüística, o fato dos falantes campineiros estarem circunscritos em uma comunidade de fala¹⁹ cuja localização geográfica favorece uma grande migração – fator que pode contribuir para o processo de variação lingüística.

As questões aguardam por ser respondidas: a alegada variação estaria ocorrendo ou o campineiro – e aí de forma bastante interessante – estaria idealizando uma fala menos marcada que pudesse representar o falar dessa cidade que não é interior, mas que também não é a capital – embora tenha ares de capital e esteja próxima de São Paulo, conforme declaram os informantes?

¹⁹ Concordando com Alkmim (2001, p. 31) quanto à definição de comunidade de fala: “uma comunidade de fala se caracteriza não pelo fato de se constituir por pessoas que falam do mesmo modo, mas por indivíduos que se relacionam, por meio de redes comunicativas diversas, e que orientam seu comportamento verbal por um mesmo conjunto de regras”.

É importante ressaltar que o dialeto caipira é largamente estereotipado no interior paulista, marcadamente no modo peculiar de pronúncia do /R/²⁰ em posição de coda silábica. A propósito dessa questão, Head (1987, p. 17) já afirmava: “quanto ao domínio social, o ‘r retroflexo’ é típico da pronúncia de falantes incultos de certos meios rurais no Brasil – sendo, por isso, uma variante estigmatizada, especialmente nas reações de falantes cultos dos meios urbanos”.

Os dados coletados até então apenas delineiam a questão. É só a ponta de um iceberg. A variável sexo seria relevante, como foi para o estudo desenvolvido por Trudgill (1974a) na cidade de Norwich? E os falantes mais novos, como se comportariam? As questões aguardam respostas. Com isso pode-se imaginar o quanto o comportamento lingüístico está atrelado a um comportamento social mais amplo.

Uma vez expostas as hipóteses de trabalho, resta dar prosseguimento ao estudo, empreender a análise dos dados e investigar a possível variação do /R/ em coda silábica no falar campineiro.

1.5 Apresentação dos próximos capítulos

O texto que compõe este trabalho é composto por seis capítulos. Neste capítulo, ou seja, capítulo 1, são apresentados a justificativa, os objetivos e as hipóteses que fundamentam e guiam a investigação proposta.

No capítulo 2 são expostos, discutidos e definidos os termos e conceitos teóricos que irão orientar as análises, realizadas no capítulo 5, das atitudes lingüísticas manifestadas em depoimentos pelos informantes.

No capítulo 3 é exibido o perfil dos informantes, bem como o procedimento adotado para elaboração, execução e gravação dos dados. São apresentados, também, os

²⁰ Vale acrescentar que há uma controvérsia no que diz respeito à vitalidade e extensão geográfica do /R/ caipira, também denominado como retroflexo por alguns pesquisadores. No entanto, os estudos realizados por Rodrigues (1974) e Guiotti (2002), com dados do interior paulista, e a pesquisa de Castro (2006), que se baseou em dados de Minas Geras e do Paraná, atestam a vitalidade desse segmento.

procedimentos adotados para transcrição, segmentação, anotação e análise acústica dos dados coletados.

No capítulo 4, são descritos os dados que foram submetidos à análise auditiva e acústica. São apresentadas, também, as análises estatísticas a que esses dados foram submetidos.

No capítulo 5, são apresentados e analisados os depoimentos dos informantes com o intuito de identificar e investigar as atitudes manifestadas pelos campineiros entrevistados. É exposta, ainda, uma síntese e discussão realizadas a partir dos resultados obtidos através das análises dos dados empreendidas neste e no capítulo 4.

No capítulo 6, enfim, apresentamos as considerações finais do que foi possível averiguar a partir das análises dos *corpora* que compõem este trabalho.

2

Estereótipos sociais e suas implicações para os estudos sociolingüísticos

2.1 Retomando as questões iniciais

Os estudos sociolingüísticos têm mostrado a estreita relação entre linguagem e sociedade. Como exemplo dessa inter-relação, Trudgill (2000) cita dois aspectos que são importantes de um ponto de vista social da linguagem: (i) a função da linguagem em estabelecer relações sociais e (ii) o papel desempenhado pela linguagem em transportar, em ser o veículo pelo qual as informações sobre os falantes são transmitidas.

O simples fato de estabelecer uma conversa informal revela muito mais do que foi dito, do conteúdo verbalmente expresso. Certamente, há informações lingüísticas que não escapam nem mesmo aos ouvidos mais desatentos. Em um primeiro momento, é o sotaque que emerge e chama a atenção ao evidenciar as diferenças dialetais que, freqüentemente, são alvos de avaliações estereotipadas. A propósito do quanto se pode inferir por meio de uma desprestensiva conversação, Trudgill (2000) afirma que mais importante *do que é dito é como se diz*, pois:

(...) for whenever we speak we cannot avoid giving our listeners clues about our origins and the sort of person we are. Our accent and our speech generally show where we come from, and what sort of background we have. We may even give some indication of certain of our ideas and attitudes, and all of this information can be used by the people we are speaking with to help them formulate an opinion about us (TRUDGILL, 2000, p. 2).

A avaliação de inferioridade ou de superioridade conferida a algum aspecto lingüístico está associada aos valores sociais e não às características inerentes à linguagem. Sendo assim, interessa a esse estudo, verificar, por meio dos depoimentos dos informantes, como o processo de estereotipização²¹ de um aspecto lingüístico do dialeto caipira pode afetar a vida social desses informantes e, principalmente, o quanto pode contribuir para a possível variação do aspecto lingüístico que se discute nesta pesquisa: o /R/ em posição de coda silábica.

Para tanto, faz-se necessário delimitar alguns dos conceitos que serão mobilizados para análise dos depoimentos dos informantes²², retomar e apresentar exemplos da já anunciada estereotipização do rótico que apresenta características de retroflexão, além de rever estudos que tiveram como objetivo a investigação de variantes lingüísticas sujeitas à avaliação por parte dos membros da comunidade da qual fazem parte.

2.2 Estereótipos Sociais

O termo estereótipo²³ foi introduzido no âmbito das Ciências Sociais por Lippmann (1922) que o usou em um sentido bastante amplo. Para o autor, os estereótipos são avaliativos, criam expectativas e são um tipo de sistema mental, que o autor sintetizou através da expressão “imagens em nossas mentes”. A pista da investigação proposta por ele refere-se ao fato de “presumir que o que cada homem faz está baseado não em conhecimento direto e determinado, mas em imagens feitas por ele mesmo ou transmitidas a ele” (LIPPMANN, 1922, p. 37).

²¹ Segundo Pereira (2002), estereotipização corresponde a um processo cujo produto são os estereótipos. Assim, estereotipização corresponde a um processo em que se aplica um julgamento estereotipado a um indivíduo de forma a apresentá-lo como portador de traços intercambiáveis com outros membros de uma mesma categoria.

²² Os depoimentos e uma melhor especificação dos conceitos selecionados serão apresentados no capítulo cinco.

²³ Segundo Amossy e Pierrot (2001), o termo estereótipo origina-se no vocabulário tipográfico. Esse era o nome dado a uma placa metálica de caracteres fixos utilizada para a impressão em série. Esse substantivo mantém-se vinculado a essa referência etimológica até o século XX, quando passa a ser utilizado pelas Ciências Sociais.

Essas imagens têm uma função importante nas relações dos homens em sociedade porque são elas que irão determinar o que eles farão, mas não aquilo que alcançarão. As imagens estereotipadas, segundo o autor, poupam tempo e funcionam como uma defesa dos homens em sociedade na medida em que elas tendem a preservá-los do efeito desconcertante de, verdadeiramente, ver o mundo e compreendê-lo de forma mais ampla. Diante desse quadro, afirma que:

Na maior parte dos casos nós não vemos em primeiro lugar, para então definir, nós definimos primeiro e então vemos. Na confusão brilhante, ruidosa do mundo exterior, pegamos o que nossa cultura já definiu para nós, e tendemos a perceber aquilo que captamos na forma estereotipada para nós por nossa cultura (LIPPMANN, 1922, p.85).

Essas imagens que medeiam a relação com o real são, portanto, representações cristalizadas através das quais cada um filtra a realidade que o envolve. Apesar de serem fictícias, não podem ser classificadas como falsas, uma vez que expressam um imaginário social.

Estudos seguintes definiram estereótipos como crenças, julgamentos ou sistemas conceituais. Baseando-se em estudos de diversos pesquisadores, Quasthoff (1987) apresenta uma definição que sintetiza os principais traços necessários para distinguir os estereótipos de outras representações mentais. Segundo a autora, os estereótipos são categorias que generalizam e simplificam, são contrários aos fatos ou não contém mais que um “núcleo de verdade”, são emocionalmente avaliativos, são caracterizados por persistência e rigidez, ou seja, são resistentes à mudança, tanto individuais quanto em sociedade²⁴.

²⁴ Como esclarecem Hewstone e Giles (1997), estereótipos são sociais quando compartilhados pelo grupo. Alguns denominam o estereótipo compartilhado socialmente de “estereótipos culturais”. Para os autores, se se estuda a extensão pela qual uma imagem exterior é compartilhada, então estereótipos sociais são relevantes, mas se se tenta prever um comportamento individual em uma dada situação – se converge lingüisticamente em direção a membros de um grupo externo – então, a averiguação de estereótipos individuais será a mais indicada.

A respeito do núcleo de verdade, há controvérsia na literatura quanto à necessidade desse, também denominado, fundo de verdade. A questão que se coloca é: em que medida essas imagens coletivas se apóiam em algum tipo de base fática? Essa pergunta dá origem à hipótese do “núcleo ou fundo de verdade”. A propósito dessa questão, os estudos desenvolvidos pela psicologia social mostram que os estereótipos podem se propagar sem que estejam pautados em nenhuma base objetiva. Um dos exemplos apresentados por Amossy e Pierrot (2001) traz o relato de um fato ocorrido em uma comunidade da Guatemala em que nenhum dos membros jamais havia visto um judeu. Ainda assim, os judeus eram avaliados negativamente. As enquetes realizadas junto a essa comunidade comprovaram que os moradores assimilaram a imagem dos judeus a de um diabo, pois haviam ouvido que estes tinham sido os assassinos de Jesus Cristo. Exemplos como esse revelam que o estereótipo aparece como uma construção imaginária que não reflete o real. Os autores resumem:

(...) la visión que nos hacemos de un grupo es el resultado de un contacto repetido con representaciones enteramente construidas o bien filtradas por el discurso de los medios. El estereotipo seria principalmente resultado de un aprendizaje social (AMOSSY; PIERROT, 2001, p. 41).

Segundo as autoras, a adequação das construções imaginárias ao real é duvidosa, se não inexistente, e é sempre influenciada pelos meios de comunicação, pela imprensa e pela literatura de massa.

Sendo, também, o resultado de um aprendizado social, poder-se-ia pensar que a observação direta seria adequada para validar ou invalidar os estereótipos. Entretanto, os estudos relatados por Amossy e Pierrot (2001) mostram que essa observação é pouco confiável, uma vez que “lo que percibimos está moldeado de entrada por las imágenes colectivas que tenemos incorporadas en nuestra mente”. Um outro exemplo dado pelas autoras, referente à pesquisa de Klineberg (1963), confirma essa assertiva. Nessa pesquisa,

foi realizada uma experiência em sala de aula com alunos brancos norte-americanos em que foi apresentada a esses alunos uma fotografia de uma casa muito bonita. Em seguida, a fotografia foi retirada e foi perguntado a eles o que fazia a mulher negra naquela casa. Como resposta, uma grande quantidade de alunos disse que a mulher fazia a limpeza da casa. Entretanto, não havia nenhuma mulher negra na fotografia apresentada aos alunos. Resultados como esse mostram, conforme Amossy e Pierrot (2001), que o estereótipo pode determinar a percepção que se tem do outro, sendo capaz até mesmo de produzir efeitos de percepção seletiva.

Pesquisadores das ciências sociais que se dedicam ao estudo dos estereótipos compartilham da opinião de que o processo de estereotipização, ao esquematizar e categorizar²⁵, contribui com procedimentos que são indispensáveis para a cognição, ainda quando conduzem a uma simplificação e uma generalização excessiva. Lippmann (1922, p.92) chega a firmar que “a renúncia a todos os estereótipos por uma completa inocente aproximação à realidade empobreceria a vida humana”. Os estereótipos podem ser vistos, portanto, como os provedores dos conteúdos das categorias sociais. Hewstone e Giles (1997) definem três aspectos essenciais no processo de estereotipização, que são: (i) outros indivíduos são categorizados, baseado, geralmente, em características facilmente identificáveis, tais como sexo, etnicidade, estilo de fala; (ii) um conjunto de características, papéis, emoções, habilidades, interesses, etc., é concedido a todos (ou quase) os membros dessa categoria; (iii) os indivíduos que pertencem ao grupo estereotipado são considerados similares uns aos outros, e diferentes de outros grupos, quanto a esse conjunto de atributos.

Ainda que indiretamente, os estereótipos favorecem a integração social do indivíduo, conforme explicam Amossy e Pierrot (2001). Segundo as autoras, isso ocorre quando: (i) há a adesão a uma opinião estabelecida ou a uma idéia compartilhada; (ii) há a identificação a uma coletividade, assumindo seus modelos estereotipados. Ao agir dessa maneira, o indivíduo substitui seu próprio julgamento por aquele que é adotado pelo grupo

²⁵ Conforme esclarecem Hewstone e Giles (1997), a categorização social constitui-se no principal processo cognitivo através do qual resulta a segmentação e organização do mundo social em categorias sociais ou grupos. Essas categorizações servem a diferentes e importantes funções, tais como: reduzir a complexidade de informações novas; facilitar a rápida identificação de estímulos, além de prever e guiar comportamentos.

ao qual deseja integrar-se. Em contrapartida, reivindica, implicitamente, o reconhecimento da sua pertença.

Os estereótipos cumprem, portanto, um papel importante na vida social. Exemplos da integração proporcionada pelo processo de estereotipização são dados por alguns estudos relatados por Amossy e Pierrot (2001), ao relatarem que em comunidades minoritárias percebe-se a defesa de identidade por parte dos membros dessas comunidades contra a ameaça de desaparecimento através da reafirmação de seus estereótipos de origem. Ainda segundo os autores, além da identidade social, o estereótipo reforça a auto-estima, definida como a avaliação que o sujeito faz de sua própria *persona*. Em poucas palavras, pode-se dizer que: se negativo, o estereótipo se vincula a questões relacionadas ao preconceito e à tensão entre grupos sociais; se positivo, relaciona-se às questões de identidade social.

Por estar relacionado à opinião e à expressão individual, os conceitos que se referem ao termo estereótipo tornaram-se tema de diferentes campos das ciências humanas, sendo bastante presente quando se trata da inter-relação entre linguagem e sociedade. A opinião de Amossy e Pierrot (2001) é a de que

El estereotipo aparece, entonces, como um objeto transversal de la reflexión contemporánea em las ciencias humanas, y no siempre es considerado em su aspecto negativo. Atraviesa la cuestión de la opinión y el sentido común, de la relación com el outro y de la categorización. Permite estudiar las interacciones sociales, la relación de los discursos com los imaginários sociales y, em términos más amplios, la relación entre el lenguaje y la sociedad (AMOSSY; PIERROT, 2001, p. 11).

Esses conceitos foram teorizados e utilizados pelas ciências sociais, especialmente pela psicologia social, pelas ciências da linguagem e pelos estudos literários. Interessa a esta pesquisa mobilizar parte dos conceitos expostos com o objetivo de pontuar e, se possível, delimitar as atitudes presentes nos depoimentos dos informantes em relação a um aspecto linguístico característico do interior paulista: o /R/ caipira.

2.2.1. Atitudes, estereótipos, preconceito e estigma: delimitando os conceitos

As pesquisas em sociolingüística que lidam com preconceito e estereótipos lingüísticos são conduzidas sob o rótulo de atitudes lingüísticas. Entre os conceitos relacionados a atitudes, estereótipo é o mais importante deles, na opinião de Quasthoff (1987). Atitudes, estereótipos e preconceito são conceitos distintos, mas que se entrecruzam.

Conforme definição apresentada por Fishbein e Ajzen (1975, p. 6), atitude é entendida como uma “predisposition to respond in a consistently favourable or unfavourable manner with respect to a given object”. O objeto a que os autores se referem pode ser uma pessoa, um grupo, uma determinada situação, uma variedade de língua, uma variante lingüística, dentre outros.

No âmbito da psicologia social, esclarecem Deprez e Persoons (1987, p. 125-126), o constructo a que se denomina *attitude* é composto por três componentes: (i) cognitivo (composto por crenças e estereótipos); (ii) avaliativo (composto por valores afetivos relacionados às crenças) e (iii) conativo (composto pelo comportamento, conduta – determinados pelos dois componentes anteriores). Segundo os autores, os estereótipos compõem esse constructo e a formação das atitudes é precedida pelo processamento de informações, ou seja, uma atitude pessoal em relação a um objeto é baseada em suas crenças²⁶ a respeito desse objeto.

Tanto para Quasthoff (1987) quanto para Deprez e Persoons (1987), é a qualidade avaliativa ou afetiva conferida ao conceito de atitude que possibilita a distinção

²⁶ Segundo Deprez e Persoons (1987), as crenças constituem a base da nossa estrutura conceitual. Através da observação direta ou da informação recebida através de fontes externas ou, ainda, através de processos de inferência o indivíduo aprende ou forma um número de crenças sobre um objeto, através da associação do objeto a vários atributos. A totalidade de crenças pessoais serve como base informacional que, em última instância, determina suas atitudes, intenção e comportamentos. Os autores afirmam, ainda, que as crenças que não apresentam uma informação detalhada a respeito do objeto contribuem para a formação de estereótipos, pois: “whereas some beliefs contain very exact and detailed information about the object, others consist only of very incomplete and deficient data. Since Lippmann (1922) the latter have come to be called stereotypes (DEPRE; PERSOONS, 1987, p. 126).

entre esse conceito e o de estereótipos, como expressão de crenças. Essa qualidade avaliativa, bem exemplificada por meio da principal técnica empregada para eliciar²⁷ atitudes em estudos da psicologia social – *matched-guise*²⁸ –, permite, como afirma Quasthoff (1987), a redução das atitudes a valores em uma escala unidimensional com dois pólos bem definidos. Assim, se se considera essa definição de atitudes, a qualidade avaliativa realmente permite uma distinção entre esses dois conceitos. Seguindo essa perspectiva, a autora informa que Allport (1954) associou atitudes e crenças a duas expressões prototípicas: “I don’t like X” e “X are Y”. Com isso, afirma também que as crenças estereotipadas funcionam como uma racionalização das atitudes.

Como as atitudes eliciadas por meio das entrevistas não irão se basear na técnica *matched-guise* e, portanto, não estarão restritas a avaliações duais (bom/mau, por exemplo), faz-se necessário adotar a definição e a proposta apresentada por Schlieben-Lange (1993) para investigação de atitudes lingüísticas. Essa proposta será apresentada e discutida no capítulo 5.

Conforme relatam Amossy e Pierrot (2001), os psicólogos sociais definem o estereótipo como uma crença, uma opinião, uma representação relativa a um grupo e seus membros; enquanto que o preconceito é definido como a atitude adotada para com os membros do grupo em questão. O preconceito normalmente se relaciona a uma atitude (avaliação) negativa injustificável e envolve três componentes: (i) cognitivo – o estereótipo do negro, por exemplo; (ii) afetivo – o preconceito ou a hostilidade experimentada com

²⁷ Neste trabalho, será adotado o termo eliciar. Em alguns textos, é empregado, também, o termo elicitare para se referir às atitudes lingüísticas.

²⁸ A técnica *matched guise* foi elaborada por Lambert (1967) ao estudar o bilingüismo franco-inglês em Montreal na década de 60. Em seu estudo, o autor chamava a atenção para a metodologia do “falante disfarçado” ou dos “falsos pares”. Essa técnica permite a manipulação de “pistas” (*cues*) de características lingüísticas e/ou sociais sobre uma determinada língua ou dialeto, com o intuito de observar as reações de outras pessoas a respeito dessas características ou variações. A respeito do procedimento empregado, Calvet (2002, p. 66) explica: “Ele [Lambert] utilizava falantes bilíngües e gravava dois textos de cada um (um em francês, outro em inglês). As gravações eram em seguida apresentadas como vindas de pessoas diferentes a ‘jurados’ que deveriam, numa escala de ‘muito pouco’ a ‘muito’ descrever os falantes do ponto de vista da altura, da beleza física, da aptidão para dirigir, do senso de humor, da inteligência, da religiosidade, da confiança em si, da confiabilidade, da jovialidade, da bondade, da ambição, da sociabilidade, do caráter e da simpatia”. Os resultados obtidos por meio do emprego dessa técnica são apontados como interessantes porque os jurados não avaliavam apenas as vozes, mas sim as línguas.

respeito a ele [negro]; (iii) e comportamental, a discriminação ou desfavorecimento de um negro por pertencer a essa categoria, sem levar em conta sua capacidade ou seus méritos individuais.

Assim, a representação de um negro como preguiçoso e irresponsável remete ao estereótipo, enquanto a manifestação de desprezo ou hostilidade diz respeito ao preconceito. O estereótipo é, então, a imagem que circula, o conjunto de traços que se atribui, ao passo que o preconceito seria a tendência a julgar desfavoravelmente.

Quanto ao estigma²⁹, Goffman (1978) afirma que estes são atributos depreciativos, são os rótulos de qualificação que colaboram para a instituição de crenças a respeito de um objeto (indivíduo, grupo, etc) e que, uma vez projetados, podem ser compartilhados pela sociedade através da formação de estereótipos. Assim, afirma que há, portanto, “um tipo especial de relação entre atributo e estereótipo” (1978, p.13). O estigma manifesta-se nas interações sociais e também está vinculado a preconceito e discriminação. Uma vez estipulados, esses rótulos conferidos aos indivíduos impossibilita-os de serem aceitos por seus pares e contribuem para alargar as diferenças.

2.3 Avaliação social, insegurança lingüística e estereótipos: gatilhos para a variação e/ou mudança lingüística

Entre as muitas indagações não respondidas e que permanecem como objeto de investigação nos estudos lingüísticos destacam-se as questões que se referem ao mecanismo pelo qual as línguas mudam, bem como ao processo que conduziu à grande diversidade de línguas que se conhece no mundo atual (LABOV, 1964, p. 50). No que se refere à variação

²⁹ Como explica Goffman (1978, p. 11), o termo estigma foi criado pelos gregos para se referir aos “sinais corporais com os quais se procurava evidenciar alguma coisa de extraordinário ou mau sobre o *status* moral de quem os apresentava”. Na Antiguidade, estigmas eram marcas feitas com ferro e fogo em escravos, ladrões ou traidores, servindo de advertência para que se evitasse contato com as pessoas que apresentassem tais marcas. Posteriormente, na era cristã, adota-se o termo para evidenciar sinais corporais de origem divina possuídos por indivíduos iluminados ou especiais.

e mudança lingüística, os estudos sociolingüísticos têm mostrado que, longe de ser casual, esse processo é fortemente condicionado por fatores sociais, estilísticos e avaliativos, por exemplo.

Quanto aos fatores avaliativos, Labov (1964) destaca que estes são complexos, uma vez que os falantes reagem à fala como um todo e dificilmente demonstram consciência a respeito do padrão de fala dos outros. Apesar dessa dificuldade, questiona: “haverá alguma conexão entre o padrão de desempenho, as atitudes e os julgamentos de valor dos falantes?”

Essa é uma questão que concerne aos objetivos desta pesquisa. Sendo assim, as conclusões alcançadas por pesquisadores que levam em conta indagações como essas serão retomadas adiante.

2.3.1 Quando a avaliação social e insegurança lingüística desencadeiam a variação

Todas as variedades de uma língua são bem estruturadas e formam um complexo sistema lingüístico que, certamente, será adequado às necessidades daqueles que deles se utilizam. Apesar dessa adequação, os estudos lingüísticos retratam o quanto algumas variantes lingüísticas são alvos de avaliações, sejam valorativas ou depreciativas. O impacto causado por tais avaliações podem contribuir para a manutenção ou para o desaparecimento de traços lingüísticos e, sendo assim, essas questões são sempre atuais e significativas para aqueles que se dedicam ao estudo da variação e/ou mudança lingüística.

A literatura sociolingüística registra um grande número de pesquisas que retratam a assertiva acima. Em função dos objetivos deste estudo, três dessas pesquisas serão retomadas e comentadas adiante. Trata-se de três trabalhos representativos: dois deles

executados por William Labov, publicados em 1963³⁰ e em 1966, e um deles realizado por Peter Trudgill, datado de 1974.

Em Martha's Vineyard, uma isolada ilha do estado de Massachusetts, Labov (1972) observou que as mudanças sociais ocorridas naquela comunidade desencadearam uma mudança lingüística: a alteração dos primeiros elementos dos ditongos /aj/ e /aw/. Assim, o pesquisador pôde observar que havia duas diferentes pronúncias para as palavras *right* e *house*, por exemplo. Uma das pronúncias é não-prestigiosa e típica dos nativos da ilha ([rəɪt], [həʊs]) – trata-se da pronúncia centralizada –, enquanto a outra é mais recente ([raɪt], [haus]) e se assemelha à pronúncia encontrada em variedades prestigiosas do inglês americano e do inglês britânico, também denominado por Received Pronunciation (RP). Para surpresa do pesquisador, as análises dos dados indicavam que havia um aumento no número de ocorrências da pronúncia não-prestigiosa. A pronúncia centralizada, portanto, corria com mais frequência e até se tornava exagerada, especialmente em dados de fala de informantes mais jovens, caracterizando a hipercorreção.

A proposta do autor para interpretar essa mudança sonora assenta-se no entendimento das forças sociais que afetam a vida dos viniardenses. A investigação revelou que havia uma distribuição social dos ditongos, de forma que os que desejavam ficar na ilha adotavam uma pronúncia mais centralizada, conservadora e não prestigiosa, enquanto que aqueles que desejavam partir e não estabeleciam uma relação tão próxima à ilha e à sua história adotavam a pronúncia valorativa, ou seja, não-centralizada. Portanto, para interpretar a centralização dos referidos sons, propõe, dentre outros fatores, que sejam consideradas questões relacionadas, principalmente, às aspirações sociais e às atitudes subjetivas que os moradores manifestaram diante da vida na ilha, da falta de trabalho e diante dos veranistas. Assim, conclui: “in summary, we can then say that the meaning of centralization, judging from the context in which it occurs, is positive orientation towards Martha's Vineyard (LABOV, 1972, p. 38).

³⁰ A pesquisa realizada em Martha's Vineyard foi inicialmente publicada em 1963. No presente texto, as referências a esse estudo serão feitas a partir da versão dessa pesquisa publicada em Labov (1972).

Esse estudo mostra o quanto as diferenças fonéticas podem significar muito mais do que se pode captar apenas através da análise estritamente formal; nesse caso, o exame dos padrões dos formantes que caracterizam a centralização dos ditongos. A linguagem pode ser um fator preponderante na identificação de uma comunidade, no estabelecimento de solidariedade entre os membros de um grupo, bem como para preservação e delimitação dos espaços dos membros desses grupos no momento em que se sentem ameaçados pelo “outro”.

Diferentemente do que ocorreu em Martha’s Vineyard, é a pronúncia prestigiosa que é almejada pelos nova-iorquinos, como comprova Labov (1966). Entretanto, nem sempre a forma prestigiosa e desejada é aquela que ocorre com frequência na fala dos informantes.

Ao analisar a estratificação do inglês na cidade de Nova Iorque, Labov (1966) mostra que as variantes lingüísticas são determinadas por um padrão de normas sociais e estilísticas. O /R/ pós-vocálico³¹, em final de palavra e pré-consonântico – como em *beer*, *board* – é uma das cinco variáveis fonológicas selecionadas. A investigação realizada pelo referido pesquisador demonstrou que a não realização do /R/ pós-vocálico é referência da fala casual e de baixo status social; não sendo essa, portanto, a pronúncia prestigiosa e nem aquela que é requerida para o estilo formal, já que a pronúncia do rótico é a principal manifestação do novo padrão de prestígio que prevalece nessa cidade.

Os padrões de prestígio mudam em função dos acontecimentos sócio-históricos. O estudo de Labov (1966) é, também, um bom exemplo para verificar a reversão ocorrida nos padrões de prestígio de uma determinada variante lingüística. Segundo o autor, o dialeto da cidade de Nova Iorque caracterizava-se pela presença do /R/ no século XVIII e tornou-se um dialeto sem o /R/ no século XIX, provavelmente por influência da fala londrina³². No entanto, desde o período pós segunda guerra mundial³³, tem aumentado o

³¹ Foram excluídos os casos em que o /R/ em final de palavra é seguido por palavra iniciada por vogal, assim como as ocorrências em que o rótico é antecedido por vogal central média, como em *her*, e *bird*.

³² Na Inglaterra, os dialetos em que não há a pronúncia do /R/ têm mais prestígio e são considerados mais “corretos” do que aqueles em que não há a pronúncia do rótico. A pronúncia prestigiosa é adotada na mídia e compõe o sotaque do Inglês Padrão, também denominado por RP. Por outro lado, a pronúncia do /R/ pós-vocálico é adotada na televisão e no teatro para caracterizar personagens de origem rural, com pouco nível de instrução e com o intuito de caracterizar personagens cômicos. Em alguns dialetos do inglês americano, bem

uso do /R/ pós-vocálico na fala da classe média alta devido ao grande fluxo de pessoas que se deslocaram em direção à cidade de Nova Iorque, cuja pronúncia padrão era marcada pela realização do /R/.

A avaliação positiva conferida à pronúncia do /R/ causou, então, um aumento no uso dessa variante entre os falantes da classe média alta, conforme descreve Labov (1966). Nesse caso, a mudança processada ocorreu em direção à norma, à forma prestigiosa. Mas, como se sabe, nem sempre esse é o rumo da mudança.

O exame das reações subjetivas dos falantes em relação à pronúncia ou ao apagamento do /R/ final e pré-consonantal (*car*, *card*, etc.) indicou que essas reações são mais uniformes que o desempenho. A análise dos dados mostrou que todos os grupos sociais concordavam que a pronúncia de um /R/ constrictivo em palavras como *car*, por exemplo, era apropriada para contextos mais formais. No entanto, a grande maioria dos nova-iorquinos não pronunciava o /R/, de forma que apenas os falantes da alta classe média mostravam algum grau de pronúncia do rótico na fala casual. Resultados como conduziram à seguinte interpretação:

New Yorkers also showed a systematic tendency to report their own speech inaccurately. Most of the respondents seemed to perceive their own speech in terms of the norms at which they were aiming rather than the sound actually produced (LABOV, 1966, p. 336).

Diante de resultados como esse – que se repetem no estudo de Trudgill (1974) – Labov (1966) propõe que as variações encontradas em comunidades de fala devem ser entendidas como decorrentes das variações pertencentes às avaliações subjetivas e não como flutuações no desempenho dos falantes.

Peter Trudgill (1974) conduziu na cidade de Norwich, na Grã-Bretanha, uma pesquisa em que uma das variantes fonológicas investigadas foi a presença ou ausência do glide [j] em palavras como *tune*, *music*, entre outras, focalizando as duas variantes

como da América Central, da Inglaterra, Nova Zelândia, Austrália e África do Sul, o /R/ pós-vocálico também não é pronunciado, conforme esclarece Trudgill (2000).

³³ Segundo Labov (1972, p. 64), antes da segunda guerra mundial era a tradição anglófila que dominava nas escolas de Nova Iorque. Com isso, era ensinado às crianças que a pronúncia do /R/ era um traço provinciano e, portanto, a pronúncia adequada para *car*, por exemplo, seria sem o /R/.

coexistentes nessa cidade: /ju:/ e /u:/, sendo que /tju:n/ é considerada mais prestigiosa que /tu:n/. Através das gravações dos dados, pôde observar qual variante era mais pronunciada pelos entrevistados e, através do teste de auto-avaliação, verificou qual a opinião dos informantes acerca da sua própria pronúncia. Ao comparar os resultados dos testes com aqueles obtidos através das gravações, observou que havia discrepâncias entre a variante produzida e aquela que julgavam produzir. Os resultados indicaram que, entre os informantes que não usaram o glide, 16% argumentam que pronunciam esse segmento, enquanto 84% afirmam o contrário. Por outro lado, entre os informantes que, realmente, pronunciam o glide, 60% admitem essa pronúncia, ao passo que 40% desses acreditam não pronunciá-la. Através desse resultado, concluiu que 16% daqueles que pronunciavam a variante “desvalorizada” tendiam a superavaliar a própria pronúncia, enquanto que 40% dos entrevistados que realizavam a pronúncia tida como “prestigiosa” subavaliavam essa pronúncia. Com isso, conclui Trudgill (1974b, p. 76): “speakers, that is, report themselves as using the form at which they are aiming and which has favourable connotations for them, rather than the form they actually use. (No conscious deceit is involved, it seems.)”.

Essas avaliações – que não correspondem aos aspectos lingüísticos proferidos, mas sim às normas almejadas por cada falante – denotam uma grande insegurança lingüística. Segundo Labov (1972), além da percepção inexata de sua própria fala, indícios de insegurança lingüística são identificados quando há grande oscilação na variação estilística e quando há hipersensibilidade a traços estigmatizados por parte dos falantes. Para ilustrar a profunda situação de insegurança lingüística observada em Nova Iorque, segue o seguinte trecho:

In general, New Yorkers show a strong dislike for the sound of New York City speech. Most have tried to change their speech in one way or another, and would be sincerely complimented to be told that they do not sound like New Yorkers. Nevertheless, most of the respondents have been identified by their speech as New Yorkers whenever they set foot outside of the metropolitan area. They firmly believe that outsiders do not like New York City speech, for one reason or another. Most New Yorkers show a strong belief in correctness of speech, and they strive consciously to achieve such correctness in their careful conversation (LABOV, 1972, p. 132).

Mudanças na avaliação dos falantes podem ser a causa e não o efeito de uma mudança nos padrões da fala. Assim, aspectos lingüísticos avaliados positivamente podem ser evidenciados, imitados, tomados como formas padrão pelos membros de uma comunidade de fala, por exemplo. É preciso estar atento a essas questões quando se quer entender, e não apenas diagnosticar, a variação lingüística.

2.3.2 Estereótipos lingüísticos: outro estágio na avaliação das variáveis lingüísticas

Nem todas as variáveis lingüísticas envolvidas na variação e/ou mudança lingüística em uma comunidade de fala são prestigiosas e nem todas são avaliadas da mesma maneira. Segundo Labov (1964, 1972), as informações advindas das avaliações sociais dessas variáveis lingüísticas podem ser empregadas para classificá-las em três categorias: indicadores, marcadores e estereótipos.

Os indicadores são os traços lingüísticos que refletem a variação social (idade, grupo social), mas, geralmente, não mostram variação estilística e que têm pouco efeito sobre o julgamento do ouvinte quanto ao *status* social do falante. Os marcadores são os traços que mostram tanto variação social quanto estilística e têm efeitos consistentes sobre o julgamento consciente ou inconsciente do ouvinte sobre o *status* do falante, enquanto os estereótipos são os tópicos externos de impacto social na comunidade de fala, rotulados socialmente e que podem, ou não, corresponder ao comportamento lingüístico real.

Apesar de serem estigmatizados, os traços lingüísticos estereotipados podem ser muito resistentes e duradouros. Labov (1972) lembra que a difusão desses traços pode se dar em direção a vários sentidos e demanda um considerável espaço de tempo – o que possibilita que, no intervalo de tempo transcorrido, muitas mudanças sociais possam ocorrer, podendo impulsionar ou deter tal propagação. Caso haja uma forte reação social contra esses traços lingüísticos, essa reação pode desencadear um rápido processo de eliminação e, conseqüentemente, desaparecimento dos mesmos. Por outro lado, caso o grupo ou comunidade de fala que faça uso de tais traços passem a ser avaliados

positivamente, e obtenha notoriedade na sociedade, o movimento contrário pode ocorrer, e o traço lingüístico antes estigmatizado pode se tornar alvo de avaliações positivas, chegando mesmo a ser copiado. A respeito da propagação desses traços no sistema lingüístico, o autor observa que:

As the original change acquires greater complexity, scope, and range, it comes to acquire more systematic social value, and is restrained or corrected in formal speech (*a marker*). Eventually, it may be labeled as a *stereotype*, discussed and remarked by everyone. The future prospects of this stereotype depend upon the fortunes of the group it is associated with. If the group moves into the mainstream of society, and is given respect and prominence, then the new rule may not be corrected but incorporated into the dominant dialect at the expense of the older form. If the group is excluded from the mainstream of society, or its prestige declines, the linguistic form or rule will be stigmatized, corrected, and even extinguished (LABOV, 1972, p. 320).

As avaliações sociais a respeito do /R/ caipira permitem a classificação dessa variável enquanto pertencente à categoria estereótipo. Trata-se do último patamar na escala avaliativa proposta por Labov (1972).

Antes de proceder à análise dos dados, apresentam-se, adiante, exemplos da larga estereotipização do rótico no dialeto paulista.

2.4 Estigma e estereótipos acerca do dialeto caipira, do /R/ caipira e do /R/ “intermediário”

O /R/ denominado caipira, é largamente estereotipado no dialeto paulista, como atestam as pesquisas realizadas por Amaral (1920), Head (1973, 1978), Leite (2004), Castro (2006), entre outras.

Já em 1920, Amadeu Amaral ressaltava a forma pejorativa pela qual era avaliado o dialeto caipira³⁴ e, conseqüentemente, os aspectos lingüísticos típicos desse dialeto, entre os quais se destaca o /R/, ao qual denominava “caipira”. O falar caipira, avaliado como distinto e inconfundível, era estigmatizado e considerado um vício de linguagem. Como era considerado um vício³⁵, havia a preocupação com a possibilidade de difusão desse traço lingüístico que deveria ser evitado, pois mesmo as pessoas bem educadas poderiam ser corrompidas sob a sua influência. Evidências dessa preocupação podem ser notadas através da seguinte afirmação de Amaral (1920), ao relatar que havia certa apreensão em relação ao estabelecimento dos cursos jurídicos em São Paulo devido à influência do falar caipira. Segundo o autor:

Foi o que criou aos paulistas, há já bastante tempo, a fama de corromperem o vernáculo com muitos e feios *vícios* de linguagem. Quando se tratou, no Senado do Império, de criar os cursos jurídicos no Brasil, tendo-se proposto São Paulo para sede de um deles, houve quem alegasse contra isto o linguajar dos naturais, que inconvenientemente contaminaria os futuros bacharéis, oriundos de diferentes circunscrições do país... (AMARAL, 1920, p. 41).

As pesquisas desenvolvidas por Head (1973, 1978) discutem a estigmatização do /R/ caipira. No primeiro estudo, o autor afirma que o decréscimo na freqüência relativa de ocorrências desse segmento estava relacionado ao aumento do grau de reflexão. Assim, no estilo de fala monitorada, entre informantes de uma mesma classe sócio-econômica e faixa etária, havia menor número de realizações do rótico, o que confirma o caráter estigmatizado dessa pronúncia. No segundo estudo, esses resultados são confirmados e

³⁴ Ao descrever o dialeto caipira, Amaral (1920) baseou-se em dados provenientes das regiões de Capivari, Piracicaba, Tietê, Itu, Sorocaba e São Carlos, como afirma Paulo Duarte no prefácio da obra. Esse dialeto era falado pela maioria da população do interior paulista, de hábitos simples e voltado ao meio rural.

³⁵ Amaral (1920, p. 41) traz uma citação de autoria de Joaquim M. de Macedo, em que este afirma que o magistrado José Antônio Pimenta Bueno, o Marquês de São Vicente (Santos, 4 de dezembro de 1803 — 19 de fevereiro de 1878) tinha “vícios desagradáveis de pronúncia” devido “ao desmazelo e maus costumes” e não a nenhum defeito nos órgãos da fala. Esse magistrado, natural do interior paulista, foi aluno da primeira turma da Faculdade de Direito de São Paulo. Macedo observa, ainda, que, apesar das particularidades da pronúncia do magistrado “falando na tribuna, impunha silêncio, obrigava a atenção...”

acrescidos das seguintes considerações: (i) os informantes de áreas urbanas apresentam uma maior diminuição na frequência da variante estigmatizada, se comparado aos informantes rurais; (ii) a variação na frequência do /R/ é maior nas cidades do que nas áreas rurais e (ii) são os informantes de áreas urbanas e mais favorecidos economicamente que revelam maior sensibilidade em relação ao caráter estigmatizado do /R/ caipira, quando comparados aos informantes de classes desfavorecidas e/ou áreas rurais.

Leite (2004), por sua vez, também demonstra a ampla estigmatização e estereotipização acerca do /R/ do dialeto caipira, tanto em dados coletados junto a informantes naturais da cidade de São José do Rio Preto (SP), quanto em propagandas televisivas. Nesses dados, ao referido segmento são atribuídos os seguintes rótulos, sempre negativos: *feio, marcado, puxado*; além da designação *pronúncia carregada*.

Além dessas designações atribuídas ao rótico, os dados coletados via enquête indicam uma pronúncia menos marcada, designada como “intermediária”. Essa seria mais uma crença estereotipada ou haveria, de fato, uma variação em progresso já percebida pelos informantes mais sensíveis às questões lingüísticas?

Os estudos da psicologia social selecionados por Hewstone e Giles (1997) demonstram que os estereótipos são mais facilmente noticiados, mais facilmente guardados na memória e mais facilmente ativados se comparados com a evidência que os contradiz. Também geram expectativas e aqueles que os percebem parecem querer que as expectativas se confirmem. Por isso, afirma:

People tend to see behaviour that confirms their expectancies, even when it is absent. When stereotypes set up expectations of behaviour, disconfirming evidence tends to be ignored, but confirming evidence remembered (HEWSTONE; GILES, 1997, p. 276).

Essas características dos estereótipos se somam a uma outra: “stereotypes become self-fulfilling prophecies”, como afirmam Snyder *et al* (1977)³⁶. Conforme

³⁶ Nesse estudo, os autores demonstraram que estereótipos podem se transformar em profecias que se auto-cumprem. O experimento consistia em observar o comportamento de um grupo de homens que iniciavam

definição de Watzlawick (1994, p. 97), “uma profecia que se autocumpre é uma suposição ou vaticínio que tão-só por ter sido feito converte em realidade o evento suposto, esperado ou profetizado, e dessa forma confirma sua própria ‘exatidão’”. Trata-se, portanto, de uma assertiva inicialmente falsa que evoca um novo comportamento, este sim capaz de tornar verdadeira essa formulação inicial.

Os estereótipos apresentam uma dinâmica de auto-justificação e auto-perpetuação que conduz àqueles que são objetos da estereotipia a comportarem-se de forma a corresponderem à imagem estereotipada que deles se tem. Essa dinâmica é atestada em diversos estudos conduzidos pelas ciências humanas, especialmente pela psicologia social, tais como o estudo de Snyder *et al* (1977). Esses estudos retratam, também, que o pensamento de causa-efeito tradicional não é obedecido³⁷ quando se trata de profecia que se auto-cumprem. A propósito dessa questão, Watzlawick (1994) afirma que:

(...) um ato decorrente de uma profecia que se autocumpre cria primeiro as condições para que ocorra o evento esperado, e nesse sentido forja exatamente uma realidade que não se produziria sem aquele [ato]. Tal ato, portanto, nem é verdadeiro nem falso: simplesmente cria uma situação e, com ela, sua própria “verdade” (WATZLAWICK, 1994, p. 98-99).

uma conversa telefônica com várias mulheres depois de terem visto uma suposta foto delas: em algumas fotos eram mostradas mulheres bastante atrativas e, em outras, mulheres não tão atrativas. Os homens que julgavam que estavam falando com mulheres atraentes eram mais sociáveis, calorosos e extrovertidos. Por sua vez, as mulheres tornavam-se, elas também, mais sociáveis, animadas e confiantes. Segundo os autores, os estereótipos podem criar a sua própria realidade social, de tal forma que nas interações sociais o estereótipo dos homens que faziam parte do experimento era confirmado pelo comportamento do alvo estereotipado (a mulher). Afirmando, então, que a pessoa fisicamente atraente pode comportar-se de uma forma simpática e agradável, não por possuir realmente essas características, mas porque o comportamento dos outros desencadeia e mantém comportamentos considerados como manifestações desses traços.

³⁷ Exemplos do fracasso da linearidade da relação causa-efeito são apresentados por Watzlawick (1994). O autor afirma que a inversão do fluxo temporal dessa relação pode ocorrer quando se trata de profecias que se auto-cumprem. A passagem seguinte pode esclarecer essa afirmativa: “em março de 1979 os jornais da Califórnia passaram a difundir notícias espalhafatosas sobre uma iminente redução no abastecimento da gasolina. Os motoristas californianos se precipitaram aos postos para encher os tanques. O abastecimento de 12 milhões de tanques (75% dos quais, aproximadamente, estavam vazios naquele momento) esgotou as enormes reservas do produto, e da noite para o dia provocou a escassez prevista; por outro lado, no afã de encher a maior quantidade de tanques possível (em vez de mantê-los quase vazios, como até então), formaram-se longas filas de carros, e a população ficava horas esperando diante dos postos: com isso aumentou o pânico. Logo depois, acalmados os ânimos, verificou-se que o abastecimento e a distribuição de gasolina do estado da Califórnia não tinham sofrido nenhuma redução” (WATZLAWICK, 1994, p. 98). O autor argumenta que exemplos como esse mostram o quanto um evento futuro pode determinar efeitos no presente.

Os estudos descritos acima, assim como aqueles citados por Watzlawick (1994), Hewstone e Giles (1997), por exemplo, indicam como os indivíduos colocam os estereótipos em ação e como esses estereótipos podem se transformar em uma profecia que se auto-cumpre. Entretanto, só muito poucas profecias se cumprem, explica Watzlawick (1994, p. 101). Segundo o autor, apenas quando se crê numa profecia de tal forma que esta possa alcançar “o futuro” é que ela pode influir no presente e, então, se confirmar. Nas palavras do autor: “ausente esse fator crença, esse fator convicção, falta também o efeito” (p.101).

Considerando que os estereótipos exercem um importante papel no que se refere à manutenção, à variação e à mudança das línguas, e que o /R/ caipira é claramente estereotipado, buscou-se verificar quais variantes do rótico ocorrem em posição de coda silábica nos dados de fala dos campineiros entrevistados e investigar quais juízos de valor são atribuídos a essas variantes. E quanto à imagem estereotipada em relação ao falar “intermediário” do campineiro, ela se confirmará?

Antes de prosseguir à análise acústica dos dados e à análise dos depoimentos dos informantes, segue, no próximo capítulo, uma descrição dos procedimentos metodológicos empregados na execução da pesquisa que originou este trabalho.

3

Procedimentos Metodológicos

3.1 Apresentação

Por ser formada por um vasto campo interdisciplinar, a Sociolingüística representa, conforme Jaworski e Coupland (1997), uma ampla gama de pesquisas contemporâneas que se encontram na intersecção da própria lingüística, bem como da sociologia, psicologia social e dos estudos da comunicação humana. Sendo assim, ela é, provavelmente, a mais ativa e também a mais diversa área dos estudos contemporâneos da linguagem. Devido a essa diversidade, as pesquisas no âmbito da Sociolingüística são bastante distintas em relação aos objetivos, às orientações teóricas, bem como em relação aos métodos empregados em seus trabalhos. Na realização deste trabalho, foram mobilizados instrumentais de análise utilizados em pesquisas que se pautam tanto em uma perspectiva de investigação qualitativa quanto quantitativa.

Neste estudo, a quantificação obtida através das análises acústicas, e balizada por meio dos testes estatísticos, é utilizada com o objetivo de ampliar a capacidade de análise, bem como para testar hipóteses. Como afirma Goldenberg (1997, p. 62), “É o conjunto de diferentes pontos de vista, e diferentes maneiras de coletar e analisar os dados (qualitativa e quantitativamente), que permite uma idéia mais ampla e inteligível da complexidade de um problema”. Assim, em função dos objetivos estipulados para este estudo, os resultados que podem ser obtidos por meio das análises acústicas e estatísticas – de natureza quantitativa – podem se somar àqueles que poderão ser alcançados através da análise das atitudes lingüísticas eliciadas por meio dos depoimentos dos informantes – atividade recorrente em pesquisas que priorizam uma análise qualitativa dos dados e que, inevitavelmente, seria descartada em uma análise estritamente quantitativa.

O projeto de pesquisa referente ao trabalho desenvolvido e apresentado neste texto foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa – CEP/FCM/UNICAMP e aprovado, conforme parecer de número 417/2008. Como parte das exigências para aprovação do referido projeto, foi elaborado um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido³⁸ (TCLE) – documento que visa informar aos informantes sobre aspectos importantes da pesquisa, tais como: objetivos, justificativas, sigilo dos dados fornecidos, dentre outros. Os esclarecimentos prestados ao informante através do TCLE garantiram a esses informantes condições para decidir sobre a sua participação na pesquisa. Diante da concordância em fazer parte da referida pesquisa, o TCLE era lido, assinado e uma cópia do mesmo era entregue aos respectivos participantes.

Segue, adiante, uma breve apresentação dos critérios metodológicos adotados para a elaboração do *corpus* desta pesquisa.

3.2 Perfil dos informantes e gravação dos dados

Nesta pesquisa, foram selecionados doze informantes. Todos os informantes são falantes nativos do PB, não apresentavam histórico de problemas de fala e/ou audição. É importante destacar que não foram selecionados informantes que fossem linguistas ou profissionais de áreas afins.

Conforme objetivos da pesquisa, os informantes são naturais da cidade de Campinas e sempre residiram nessa cidade. Um dos pais (filiação paterna ou materna) de sete dos doze informantes é natural da cidade de Campinas; sendo que ambos os pais de dois desses informantes³⁹ – CL (F – 47 anos) e AL (M – 68 anos) – são campineiros.

As variáveis sociais consideradas foram: sexo, faixa etária e grau de escolaridade, selecionadas da seguinte maneira:

³⁸ Conforme modelo que consta no apêndice E

³⁹ A identidade dos informantes foi preservada e eles, portanto, são indicados por parte das iniciais de seus nomes, acompanhados da referência do sexo (M para masculino e F para feminino) e da idade real.

- (i) Sexo: feminino e masculino;
- (ii) Faixa etária: (1) 20 a 30 anos; (2) 37 a 47 anos; (3) acima de 54 anos de idade. Foi estipulado um intervalo de sete anos entre as faixas etárias;
- (iii) Grau de escolaridade: médio e superior, concluído ou em curso.

As características dos informantes apresentam-se resumidas no quadro 1 abaixo:

Informante	Sexo	Faixa Etária/Idade	Escolaridade
MC	F	1/ 23 anos	M
GP	M	1/ 20 anos	M
CL	F	2/ 47 anos	M
JC	M	2/ 46 anos	M
LH	F	3/ 54 anos	M
JP	M	3/ 56 anos	M
TG	F	1/ 20 anos	S
OE	M	1/ 29 anos	S
LB	F	2/ 37 anos	S
EG	M	2/ 37 anos	S
JB	F	3/ 56 anos	S
AL	M	3/ 68 anos	S

Quadro 1 – Descrição dos informantes conforme variáveis sociais selecionadas

Os informantes foram escolhidos aleatoriamente, em função das variáveis sociais elencadas para esse estudo. Todos eles são funcionários da Unicamp ou de empresas terceirizadas que prestam serviços a essa instituição. O contato da pesquisadora com esses informantes foi estabelecido através do convívio informal nas dependências dessa Universidade. Dos doze informantes, apenas três tiveram pouco contato com a

pesquisadora, inferior a um ano. Os demais, no entanto, já mantinham certa convivência por um período entre dois a cinco anos. Essa proximidade permitiu certa convivência que muito contribuiu para estreitar relações e atenuar possíveis distanciamentos e intimidação durante a coleta de dados.

Os dados foram gravados em uma sala acusticamente tratada no Estúdio de Gravação do Instituto de Estudos Linguagem (IEL/Unicamp). A captação dos dados foi feita através de um microfone AKG, modelo 420 PP headset, conectado a uma placa de som externa com pré-amplificação da M-Audio, modelo MobilePre Usb. Essa placa foi conectada a um computador portátil Toshiba, modelo M-45 Satellite, de última geração. Para a gravação, foi utilizado um software livre de gravação e edição de áudio, o Audacity, a uma taxa de amostragem de 22050 Hz e resolução de 24 bits, digitalizado em PCM (Pulse Code Modulation).

3.3 Descrição do *corpus*

O *corpus* desta pesquisa é composto por (i) dados coletados mediante entrevista semi-diretiva e (ii) por dados obtidos através de leituras de sentenças e de palavras-alvo inseridas na frase veículo “diga_____pra ela”. As palavras que foram inseridas nessa frase veículo, bem como nas sentenças, estão representadas no quadro 3.b, adiante. Os roteiros elaborados para guiar as entrevistas e as sentenças utilizadas para gravações dos dados submetidos à análise acústica encontram-se no apêndice A.

3.3.1 Critérios empregados para elaboração, execução e gravação das entrevistas

A entrevista é uma das alternativas a qual se recorre para a coleta de dados no âmbito das investigações de cunho sociolinguístico. Na presente pesquisa, com a entrevista

não-diretiva objetiva-se eliciar as realizações da variável lingüística alvo dessa pesquisa (as realizações do /R/ em posição de coda silábica), as reações subjetivas relacionadas a essa variável, além das opiniões dos sujeitos entrevistados no que concerne ao tema proposto, qual seja, a cidade de Campinas.

A entrevista foi dividida em dois roteiros, como pode ser verificado, no apêndice A. As questões norteadoras do roteiro de entrevistas de número 1, que consta de 26 questões, procura suscitar as experiências pessoais do informante ao longo da sua vida nessa cidade. As questões se referem, ainda, à qualidade de vida oferecida pela cidade, segurança pública, características da cidade de Campinas e do campineiro, posição econômico-social ocupada pela cidade de Campinas frente às demais cidades do interior paulista, dentre outras questões dessa natureza. Por outro lado, o roteiro de entrevista de número 2, composto por 23 questões de cunho lingüístico, convida os informantes a falar sobre diferenças dialetais. Para alcançar os objetivos propostos, o pesquisador da área da Sociolingüística necessita participar diretamente da interação, da situação de entrevista. Sendo assim, nesta pesquisa, todos os dados foram coletados pela pesquisadora

Em virtude da especificidade dos assuntos que compõem o segundo roteiro de questões, a entrevista norteadora por esse roteiro foi realizada após a coleta de dados baseada na leitura de sentenças e palavras inseridas em frase-veículo.

O roteiro elaborado para a entrevista não foi seguido à risca. As questões apenas nortearam a conversa e não impediram que outros assuntos fossem discutidos. Como a pesquisadora já convivía, ao menos parcialmente, com nove, dos doze informantes, não foi difícil suscitar temas variados e corriqueiros a fim de prolongar o batepapo que permeava a situação de entrevista. Esse recurso era utilizado com o objetivo de minimizar o impacto causado pela situação de gravação, bem como para motivar o surgimento de possíveis narrativas de experiências pessoais. Conforme a literatura sociolingüística, esses recursos funcionam como estratégias para atenuar os efeitos do paradoxo do observador, segundo Labov (1972) – mesmo sabendo que, em princípio, esses efeitos nunca possam ser inteiramente resolvidos.

A situação de entrevista, seja espontânea ou semiestruturada, constitui-se em uma das maneiras mais utilizadas para eliciar dados de fala que serão alvo de estudos de

natureza sociolinguística. Certamente, não temos, diante dessa situação, a pretensão de captar dados de fala casual, tais quais aqueles que podem ser encontrados nas relações informais durante a interação familiar, por exemplo. Apesar da tranquilidade demonstrada por quase todos os informantes durante as sessões de gravação e do surgimento de pequenas narrativas no decorrer da entrevista, os dados de fala captados correspondem, apenas, a uma “fala natural” apropriada à ocasião, conforme lembra Wolfson (1997, p.124). Segundo a autora: “If speech is felt to be appropriate to a situation and the goal, then it is natural in that context. The context itself may be formal or informal, interview or conversation. It is only when norms of speaking are uncertain or violated that one gets ‘unnatural’ speech”.

Esse foi, portanto, o recurso utilizado nesse estudo para ter acesso aos depoimentos dos informantes, bem como para checar a veracidade dos dados coletados através das leituras de sentenças e palavras. Para a transcrição ortográfica dos dados, foram adotadas as convenções propostas por Marcuschi (1986).

3.3.2 Procedimento para elaboração e gravação do design experimental

O design experimental foi elaborado com o objetivo de obter os mesmos contextos para a sequência CVR (consoante, vogal, rótico) em posição de coda medial /tVR.CV/ e final /CV.tVR/. Dessa forma, com o intuito de melhor investigar as características do /R/ em posição de coda silábica, foram adotados os seguintes critérios para a montagem desse design: (i) as palavras-alvo, tanto as que se encontram nas sentenças quanto as que foram inseridas nas frases-veículo, são dissílabas e são compostas por cinco fonemas; (ii) a sequência CVR é portadora do acento principal da palavra; (iii) a consoante oclusiva surda dental – /t/⁴⁰ – sempre ocupa o onset da sequência /tVR/⁴¹; (iv) as vogais /a/, e/, /i/, /o/ e /u/ antecedem /R/.

⁴⁰ Foram selecionadas palavras que continham a consoante /t/ ocupando o onset das sequências /tVR.CV/ e /CV.tVR/ em função do número de palavras encontradas no léxico do PB com essa organização silábica. Com isso, evita-se a seleção e emprego recorrente de pseudo-palavras na montagem do design experimental.

Seguindo esses critérios, as palavras e pseudo-palavras⁴² utilizadas foram as seguintes:

Vogais	CodaMedial /'tVR. CV/	Coda Final /CV.'tVR/	Vogal em sílaba CV
/a/	Tarto	Qatar	Pato
/e/	Terto	Bater	Beco
/i/	Tirto	Tatir	Tipo
/o/	Torto	Tutor	Toco
/u/	Turta	Tutur	Tuco

Quadro 2 - Palavras e pseudo-palavras selecionadas para compor o design experimental

As palavras que compõem o *corpus*⁴³ foram lidas, em ordem aleatória, por todos os informantes em três repetições para cada estímulo – sentenças e frase-veículo – em taxa e intensidade habituais. Além das palavras-alvo, foram acrescentadas ao *corpus* palavras e sentenças distratoras que intercalaram as listas de palavras e sentenças lidas pelos informantes.

As pseudo-palavras foram pronunciadas com naturalidade pelos informantes. O contexto em que essas pseudo-palavras foram inseridas ajudou a minimizar o efeito artificial que pode ser obtido através da pronúncia de palavras que apresentam baixa frequência, mesmo quando estas são dicionarizadas. Dessa forma, durante o período que

⁴¹ Devido ao processo fonológico de palatalização de oclusivas alveolares, as oclusivas /t/ e /d/ são realizadas como africadas alveopalatais [tʃ] e [dʒ] quando seguidas da vogal /i/ (oral ou nasal) em alguns dialetos do PB (SILVA, 1998). Nos dados deste estudo, a palatalização ocorre e, então, tem-se um africada ocupando o onset da sequência CVR. As diferenças acústicas entre uma africada e uma oclusiva alveolar ou dental são evidentes, mas essas diferenças não impediram a análise dos dados neste estudo.

⁴² As pseudo-palavras resultam de uma combinação de fonemas que não existe na língua, mas que obedecem às regras fonotáticas dessa mesma língua. Para a constituição do *corpus* desta pesquisa, foram selecionadas as seguintes pseudo-palavras: tarto, turta, tatir, tutur, tuita, tertio.

⁴³ Além dessas palavras e pseudo-palavras, foram acrescentadas às listas de leitura de palavras e sentenças as seguintes ocorrências que continham o glide [j]: taipa, teipe, toiro, tuita. O objetivo era comparar as realizações do glide com uma possível variante de /R/, caso este apresentasse vocalizado. Considerando que o número de ocorrência do /R/ vocalizado no *corpus* analisado nesta pesquisa é mínimo – como pode ser verificado no capítulo 4 – a referida comparação não foi feita e, portanto, essas palavras não constam no quadro 1.

precedeu a gravação, os informantes leram as sentenças e, logo após, houve uma interlocução entre os informantes e a pesquisadora, responsável pela coleta dos dados. Durante essa interlocução, era bastante comum verificar que os informantes faziam referência a certas pseudo-palavras como se estas fossem palavras dicionarizadas. Assim, após a leitura da sentença “No largo do tatir permite-se pitar durante o dia inteiro”, alguns dos informantes perguntaram se “essa pracinha” ficava em Portugal, por exemplo.

A maioria das palavras-alvo podem ser classificadas, conforme critérios morfo-semântico e funcional, como nomes (substantivos e adjetivos). A única exceção deve-se ao verbo “bater”, selecionado com o objetivo de manter a seqüência de oclusiva dental, seguida de vogal e rótico na coda final.

3.3.3 Segmentação, anotação e mensuração

A segmentação manual dos dados, anotação e análise foi realizada com o auxílio do software Praat (BOERSMA; WEENINK, 2007). Os parâmetros adotados para a análise acústica (espectral e temporal⁴⁴) basearam-se na frequência dos três primeiros formantes da seqüência VR, e na duração da proporção VR/palavra. Os procedimentos adotados para segmentação, anotação e mensuração dos dados obedeceram a alguns critérios que serão apresentados a seguir.

⁴⁴ A composição espectral de um som é constituída pela frequência e amplitude das diferentes componentes de um som. Como afirma Mateus *et. al.* (1990, p. 121): “O espectro de um som representa-se, normalmente, num diagrama de amplitude versus frequência, que corresponde à análise da onda sonora num dado instante”. Além da análise espectral, há informações importantes a respeito dos sons que podem ser captadas através da análise temporal. Ainda de acordo com a autora: “se quisermos analisar os sons musicais ou os sons da fala (ou outros que ponham o mesmo tipo de problemas), não nos basta conhecer o seu espectro num dado instante. Temos de ter também em consideração a forma como este evolui no tempo” MATEUS *et. al.* (1990, p. 130).

3.3.3.1 Frequência de formantes

As frequências formânticas, que resultam das constrictões ocorridas no trato vocal, são importantes para o reconhecimento e diferenciação dos sons da fala. Apesar da complexidade dos róticos, que dificulta a caracterização articulatória e acústica, estes podem ser descritos acusticamente em termos de padrões formânticos (KENT, READ, 1992).

Em se tratando dos róticos aproximantes e das vogais rotacizadas, as dificuldades são maiores, uma vez que estes se apresentam coarticulados às vogais que os antecedem. Em função dessa interação, estabeleceu-se uma estratégia metodológica para auferir os valores das frequências dos formantes com o intuito de contemplar pontos importantes na trajetória VR, com o objetivo de delimitar a vogal e o rótico. Sendo assim, a trajetória foi subdividida em três posições – posição inicial (PI), medial (PM) e final (PF) – de onde foram obtidos os valores das frequências dos formantes⁴⁵.

Quanto às vogais em sílaba CV, as frequências dos formantes foram extraídas na posição mais estável do núcleo silábico. Para auferir as medidas da PI da sequência VR em /tVR/, estabeleceu-se uma margem de 15 ms após a explosão da oclusiva, com o intuito de evitar a influência da consoante que ocupa a posição de onset nessa sequência. Essa mesma margem foi seguida para mensurar as frequências dos formantes na PF. Essa margem garantia uma medição mais segura, uma vez que a influência da região de fronteira dos segmentos adjacentes era minimizada. Uma vez estabelecidas essas posições, a PM era definida em um ponto central – aproximado – entre a PI e a PF. As janelas dos espectrogramas foram selecionadas entre 0,5 e 1 segundo.

Inicialmente, os dados foram determinados através da avaliação de espectrogramas de banda larga. O espectrograma de banda larga facilita o estudo das propriedades acústicas, especialmente dos formantes característicos das sequências temporais dos sons analisados; enquanto o espectrograma de banda estreita permite estudar,

⁴⁵ Quando havia uma definição mais clara entre a vogal e o rótico, o cursor era posicionado sobre o contorno mais horizontal dos formantes da vogal. O mesmo procedimento foi feito no que se refere à posição final (PF), onde fica bastante nítida a ocorrência do rótico. A partir do espectrograma ilustrado na página 50, é possível visualizar o ponto exato de onde foram extraídas as frequências dos formantes (PI, PM e PF).

de forma bastante clara, os harmônicos mais importantes dos sons em análise, e, conseqüentemente, os seus respectivos timbres. Segundo Johnson (1997, p. 46), o espectrograma de banda larga continua sendo ideal para fonética acústica porque ele captura eventos temporais de maneira bastante acurada enquanto exibe a forma geral do espectro. Posteriormente, para além dessa primeira inspeção, as frequências dos três primeiros formantes foram auferidas a partir dos algoritmos FFT (Fast Fourier Transformation) e LPC (Linear Predictive Coding)⁴⁶, sobrepostos, com janela de análise de 30ms.

Como exemplos das análises realizadas seguem, na figura 1, três gráficos em que estão plotadas as sobreposições dos espectros FFT (em preto) e LPC (em vermelho) referente às três porções (PI, PM e PF) da sequência VR da palavra “torto”, cujo espectrograma encontra-se adiante, na figura 2

⁴⁶ Para a extração via LPC, os números de pólos selecionados variaram de 10 a 14, a fim de que tivesse uma melhor visualização do dado analisado.

Gráfico 1: FFT/LPC (PI da sequência VR)

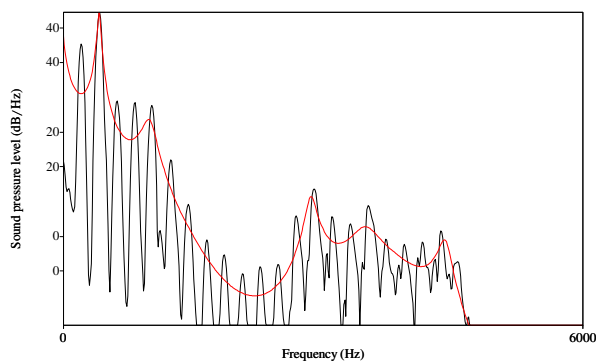


Gráfico 2: FFT/LPC (PM da sequência VR)

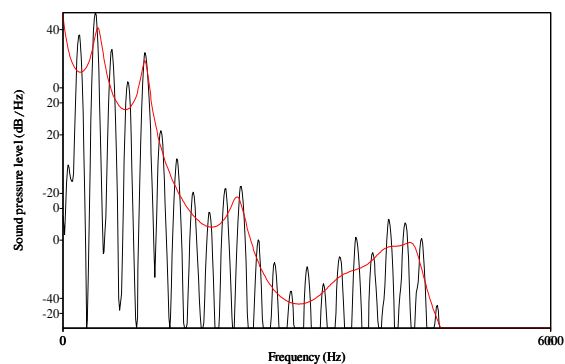


Gráfico 3: FFT/LPC (PF da sequência VR)

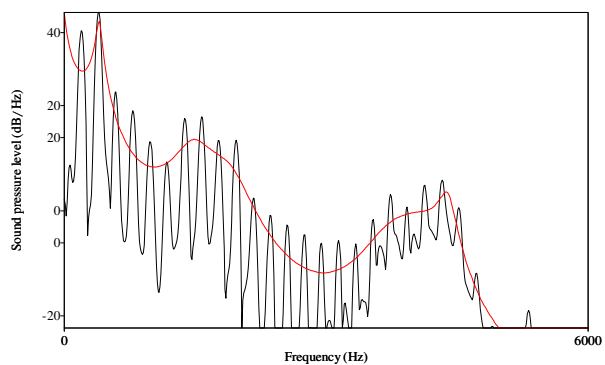


Figura 1 – Sobreposição dos espectros FFT e LPC referente à palavra *torto*

3.3.3.2 Duração da proporção VR/palavra

Todos os segmentos fônicos se realizam por um fator temporal – a sua duração – que é medido em uma unidade de tempo, como o milissegundo, por exemplo. Quando esses segmentos encontram-se coarticulados como o /R/ em coda silábica neste estudo, torna-se difícil a delimitação do rótico em alguns casos. Entretanto, sabe-se que não é impossível estipular critérios para demarcar a duração em casos de segmentos que se encontram coarticulados. Neste estudo, será adotada a duração relativa, referente à sequência VR (vogal-rótico) em função da extensão da palavra, para a investigação que se pretende realizar. Por se tratar de uma proporção, a duração relativa não está relacionada a uma unidade de tempo e se refere a uma porcentagem do intervalo de interesse (VR/palavra).

Inúmeras variáveis linguísticas interferem na duração dos segmentos. Entre as variáveis que interferem na duração intrínseca da vogal, pode-se citar: a fronteira prosódica, taxa de elocução, contexto fonológico adjacente, acento lexical, foco, ênfase, natureza da vogal, condições físicas do falante, diferenças advindas do dialeto, sexo, fala lida ou espontânea, por exemplo, (BARBOSA, 2006). Parte dessas variáveis foi contemplada durante a montagem do *design* para coleta dos dados, especialmente na coleta de dados das palavras-alvo inseridas na frase veículo. No entanto, outras tantas variáveis não puderam ser controladas, entre elas, a taxa de elocução do falante.

Para evitar possíveis equívocos e afirmações não muito precisas acerca das comparações que se pretende realizar neste estudo, foi utilizado, para calcular a duração da sequência VR, o índice de duração ID, resultado da razão entre a duração dos segmentos (Ds) – correspondente à medida de duração do intervalo CVR (/^ltoR/) ou do intervalo VR (/oR/) – e a duração total da palavra (Dp) – que corresponde ao intervalo total entre o início e o fim da palavra segmentada. O ID pôde ser calculado pela fórmula seguinte: $ID = Ds/Dp$.

Ao medir a duração de uma onda sonora é preciso estar atento às informações significantes que a estrutura fonética revela e que devem ser respeitadas. Neste estudo, para auferir as medidas de duração, foram estipuladas as seguintes fases: (i) final da vogal

anterior à oclusiva que compõe a sequência CVR para a coda final; (ii) início e término da consoante anterior à sequência VR – sendo /^ˈtVR.CV/ para coda medial e /CV.^ˈtVR/ para coda final –; (iii) início e término da sequência VR; (iv) início e término de toda a extensão da palavra-alvo. Essas fases foram anotadas de acordo com os seguintes critérios:

1. Final da vogal anterior e o início da oclusão nas oclusivas para as ocorrências inseridas em frase - veículo (IO): final do segundo formante da vogal.⁴⁷
2. Final da distensão nas oclusivas (FD): fim do ruído; e início da vogal (IV) seguinte da sequência VR: início do segundo formante da vogal.
3. Final da sequência VR (FVR): final do segundo formante
4. Extensão total da palavra-alvo (ET): do início da oclusão (que corresponde ao final do segundo formante da vogal anterior) até o final do segundo formante do último fone (FF), vogal para coda medial e /R/ para coda final.

O espectrograma seguinte ilustra os critérios adotados para segmentar e anotar as porções de onde foram extraídas as medidas de frequência dos formantes, bem como as medidas de duração dos intervalos acima especificados.

⁴⁷ Esse critério se aplica tanto para a oclusiva em posição de início ou de meio de palavra, pois a sequência /^ˈtVR.CV/, em que a consoante-alvo está em início de palavra, é precedida por uma vogal quando inserida na sentença veículo “Digo ____pra ela”.

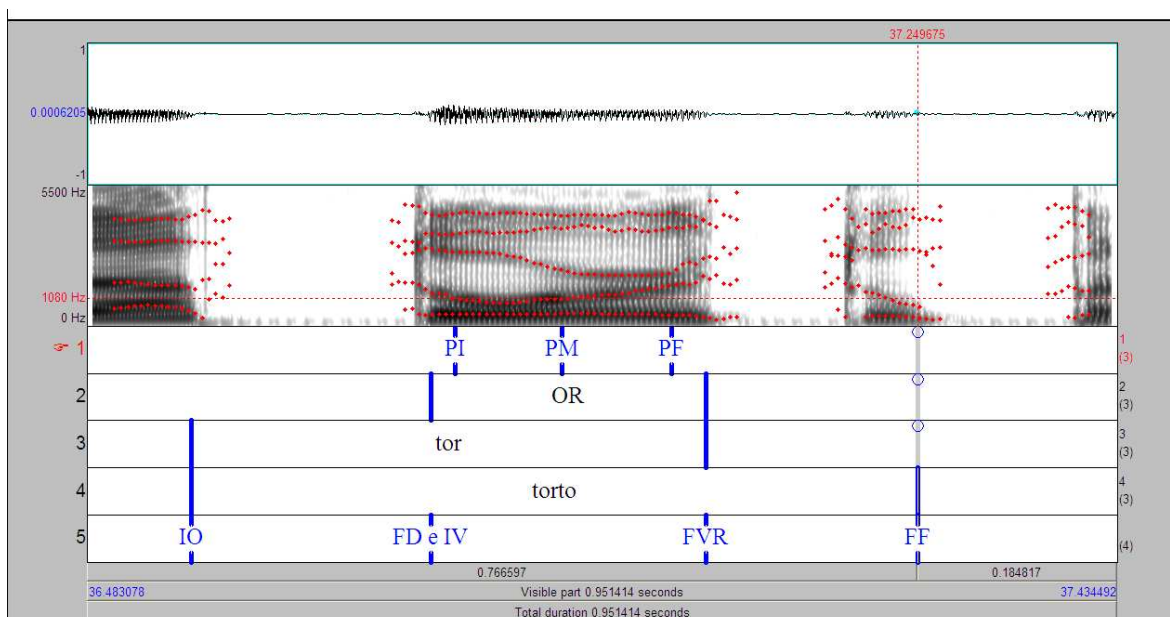


Figura 2 - Ilustração dos critérios adotados para segmentar e anotar os dados

3.3.4 Análise estatística

Os procedimentos estatísticos não fornecem provas, como muitos métodos matemáticos. Em vez disso, estabelecem bases de probabilidade sobre a qual se pode aceitar ou rejeitar determinadas hipóteses (DOWDY; WEARDEN, 1991).

Uma vez proposto o problema que se quer investigar, o primeiro passo a ser dado no processo de tomada de decisão é definir a hipótese de nulidade (H_0), também chamada de hipótese da não diferença. H_0 é formulada, geralmente, com o exposto propósito de ser rejeitada. Quando isso acontece, a hipótese alternativa (H_1) – definição operacional da hipótese da pesquisa – é assumida. Se a probabilidade (representado por p) associada à hipótese de nulidade é pequena, rejeita-se essa hipótese e H_1 é aceita. Mas, se a probabilidade associada à hipótese nula é grande, o contrário ocorre e H_0 é adotada. Uma vez formuladas H_0 e H_1 , pode-se especificar o nível de significância (representado pela letra grega α). Para os cálculos efetuados nesta pesquisa, o nível de significância adotado foi de 5%, isto é, $\alpha = 0,05$. A regra geral de decisão de um teste estatístico segue a seguinte

seqüência, conforme Dowdy e Wearden (1991, p. 11): (i) se $p \leq \alpha$, rejeita-se H_0 , em favor de H_1 ; e (ii) se para $p > \alpha$, aceita-se H_0 , pois não há evidência para afirmar que H_0 é falsa. Assim, quanto menor for o valor da probabilidade de pertencer à distribuição normal, maior a evidência para rejeitar H_0 .

Para verificar a normalidade dos dados, foi usado o teste Shapiro-Wilk. Os valores de p encontrados indicaram que os dados não seguiam distribuição normal ($p \leq 0,05$). O valor de p encontrado para a variável formantes em posição final, indicou, entretanto, distribuição normal para o F3 ($p = 0,13$).

A homogeneidade das variâncias das amostras (homocedasticidade) foi testada através do teste Levene e os resultados indicaram variâncias estatisticamente diferentes entre as amostras selecionadas ($p \leq 0,05$). Valores diferentes foram encontrados para a variável F3 em coda ($p = 0,41$) medial e final ($p = 0,11$).

Os testes realizados indicaram que as condições normalidade e homocedasticidade não foram satisfeitas. Nesses casos, deve-se recorrer a testes estatísticos não-paramétricos. Esses testes, ao contrário dos testes paramétricos, não utilizam os parâmetros média e desvio-padrão dos valores brutos em seus cálculos. Como afirma Siegel (1979, p. 3), “muitas provas não-paramétricas se referem à ordem, ou posto, dos dados, e não aos seus valores numéricos”. Assim sendo, foi empregado o teste não-paramétrico Kruskal-Wallis. A análise de variância por postos desse teste dá margem a uma comparação entre várias amostras independentes. O teste Kruskal-Wallis foi empregado para comparar a somatória dos postos dos formantes (F_1 , F_2 e F_3) das seqüências VR, analisando as medidas das freqüências desses formantes separadamente (em posição inicial, medial e final), em função das diferentes vogais; além das comparações das medidas de duração da proporção VR/palavra

Foram consideradas diferenças significativas valores de $p \leq 0,05$. Para a realização dos testes estatísticos foi utilizado o programa “Statistica” (STATSOFT, 2004).

4

Características acústicas do /R/ campineiro

4.1 Apresentação

Grande parte dos estudos sociolingüísticos que se dedicam à variação fonético-fonológica é realizado a partir de uma análise de oitiva dos fenômenos lingüísticos. A dificuldade em lidar com um grande volume de dados é, certamente, o maior impedimento para a realização de estudos acústicos, que muito poderiam contribuir para a melhor descrição desses dados. Considerando os objetivos desta pesquisa – expostos no capítulo 1 – e a importância de estudos (sócio) lingüísticos acerca dos róticos, especialmente no dialeto paulista, é que se propôs, em primeiro lugar, descrever e examinar o processo de variação lingüística do /R/ em posição de coda silábica que parece ocorrer em Campinas, por meio de análises auditivas e acústicas. Os resultados dessas análises, que foram checados estatisticamente, serão descritos neste capítulo.

4.2 Fonética acústica: referencial teórico

Segundo Arai (2001), Chiba e Kajiyama (1941) foram os precursores⁴⁸ no estabelecimento da moderna teoria acústica de produção da fala desenvolvida por Fant (1960), segundo a qual o trato vocal funciona como um sistema de filtros que é estimulado por uma ou mais fontes sonoras.

Para um melhor entendimento da relação acústico-articulatória, bem como para compreensão dos procedimentos envolvidos na análise acústica da fala, há que se recorrer à

⁴⁸ Mateus *et al* (1990, p. 147), lembram que os princípios fundamentais da teoria acústica da fala já eram conhecidos no século XVIII, como mostram os estudos realizados por Kratzenstein (1779-1780).

teoria acústica de produção da fala (FANT, 1960), também designada por teoria linear fonte-filtro, bem como à teoria da perturbação (CHIBA; KAJIYAMA, 1941). Essas teorias podem ser empregadas para explicar as consequências acústicas na formação de vogais e consoantes.

A teoria linear fonte-filtro é uma teoria de produção acústica da fala a qual postula que a energia originada de uma fonte sonora (vibração das pregas vocais, por exemplo) é modificada por um filtro (trato vocal, por exemplo), ou por um conjunto de filtros. A teoria postula, também, que as alternâncias referentes às diferentes frequências vibratórias que podem ser encontradas na fala de variados tipos de falantes – homens, mulheres, crianças – podem ser compreendidas como alterações relacionadas apenas à fonte sonora e que, necessariamente, não apresentam nenhum efeito no ressonador ou no filtro. Essa relativa independência⁴⁹ entre a fonte sonora e o filtro é que faz com que possamos produzir elocuições inteligíveis valendo-nos de uma gama de vozeamentos, incluindo desde um sussurro a tons baixos, altos, graves, dentre outros (KENT; READ, 1992).

A teoria da perturbação explica que a mudança da frequência dos formantes⁵⁰ ocorre devido a perturbações, ou seja, constrições no trato vocal. Dessa forma, a frequência dos formantes está relacionada à posição em que a perturbação ocorre, podendo ser próxima a um nó – regiões em que as partículas vibram com amplitude máxima, apresentam velocidade de volume máxima e pressão mínima – ou a um ante-nó – regiões em que as partículas vibram com amplitude mínima, exibem velocidade de volume mínima e pressão máxima. A teoria postula, portanto, que: (a) se o local da constrição for próximo a uma região de velocidade máxima, haverá um abaixamento da frequência dos formantes e,

⁴⁹ Fant (1960, p. 20), afirma que “the basic principle of the theory of voiced sounds is that, to a first order of approximation, the filter function is independent of the source”. Mateus *et al* (1990, p. 178) lembram, entretanto, que “a extrema variabilidade contextual – resultante não só dos efeitos de coarticulação mas, também, de outros factores como as características individuais dos locutores, o seu dialecto e a língua em estudo – está em contradição com a teoria acústica de produção de fala que prediz propriedades acústicas invariantes e universais, associadas à fontes sonoras e às características de filtragem”.

⁵⁰ Conforme definição apresentada por Kent; Read (1992, p.18-20), um formante é um modo natural de vibração (ressonância) do aparelho fonador. Segundo os autores, a frequência central (chamada comumente de a frequência do formante) e a largura de banda (uma medida da largura da energia no que se refere à frequência, ou uma medida da taxa de amortecimento no âmbito temporal) são características dos formantes. Nesse estudo, a análise das ressonâncias do /R/ será baseada nas frequências dos três primeiros formantes do rótico em posição de coda silábica medial e final.

(b) caso a constrição ocorra próximo a uma região de velocidade mínima, ocorrerá um aumento da frequência dos formantes. A figura abaixo, elaborada por Kent e Read (1992) com o intuito de ilustrar as previsões da teoria da perturbação, mostra como as constrições que ocorrem em um tubo ressonador (como o trato vocal) afetam as frequências dos formantes (sinais positivos indicam que constrições nesses pontos acarretam aumento da frequência dos formantes e sinais negativos indicam que constrições nesses pontos resultam em diminuição das frequências dos formantes):

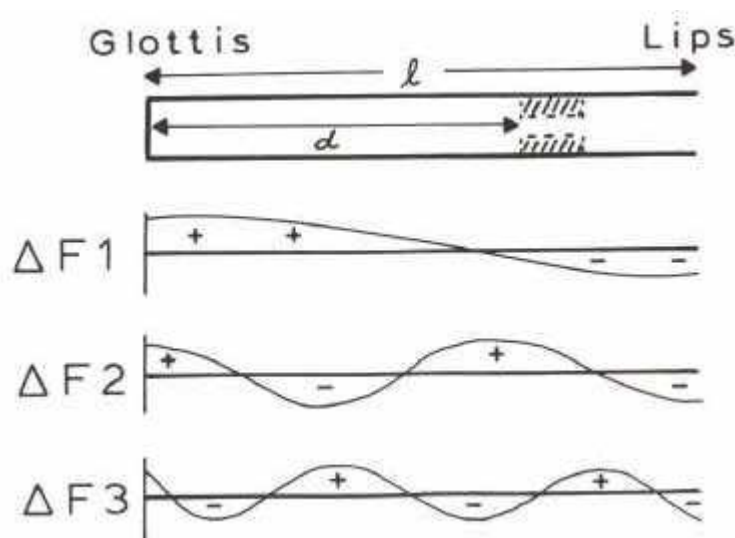


Figura 3: Efeitos de perturbações locais nas frequências dos três primeiros formantes, F1, F2 e F3. À medida que a perturbação se move ao longo do trato vocal, os formantes aumentam (+) ou diminuem (-) em frequência, como mostrado para cada formante (figura reproduzida de KENT; READ, 1992, p 27).

Esses dois modelos teóricos constituem um referencial representativo para os estudos que buscam descrever as propriedades acústicas dos sons em geral, bem como para aqueles que procuram investigar as características dos sons da fala, lançando mão de evidências acústicas para checar hipóteses baseadas em termos auditivos ou articulatórios, por exemplo. Os pressupostos desses modelos serão retomados, quando necessários, para a caracterização acústica dos dados selecionados para este estudo.

4.3 Estudos fonético-acústicos do /r/ no Inglês e do /R/ caipira no Português do Brasil

Os estudos que se dedicam à investigação dos róticos salientam a variabilidade dessa classe de som. Do ponto de vista fonético, sabe-se que os sons de /R/ são produzidos a partir de uma ampla gama de modos e pontos de articulação nas mais variadas línguas do mundo, sendo que cerca de setenta e cinco por cento de todas as línguas contém alguma forma desse som (LADEFOGED; MADDIESON, 1996). Entre as possíveis realizações dos róticos, interessa a esse estudo enfocar os sons de erre que são próximos, de oitiva, do som retroflexo.

Grande parte das investigações realizadas referente ao erre retroflexo lidam com dados do inglês (americano e britânico), especialmente quando se trata de estudos articulatórios. Esses estudos, ao descreverem o /r/ americano⁵¹, fazem referência a dois modos distintos de produção: (i) retroflexo, realizado com a ponta da língua levantada (curvada para cima) e apontada em direção ao palato duro e (ii) arqueado⁵² (*bunched*), realizado com a ponta da língua retraída e apontada para baixo, enquanto o dorso da língua é erguido em direção ao palato (DELATTRE; FREEMAN, 1968, p. 30). Ao descrever a qualidade rotacizada encontrada nas vogais do inglês, Ladefoged (1993), resume:

Some speakers have the tip of the tongue raised, as in a retroflex consonant, but others keep the tip down and produce a high bunched tongue position. These two gestures produce a very similar auditory effect. Recent x-ray studies of speech have shown that in both these ways of producing a rhotacized quality there is usually a constriction in the pharynx caused by retraction of the part of the tongue below the epiglottis (LADEFOGED, 1993, p.84)

Certamente, Ladefoged (1993) estava se referindo à pesquisa realizada por Delattre e Freeman (1968). Os autores foram os primeiros a apontar a ocorrência de

⁵¹ Neste texto, as referências ao erre americano serão grafadas como /r/, assim como fazem Delattre e Freeman (1968), Lehisté (1964) e Ladefoged (1993), por exemplo.

⁵² Propõe-se, neste estudo, a designação *arqueado(a)* como uma possível versão para o termo *bunched*.

construção faríngea durante a produção de /r/. Nessa pesquisa, através da técnica da cinerradiografia⁵³, investigam as configurações da língua (*tongue shape*) durante a produção de /r/ dos principais dialetos do inglês americano⁵⁴ e descreveram os correlatos acústicos dessas posições. Das oito diferentes configurações, seis estão relacionadas ao /r/ americano⁵⁵.

Em seus experimentos, Delattre e Freeman (1968) puderam observar que o duplo padrão de configuração da língua observado durante a produção de /r/ na fala de britânicos não se aplica ao inglês americano, pois este apresenta uma gama maior de variação – trata-se de um *continuum*, no que se refere às configurações da língua, que se estende da tradicional articulação arqueada (*bunched*) até a configuração necessária para a

⁵³ A cinerradiografia consiste em captar imagens de um órgão em movimento através de uma série de radiografias (raio-X). Segundo Munhall *et al* (1995), essa técnica propicia as melhores imagens do trato vocal em movimento. Na pesquisa desenvolvida por Fontecave e Berthommier (2006), os autores argumentam que, embora existam técnicas modernas, como o MRI (*Magnetic resonance imaging*), que proporcionam imagens com qualidade superior àquelas obtidas através da cinerradiografia, apenas as imagens captadas por esta técnica permitem a observação dos movimentos com uma boa resolução temporal. Por questões de segurança, não é mais possível obter imagens através da cinerradiografia devido ao risco para aqueles que se expõem à radiação emitida por meio desse tipo de procedimento.

⁵⁴ Delattre e Freeman (1968) também selecionaram dados de três informantes de Liverpool (Inglaterra), como dado controle, para que fossem cotejados aos dados dos informantes naturais dos Estados Unidos.

⁵⁵ Estudiosos como Delattre e Freeman (1968), Lehisté (1964), Ladefoged (1993, 2001), Kent e Read (1992), Hagiwara (1995), entre outros, afirmam que não é fácil classificar o /r/ americano, pois este segmento apresenta alofones silábicos e não-silábicos. Segundo Lehisté (1964), os padrões acústicos associados aos alofones de /r/ é que permitem classificá-los e identificá-los. A autora afirma que as características acústicas do /r/ que ocupa o núcleo silábico - /ɜ/, como em *burn*, *herd* - no dialeto investigado consistem em: uma transição inicial (*onglide*), acompanhada por um curto patamar estável (*steady state*), logo seguido por um glide relativamente longo (*offglide*). A característica principal desse *offglide* é o movimento paralelo de F2 e F3 e a pequena separação em frequência entre esses formantes. Por outro lado, o /r/ final que ocorre em palavras como *baker*, *copper*, por exemplo (classificado pela autora como /r/ final pós-consonantal) exibe uma transição inicial semelhante, mas apresenta um longo patamar estável e não há segmento identificável no *offglide*. Ainda assim, os padrões formânticos dos alofones de /r/ como núcleo silábico ou em posição final são similares, segundo a autora, e ambos são classificados como silábicos. A principal característica do /r/ silábico é a presença de um patamar formântico estável. Os demais alofones que apresentam um padrão formântico distinto do padrão descrito acima são classificados como não-silábicos ou consonantais. A definição de “núcleo silábico” adotada por Lehisté (1964) baseia-se no estudo realizado por Lehisté e Peterson (1961, p. 275). Nesse estudo, os autores afirmam: “the /ɜ/ consists of a relatively short steady state followed by a rather long glide. This glide is unique in that it involves parallel movements of the second and third formants” (LEHISTE; PETERSON, 1961, p. 275). Por fim, Lehisté (1964) afirma, ainda, que é impossível distinguir se um /r/ é silábico ou não silábico quando este segmento é pós-vocálico final. Em função dessas questões, vale considerar a opinião de Kent e Read (1992, p. 140), que afirmam: por existir sons de /r/ silábicos e não-silábicos, variantes em posição inicial e em posição final, além de serem produzidos com, ao menos, duas articulações distintas (retroflexa e arqueada, ou *bunched*) torna-se difícil estipular generalizações a respeito do /r/ no inglês. Mas, lembram, que é necessário reconhecer, ao menos, dois grandes padrões (duas variantes) de /r/: prevocálicos e posvocálicos.

produção do /r/ retroflexo. No entanto, entre essa variação, um traço em comum foi apontado: os seis tipos de /r/ do inglês americano são produzidos com duas constrictões simultâneas: uma no palato e outra na faringe; enquanto que o /r / britânico caracteriza-se por apresentar uma constrictão da língua bem nítida que ocorre na faringe ou no palato. A figura 4 ilustra os principais tipos de configuração da língua durante a produção dos /r/'s do inglês britânico (1 e 8) e os r's do inglês americano (2 ao 7) encontrados pelos autores através da técnica da cinerradiografia.

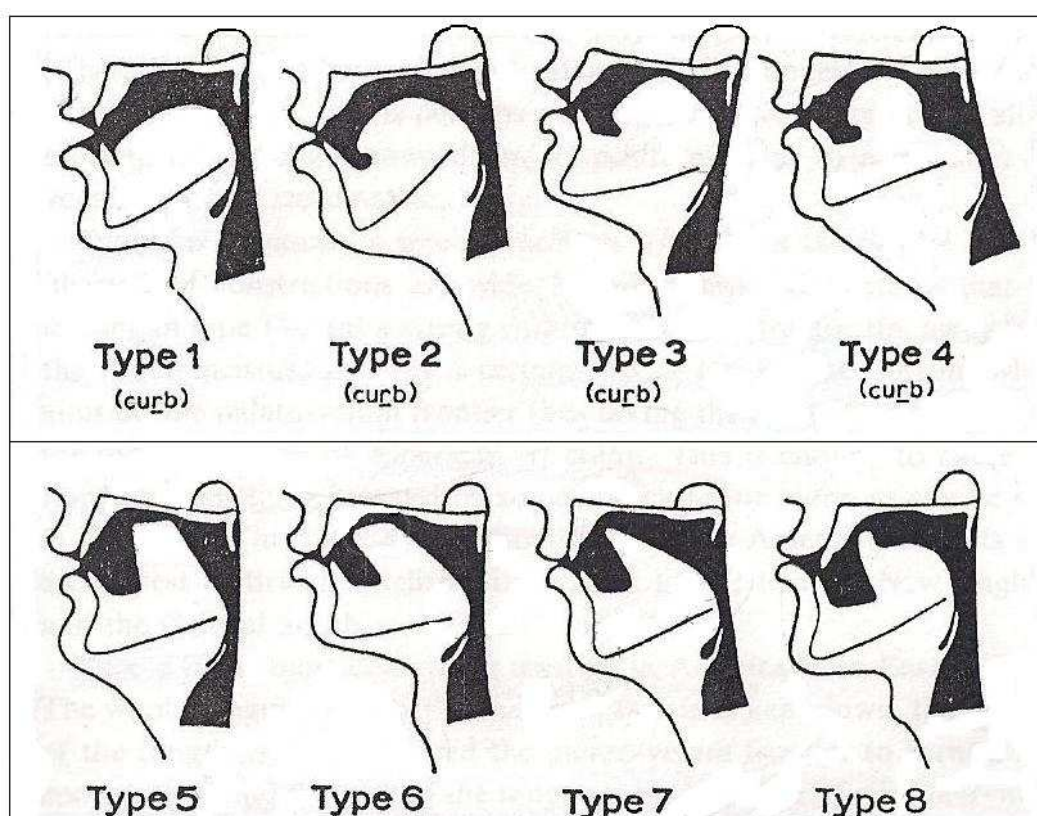


Figura 4: Principais tipo de configurações da língua (*tongue shape*) encontradas para os /r/'s do inglês britânico (1 e 8) e os r's do inglês americano (2 ao 7) por meio do filme de raio-X de 46 falantes do inglês da Inglaterra e de todas as áreas dos Estados Unidos (figura reproduzida de DELATTRE; FREEMAN, 1968, p. 41).

Com uma simulação utilizando uma boca artificial, Delattre e Freeman (1968) verificaram que, conforme a constrictão ia se movendo, lentamente, a partir dos alvéolos em direção à região posterior do trato vocal, a impressão auditiva do /r/ americano aumentava,

alcançando o máximo perto da fronteira do palato e do véu palatino e rapidamente desaparecendo além desse ponto. Durante a produção da constrição palato-velar, se a constrição faríngea era estreitada, a impressão auditiva do /r/ tornava-se mais evidente e o som do rótico tornava-se, subjetivamente, áspero, duro; se a constrição faríngea era dilatada, o /r/ era, subjetivamente, suave, mas não desaparecia. A respeito do correlato acústico advindo da dupla constrição verificada durante a produção do /r/ americano, os autores afirmam: “the acoustic correlates of the two constrictions are clearly different: the pharyngeal constriction lowers the second formant and raises the first, whereas the palatal constriction lowers the THIRD formant” (DELATTRE E FREEMAN, 1968, p. 42 – grifo dos autores).

Ao final da pesquisa, os autores puderam estabelecer correlações entre diferentes padrões de articulação e correlatos acústicos. Afirmam que há uma correlação entre o estreitamento da constrição palato-velar, o abaixamento de F3 e a proximidade entre F2 e F3 – quanto maior a constrição, menor será o F3 (correlação 1) e maior a proximidade entre F2 e F3 (correlação 2). Concluem, também, que há uma correspondência entre o abaixamento do terceiro formante e a curvatura do dorso da língua que se ergue em direção à região palatal. Perceptualmente, o aumento da contração que acompanha a curvatura amplia a rotacização (correlação 3). A proximidade de F2 e F3 também está relacionada a quão estreita é a constrição faríngea, desde que, concomitante a esta, ocorra a constrição palato-velar (correlação 4). Essa proximidade relaciona-se, ainda, ao número de cavidades de ressonância no qual o trato vocal é dividido. Assim, há uma gradação da frequência desses formantes, de forma que quanto melhor delimitado o sistema de três cavidades (separados pelas constrições palato velar e faríngea), maior será a proximidade entre o segundo e o terceiro formantes (correlação 5). O abaixamento de todos os formantes, especialmente do primeiro formante, está relacionado ao arredondamento dos lábios (correlação 6) e esse arredondamento ocorre, invariavelmente, em posição acentuada. Assim, concluem que há uma correlação entre posição silábica e abaixamento de todos os formantes – os formantes de /r / são mais baixos quando ocorrem antes de sílabas fortes (acentuadas) (correlação 7).

As correlações entre os níveis acústico e articulatório estipuladas por esses pesquisadores são esclarecedoras para os estudos que se dedicam a descrições de aspectos linguísticos. Guardadas as proporções, essas correlações serão úteis para a análise dos dados dos róticos, especialmente daqueles que apresentam característica do erre típico do dialeto caipira, cuja percepção assemelha-se à do /r/ retroflexo do inglês.

A pesquisa de Lehisté (1964), realizada um pouco antes do clássico estudo de Delattre e Freeman (1968), apresenta uma investigação acústica do /r/ inicial, medial e final (como *red*, *Mary*, *bar*, respectivamente) do inglês americano – dialeto do meio oeste. Mesmo lidando com alofones em posições distintas, a autora aponta um correlato acústico em comum para o /r/ americano: baixa frequência de F3 e sugere que esse correlato deve relacionar-se ao correlato articulatório da retroflexão. Em suas palavras:

The common characteristics are the low third formant position and a small separation in frequency between the second and the third formant. The articulatory correlate of these features is probably retroflexion (LEHISTE, 1964, p. 109).

Tanto Lehisté (1964) como outros estudiosos atribuem a denominação “retroflexo” ao rótico que apresenta características de retroflexão e correlato acústico compatível, qual seja: F3 baixo. Entretanto, sabe-se, a partir das pesquisas desenvolvidas por Delattre e Freeman (1968), que é a constrição, e não a forma da língua, a responsável por esses fenômenos acústicos.

Diante da impossibilidade de realização de estudos articulatorios, será utilizado neste trabalho o termo “/R/ caipira” para designar as ocorrências de /R/ que apresentem F3 baixo. A propósito dessa questão, Hagiwara (1995) sugere que, ao efeito acústico ou auditivo desencadeado pelo abaixamento do terceiro formante, deve-se, mais apropriadamente, designar roticidade (*rhoticity*) e não retroflexão, uma vez que essa qualidade pode resultar de articulações distintas, sendo a retroflexão uma dessas articulações, conforme explicam as análises articulatorias desenvolvidas por Delattre e Freeman (1968). Essa sugestão é válida e poderá ser utilizada ao longo deste trabalho

quando se fizer referência à qualidade desse tipo de som – que apresenta frequências baixas para o terceiro formante.

Quanto às pesquisas envolvendo descrições fonético-acústicas do /R/ no PB, pode-se citar aquelas que foram desenvolvidas por Cagliari (1981)⁵⁶, Head (1987), Silva (1996, 2002), Carvalho (2002, 2006) e Ferraz (2005).⁵⁷ Apenas os estudos dos dois últimos pesquisadores dedicaram-se a descrições acústicas do /R/ caipira, mas apenas Carvalho (2002, 2006) ocupou-se de dados do interior paulista. Interessa a esta pesquisa averiguar os resultados encontrados por esses dois últimos pesquisadores, além daqueles obtidos por Head (1987).

O trabalho desenvolvido por Head (1987) trata do /R/ caipira encontrado em variedades populares e rurais do PB. O autor apresenta e discute as propriedades fonéticas que têm sido atribuídas a essa variante do /R/. No que se refere à produção do /R/ caipira, afirma que termos como *retroflexo* e *gutural*⁵⁸ têm sido empregados para se referir à articulação desse segmento. Esclarece, entretanto, que a articulação envolvida na produção de sons com essas características são distintas, pois no caso da articulação retroflexa, é a ponta da língua que se desloca, enquanto que para a produção da articulação gutural é o dorso da língua, o que faz desta uma articulação posterior. Quanto aos correlatos acústicos, afirma que as propriedades *retroflexo* e *gutural* não são tão distintas quanto parecem em termos articulatórios, pois ambas são identificadas por um correlato acústico caracterizado como ‘rebaixado’ ou ‘bemolizado’⁵⁹. A respeito dessa similaridade, o autor conclui:

⁵⁶ Trata-se da tese de livre docência datada de 1981 e que foi publicada em 2007 pela editora Paulistana, conforme consta na referência bibliográfica.

⁵⁷ Entre esses trabalhos, apenas os de Cagliari (1981) e Head (1987) apresentam uma descrição do dialeto do interior paulista. Silva (1996) analisa dados de um informante paulistano e Silva (2001) trabalha com dados da região Sul do país (Paraná e Rio Grande do Sul), enquanto Ferraz (2005) lida com dados do interior do Paraná.

⁵⁸ Head (1987, p. 08) informa que esse termo foi empregado por Amaral (1920), bem como por outros estudiosos. Esclarece, ainda, que o “sentido comum de ‘gutural’ ou ‘guturalizado’ é simplesmente ‘na garganta’ – a qual abrange diversas áreas distinguidas como ‘pontos de articulação’ na classificação fonética de caráter mais científico”.

⁵⁹ Para essa categorização, Head (1987) baseia-se nas propriedades classificatórias propostas por Jakobson, Fant e Halle (1952). Como o próprio autor afirma, de acordo com essas propriedades, denominadas ‘traços acústicos’, “o abaixamento de uma zona de frequências onde se concentra a energia acústica de um determinado tipo de som, por qualquer processo articulatório, constitui uma única propriedade, designada pelo termo *flat* em inglês, ‘rebaixada’ e ‘bemol’ (ou ‘bemolizada’) em português” (HEAD, 1987, p. 09).

Tal como ocorre no caso de outras características fônicas, há mais de uma forma de articulação capaz de produzir o correlato acústico da propriedade ‘rebaixada’ ou ‘bemolizada’. Além da retroflexão da língua (a qual aumenta a cavidade anterior, abaixando dessa maneira a frequência de ressonância da mesma), o levantamento do dorso da língua figura entre os movimentos na articulação que produzem semelhante efeito (uma vez que também provoca um aumento da cavidade ressoadora anterior) (HEAD, 1987, p. 09).

A respeito das características da articulação retroflexa e gutural, Head (1987) afirma que há algo em comum entre ambas: a velarização, ou seja, articulação em um sentido posterior, em direção ao véu palatino. Sendo assim, argumenta que as variantes do /R/ caipira retroflexa ou gutural podem ser designadas pelo termo *velarizada*.

Nos estudos desenvolvidos por Carvalho (2002, 2006), a autora apresenta uma descrição de alguns alofones do /R/ apoiada em análises espectrográficas, mas não apresenta médias das frequências dos formantes do /R/ caipira – que é denominado, no primeiro estudo, por constritiva retroflexa ou por erre retroflexo, enquanto no segundo estudo é designado por “erre caipira”. Esse segmento é encontrado em final de sílaba e de palavra (que corresponde à coda medial e final). A partir dos espectrogramas que ilustram esses estudos, é possível visualizar que esses segmentos caracterizam-se por apresentar F3 baixo.

A pesquisa de Ferraz (2005) traz informações acústicas mais específicas a respeito do /R/, o qual denomina retroflexo ou aproximante retroflexo, tanto em posição medial quanto em posição final. Para os dados dessa pesquisa – que contou apenas com dados de fala de informantes do sexo masculino – foram encontradas médias de F3 acima de 2000 Hz. O autor também afirma que existe uma forte relação entre o contexto vocálico adjacente e o rótico, pois são poucas as ocorrências de F3 do rótico abaixo de 2000 Hz quando vogais anteriores antecedem esse segmento. Afirma, também, que é rara a incidência do F3 do erre acima de 2000 Hz para os contextos em que vogais posteriores antecedem o rótico – o que confirma a co-produção entre vogais e róticos. Os valores das médias das frequências do F3 e respectivos desvios-padrão para o rótico quando antecedido por vogais anteriores e posteriores são, respectivamente: 2241.0 Hz (132) e 1923.0 Hz

(118). Diante desse quadro, propõe que “a melhor maneira, portanto, de definir o correlato acústico para o retroflexo do PB talvez seja relacionando-o à presença do F3 ‘bemolizado’ em relação a qualquer contexto vocálico adjacente, o que é diferente de chamá-lo simplesmente baixo” (FERRAZ, 2005, p. 92).

Tanto a nomenclatura utilizada por Head (1987) – velarizada – quanto aquela sugerida por Ferraz (2005) – bemolizado – não serão assumidas neste trabalho. Como justificado anteriormente, será adotada, aqui, a designação /R/ caipira quando se fizer referência à variante de /R/ que apresenta F3 baixo.

4.4 Inter-relação entre róticos e vogais

As evidências das similaridades entre vogais e róticos são encontradas em diversas línguas. Ladefoged e Maddieson (1996) afirmam que róticos frequentemente apresentam variantes silábicas. Em sueco, por exemplo, as vogais que precedem o /r/ tendem a ser alongadas, além de apresentarem características do rótico que a segue, como também ocorre no francês e no dinamarquês. Os estudos realizados por Barbosa (2006), com dados do PB, demonstram a tendência de alongamento de vogais quando estas são seguidas pelo tap. As investigações realizadas por Ladefoged e Maddieson (1996) a respeito dos processos que envolvem róticos e vogais, permitem a esses pesquisadores assegurarem que:

Rhotics are quite likely to have syllabic variants, or to merge in various ways with contiguous vowels. Such processes, operating diachronically, are a particularly fertile source of phonetic differences between dialects of the same language (LADEFOGED; MADDIESON, 1996 p. 216).

Lehiste (1964) comprova as influências do /r/ sobre as vogais que o antecedem. A autora afirma que os alofones do /r/ inicial não sofrem uma influência significativa da vogal seguinte, que ocupa o núcleo da sílaba. No entanto, o /r/ que ocupa a posição final de sílaba (como em *war*, *here*), parece depender, em grande medida, das vogais às quais estão

associados. O /r/ final abaixa as frequências de F2 e F3 do /a/ e dos ditongos que o antecedem (/aɪ/, /au/ e /ɔɪ/). Conclui, também, que não existe contraste entre as seguintes vogais que antecedem /r/ final em palavras monomorfêmicas: /i/ e /ɪ/; /e/ e /ɛ/; /u/ e /ʊ/; e /ɔ/ e /oʷ/. O que se observa é que as vogais altas que antecedem o /r/ apresentam estrutura formântica intermediária entre os pares acima; enquanto as vogais médias anteriores são identificadas como /ɛ/ e as vogais médias posteriores arredondadas apresentam uma estrutura formântica que difere de /ɔ/ e /oʷ/, mas, neste caso, a vogal é classificada como /ɔ/ porque não há ditongação.

Como se vê, as observações de Lehisté (1964) trazem informações precisas acerca da influência do rótico sobre a vogal que o antecede. Entre os resultados obtidos pela autora, apresentam-se, na tabela⁶⁰ 1, abaixo, os valores das médias de F1, F2 e F3 das vogais /ɪ/; /ɛ/; /a/; /ʊ/ e /ɔ/ não seguidas de /r/⁶¹ e antecidas por /r/ final. Esses valores, que ilustram as conclusões elencadas acima, correspondem a um resumo dos dados coletados junto a cinco informantes.

Tabela 1 – Médias das frequências dos formantes das vogais em palavras CVC e dos alofones vocálicos associados ao /r/ final. Frequência formântica em ciclos por segundo

Núcleo silábico	Média da vogal em palavras CVC			Antes do /r/ final		
	F ₁	F ₂	F ₃	F ₁	F ₂	F ₃
/ɪ/	415	1735	2445	335	1945	2450
/ɛ/	550	1670	2435	505	1635	2225
/a/	655	1130	2510	650	1090	2380
/ɔ/	565	945	2405	440	755	2215
/ʊ/	410	980	2060	405	890	2025

⁶⁰ Essa tabela traz alguns dos resultados que constam em Lehisté (1964, p. 84), tabela 3-XII.

⁶¹ As frequências dos formantes foram medidas na porção mais estável da vogal em uma sequência CVC, em que C não corresponde a /r/ inicial ou final.

A importância do contexto vocálico na variação dos róticos em Toda, língua dravidiana do sul da Índia, é demonstrada por Ladefoged e Bhaskararao (1994). Os autores afirmam que, nessa língua, o contexto vocálico que antecede o rótico é que determina o aspecto mais consistente dos segmentos investigados: as distintas estruturas formânticas e a maneira pela qual são modificadas pelas vogais que as precedem.

Além dessa pesquisa, que elegeu os róticos como objeto de investigação, o estudo desenvolvido por Hamann (2003), que tratou da produção e dos processos fonológicos envolvendo consoantes retroflexas – inclusive róticos – através de dados de diferentes línguas, conclui que o contexto vocálico parece ser a maior causa da variabilidade na retroflexão. Nesse estudo aponta as seguintes características acústicas relacionada aos sons retroflexos investigados: (i) valores baixos de F3, que dependem de fatores como o contexto vocálico e a língua na qual o segmento ocorre; (ii) quanto mais posterior a articulação, menor o valor de F3; (iii) menor valor de F3 para retroflexos que se encontram próximos a uma vogal posterior, se comparado aos demais contextos.

No inglês americano há, além do erre consonântico, as vogais rotacizadas, também denominadas de vogais coloridas (*r-colored vowels*). Segundo Ladefoged e Maddieson (1996), essas vogais não são muito comuns e ocorrem em menos de um por cento das línguas do mundo. Apesar do número pouco expressivo de ocorrências, os autores afirmam que esse tipo de som é bem conhecido e pode ser encontrado em algumas formas do chinês e do inglês, sendo, nesta língua, uma das vogais mais comuns. As vogais rotacizadas se assemelham umas as outras mais em função das características acústicas – particularmente por apresentar baixas frequências do F3 – do que das características articulatorias. A propósito dessa constatação, declaram:

Rhotic vowels always have a lowered frequency of the third formant. Sometimes these sounds are produced with the tip of the tongue up, and sometimes with it down; often the tongue is bunched up in the anterior-posterior direction; and there is usually a narrowing of the vocal tract in the region of the epiglottis (LADEFOGED; MADDIESON, 1996, p. 313).

As vogais rotacizadas são também designadas vogais retroflexas, apesar de serem produzida através de, pelo menos, dois movimentos articulatórios distintos: retroflexo e arqueado (*bunched*). Conforme Ladefoged (1993), o efeito audível suscitado por esses dois gestos são muito similares. Sabe-se, contudo, que somente através de um estudo articulatório seria capaz de determinar as devidas diferenças e, então, definir a nomenclatura mais adequada a cada produção.

Ladefoged (2001) analisa as vogais do inglês britânico falado no noticiário nacional da Inglaterra (denominado BBC English) e as vogais correspondentes usadas por falantes dos Estados Unidos da América e do Canadá (a que se refere como General American English). O autor observa que as vogais seguidas pelo /r/, como em *bard*, *bird*, são rotacizadas no inglês americano⁶², enquanto no inglês britânico não há a realização do /r/ quando este ocorre no final de palavras ou quando é seguido por consoante. Nesse último caso, o rótico é apagado e a vogal é alongada. Assim, nas vogais rotacizadas do inglês americano, a qualidade do /r/ está presente desde o início da vogal. Segundo Ladefoged (2001, p. 27), em uma palavra como *bird*, por exemplo, freqüentemente supõe-se que seja formada por uma seqüência de vogal seguida por um rótico, embora isso não ocorra.

Os falantes do inglês americano, conforme Ladefoged (2001), geralmente afirmam que ouvem traços do rótico em palavras como *bard*, *hard*, quando pronunciadas por falantes do inglês britânico em noticiários, muito embora esse /r/ não seja produzido. A respeito da não realização do rótico, como em *cart*, no inglês britânico, o autor assinala que a pronúncia do segmento rótico é avaliada negativamente e, por isso, não é utilizada pelos locutores dos noticiários britânicos. Assim, resume:

Nobody quite knows why, but many years ago it became fashionable in British English to change the consonant r into a vowel, when it occurred at the end of a word or before another consonant (LADEFOGED, 2001, p. 29).

⁶² Os falantes de algumas cidades do litoral nordeste dos EUA seguem a pronúncia britânica. A cidade de Boston, por exemplo, adota, segundo Ladefoged (2001), esse hábito de fala britânico: a não realização do rótico.

4.5 Parâmetros acústicos do /R/ caipira: frequência e duração

4.5.1 Frequência de formantes

Frequência é um termo técnico que se refere a uma propriedade acústica do som: o número de ciclos completos das variações da pressão do ar que ocorre em um segundo (LADEFOGED, 1993, p. 186).

As frequências formânticas dos sons produzidos pelo aparelho fonador, e, conseqüentemente, dos róticos, estão relacionados aos pontos de constrição no trato vocal. Um dos motivos pelos quais os padrões formânticos são objeto de interesse na análise da fala está relacionado às inferências a respeito da articulação dos segmentos que podem ser feitas a partir de tais padrões, como afirma Fant (1960, p. 25): “the possibility of inferring the articulation of any sound given the evidence of the spectrum envelope and in particular the frequencies of those formants that have a continuity with the formants of an adjacent vowel”.

Entre os correlatos acústicos, as frequências dos formantes, especialmente do F3, é o parâmetro que mais traz informações a respeito dos sons de erre que são produzidos com retroflexão. Esse é, portanto, o parâmetro acústico adotado para caracterização do /r/ nas pesquisas realizadas por Lehisté (1964), Delattre e Freeman (1968), Lindau (1980a, 1980b), Hagiwara (1995), entre outros. Nesses estudos, o valor baixo da frequência do terceiro formante é o correlato acústico do rótico produzido com retroflexão nas mais diversas línguas, bem como das vogais rotacizadas.

O modelo da teoria da perturbação é utilizado por Lindau (1980b) e Hagiwara (1995), por exemplo, para relacionar o baixo valor da frequência do terceiro formante do /r/ que apresenta características de retroflexão às constrições que ocorrem no trato vocal. Segundo essa teoria, o rótico pode apresentar valores baixos para o terceiro formante se, durante a sua realização, ocorrer constrições nos lábios, na faringe e na região palatal do trato vocal. No que se refere às frequências do terceiro formante (F3), como pode ser visto na figura 3, página 55, observa-se que:

The curve for F3 has negative regions corresponding to constrictions at the lips, the palate, and the pharynx. (This result is helpful in understanding the different articulations of the American English /r/, which can be rounded, is sometimes produced with a palatal constriction and sometimes with a pharyngeal constriction – all three of these constrictions are associated with a lowering of F3) (KENT; READ, 1992, p 27).

A teoria prediz, e os estudos articulatórios realizados por Hagiwara (1995) e Delattre e Freeman (1968) confirmam, que um mesmo correlato acústico – F3 baixo – pode advir de até três diferentes constrições no trato vocal. Assim sendo, não é possível afirmar, apenas através de uma inspeção acústica, qual tipo de constrição houve e, conseqüentemente, o que causou o abaixamento do F3. Também não é possível, por conseguinte, afirmar se o som produzido é retroflexo, produzido com a inflexão da língua para trás e com a ponta da mesma tocando o palato, ou se é reproduzido apenas com a língua erguida e retraída em direção à região uvular ou faríngea, por exemplo.

Dos seis tipos de configurações que caracterizam o /r/ americano, conforme Delattre e Freeman (1968), quatro são classificadas como variações da articulação arqueada (*bunched*). Essa é a articulação mais frequente e, por representarem um *continuum*, apresentam gradações de frequência. O estudo mostra que, se o dorso da língua se ergue em direção à região palato-velar, já é suficiente para que o F3 corresponda a 2200 Hz. Se, além do dorso da língua se erguer, a raiz da língua se mover em direção à posição medial da faringe – dividindo o trato vocal em três cavidades (palatal, velar e faríngea), a frequência média de F3 será de 1700 Hz. Dando sequência ao *continuum*, se a constrição palato-velar se der com a lâmina da língua, o F3 será de 1600 Hz e, por fim, se além da dupla constrição, há a curvatura da língua em direção ao palato, a frequência de F3 apresenta-se em torno de 1500 Hz e, nesses casos, o segundo e terceiro formantes encontram-se tão próximos que podem ser confundidos como sendo um único largo formante. As duas últimas configurações referem-se aos róticos que ocorrem em sílaba forte e que apresentam, além da constrição faríngea, a constrição da ponta da língua ou da lâmina da língua na

região pré-palatal. O término desse continuum encerra-se com uma configuração retroflexa, cuja frequência de F3 oscila entre 1400 a 1600 Hz.

Ao comparar as frequências de formantes do /r/ inicial e final⁶³, Lehisté (1964) observou que os alofones iniciais do /r/ apresentam baixa frequência para os três primeiros formantes (280 Hz, 920 Hz e 1350 Hz, em média) e pequena distância entre F2 e F3; enquanto os alofones do rótico em posição final (monossilábicos) apresentam, em média, F1 relativamente alto (455 Hz), F2 (1285 Hz) aproxima-se da média de F3 do /r/ em posição inicial e o F3 (1560 Hz) apresenta uma frequência de 300 Hz a mais que F2. Esses valores correspondem à média calculada em função de todas as ocorrências e de todos os contextos vocálicos que antecederiam o rótico. Para uma melhor visualização dos resultados encontrados pela autora, com vistas à comparação com os dados desta pesquisa, segue, abaixo, a tabela 2 com alguns valores de frequência⁶⁴ (em média) dos três primeiros formantes do /R/ final em função do contexto vocálico⁶⁵ que o precede (/i/; /ε/; /a/; /o/ e /ɔ/).

⁶³ Os resultados apresentados neste texto referem-se a uma das ocorrências de /r/ final no estudo de Lehisté (1964), qual seja: o /r/ final que ocorre em palavras monossilábicas e monomorfêmicas, como em *bar*, *cure* *lair*, *war*, etc. Lehisté (1964) investiga, também, o /r/ final pós-consonantal, como em *author*, mas esses dados não serão considerados como parâmetro para comparações nesta pesquisa. No texto apresentado pela autora, não há valores de formantes para essa última ocorrência de /r/ em função das diferentes vogais que o antecede, mas apenas uma média geral da frequência dos formantes, cujos valores são: F1: 420 Hz; F2: 1370 Hz e F3: 1600 Hz.

⁶⁴ Para essa comparação, foram utilizadas 176 ocorrências de /r/ final em palavras monossilábicas compostas por uma sequência de CVC. Desse total, 95 palavras foram gravadas por cinco informantes e 81 delas correspondem aos dados coletados junto a um informante (GEP).

⁶⁵ Lehisté (1964, p. 62) apresenta os valores de frequência do /R/ em posição final em função de cinco vogais e três ditongos. Os valores referentes às frequências dos ditongos não serão importantes para as comparações que se pretende fazer nesta pesquisa e, portanto, foram excluídos dessa tabela.

Tabela 2 – Médias dos três primeiros formantes do /r / final em palavras monossilábicas em função das vogais que o precedem. Frequência formântica em ciclos por segundo

Vogal precedente	/r/ final em palavras monossilábicas		
	F ₁	F ₂	F ₃
/ɪ/	425	1335	1575
/ɛ/	460	1330	1600
/ɑ/	535	1320	1630
/ɔ/	485	1205	1515
/u/	440	1215	1505

O trabalho desenvolvido por Hagiwara (1995)⁶⁶ investiga as propriedades acústicas do /ɹ/ aproximante retroflexo do inglês americano, som que, como se sabe, apresenta alofones vocálicos e consonantais⁶⁷ nessa língua. A propósito da caracterização desse rótico, argumenta que esse /R/ é extremamente vocálico e caracterizado por formantes e transições e não por descontinuidades espectrais, como as consoantes.

Tendo o rótico como objeto de estudo, enfoca, em sua análise, a fala feminina e as diferenças na produção dos alofones do /r/ causadas pela diferença do trato vocal⁶⁸ de homens e mulheres. O autor afirma que os formantes da fala feminina não são apenas uma versão escalar dos formantes da fala masculina e argumenta que a região de constrição tem posição diferente no trato vocal de um homem ou de uma mulher: os homens devem fazer a constrição na região velar-uvular enquanto que as mulheres fazem a constrição em uma

⁶⁶ Hagiwara (1995) afirma que os trabalhos sobre o /r/ americano que o antecedeu ignoraram a fala feminina (LEHISTE, 1964), outros coletaram dados de fala feminina, mas excluíram os dados de fala feminina da publicação final (DELATRE; FREEMAN, 1968) e outros contemplaram dados de fala feminina e masculina, mas não consideraram possíveis diferenças em função do sexo (EPSY-WILSON, 1987).

⁶⁷ Hagiwara (1995) investiga os alofones não-silábicos de /r/ em posição inicial e final. Nesta pesquisa, não serão considerados os dados de /r/ inicial devido às características desse segmento, tais como a longa transição inicial, que muito difere das ocorrências do rótico em posição de coda silábica que se quer investigar.

⁶⁸ Segundo Kent; Read (1992), o aparelho fonador médio masculino tem uma extensão de, aproximadamente, 17,5 cm da glote até os lábios. Clark; Yallop (1994), citando dados encontrados em Pickett (1980), informam que o comprimento do trato vocal feminino é cerca de 80 a 90 por cento do trato vocal masculino.

região mais anterior. Ou seja, homens e mulheres articulam a constrição oral durante a produção do /r/ de maneira diferente. Como consequência por terem as mulheres um trato vocal menor, a fala feminina produz formantes com frequências mais elevadas⁶⁹. Uma vez que se assume que os formantes da fala feminina são mais altos do que aqueles da fala masculina, assume-se, também que o F3 de um /r/ produzido por uma mulher não deve estar situado abaixo de 2000 Hz, como propõem alguns estudos, mas que esse F3 apresentaria um abaixamento proporcional.

A tabela 3 apresenta as médias das frequências dos três primeiros formantes do /r/ silábico e do /r/ em posição final para os dados de fala de mulheres e homens:

Tabela 3 – Médias das frequências dos três primeiros formantes do /r/ silábico e final. Frequência em Hz. Desvio padrão entre parênteses.

	/r/ silábico			/r/ final		
	F ₁	F ₂	F ₃	F ₁	F ₂	F ₃
Mulheres	477 (82)	1558 (170)	1995 (347)	532 (128)	1628 (186)	2181 (298)
Homens	429 (40)	1362 (79)	1679 (91)	437 (47)	1392 (127)	1768 (106)

Como pode ser observado, há um efeito significativo sobre os valores dos formantes se se trata de dados de fala de homens ou de mulheres, sendo que os maiores valores de frequência de formantes são atribuídos à fala feminina. Apesar da diferença, as médias de F3 são baixas para os dois alofones do inglês. Para ele, estipular valores de frequência para o F3 em torno de 2000 Hz para o /r/ final é inadequado, tanto para a fala feminina quanto para a fala masculina. Então, resume: “Thus, it would be inaccurate to

⁶⁹ A teoria acústica de produção da fala explica que a extensão do aparelho fonador de um falante determinará a localização relativa das frequências de ressonância. Conforme Kent; Read (1992, p. 15-16), quanto maior o aparelho fonador, mais baixas serão as frequências de ressonância e menores a sua separação em frequência e quanto menor o aparelho fonador, mais altas serão as frequências de ressonância e maiores sua separação em frequência.

describe the F3 of women's final /ɹ/ as 'usually' dropping below 2000 Hz. On the other hand, the traditional 2000 Hz figure is still too high to describe the 'usual' tendency of the male speaker in this study" (HAGIWARA, 1995, p. 76).

Os efeitos das vogais precedentes sobre o rótico também foram observados por Hagiwara (1995) em relação ao /r/ final. Embora o F2 seja o formante mais afetado pela vogal, efeitos semelhantes também foram verificados sobre o F3 do rótico. A análise dos dados mostrou que as frequências de F2 e F3 decrescem, partindo da vogal anterior /i/ em direção à vogal posterior /u/. Assim, as vogais anteriores provocam altas frequências de F2 e F3, enquanto as vogais posteriores suscitam baixas frequências desses formantes no rótico. Com isso, em relação a F2, não há muita diferença do rótico que é realizado diante de /e/ e /i/, assim como não há diferença daqueles que ocorrem diante de /o/ e /u/. Quanto à frequência de F3, ela será alta diante de /i/ e baixa para o /r/ que ocorre diante de /o/ e /u/, por influência do F3 dessas vogais.

4.5.2 Duração

Para analisar as características dos sons da fala, é preciso considerar certas propriedades fonéticas, algumas relacionadas à frequência, outras relacionadas ao tempo, como a duração de segmentos. Segundo Catford (1982), duração, ou quantidade, é um tipo de modificação da articulação. Mas, enquanto a noção de duração faz referência ao domínio fonético, a noção de quantidade é usada na Fonologia quando as diferenças de duração de segmentos ou sílabas são linguisticamente contrastivas.

Em se tratando dos róticos, o parâmetro duração pode ser utilizado para distinção de segmentos como taps e vibrantes, por exemplo. Embora a maioria dos estudos que se dedicam à descrição e a variabilidade dos róticos recorram apenas à análise das frequências dos formantes, por ser um parâmetro mais robusto, as informações alcançadas por meio da diferença duracional dos segmentos não devem ser descartadas, ao menos

inicialmente, pois podem contribuir para a descrição de segmentos e para a caracterização de alofones que porventura existam.

Como exemplo, pode-se citar a pesquisa de Lehisté (1964), em que esse parâmetro pôde contribuir para a distinção entre alofones de /r/ silábico e consonantal em pares como *hungry* e *Hungary*, por exemplo.

Nesta pesquisa, esse parâmetro poderá ser útil, principalmente, para a distinção entre possíveis variantes do rótico, além de poder contribuir para determinar a existência desse segmento em coda final, uma vez que os estudos sociolinguísticos⁷⁰ apontam uma tendência para a não realização do rótico nesse contexto.

4.6 Descrição e análise dos dados: o /R/ campineiro a partir de critérios acústicos

Diante dos objetivos do estudo, buscou-se realizar um estudo fonético-acústico por dois grandes motivos: (i) o resultado da análise acústica poderia ratificar, ou não, a hipótese inicial desse trabalho; (ii) investigações dessa natureza forneceriam resultados mais confiáveis, se comparados com aqueles que se pode obter através da análise de oitiva, e, conseqüentemente, poderiam contribuir para a descrição de um dialeto do PB para o qual não havia nenhum estudo semelhante.

Os róticos investigados nesse estudo encontram-se coarticulados às vogais que os antecedem. Em função da dificuldade em delimitar a vogal e o rótico, estabeleceu-se critérios para a mensuração desses segmentos, conforme descrito no capítulo 3. A partir desses critérios, serão apresentados os resultados obtidos mediante análise das frequências dos formantes e da duração da proposição VR/palavra.

⁷⁰ Os estudos sociolinguísticos realizados por Callou *et al.* (1998, 2002) e Monareto (2000), para o PB, e a pesquisa desenvolvida por Mateus e Rodrigues (2003), para o Português Europeu, constataam que o /R/ em coda final pode ser totalmente suprimido. Vale ressaltar que essas investigações não lidaram com dados do interior paulista.

Através da inspeção acústica, foi possível identificar e catalogar as variantes encontradas nos dados de fala analisados. A descrição dessas variantes e os critérios utilizados para classificá-las serão apresentados, inicialmente. Em seguida, serão exibidos os resultados encontrados mediante análise dos correlatos acústicos selecionados. Por fim, segue uma síntese da análise dos dados.

4.6.1 As variantes do /R/ em coda silábica no falar campineiro

As variantes encontradas nos dados dos doze informantes foram divididas em duas amostras: amostra 1 e amostra 2. Essa divisão foi feita em função do comportamento dos informantes durante a coleta de dados e das variantes encontradas na fala de cada um deles.

A amostra 1 é composta por dados de nove informantes. Nessa amostra, a variante mais freqüente é o /R/ caipira, seguida pela variante vogal rotacizada.

A amostra 2 é formada por dados de três informantes. Esses informantes apresentaram um comportamento peculiar durante a coleta de dados. Dois dos informantes que compõem essa amostra – CL (F – 47 anos) e EG (M – 37 anos) – exibiram variantes (fricativa e tap, respectivamente) de /R/ durante as duas sessões de coleta de dados que não correspondem àquelas que, de fato, são encontradas na fala casual de cada um deles. Além do tap, foi possível encontrar ocorrências do /R/ caipira e um número bastante reduzido do /R/ vocalizado – esta última variante encontrada apenas nos dados de EG. Soma-se a essa amostra, os dados do informante AL (M – 68 anos). Mas, ao contrário daqueles, as variantes mais freqüentes nos dados de fala desse informante (tap e tap aproximante) foram identificadas tanto na primeira quanto na segunda etapa de coleta de dados, bem como na fala casual no ambiente de trabalho, por exemplo. A variante /R/ caipira também foi encontrada nos dados desses informantes, mas em menor número.

As medidas de freqüência dos formantes e da duração da proposição VR/palavra foram extraídas dos dados da amostra 1. Conseqüentemente, apenas os dados dessa amostra foram submetidos à análise estatística.

4.6.1.1 Amostra 1: predominância da variante /R/ caipira

Os dados que compõem essa amostra correspondem àqueles coletados junto a nove informantes. Conforme explicitado no capítulo metodológico, o *corpus* é composto por amostras de fala coletadas em duas etapas – a primeira etapa compreende aquela em que a coleta foi feita através de leituras de palavras e sentenças e a segunda, mediante entrevistas. A análise acústica dos dados desses informantes baseou-se nas amostras coletadas durante a primeira etapa, por dois motivos: (i) o design experimental que orientou a coleta desses dados permite que eles sejam analisados acusticamente com segurança (ii) não há diferenças significativas entre as amostras coletadas durante a primeira e segunda etapa.

A análise acústica das 540 repetições⁷¹ do /R/ em coda silábica medial e final revelou a predominância da variante /R/ caipira, tanto na fala de informantes circunscritos na faixa etária 1 quanto para aqueles localizados na faixa etária 3. Os dados dos informantes GP (M- 20 anos) e JB (F- 56 anos) são exemplos dessa afirmativa. Ambos realizam essa variante em todos os contextos analisados. O /R/ caipira apresenta F3 baixo, em posição medial ou final, mesmo diante de vogais anteriores, como ilustram as figuras 5, para dados de GP e 6 para JB.

⁷¹ Esse número corresponde ao total de ocorrências do /R/ nos dados dos nove informantes. As 60 repetições do /R/ para cada informante (sendo 30 em coda medial e 30 em coda final) distribuem-se em função das cinco vogais selecionadas, conforme ilustra o quadro 2.

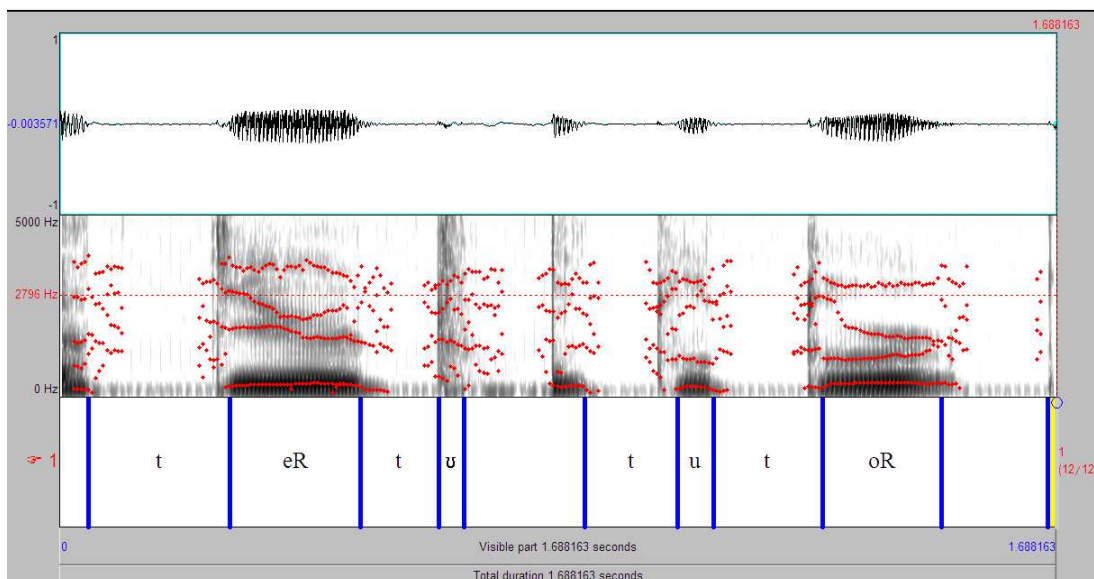


Figura 5 - Espectrograma GP 1: *terto* e *tutor* concatenados

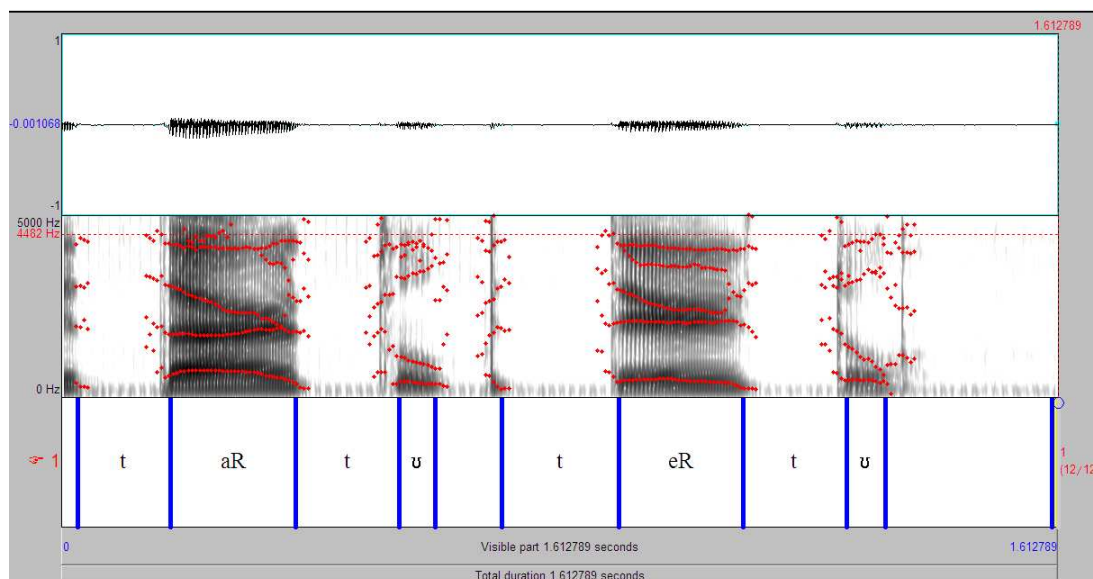


Figura 6 - Espectrograma JB 1: *tarto* e *terto* concatenados

Nos dados dos demais informantes que compõem a amostra 1, o /R/ caipira não é a única variante, assim como ocorre nos dados de GP e JB, mas é a mais frequente. A análise dos dados dos informantes JP (M – 56 anos), LH (F – 54 anos), OE (M- 29 anos), MC (F – 23 anos), TG (F – 20 anos), LB (F – 37 anos) e JC (M – 46 anos), revelou que a

única exceção a essa variante é a existência de vogais rotacizadas. Para os dados dos cinco primeiros informantes, a vogal rotacizada é encontrada em alguns casos em que o rótico se encontra diante das vogais altas /i/ e /u/. O número de ocorrências dessas vogais rotacizadas é pequeno, entre três e seis ocorrências no total de 60 repetições que formam a amostra de cada informante. No entanto, para os dados dos dois últimos informantes, o número de realizações dessa variante é um pouco maior – treze ocorrências nos dados de LB e dezesseis nos dados de JC – e, apesar de ser frequentemente encontrada quando o rótico é antecedido por /i/ e /u/, esses não são os únicos ambientes, pois há vogais rotacizadas nos dados desses dois informantes diante de /e/ (duas ocorrências), /a/ (cinco ocorrências) e diante de /o/ (quatro ocorrências).

Entre as características da vogal rotacizada elencadas por Ladefoged e Maddieson (1996) e por Ladefoged (2001), apenas a primeira delas está presente nos dados analisados, qual seja: F3 baixo⁷². A segunda característica, que corresponde à qualidade da rotacização presente desde o início da vogal, não é encontrada em todas as ocorrências classificadas neste estudo como vogais rotacizadas, pois o que prevalece é a qualidade da vogal, e não do rótico. Uma vez que os valores de formantes dessas vogais diferem daqueles encontrados para as respectivas vogais em sílabas CV, marcadamente pela diminuição dos valores dos três primeiros formantes e, em especial, pela queda de F3, é que se argumenta que essa denominação seja mantida. As análises estatísticas que serão apresentadas a partir do tópico 4.6.2 poderão fornecer resultados que ratifiquem, ou não, a classificação dessa variante como vogal rotacizada. A figura 7 traz dois exemplos da variante vogal rotacizada encontrada nos dados da informante LB (F – 37 anos).

⁷² Seria adequado dizer que o valor de frequência do F3 é relativamente baixo, pois não é tão baixo quanto aquele que se observa para a variante /R/ caipira. Adiante, as médias desses formantes serão averiguadas e comparadas.

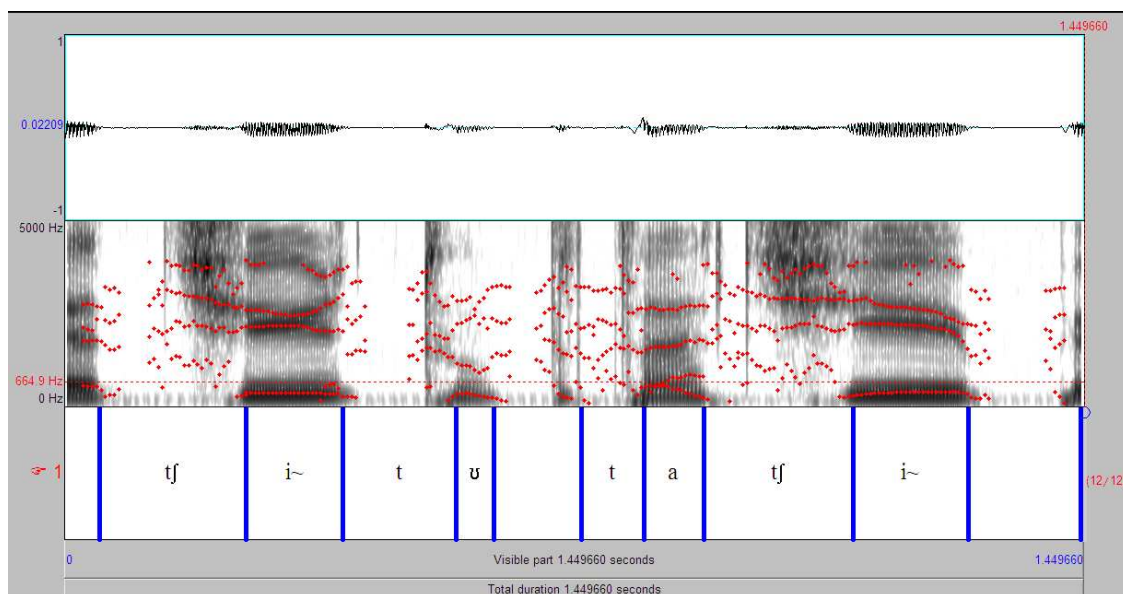


Figura 7 - Espectrograma LB 1: *tirtó* e *tatir* concatenados

A inspeção acústica dos dados dos nove informantes dessa amostra deixa claro que a variante /R/ caipira vigora no falar desses campineiros, tanto em coda medial quanto final, como demonstram os espectrogramas adiante. A figura 8 traz exemplos das realizações do /R/ caipira diante da vogal /a/.

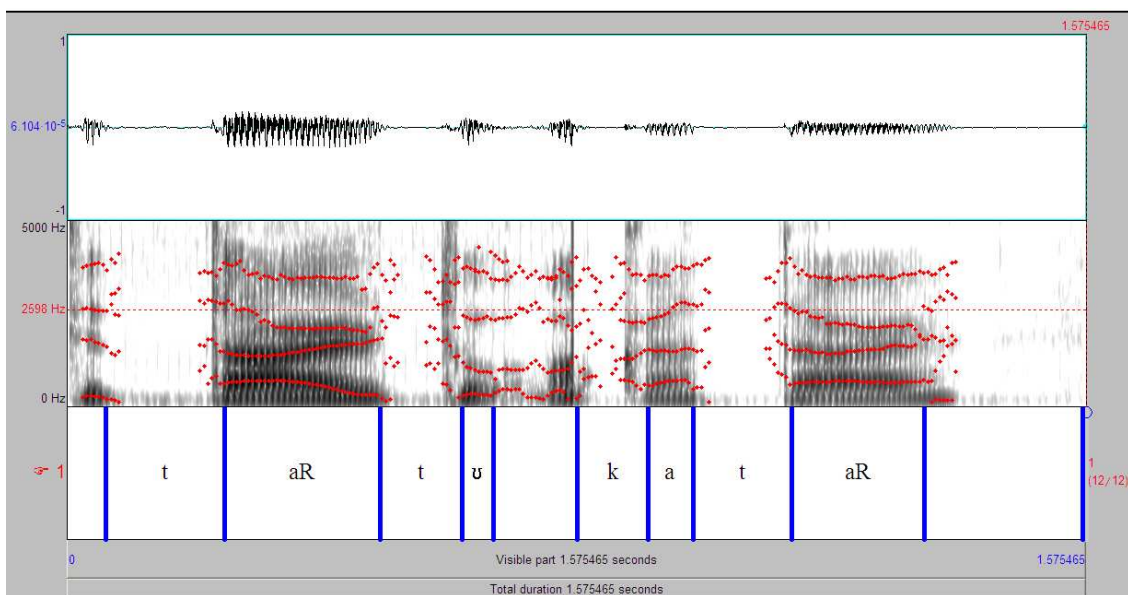


Figura 8 - Espectrograma OE 1: *tarto* e *Qatar* concatenados

Observa-se que há uma queda mais brusca do F3 para o /R/ em coda medial, se comparado ao mesmo segmento em coda final. Ainda assim, percebe-se que o F3 é baixo em todas as ocorrências analisadas em que o rótico se encontra em posição final. Durante a produção da vogal /a/, a posição da língua em termos de altura encontra-se baixa e o corpo da língua ocupa uma posição média (ou central) em relação às outras vogais. A depender da pronúncia, pode estar levemente recuada ou avançada. Os estudos realizados por Hamann (2003) mostram que, quando antecedido pela vogal /a/, não há uma configuração articulatória que dificulte a produção de sons rotacizados, pois a lâmina da língua não está em uma posição anterior e nem o dorso da língua se encontra levantado.

Durante a produção da vogal /e/, por outro lado, o corpo da língua encontra-se em uma posição mais anterior do trato vocal. Por tratar-se de uma vogal média, a elevação da língua não é tamanha ao ponto de impedir o abaixamento de F3. Assim, diante do /e/, a variante /R/ caipira é, frequentemente, produzida como ilustra a figura 9.

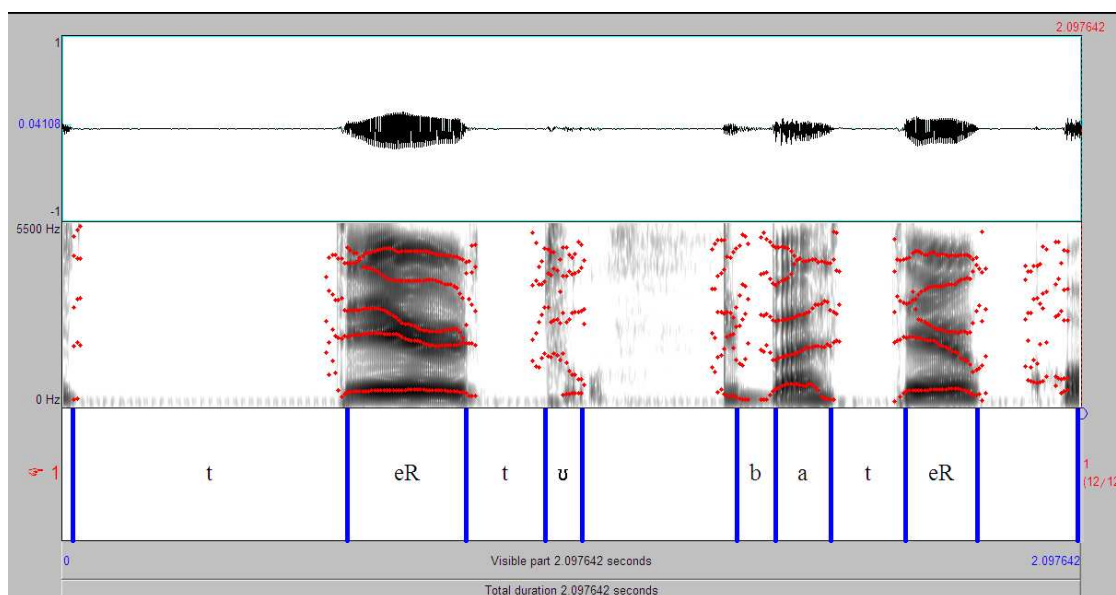


Figura 9 - Espectrograma MC 1: *terto* e *bater* concatenados

O padrão observado para as demais vogais não é o mesmo daquele encontrado quando o rótico é antecedido pela vogal /i/. Auditivamente, há a qualidade do /R/ caipira, mas a configuração formântica não é tão clara, conforme pode ser visto na figura 10.

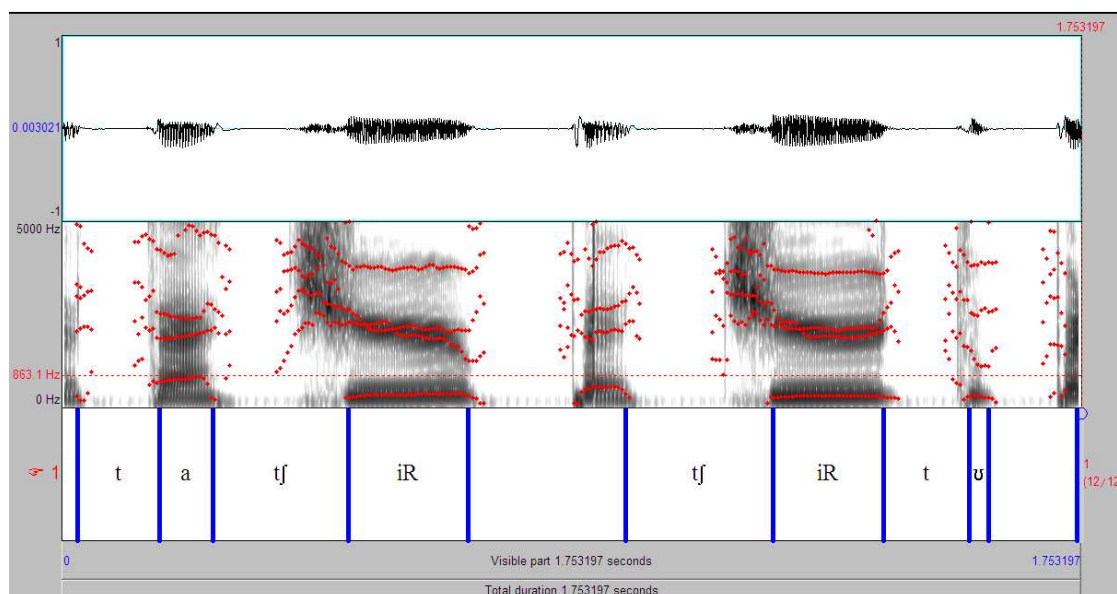


Figura 10 - Espectrograma LH 1: *tatir* e *tírto* concatenados

Durante a produção da vogal anterior /i/, o corpo da língua encontra-se mais anteriorizado, mais alto – se comparado à produção da vogal /e/. Essa disposição da língua é, inerentemente, menos compatível com a posição requerida para a produção de um segmento retroflexo ou arqueado (*bunched*), se comparada com a posição da língua durante a produção de uma vogal neutra, por exemplo, (HAMANN, 2003). Variações como essa foram apontadas por Hamann (2003, p. 16) para segmentos retroflexos produzidos através de diferentes pontos e modos de articulação. Segundo a autora, “the combination of both front vowel and retroflex gesture results in the reduction of either the degree of retroflexion or the frontness of the vowel”.

O padrão formântico da sequência VR (vogal mais rótico) quando a vogal que antecede o rótico é posterior apresenta-se bem definido e é marcado por valores baixos de F3. Para os dados analisados, esses valores são menores quando se trata da vogal média

posterior /o/. Assim, é diante da vogal média posterior /o/, e não da vogal alta posterior /u/, que se percebe com maior nitidez o abaixamento do terceiro formante. As figuras 11 e 12 trazem exemplos da variante /R/ caipira diante de /o/ e /u/, em coda medial e final.

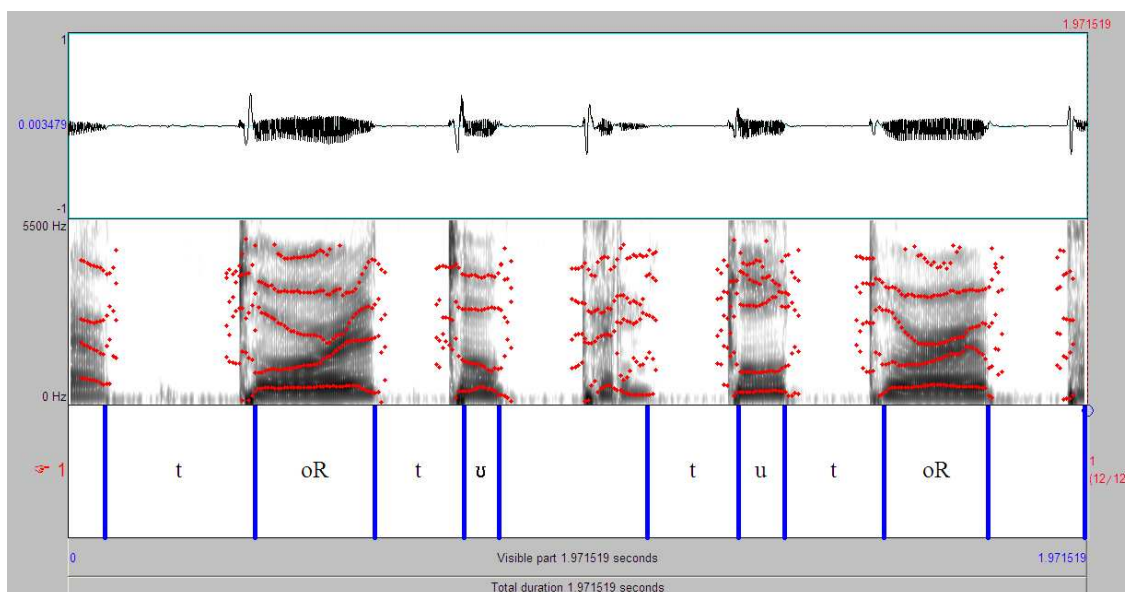


Figura 11 - Espectrograma TG 1: *torto* e *tutor* concatenados

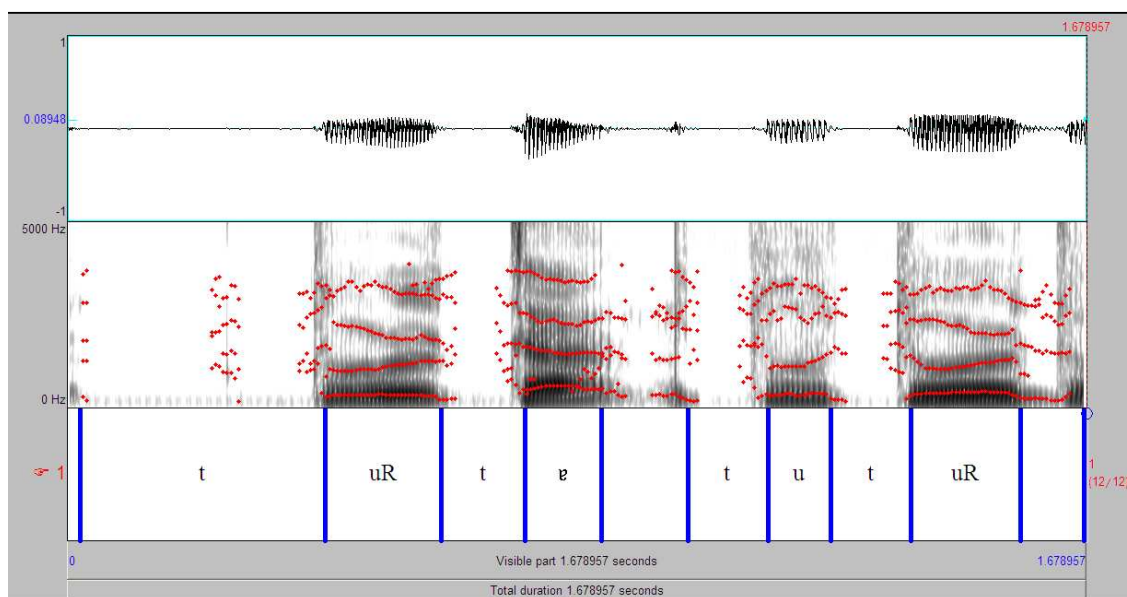


Figura 12 - Espectrograma JP1: *turta* e *tutur* concatenados

Como a retração do corpo da língua é condição necessária para a articulação de segmentos retroflexos ou arqueados (*bunched*) – como demonstram Delattre e Freeman (1968), Hamann (2003), entre outros –, o fato do rótico ser antecedido por uma vogal posterior só contribui para que ocorram valores baixos de frequência do terceiro formante.

Em todos os exemplos ilustrados, exceto na figura 7, o que se vê é o /R/ caipira. A variação na produção desse segmento, verificada através dos espectrogramas, deve-se ao contexto vocálico que antecede o rótico e é, portanto, um efeito da coarticulação entre esses segmentos, podendo ser explicada a partir de critérios articulatórios. Os resultados encontrados por Ladefoged e Bhaskararao (1994) também mostram que a qualidade da vogal altera a estrutura formântica do rótico.

Nos exemplos do /R/ caipira, em que há F3 baixo, o rótico apresenta estruturas formânticas em transição. Característica como essa é típica de segmentos aproximantes. O termo aproximante, segundo Ladefoged (1993), refere-se ao modo de articulação em que há aproximação entre dois articuladores sem que haja turbulência resultante dessa aproximação. O correlato acústico dessa articulação é a presença de estruturas formânticas similares àsquelas encontradas para as vogais, porém transientes. De acordo com o referido autor, esse termo abrange os sons contínuos sem fricção, as semivogais e os sons orais soantes⁷³.

Em função dessas propriedades, é possível definir essa variante do /R/ como aproximante, assim como fez Ladefoged (1993) e Hagiwara (1995), para o inglês e Cagliari (2007)⁷⁴ para o PB. Entretanto, não é possível, a partir de uma análise acústica, fazer afirmações a respeito da articulação envolvida para a produção desse segmento, se retroflexa ou arqueada (*bunched*), por exemplo. Sendo assim, mantém-se a designação /R/ caipira, como já assinalo anteriormente.

⁷³Conforme definição apresentada por Cristal (2000, p. 244), “os sons soantes, articulatoriamente, são aqueles produzidos com um fluxo de ar relativamente livre, e as pregas vocais em tal posição que torne possível uma sonoridade espontânea, como nas vogais, nas líquidas, nas nasais e nas laterais”.

⁷⁴Cagliari (2007, p. 42) denomina a variante do /R/ no dialeto caipira como constrictiva retroflexa. O símbolo fonético usado pelo autor para representar esse segmento é [ɻ].

4.6.1.2 Amostra 2: as variantes encontradas

A análise dos dados da informante CL (F – 47 anos), coletados mediante leitura de palavras e sentenças, revelou que as variantes utilizadas por essa informante podem ser classificadas como uma fricativa posterior. As fricativas, segundo Kent e Read (1992), são identificadas por três características articulatórias: (i) pela formação de uma constrição estreita em algum ponto do trato vocal; (ii) pelo desenvolvimento de um fluxo de ar turbulento e (iii) pela geração de um ruído de turbulência. Como consequência dessas características articulatórias, as consoantes fricativas são definidas, acusticamente, pelo ruído produzido por essa turbulência.

Conforme definição elaborada por Stevens (1976), as fricativas posteriores – velar, uvular e glotal (/x χ h/) – distinguem-se das fricativas anteriores (/f f θ/) e mediais (/s ʃ ç/) devido aos padrões espectrais. Baseado em dados do inglês, afirma que o grupo das posteriores apresenta espectro médio abrangendo uma gama de 4000 a 5500 Hz, exibem estruturas bem marcadas que se assemelham a formantes (‘formant-like’) com picos “formânticos” em torno de 1500 Hz e intensidade na região medial, se comparado aos grupos das fricativas anteriores e mediais, que possuem intensidade nas regiões mais baixas e mais altas, respectivamente. Esses padrões, segundo o autor, são suficientemente seguros para caracterizar o grupo de fricativas posteriores, mas não seguros o bastante para diferenciar os membros de cada grupo, ou seja, para distinguir entre fricativas uvulares e glotais, por exemplo. Após ter estipulado alguns critérios para diferenciar os membros dos demais grupos das fricativas, afirma que, no que se refere às fricativas posteriores, a distinção é incerta. Segundo ele, um critério possível para essa distinção seria o baixo limite de frequência, que estaria relacionado à posterioridade desses segmentos, sendo menor no segmento mais posterior: “possibly the frequency of lower limit of frequency, which becomes progressively lower in the sequence /x χ h/ (that is, progressively further back in place of articulation)” (STEVENS, 1976, p. 144).

Devido a essa dificuldade em distinguir as fricativas posteriores apenas por meio de inspeção acústica, não será possível identificar e classificar todas as variantes⁷⁵ do /R/ em coda silábica realizadas por CL. Certamente, são fricativas posteriores e, portanto, essa será a denominação dada a tais ocorrências.

A análise dos dados de CL(F – 47 anos)⁷⁶ mostra que o /R/ é produzido e claramente percebido, tanto em posição de coda medial quanto final. Em ambas as posições, a variante encontrada para os dados coletados através da leitura de palavras e sentenças foi uma fricativa posterior, conforme ilustram os espectrogramas CL1, em que se lê *tarto*, e CL2, em que se lê *tutor*:

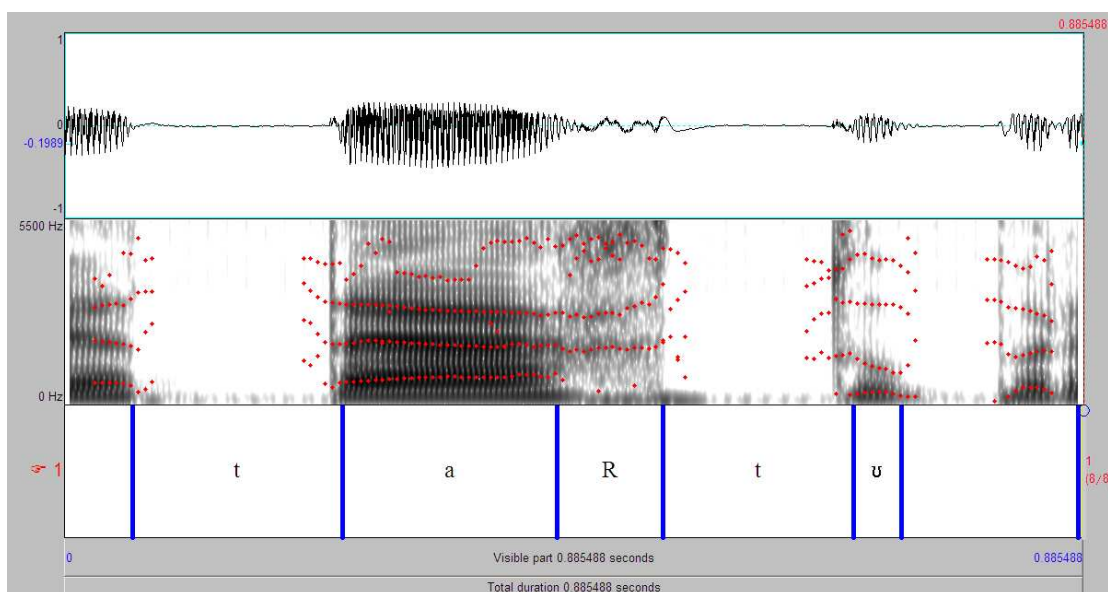


Figura 13 - Espectrograma CL1: *tarto*

⁷⁵ Callou *et al.* (2002) indicam que as variantes posteriores do /R/ (vibrante uvular, fricativas velar ou glotal) são as mais frequentes no RJ, SSA e RE.

⁷⁶ Vale registrar que, tanto CL (F – 47 anos) quanto seus pais, são naturais da cidade de Campinas.

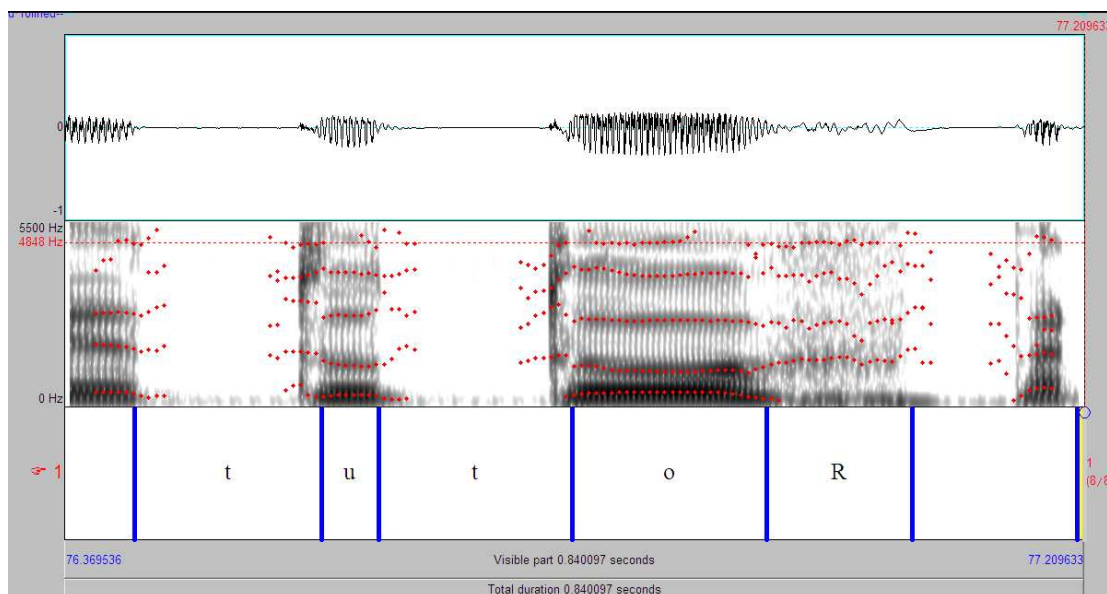


Figura 14 - Espectrograma CL2: tutor

Durante o contato estabelecido entre a pesquisadora e a informante em meses que antecederam a coleta de dados, foi possível observar que CL utilizava, frequentemente, o /R/ caipira em posição de coda silábica. No entanto, durante a primeira etapa de coleta de dados, essa variante não foi sustentada. Ao invés desta, a única variante encontrada ao longo de toda essa etapa de coleta de dados foi a fricativa. Diante de tal comportamento, analisamos, também, os dados coletados mediante entrevista. Como era esperado, a fricativa não foi encontrada em nenhum dos contextos de coda silábica favoráveis à ocorrência do rótico. Ao contrário da fricativa, havia ocorrências do /R/ caipira, conforme ilustra a figura CL3, que segue adiante:

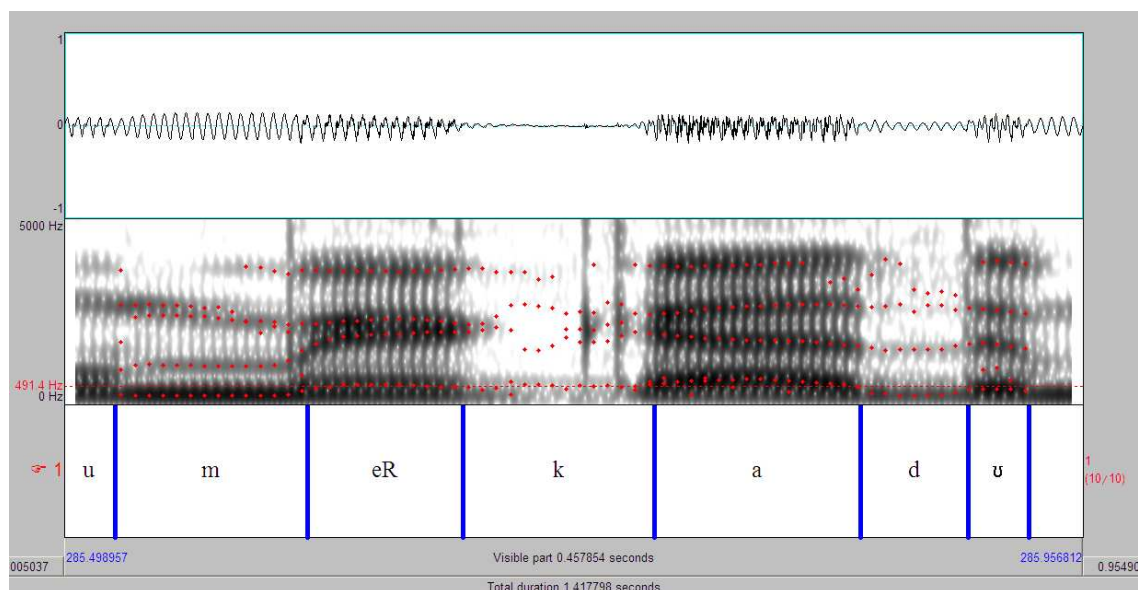


Figura 15- Espectrograma CL3: *mercado*

É possível observar no espectrograma CL3, acima, que há um leve abaixamento do F3 na posição final da seqüência /eR/, além da proximidade entre F2 e F3. Auditivamente, esse exemplo, ilustrado na figura 15, assemelha-se ao /R/ caipira. Apesar de variantes como essa, o que predomina nos dados de CL, por sua vez, é a vogal rotacizada. Nessas variantes, por vezes, prevalece a configuração formântica e a qualidade da vogal, conforme ilustra a figura 16, sendo quase imperceptível a qualidade do rótico.

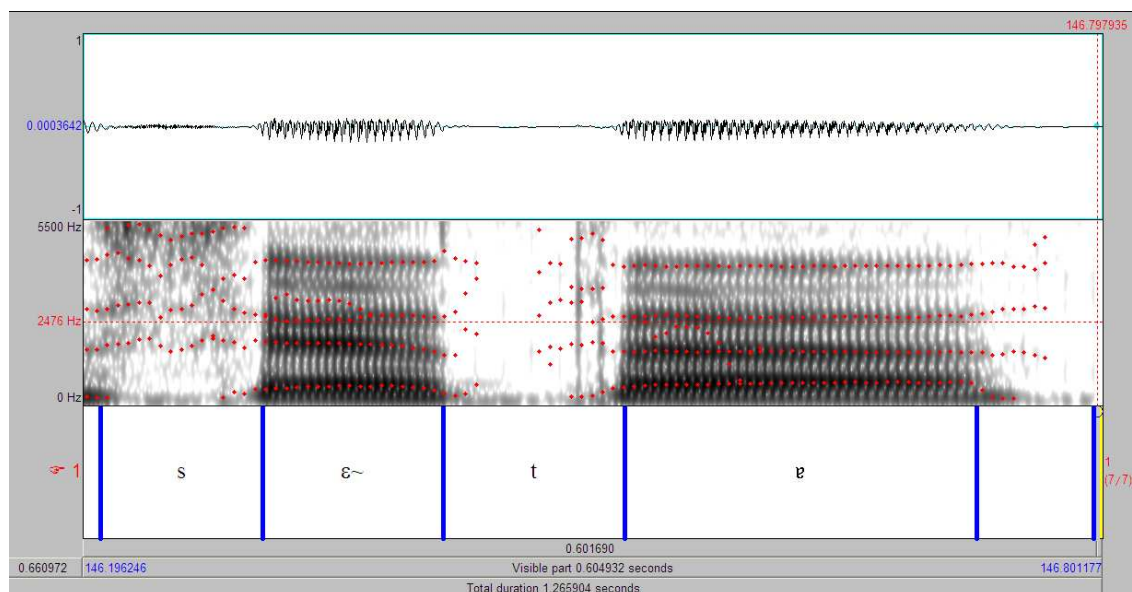


Figura 16 - Espectrograma CL4: certa

Em outros exemplos, a qualidade do rótico é percebida, mas não há uma delimitação clara entre vogal e rótico, como ilustra a figura 17. Em casos como esses, por estarem coarticulados, as frequências das vogais são alteradas, apresentando valores baixos para F3, se comparado com os valores encontrados para as respectivas vogais em sílaba CV, por exemplo. Os valores (em Hz) médios de frequência (para F1, F2 e F3) correspondente a amostras⁷⁷ de fala do sexo feminino para as vogais /e/ e /o/ em sílaba CV são, respectivamente: 416, 2205, 2928 e 402, 997, 2614. Já os valores (em Hz) encontrados, em posição média, para essas mesmas vogais quando rotacizadas foram: 542, 1734, 2294 e 502, 1455, 2257. Como se vê, as vogais, quando rotacizadas, apresentam menores valores de frequência para o F3. Exemplos dessas ocorrências podem ser visualizados na figura abaixo, em que se encontram concatenadas as palavras *orgulho* e *vergonha*, proferidas por CL durante a entrevista:

⁷⁷ Encontram-se, no apêndice B, duas tabelas com valores de frequência (média e desvio padrão) calculados em função do sexo (masculino e feminino) e das vogais (/a e i o u/). Os valores das médias de formantes citadas abaixo se baseiam naqueles registrados nessas tabelas referentes à posição inicial da sequência VR.

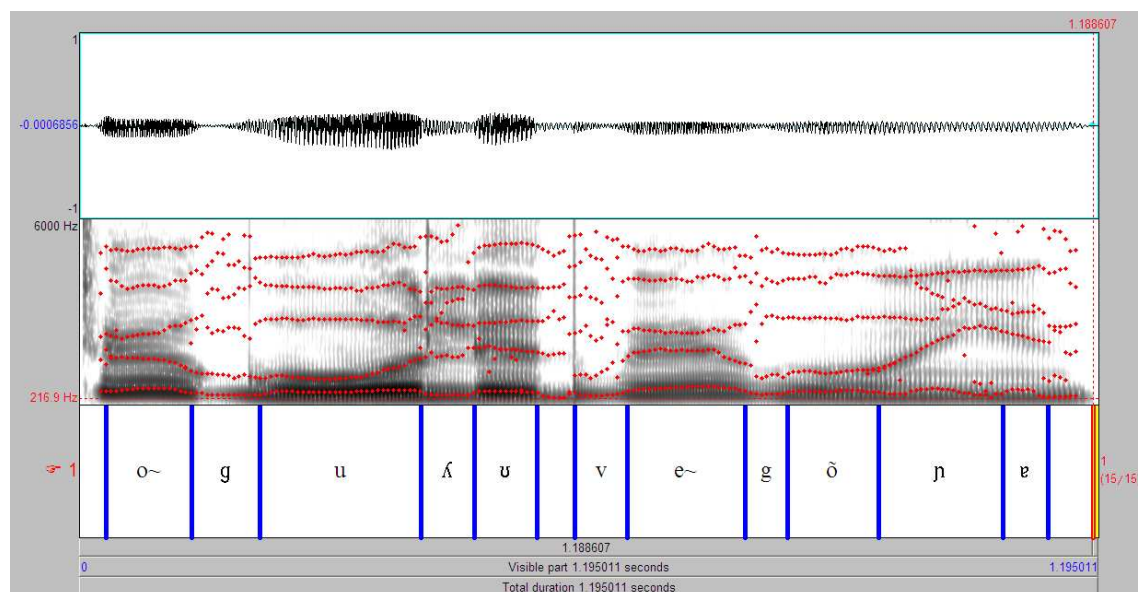


Figura 17 - Espectrograma CL 5: *orgulho e vergonha* concatenados

Assim como CL, o informante EG (M – 37 anos) também elegeu outra variante para a situação de coleta de dados, em detrimento do /R/ caipira. Mas, diferentemente daquela, este informante “optou”⁷⁸ pelo tap, variante recorrente no dialeto paulistano. Nos dados de EG, o uso do tap foi categórico nas amostras coletadas mediante leitura de palavras e sentenças e bastante freqüente durante a entrevista.

Segundo Ladefoged e Maddieson (1996), o tap é um som produzido por meio de um breve contato⁷⁹ entre os articuladores através do movimento do articulador ativo em direção ao céu da boca. Esse som é freqüentemente produzido pelo movimento direto da ponta da língua em direção à região dental ou alveolar. O correlato acústico do tap é a

⁷⁸ Evidências para essa afirmação serão apresentadas no próximo capítulo, quando serão apresentados os depoimentos dos informantes, bem como de EG (M – 37 anos).

⁷⁹ A duração da oclusão de um tap alveolar no catalão, conforme informa Recasens (1991), é de 20 a 30 ms. Para o PB, Silva (1996) aponta que há diferença no padrão duracional dos taps que se encontram em posição intervocálica, em grupos ou em posição final. A média encontrada para taps em posição final foi de 26 ms. Esses resultados foram apresentados em função do início e do final do fechamento do tap, pois essa foi a estratégia adotada pela autora para a referida mensuração. Assim, para o tap em posição final, o início do fechamento corresponde a uma média de 17 ms (desvio padrão 5 ms), enquanto para o final do fechamento a média encontrada foi de 9 ms (desvio padrão de 3 ms). Ao somar os valores encontrados para a porção inicial e final do fechamento do tap, tem-se, então, que a duração da oclusão do tap em posição final para os dados analisados gira em torno de 26 ms.

descontinuidade espectral, resultado da breve oclusão, além da diminuição da amplitude da onda sonora, se comparado com a amplitude de uma vogal, por exemplo.

A realização do tap nos dados do informante EG (M – 37 anos) é encontrada tanto em coda medial quanto em coda final, como ilustra a figura 18.

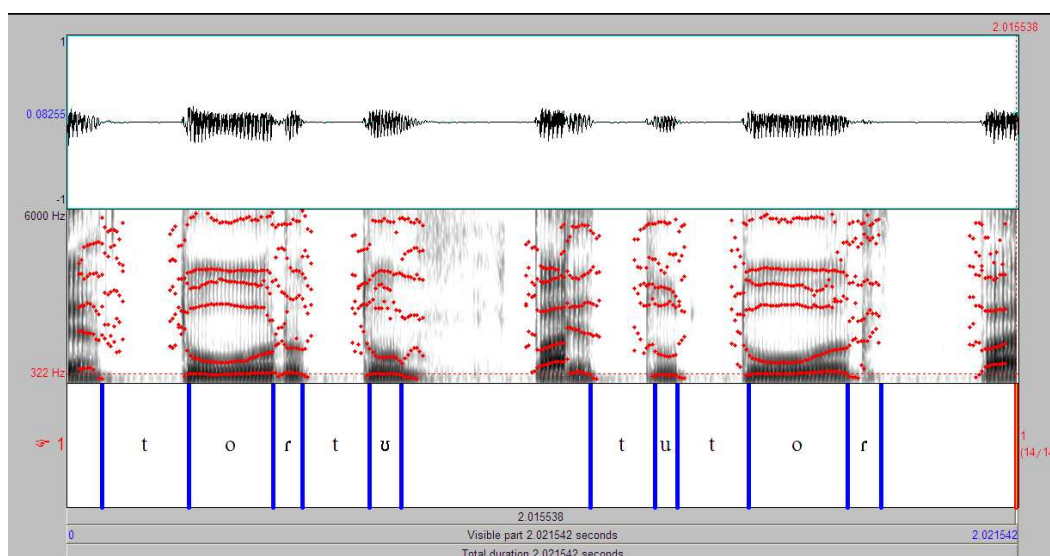


Figura 18 - Espectrograma EG 1: *torto* e *tutor* concatenados

Como pode ser visualizado no espectrograma EG1, há a realização de taps, identificados por espaços em branco no espectrograma, resultado da breve oclusão durante a sua produção. A essa oclusão, corresponde uma baixa amplitude da onda sonora. Em seguida, há a produção de um elemento de qualidade vocálica⁸⁰.

Durante a entrevista, o tap é uma das variantes utilizadas pelo informante EG. Além desta, há algumas realizações do /R/ caipira, como ilustra as figuras 19 e do /R/ vocalizado, representado na figura 20.

⁸⁰ Silva (1996, p. 68) denomina esse elemento de qualidade vocálica de “abertura oral”. Segundo a autora, é possível observar esse elemento precedendo ou sucedendo o tap, caso ele ocorra em grupos ou em final de palavras. No exemplo da figura 4.7, o tap encontra-se em posição de coda silábica e, portanto, verifica-se a realização desse elemento vocálico à direita do tap.

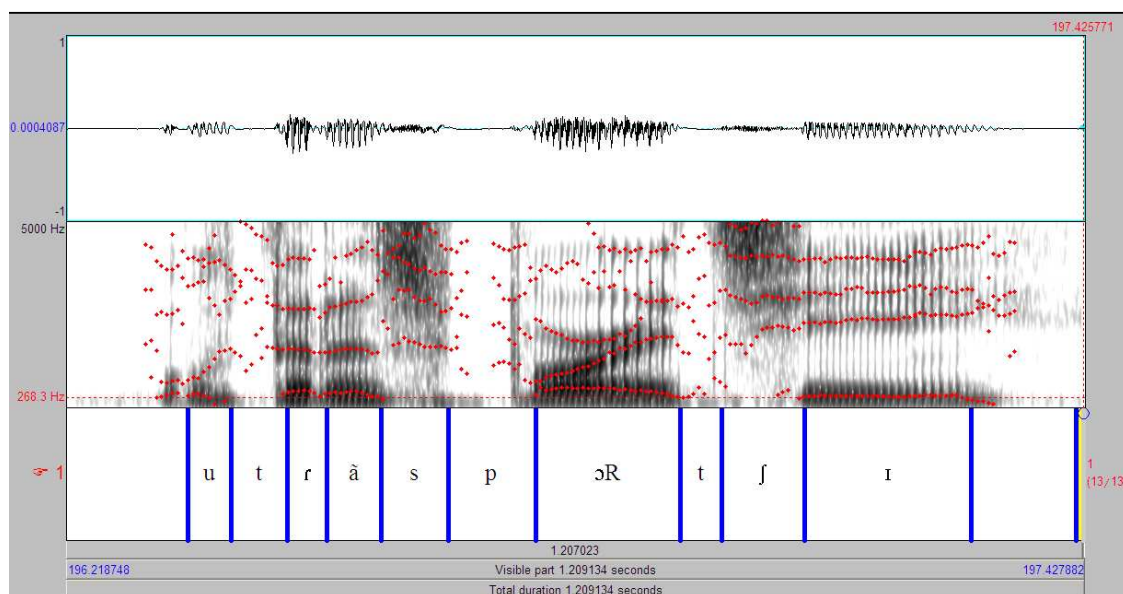


Figura 19 - Espectrograma EG 2: o transporte

Como se vê no espectrograma EG2, em que se lê *o transporte*, há evidências acústicas do /R/ caipira, qual seja: queda de F3. Se comparado ao exemplo ilustrado na figura 15 (espectrograma CL3: *mercado*), em que se tem uma vogal anterior antecedendo o rótico, vê-se que no espectrograma da informante CL o deslocamento de F3 não é tão perceptível quanto aquele que se observa quando a vogal que antecede o rótico é posterior, como o exemplo da figura 19, acima.

Por outro lado, nos exemplos em que o rótico ocorre diante da vogal central baixa /a/, como ilustra o espectrograma EG3 – cuja transcrição corresponde à palavra *parque*, verifica-se que tanto o F2 quanto o F3 sobem, característica do /R/ vocalizado, conforme descrito em Leite (2008).

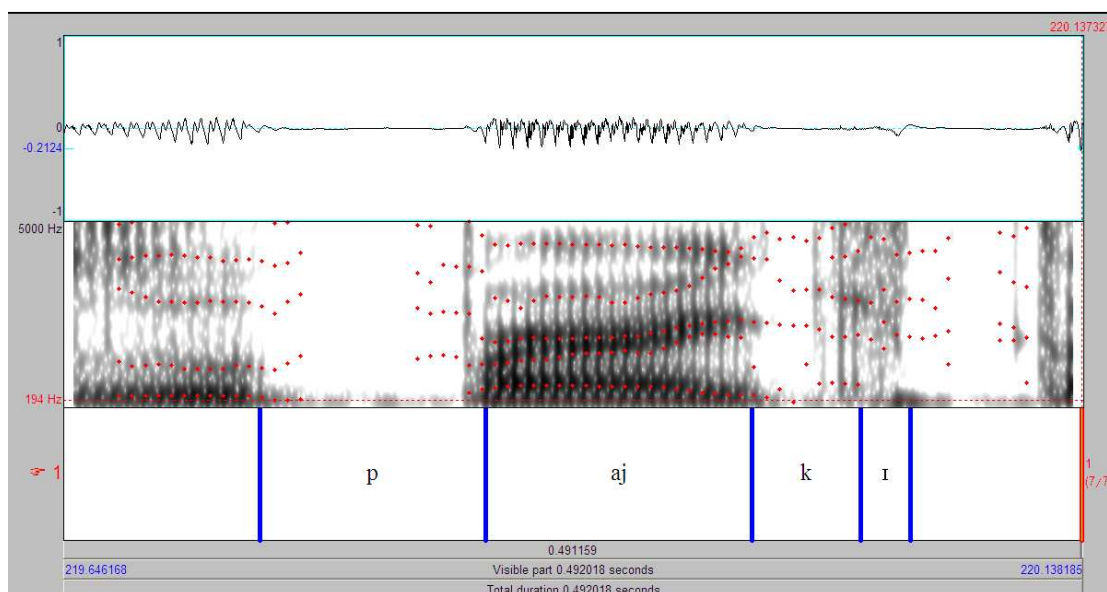


Figura 20 - Espectrograma EG3: *parque*

Por se tratar de dados coletados por meio de entrevistas, o número de ocorrências do rótico em coda silábica não é suficiente para que seja feita uma análise mais detalhada das variantes encontradas nem para que generalizações sejam estabelecidas. Entretanto, é importante observar que há similaridades entre os resultados encontrados para os dados do informante EG (M – 37 anos) e aqueles descritos por Leite (2008)⁸¹. Nesse estudo, por exemplo, constatou-se que havia vocalização do /R/ diante das vogais /a/ e /e/, mas não diante das vogais posteriores /o/ e /u/.

A análise das amostras de fala do informante AL (M – 68 anos) obtidas durante a primeira etapa de coleta de dados, por sua vez, revelou que, além do tap, esse informante pronuncia com frequência um tap aproximante. Ao contrário do que foi verificado para CL (F – 47 anos) e EG (M – 37 anos), há certa coerência entre as amostras coletadas na primeira e na segunda etapa de coleta de dados. Em ambas, a variante mais frequente é o tap aproximante. Exemplos do tap, em coda silábica medial e final, podem ser vistos na figura 21.

⁸¹ Para esse estudo, foram selecionados dados de fala de uma informante natural da cidade de São José do Rio Preto (SP).

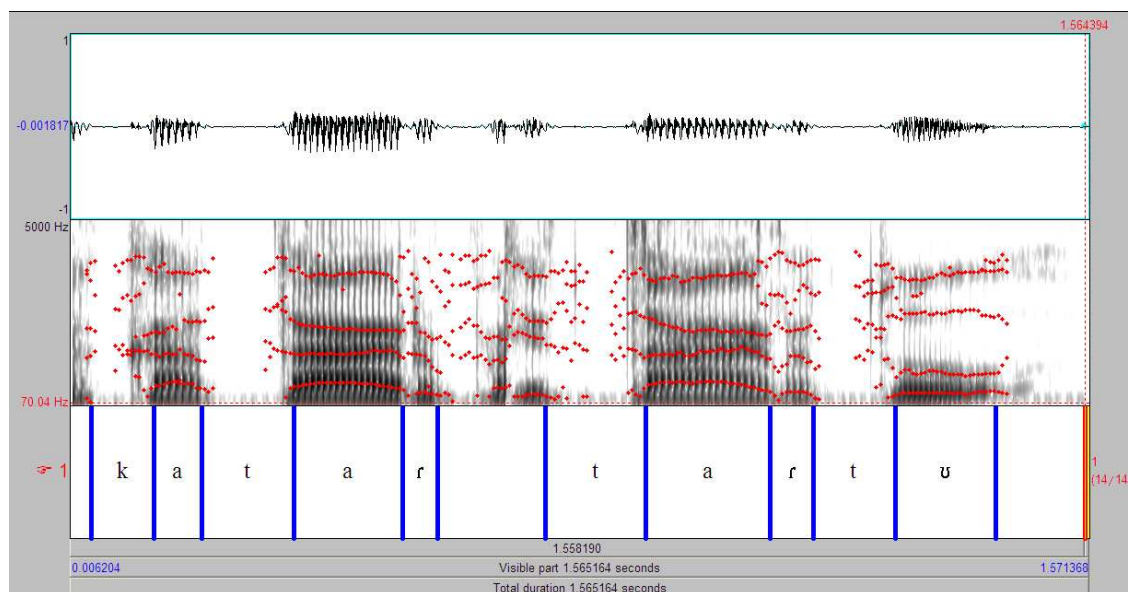


Figura 21 - Espectrograma AL1: *Qatar* e *tarto* concatenados

A variante mais frequente nos dados de fala do informante AL (M – 68 anos), como dito, é o tap aproximante. Sendo um aproximante, o correlato acústico dessa variante caracteriza-se pela presença de estruturas formânticas variáveis que podem ser comparadas àquelas encontradas para as vogais. Diferentemente do tap clássico, ilustrado na figura 21, essa variante caracteriza-se por não apresentar descontinuidade espectral. Como não há uma oclusão, há regularidade na forma de onda, embora com amplitude inferior à vogal que o antecede. Auditivamente, há semelhanças com o tap clássico. A figura 22 ilustra o tap aproximante.

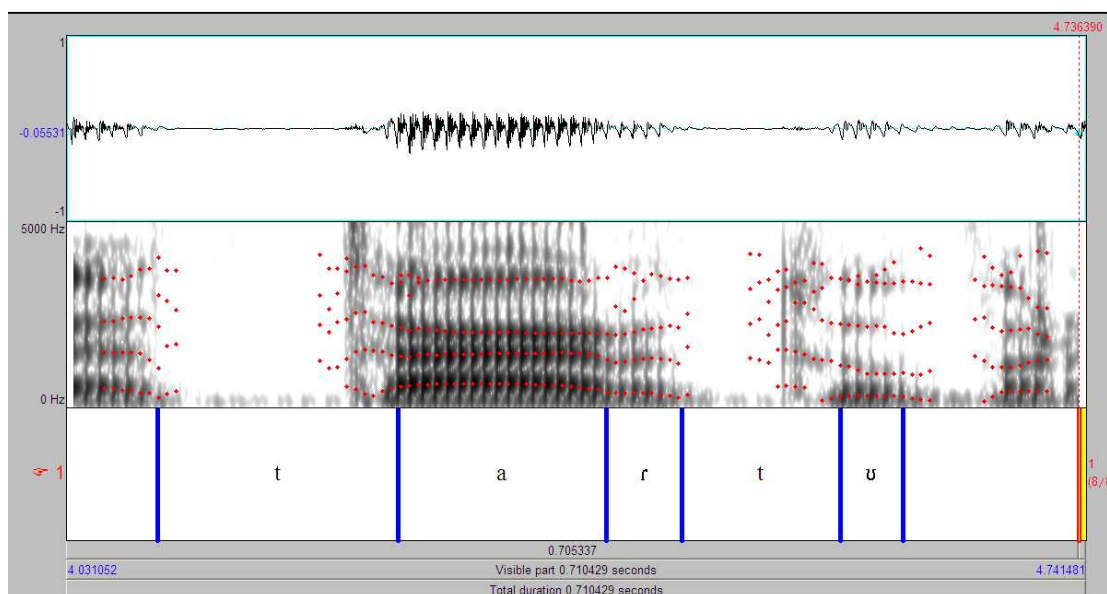


Figura 22 - Espectrograma AL 2: *tarto*

Ao longo de toda a conversa, nos vários encontros mantidos durante o período de dois anos, poucas foram as ocasiões em que emergiam, em sua fala, a realização do /R/ caipira. As poucas ocorrências dessa realização, encontradas apenas nos dados coletados através da entrevista, foram ouvidas, inspecionadas acusticamente, mas não foram mensuradas devido ao número reduzido de repetições. Nos dados do informante AL (M – 68 anos), portanto, prevalece a realização do tap aproximante, seguida do tap clássico e, em menor número, há registros do /R/ com F3 baixo, tal qual ilustrado na figura 23.

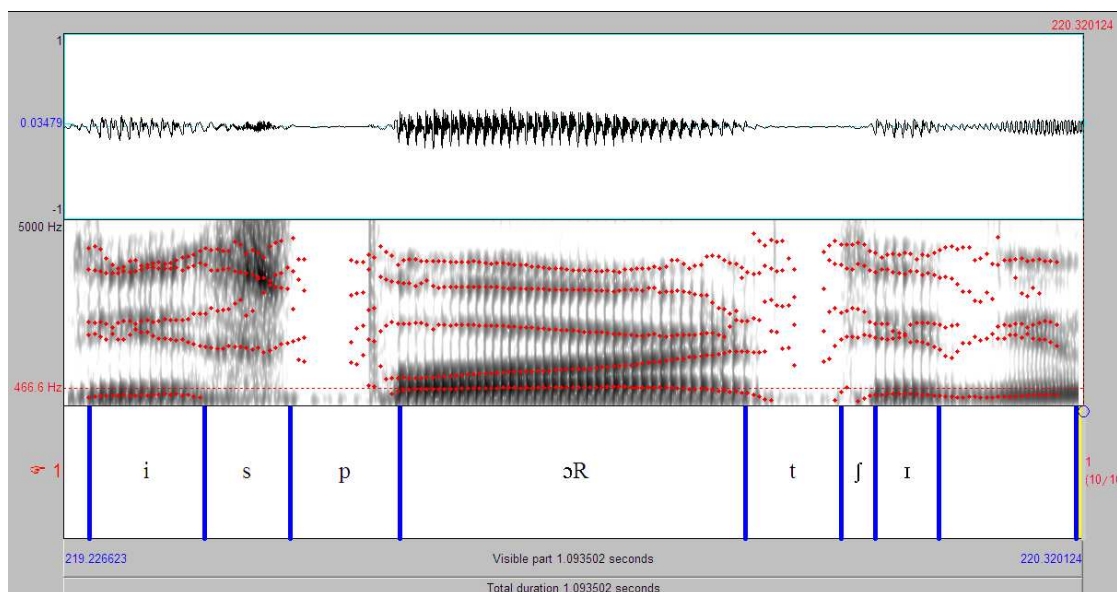


Figura 23 - Espectrograma AL3: *esporte*

O comportamento desses três informantes apresenta uma característica em comum que os distingue dos demais informantes entrevistados: todos eles evitam pronunciar o /R/ caipira durante as etapas de leitura de sentenças e palavras, mas não conseguem evitar que essa variante apareça ao longo das entrevistas. Durante essas sessões de entrevista, bem como das situações de conversa casual travadas em situações quotidianas no ambiente de trabalho desses informantes, foi possível perceber que o /R/ caipira estava presente na fala de CL (F – 47 anos) e EG (M – 37 anos), mas não tão evidente nos dados de AL (M – 68 anos).

A figura 24 traz um gráfico que resume a distribuição das variantes encontradas no *corpus* analisado. Como é possível observar, a variante mais frequente é o /R/ caipira, seguida pela vogal rotacizada. Registra-se, ainda, a realização do /R/ vocalizado, encontrada apenas nos dados de dois informantes.

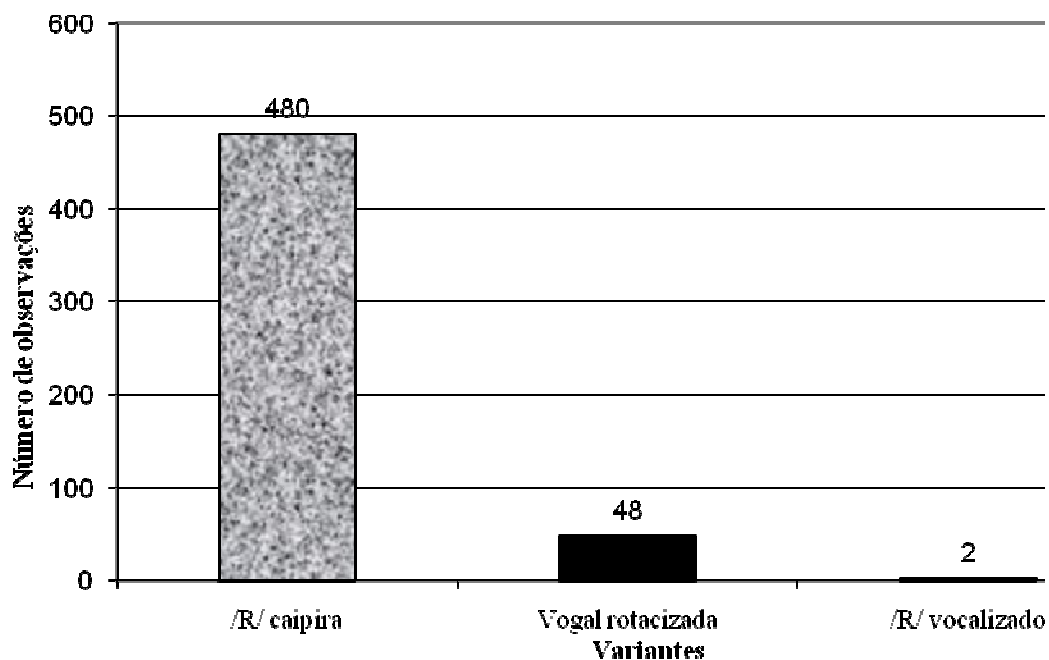


Figura 24- Distribuição das variantes no *corpus*

4.6.2 Frequência dos formantes

Uma vez apresentados os resultados obtidos através da inspeção acústica, resta dar continuidade à análise dos correlatos acústicos selecionados (frequência dos três primeiros formantes da sequência VR (vogal seguida do /R/ caipira) e duração da proposição VR/palavra). No que se refere aos valores de frequência de formantes, estes foram mensurados a partir de três posições – posição inicial (PI), posição medial (PM) e posição final (PF). Os resultados serão apresentados, a partir dessas posições, em função das seguintes variáveis: (i) posição silábica – coda medial ou final; (ii) tipo de estímulo e número de repetição; (iii) tipo de vogal; (iv) sexo; (v) faixa etária e (vi) escolaridade. Os resultados obtidos através dos testes estatísticos encontram-se no apêndice C.

Em seguida, serão apresentados os resultados das análises estatísticas em que se comparam as médias das frequências dos formantes das variantes classificadas como vogais

rotacizadas com as médias das frequências dos formantes do /R/ caipira e das vogais em sílaba CV a fim de buscar evidências que possam sustentar, ou não, a referida classificação dessa variante como vogal rotacizada.

4.6.2.1 Frequência dos formantes: coda medial ou final

A inspeção acústica dos dados revelou que o rótico é produzido tanto em coda medial quanto em coda final. A análise estatística das frequências dos formantes realizada através do teste Kruskal-Wallis não indicou diferença estatisticamente significativa na soma de postos em relação à posição de coda para a PI e PM, mas aponta diferença em relação ao F2 medido em PF, cuja média de frequência de formantes é menor para o /R/ caipira em coda final. Entretanto, não há diferença significativa ($p = 0,35$) para as frequências formânticas do F3 em PF o que mostra que esse rótico é produzido mesmo em coda final, como pode ser visto através dos valores apresentados na tabela 4. Esse resultado confirma a impressão de oitiva, bem como as características formânticas observadas através da inspeção acústica.

Tabela 4 – Resultados encontrados para F3 em função da variável coda silábica

Posição	Coda	N	Média (Hz)	Desvio-padrão (Hz)	Soma de postos	p
PI	Medial	248	2548	295	60.252	0,62
	Final	231	2528	319	54.709	
PM	Medial	248	2194	224	60.239	0,57
	Final	230	2185	261	54.242	
PF	Medial	248	2096	232	60.918	0,35
	Final	231	2070	227	54.041	

O /R/ em coda final pode ser suprimido, fato que pode ser constatado tanto no PB (CALLOU *et al.* 1998, 2002), quanto no PE (MATEUS; RODRIGUES, 2003). As

pesquisas realizadas por Callou *et al* (1998, 2001) revelam que o apagamento do /R/ está presente em todos os extratos sociais e na maioria dos dialetos do Brasil, o que leva os autores a afirmar que se trata de uma mudança em progresso. Os dados de apagamento de /R/ retratados por Oliveira (1997, p. 56) também mostram que esse processo é quase categórico quando se trata de /R/ final em verbos (95,4% de apagamento para os dados analisados) e ainda incipiente quando se trata do /R/ final em nomes (6,08% de apagamento, excluindo as ocorrências da palavra *porque*), mas lembra que o processo de apagamento em nomes “vai se fixando no português”.

A análise dos dados coletados junto a campineiros, que representam o dialeto paulista, mostra que não há apagamento do rótico e, portanto, a variante /R/ caipira é pronunciada, mesmo em coda final, por todos os informantes entrevistados. Vale ressaltar que o *corpus* desta pesquisa é composto, primordialmente, por nomes. Resta a tarefa de investigar o comportamento dos róticos em verbos junto ao dialeto paulista, tanto em coda medial quanto em coda final, para que se possa comparar os resultados de investigações dessa natureza aos resultados encontrados nas pesquisas realizadas por Callou *et al* (1998, 2001), Oliveira (1997) e Monaretto (2000), entre outros não citados aqui.

4.6.2.2 Freqüência dos formantes em relação aos fatores: tipo de estímulo (palavra ou sentença) e número de repetição (1, 2 ou 3)

As análises estatísticas em função dos fatores tipo de estímulo e número de repetições foram feitas com o intuito de observar possíveis diferenças entre as realizações dos róticos da sequência VR que constavam nas palavras-alvo inseridas em frase veículo (a que referimos como leitura de palavra) e em sentenças. O teste Kruskal-Wallis não indicou diferença estatisticamente significativa na soma de postos em relação a palavras e sentenças para a PI, PM e PF⁸².

⁸² Vale registrar que para F3 em PF o valor de $p = 0,05$, valor limite, uma vez que o nível de confiança adotado foi de 5%, ou seja, $\alpha = 0,05$. Portanto, para $p \leq 0,05$, assume-se que não há diferença significativa. Os resultados referentes a essas análises encontram-se no apêndice C.

O teste Kruskal-Wallis também não indicou diferença estatisticamente significativa na soma de postos em relação ao número da repetição para as três posições, o que indica que houve consistência nas três repetições das palavras-alvo.

Esse resultado permite que os dados coletados através das leituras das palavras-alvo, em frase veículo e em sentenças, sejam agrupados para as análises que serão apresentadas a seguir.

4.6.2.3 Frequência dos formantes e o fator tipo de vogal (/a/, /e/, /i/, /o/, /u/)

A análise estatística das frequências dos formantes da sequência VR revelou que os diferentes padrões acústicos dessa sequência, já observados durante a inspeção dos espectrogramas, estão intimamente relacionados às vogais que antecedem o rótico. O teste Kruskal-Wallis indicou diferença estatisticamente significativa ($p \leq 0,05$) na soma de postos de F1, F2 e F3 em função das vogais (/a/, /e/, /i/, /o/, /u/) para as três posições (PI, PM e PF). Essas diferenças são atribuídas à estreita relação entre vogais e róticos, responsável pela variabilidade do /R/ caipira.

O teste Mann-Whitney foi aplicado para localizar as diferenças apontadas como significativas. Essas diferenças ocorrem devido às distintas vogais que compõem a sequência VR (/a/, /e/, /i/, /o/, /u/) e que estão sendo comparadas entre si. Sendo assim, os resultados, que constam no apêndice C, apontam para diferenças de frequências que resultam das diferentes articulações do trato vocal requeridas para a produção das respectivas vogais, pois, conforme prevê a Teoria acústica de produção da fala, os valores de frequência⁸³ encontrados para F1 e F2 refletem as distintas configurações de abertura do trato vocal e recuo da língua, respectivamente. As médias das frequências dos formantes

⁸³De acordo com Kent; Read (1992), a frequência de F1 varia inversamente em relação à altura da língua, enquanto a frequência de F2 varia em relação à dimensão anterior-posterior da articulação das vogais. Essa variabilidade mostra que há uma correspondência acústico-articulatória, de modo que a frequência de F1 tende a abaixar na medida em que há fechamento do trato vocal e, conseqüentemente, elevação do corpo da língua; enquanto a frequência de F2 aumenta quando a posição da língua se move para frente.

para F1, F2 e F3 em função das vogais, mensuradas na PI, PM e PF⁸⁴, são apresentadas na tabela 5.

Tabela 5 – Médias das frequências de F1, F2 e F3 para VR em função das vogais na PI, PM e PF

Posição	Vogal	N	PI		PM		PF	
			Média (Hz)	Desvio-padrão (Hz)	Média (Hz)	Desvio-padrão (Hz)	Média (Hz)	Desvio-padrão (Hz)
F1	[a]	101	665	84	678	91	533	90
	[e]	100	391	55	410	57	408	63
	[i]	76	305	59	350	59	341	52
	[o]	104	381	51	419	55	404	62
	[u]	98	322	58	355	62	353	57
F2	[a]	101	1644	166	1663	154	1699	158
	[e]	100	2081	205	1945	220	1766	233
	[i]	76	2052	190	1910	212	1782	243
	[o]	104	999	118	1105	126	1356	202
	[u]	98	1018	149	1078	198	1427	286
F3	[a]	101	2542	289	2178	201	2117	209
	[e]	100	2760	292	2328	271	2186	216
	[i]	76	2551	276	2272	245	2157	218
	[o]	104	2466	279	2095	214	1959	208
	[u]	98	2376	257	2097	185	2018	219

A correspondência entre altura da língua e frequência do F1 é mantida mesmo em PF, de forma que as vogais altas das seqüências VR são aquelas que apresentam menores valores de frequência para o F1.

No que se refere ao F2 da PM e PF da seqüência VR, a análise estatística mostra que há uma similaridade das médias das frequências entre as vogais posteriores /o/ e /u/ e entre as vogais anteriores /e/ e /i/, enquanto que, diante da vogal central /a/, as médias encontradas para o F2 apresentam valores de frequência intermediários entre aqueles encontrados para as posteriores e para as anteriores.

⁸⁴ As médias das frequências dos formantes na PF referem-se ao rótico, enquanto as médias da PI caracterizam a vogal. As médias da PM dizem respeito à transição da seqüência VR e, na maioria das vezes, se aproxima mais das características do rótico do que da vogal.

A frequência de F2 está associada ao recuo da língua durante a produção da vogal de tal forma que, quanto menos recuado está o corpo da língua, mais alto é o F2. Assim, se há um aumento de F2, significa que, durante a trajetória VR, a língua se move para frente e, em decorrência, o F2 se aproxima de F3, esse parece ser o comportamento do F2 da sequência VR na PM e PF quando vogais posteriores antecedem o rótico. Por outro lado, diante das vogais anteriores /e/ e /i/, o movimento inverso ocorre e o que se observa é um leve declínio de F2. Como pode ser visualizado na figura 25.

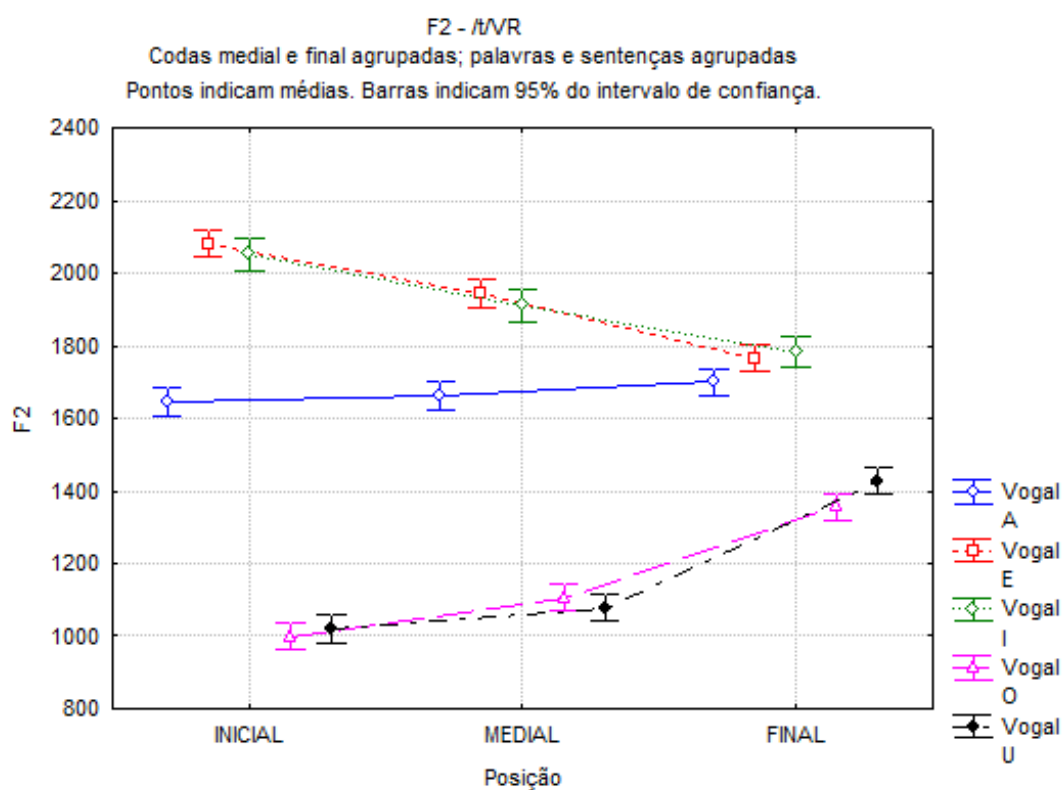


Figura 25 – Médias das frequências de F2 em função das vogais em PI, PM e PF

Quanto ao F3 da sequência VR na PM e na PF, que corresponde à variante /R/ caipira, verifica-se que não há diferença estatística em relação à frequência do terceiro formante quando antecedido pelas vogais posteriores /o/ e /u/ – apresentando os menores valores de F3 – e quando antecedido pelas vogais anteriores /e/ e /i/ – com os maiores

valores de F3. Assim, tanto F2 quanto F3 mensurados na PM e na PF da sequência VR exibem um padrão semelhante: as análises estatísticas não apontam diferença significativa para esses formantes quando antecidos pelas vogais posteriores (/o/, /u/) ou quando antecidos pelas vogais anteriores (/e/, /i/). Resultado semelhante a esse foi encontrado por Hagiwara (1995), tanto para o F2 quanto para o F3 do /r/ final no inglês americano. Hamann (2003) também afirma que a frequência do terceiro formante de sons retroflexos é menor se estes se encontram próximos a uma vogal posterior.

As médias das frequências do F₃ na PM e na PF, quando o rótico é antecido pela vogal central baixa /a/, no entanto, diferem. Na PM, as médias das frequências exibem um padrão intermediário, se comparado ao padrão encontrado quando as vogais que antecidem o rótico eram posteriores ou anteriores. Segundo Hagiwara (1995), as médias das frequências do F₃ do /r/ final, quando este é antecido por /a/, também apresentam um padrão intermediário. Sendo assim, este resultado apontado pelo autor é semelhante àquele que foi encontrado nesta pesquisa para o F₃ na PM.

Por outro lado, o F3 na PF, quando o rótico é precedido pela vogal /a/, difere estatisticamente daquele encontrado quando o /R/ é precedido pelas vogais posteriores (/o/ e /u/), mas não difere das vogais anteriores /e/ e /i/. Com isso, pode-se afirmar que os valores de frequência do F3 na PF – que corresponde aproximadamente ao /R/ caipira – quando este é antecido pelo /a/, são similares aos valores encontrados para esse formante quando o rótico é antecido pelas vogais anteriores /e/ e /i/.

A respeito do F3, observa-se, ainda, que as médias das frequências do /R/ caipira, medidas em PF, decrescem para todas as vogais comparadas neste estudo. Os maiores valores de F3 são encontrados quando o rótico é precedido pela vogal alta /i/ enquanto os menores valores são aqueles em que o rótico é precedido pela vogal posterior /o/. Mais uma vez, esse resultado se assemelha àquele descrito por Hagiwara (1995). Essa gradação reflete a possível constrição na região posterior do trato vocal que confere a qualidade de roticidade – nos termos de Hagiwara – ao rótico. Para melhor visualização, os valores das frequências de F3 em PF em função das vogais são apresentados na figura 26.

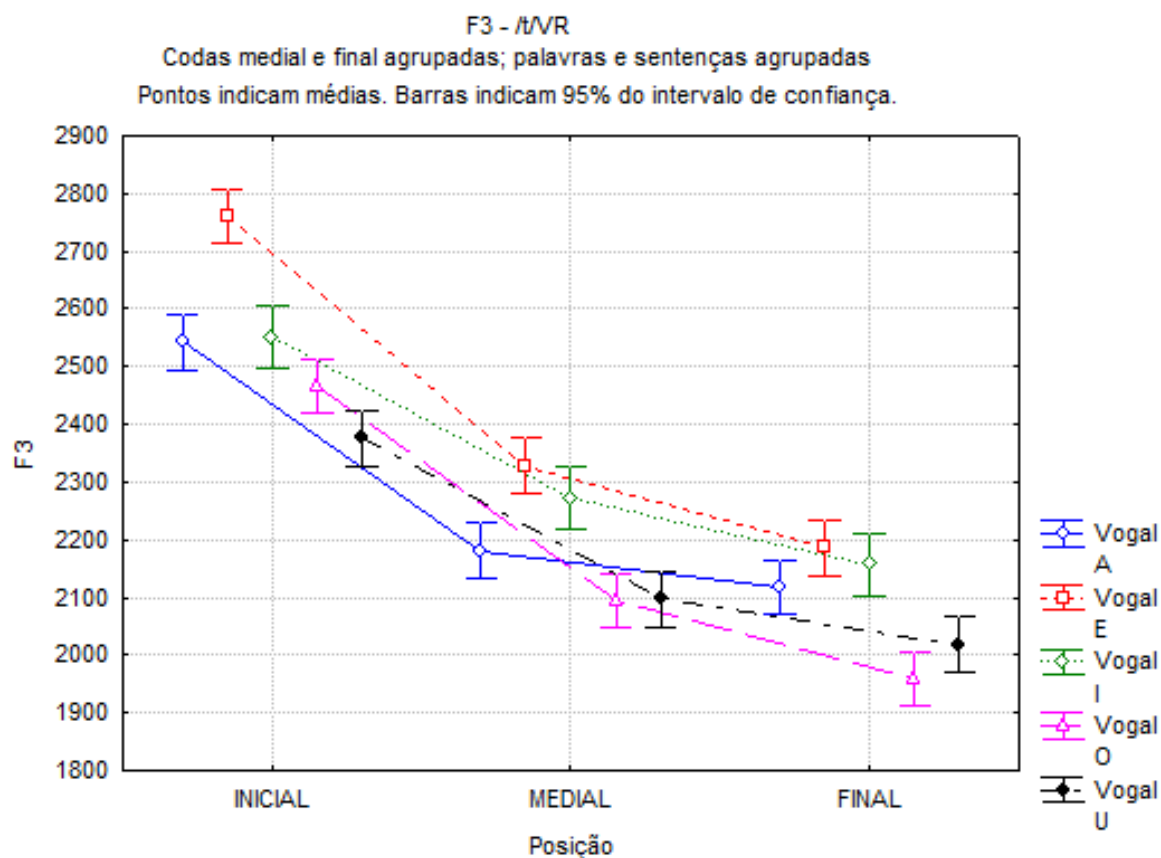


Figura 26 – Médias das frequências de F3 em função das vogais em PI, PM e PF

Delattre e Freeman (1968) afirmam que quanto maior a constrição palato-velar, menor será o F3 e mais próximos estarão F2 e F3. Além disso, argumentam que, quanto mais estreita for a constrição faríngea, maior será a proximidade entre esses formantes. Diante das vogais posteriores /o/ e /u/ observa-se essa proximidade entre F2 e F3. Apesar de não dispor de meios para realizar uma investigação articulatória, pode-se afirmar, ao menos, que esse comportamento formântico parece ser fortemente afetado pela posterioridade, tanto das vogais quanto da articulação necessária à produção do rótico que apresenta F3 baixo.

Ainda em relação à influência do rótico sobre a vogal que o precede, foram comparadas as médias dos três primeiros formantes da PI da sequência CVR com as médias

das respectivas vogais em posição tônica – vogal em sílaba CV –, conforme descrito no capítulo 3. A tabela 6 traz os valores dessas médias.

Tabela 6 – Médias das frequências de F1, F2 e F3 das vogais em sílaba CV e da PI da sequência CVR

Situação	Vogal	N	F1		F2		F3	
			Média (Hz)	Desvio-padrão (Hz)	Média (Hz)	Desvio-padrão (Hz)	Média (Hz)	Desvio-padrão (Hz)
Vogal em sílaba CV	[a]	30	834	168	1382	137	2538	268
Vogal em sílaba CV	[e]	29	366	60	2250	244	2835	223
Vogal em sílaba CV	[i]	30	295	44	2237	188	2851	263
Vogal em sílaba CV	[o]	30	391	64	838	105	2661	235
Vogal em sílaba CV	[u]	30	301	55	785	120	2545	263
CVR- inicial	[a]	101	665	84	1644	166	2542	289
CVR- inicial	[e]	100	391	55	2081	205	2760	292
CVR- inicial	[i]	76	305	59	2052	190	2551	276
CVR- inicial	[o]	104	381	51	999	118	2466	279
CVR- inicial	[u]	98	322	58	1018	149	2376	257

O teste Kruskal-Wallis indicou diferença estatisticamente significativa ($p \leq 0,05$) na soma de postos de F3 quando se comparou CVR inicial e vogal em sílaba CV, sendo que o F3 de CVR inicial é mais baixo em comparação com o F3 da vogal em sílaba CV. A PI refere-se mais à vogal do que ao rótico. Mesmo estando coarticulados e, portanto, sendo difícil separar esses segmentos, a qualidade da vogal é claramente percebida na posição inicial, assim como a qualidade do rótico é mais evidente na posição final (PF) dessa sequência. O resultado dessa comparação mostra que, mesmo em PI, os valores de formantes da vogal são influenciados pela realização do rótico, como mostram as médias de F3 ilustradas na figura 27.

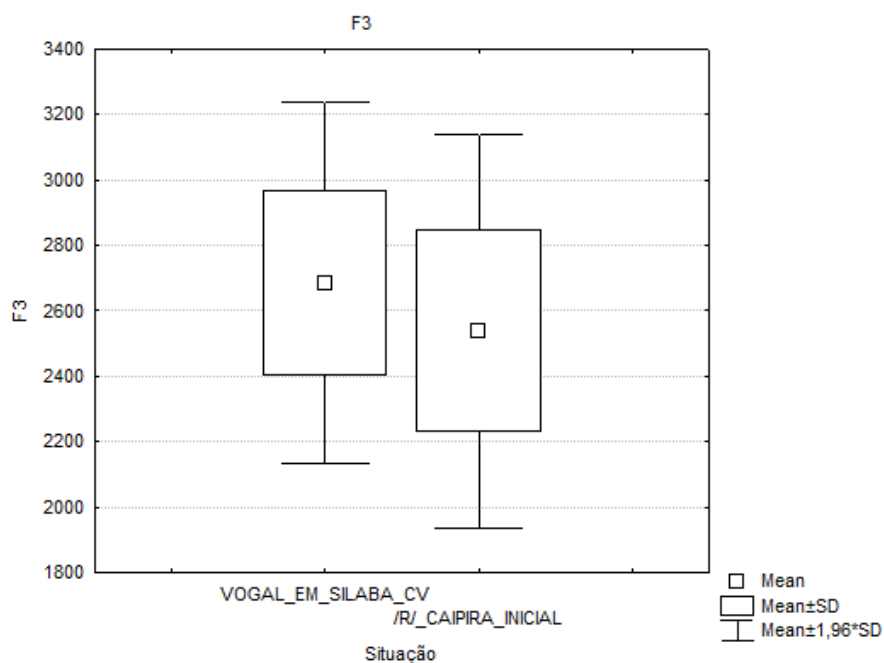


Figura 27 – Médias das frequências de F3 em vogal em sílaba CV e em CVR

Esses resultados mostram que a variação percebida pelos informantes está estritamente relacionada às vogais às quais o rótico está associado. Assim como demonstra Lehist (1964) para o /r/ em sílaba final no inglês, esse segmento “parece depender” das vogais que o antecede. Conclusão semelhante é encontrada por Ladefoged e Bhaskararao (1994), pois também mostram que a qualidade da vogal altera a estrutura formântica do rótico na língua Toda.

4.6.2.4 Frequência dos formantes e a variável sexo

As frequências dos formantes, mensuradas em PI, PM e PF, foram comparadas em função da variável sexo através do teste Kruskal-Wallis. A análise mostrou que há diferença estatisticamente significativa ($p \leq 0,05$) entre as frequências formânticas nas três posições. O teste indicou que a soma de postos para os formantes do grupo feminino é mais alta em comparação com a soma de postos dos formantes do grupo masculino, conforme

consta nas tabelas do apêndice C. Esse resultado reflete a diferença que há entre o trato vocal feminino e masculino. A figura 28 ilustra esse resultado.

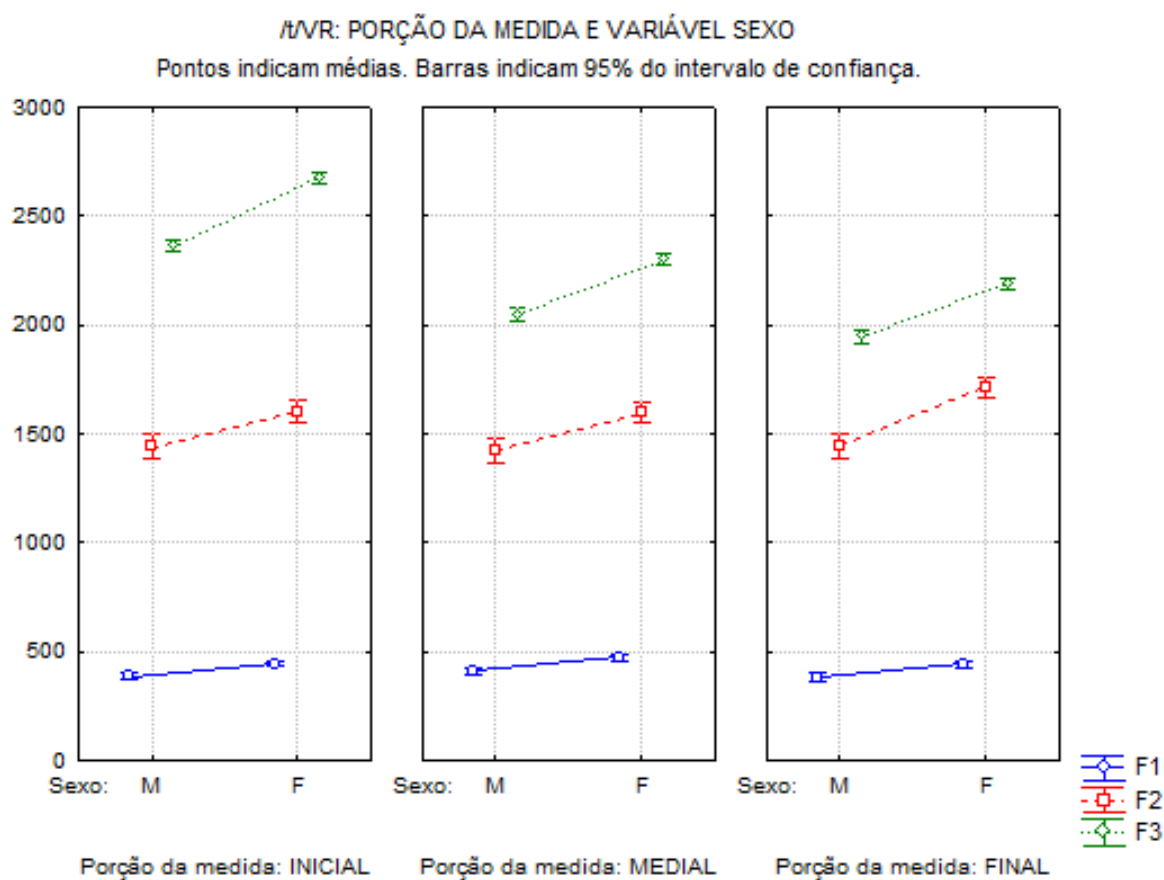


Figura 28– Médias das frequências de F1, F2 e F3 em função do sexo

Valores maiores de F3 para a fala de mulheres também foram encontrados por Hagiwara (1995). Em seu trabalho, argumenta a favor da diferença na articulação do rótico entre homens e mulheres em função das distintas dimensões do trato vocal, que apresenta um comprimento menor para mulheres. Considerando que as frequências de ressonâncias que ocorrem no trato vocal estão estreitamente relacionadas ao comprimento desse tubo [trato vocal] e que estas são, relativamente, mais baixas em tubos longos e mais altas em tubos curtos, é na fala feminina que se encontra formantes com frequências mais altas.

Os valores médios de frequência (em Hz), seguidos pelos respectivos desvios padrão, encontrados por Hagiwara (1995) para o F3 do /r/ final, conforme tabela 3, foram 2181 (298) para mulheres e 1768 (106) para homens. Esses valores não diferem daqueles encontrados para o F3 do /R/ caipira neste estudo, o que confirma a assertiva do autor. A tabela 7, abaixo, traz os valores de frequência do terceiro formante em função do sexo encontrados neste estudo, em PI, PM e PF.

Tabela 7 – Resultados encontrados para F3 em função da variável sexo

Posição	Sexo	N	Média (Hz)	Desvio-padrão (Hz)	Soma de postos	<i>p</i>
PI	Masculino	210	2364	282	33.970	0,00
	Feminino	269	2675	251	80.991	
PM	Masculino	209	2046	185	31.787	0,00
	Feminino	269	2301	223	82.694	
PF	Masculino	210	1947	197	32.866	0,00
	Feminino	269	2189	195	82.094	

É possível observar que os valores de frequência do F3 decrescem, alcançando o menor valor na posição final, que melhor caracteriza o rótico. Após verificar os valores das médias de F3 encontrados para dados de fala de homens e mulheres neste estudo, há que se considerar, portanto, que diferenças fisiológicas relacionadas à dimensão do trato vocal podem ser responsáveis pela diferença significativa apontada pelo teste estatístico.

Apesar do menor valor de F3 para os dados de fala do sexo masculino, o que se percebe é ambos pronunciam o /R/ caipira.

4.6.2.5 Frequência dos formantes e a variável faixa etária

A análise dos dados comparados em função da faixa etária traz informações importantes para este estudo, pois a hipótese principal nesta pesquisa é que o /R/ em posição de coda silábica no falar campineiro esteja em um processo de enfraquecimento

que culmina com o apagamento desse segmento. Se assim for, espera-se que a variante /R/ caipira não seja tão produtiva em dados de informantes da faixa etária A como se supõe que seja para informantes da faixa etária C.

Os cálculos estatísticos, como já mencionados, foram feitos em função das posições inicial, medial e final da trajetória VR (vogal, rótico). Para responder a pergunta que motiva a seleção da variável faixa etária, interessa investigar o comportamento do rótico e, sendo assim, os resultados obtidos através das médias das frequências do terceiro formante da PM e PF são mais interessantes e representativos.

Para a PI, o teste Kruskal-Wallis indicou que, em relação a F1 e F3, houve diferença estatisticamente significativa entre as faixas etárias A, B e C. As médias das frequências do F3 para a faixa C é menor, seguido pela faixa etária A e, por fim, a faixa etária B, que apresenta as maiores médias para esse formante. Esse resultado ainda não responde ao que se pretende investigar, pois a PI diz respeito à configuração formântica da vogal na trajetória VR.

Para a PM e para a PF o teste Kruskal-Wallis indicou diferença estatisticamente significativa entre as faixas etárias A, B e C na soma de postos dos valores de F3. A análise mostra que não há diferença estatística significativa nas médias de F3, mensurados na PM, entre as faixas A e C. A figura 29 ilustra esse resultado.

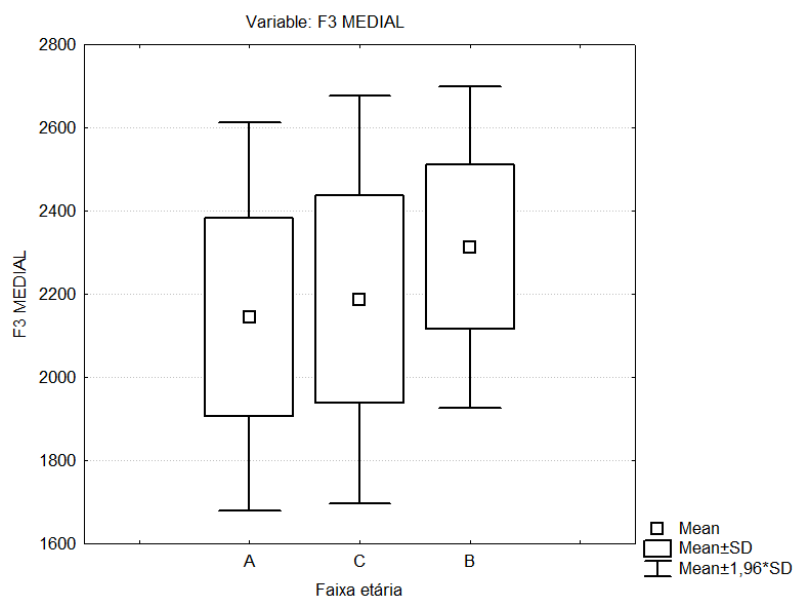


Figura 29 - Médias das frequências do F3 em PM em função da faixa etária

Para a PF, o resultado é semelhante àquele encontrado já na PM: não há diferença estatisticamente significativa para as médias das frequências do F3 entre as faixas etárias A e C, mas há diferença entre essas faixas e a faixa etária B. Assim, a comparação das médias mostra que os dados contidos na faixa etária A e C são aqueles que têm o menor valor de frequência de F3: 2061 Hz para a faixa A e 2042 Hz para a faixa C, como pode ser verificado no apêndice C. A figura 30 reproduz essa similitude.

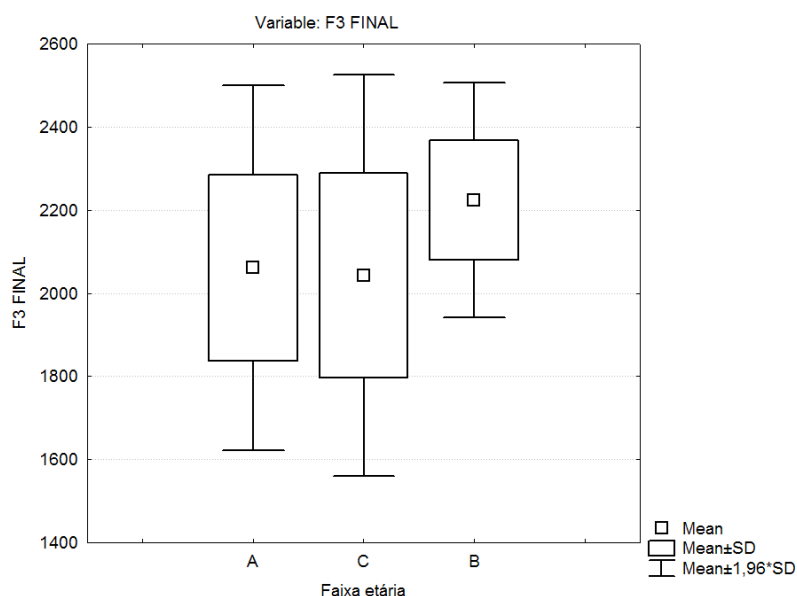


Figura 30 - Médias das frequências do F3 em PF em função da faixa etária

A indicação de que não há diferença entre as faixas etárias A e C quanto ao F3 em PM e PF, mas que há diferença entre estas e a faixa etária B, não significa que os dados dos informantes situados nesta última faixa etária não apresentem rotacização, mas sim que as médias referentes à faixa etária B ocupam outro patamar por apresentarem frequências de F3 maiores. A média de F3 da faixa etária B, em PF, é de 2223 Hz. Esse valor de frequência indica que o rótico produzido pelos informantes dessa faixa etária também apresenta características da rotacização com F3 baixo e, portanto, também são classificados como /R/ caipira.

Como visto, a análise estatística mostrou que os informantes que representam a faixa etária A produzem o /R/ caipira, tanto quanto aqueles que ocupam a faixa etária C e que há uma gradação entre os dados circunscritos nessas faixas e aqueles incluídos na faixa etária B.

Esse resultado demonstra a vitalidade da variante /R/ caipira no *corpus* analisado, fortemente presente nos dados de fala dos mais jovens campineiros.

4.6.2.6 Freqüência dos formantes e a variável escolaridade

A partir da análise dos dados das entrevistas gravadas em enquete, que precedeu a coleta de dados desta pesquisa, foi possível observar que os informantes pronunciavam o /R/ caipira, mas também foi possível perceber que essa pronúncia não era categórica ao longo de toda a amostra. Essa amostra foi composta apenas por informantes que tinham nível de instrução superior, completo ou incompleto. O contato estabelecido pela pesquisadora com outros campineiros, cujo grau de escolaridade era fundamental ou médio (completo ou incompleto), permitiu a esta supor que havia uma distinção quanto ao uso do /R/ até então classificado como retroflexo, sendo menos freqüente na fala daqueles que tinham grau de instrução superior.

Seria essa variável importante para a variação do /R/ que se supõe que esteja ocorrendo no falar campineiro? Como se trata de uma variante estigmatizada, a hipótese é que o /R/ caipira não seja tão freqüente nos dados de fala dos informantes com maior nível de instrução e, portanto, essa seria uma variável digna de se considerar na presente investigação. Seria mais interessante se a comparação pudesse ser feita com dados de informantes que tivessem cursado até o nível fundamental ou, ainda com dados de informantes não escolarizados. Ainda assim, vale comparar os dados de fala dos informantes desta pesquisa, que têm nível de escolarização médio ou superior.

Para a PI, o teste Kruskal-Wallis não indicou diferença estatisticamente significativa na soma de postos de F1, F2 e F3 em relação à escolaridade. Esse resultado era esperado, uma vez que a vogal é menos afetada pelo rótico nessa posição. Com isso, afirma-se que não há diferença entre as vogais proferidas por esses informantes. Contudo, o teste indicou que há diferença estatisticamente significativa na soma de postos de F2 e de F3 em relação à escolaridade, tanto para a PM quanto para a PF, sendo que as médias de F2 e F3 são mais altas nos dados dos informantes de nível superior. As médias das freqüências do terceiro formantes da PF, que melhor caracterizam o R/ caipira, são reproduzidas na figura 31.

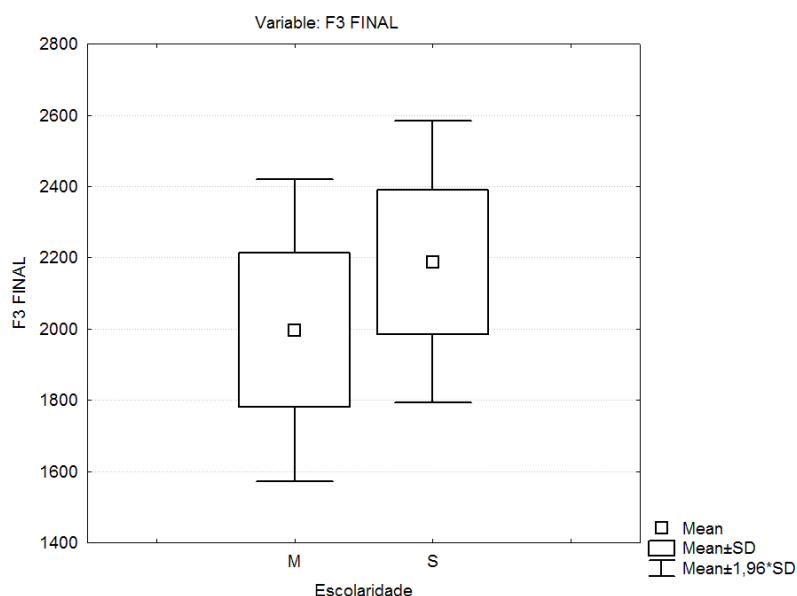


Figura 31 – Médias das frequências do F3 em PF em função do grau de escolaridade

Se os maiores valores de frequência do terceiro formante são encontrados em dados de fala de informantes cujo grau de escolaridade é superior, é possível inferir que há uma gradação das frequências dos formantes em função da variável escolaridade.

Os resultados apresentados até então, ao longo dos tópicos 4.6.1 e 4.6.2, deixam claro o quanto a variante /R/ caipira está presente nos dados dos informantes desta pesquisa, já que esta é a variante mais freqüente, independente do sexo, idade ou grau de instrução dos informantes. Entretanto, vale ressaltar que, tanto para a variável escolaridade quanto para a variável faixa etária, os testes estatísticos apontaram uma significativa gradação em termos de roticidade, demonstrada através dos maiores valores de frequência de F3 para os dados dos informantes que apresentam grau de escolaridade superior e para aqueles que estão circunscritos na faixa etária B.

Embora não tenha sido realizado um estudo perceptivo nesta pesquisa, parece ser possível supor que alguns informantes são sensíveis a essas gradações encontradas através das análises dos dados. Se assim for, estaria aí um indício em que se possa apoiar na tentativa de compreender o argumento manifestado por alguns informantes a respeito da

pronúncia “intermediária” e que está estritamente relacionado a uma das hipóteses desta pesquisa, anunciada no capítulo 1.

4.6.2.7 Frequência dos formantes: vogal rotacizada ou apagamento do/R/ caipira?

A inspeção acústica dos dados dos informantes, tanto da amostra 1 quanto da amostra 2, revelou a existência de uma variante do /R/ que foi classificada como vogal rotacizada. Essa classificação fundamentou-se na principal característica acústica presente nas 48 ocorrências dessa variante: valores relativamente baixos para o F3, se comparado com aqueles encontrados para as vogais em sílaba CV. Contudo, observou-se através da análise auditiva⁸⁵ dos dados que a qualidade de roticidade não estava presente desde o início da trajetória VR (vogal e rótico) e a presença dessa qualidade é mais uma das características das vogais rotacizadas, segundo Ladefoged; Maddieson (1996) e Ladefoged (2001). Em alguns exemplos, a qualidade do rótico é, de fato, pouco ouvida. Sendo assim, o que se observa é: (i) a qualidade do rótico não é encontrada ao longo de toda a trajetória VR nos casos de vogal rotacizada e, em alguns casos, é bem pouco percebida; (ii) prevalecem as características acústicas das vogais, com trajetórias formânticas que podem se aproximar das trajetórias das vogais em sílaba CV, mas que certamente se distanciam daquelas encontradas quando o rótico apresenta características consonânticas. Diante dessas evidências, poder-se-ia supor que essas 48 ocorrências seriam exemplos de apagamento do /R/.

As análises das médias das frequências dos formantes poderiam ajudar a responder a essa questão, pois, se as médias das frequências se aproximassem daquelas encontradas para a variante /R/ caipira, não haverá motivo para estabelecer mais uma variante. Se, ao contrário, as médias se assemelhassem às médias das vogais em sílaba CV, haverá razão para argumentar a favor do apagamento do rótico.

⁸⁵ Não foram realizados testes de percepção. A análise auditiva foi feita apenas pela pesquisadora. Seria interessante que fossem realizados testes dessa natureza para que se possa certificar quanto a essa afirmação.

Os casos em que há realização do rótico correspondem aos exemplos em que se encontra a variante R/ caipira e aqueles que se quer investigar – referentes às 48 ocorrências registradas acima – correspondem às vogais rotacizadas, catalogadas como VRt. Para o cálculo estatístico, efetuado em função das vogais⁸⁶ que antecedem o rótico, foram considerados os dados dos informantes que compõem a amostra 2, excluindo os dados dos informantes GP e JB, uma vez que não foram encontrados exemplo de VRt nos dados desses informantes. Nessa análise, os dados de coda medial e final foram agrupados, assim como os dados coletados através da leitura de palavras e sentenças. Os resultados das análises estatísticas se encontram no apêndice C.

Após análise estatística das médias das frequências dos formantes do /R/ caipira, VRt e vogal em sílaba CV, o teste Kruskal-Wallis indicou diferença estatisticamente significativa na soma de postos de F1 e F3. Por se tratar de uma trajetória, mais uma vez, é a posição final que mais interessa observar. As médias das frequências de F1 em posição final encontradas para VRt se situam entre as médias encontradas para o /R/ caipira e entre aquelas que correspondem à vogal em sílaba CV. Quanto ao F3, formante que melhor caracteriza o /R/ caipira, a análise localizou diferenças estatisticamente significativas entre as variáveis comparadas (que correspondem ao F3 do /R/ caipira, da vogal em sílaba CV e de VRt, ou vogal rotacizada). As menores médias das frequências do terceiro formante foram aquelas correspondentes à posição final da variante /R/ caipira, seguido pela posição final de VRt e, por fim, a vogal em sílaba CV. Se, auditivamente, a qualidade do rótico não era percebida desde o início da trajetória, os resultados obtidos através das médias das frequências de F3 mostram que, desde a posição inicial, a frequência da VRt é inferior àquela encontrada para a vogal em sílaba CV. É possível verificar, também, que as médias das frequências de VRt, em todas as posições, são superiores às médias da variante /R/ caipira. A figura 32 ilustra esses resultados.

⁸⁶ O número de amostras selecionadas para a essa análise foi bastante reduzido porque, como dito, as comparações foram feitas considerando-se as vogais que antecederiam o rótico e essa seleção baseou-se no contexto da sequência VRt (que corresponde à vogal rotacizada). Assim, se as ocorrências catalogadas como vogal rotacizada nunca ocorrem quando a vogal /o/ ocupa a posição de núcleo silábico, por exemplo, todas as ocorrências em que essa vogal antecede a variante /R/ caipira não foram consideradas. As vogais em sílaba CV selecionadas também obedecem a esse critério. Com isso, há um equilíbrio entre os dados que serão comparados.

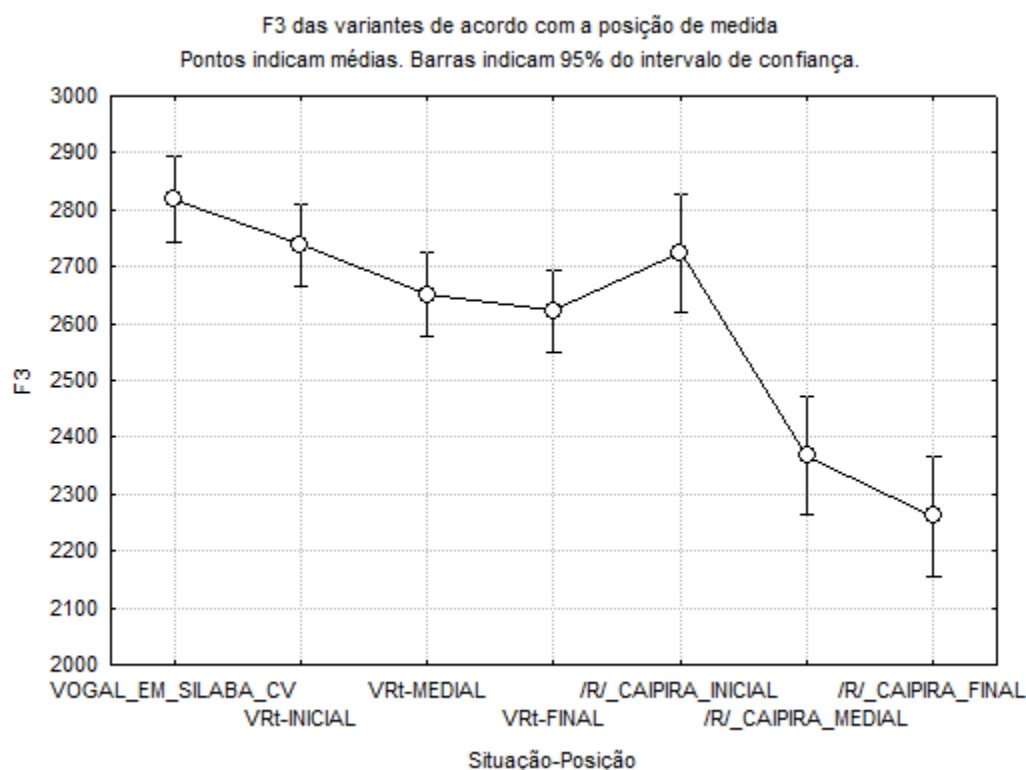


Figura 32 - Médias das frequências do F3 em PI, PM e PF para a vogal em sílaba CV, VRT e /R/ caipira

Os resultados obtidos mostram que as médias das frequências de F1 e F3 distinguem a vogal rotacizada da vogal em sílaba CV, bem como do /R/ caipira. As médias das frequências de F3 em posição final, reproduzidos na figura 33, revelam a diferença entre o /R/ caipira e a vogal rotacizada. Essa diferença é facilmente percebida porque reflete a qualidade de roticidade, bem presente naquela, mas pouco percebida nesta última. Ainda assim, há diferença significativa entre a vogal rotacizada e a vogal em sílaba CV, o que impede que se afirme que haja apagamento do /R/ nas 48 ocorrências selecionadas. Como há F3 baixo, permanece a classificação feita e, então, mantém-se a designação de vogal rotacizada para essas variantes de /R/.

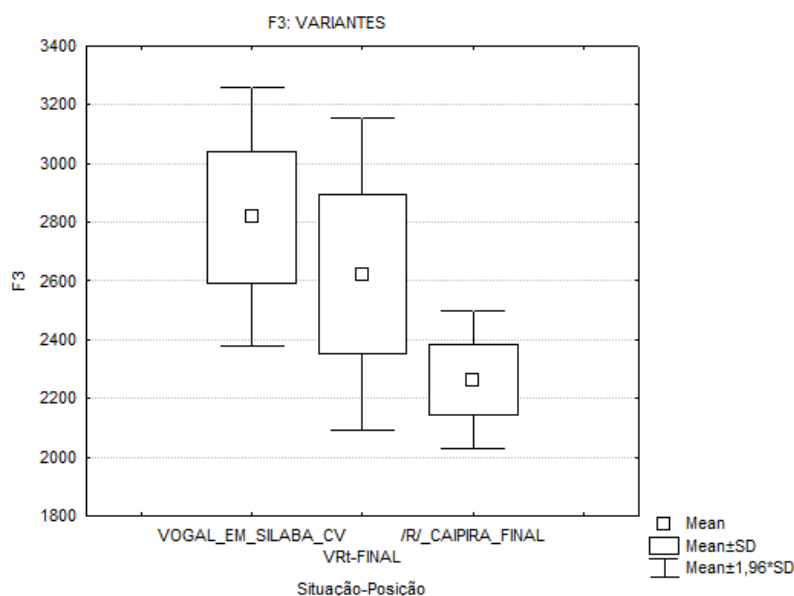


Figura 33 - Médias das frequências do F3 em PF para a vogal em sílaba CV, VRt e /R/ caipira

Esse resultado talvez possa apontar para o princípio do enfraquecimento do /R/ em posição de coda silábica no falar campineiro, já que a variante vogal rotacizada caracteriza-se por não apresentar F3 tão baixo como aquele encontrado para a variante /R/ caipira.

Conforme Callou *et al.* (1996, 2002), o apagamento do /R /, que corresponde à última etapa no processo de enfraquecimento desse segmento, é uma tentativa de simplificação da estrutura silábica do PB, em que a estrutura silábica fechada (CVC) transforma-se em uma estrutura silábica aberta (CV), com o apagamento do último segmento que compõe a coda silábica. Esse processo é recorrente em várias línguas, uma vez que a sílaba aberta (CV) é aquela que ocorre com maior frequência nas línguas do mundo e, por essa razão, é denominada “sílabas canônicas” (MATEUS; RODRIGUES, 2003). Apesar de os resultados encontrados nesta pesquisa mostrarem que não há apagamento do rótico no falar campineiro e que o /R/ caipira continua presente, mesmo em coda final, a existência de variantes como a vogal rotacizada pode ser considerada como

um prenúncio do enfraquecimento e conseqüente apagamento do rótico, tal como ocorre em outros dialetos do PB e mesmo em PE.

4.6.3 Duração relativa: descrição e análise

Ao selecionar o parâmetro duração relativa para a análise dos dados, o objetivo principal foi verificar se a proposição VR/palavra constitui um parâmetro significativo para a: (i) diferenciação entre duas das variáveis encontradas, /R/ caipira e vogal rotacizada, (ii) diferenciação entre a vogal rotacizada e a vogal em sílaba CV correspondente.

Como descrito no tópico 4.6.2.7, as médias das frequências de F3 distinguem as variantes /R/ caipira e vogal rotacizada, assim como as diferenciam da vogal em sílaba CV. Seriam esses resultados confirmados por outro parâmetro acústico, o da duração?

A análise das proporções VR/palavra entre a vogal em sílaba CV e as variantes /R/ caipira e vogal rotacizada, em função das cinco vogais selecionadas, revelou um dado interessante⁸⁷. O teste Kruskal-Wallis indicou diferença estatisticamente significativa ($p \leq 0,05$) na soma de postos dessas posições quando as referidas variantes e a vogal em sílaba CV foram comparadas, conforme ilustra a figura 34.

⁸⁷ Para esse teste, o número de ocorrências da amostra foi reduzido, como pode ser verificado no apêndice D. Isso se deve ao fato de o teste Kruskal-Wallis ter indicado diferença estatisticamente significativa ($p = 0,001$) na soma de postos das proporções VR/palavra na comparação entre os dados inseridos em frase-veículo e em sentenças. Em função desse resultado, não foi possível unir as amostras coletadas a partir desse critério metodológico. Assim, a comparação das proporções VR/palavra entre /R/ caipira, vogal rotacizada e vogal em sílaba CV foram realizadas, observando-se que: (i) as comparações foram feitas apenas com as vogais correspondentes; (ii) as seleções das palavras-alvo para comparação das proporções VR/palavra foram realizadas dentro do mesmo sub-conjunto (frase-veículo ou sentenças); (iii) as seleções foram efetuadas em função da vogal rotacizada, variante com menor frequência no *corpus*; (iv) quando não havia ocorrências da vogal rotacizada para efetuar comparação das proporções VR/palavra, os exemplos em que ocorriam a variante /R/ caipira não eram considerados, o que justifica o reduzido número de exemplos dessa variante, embora esta seja a mais freqüente no *corpus* desta pesquisa.

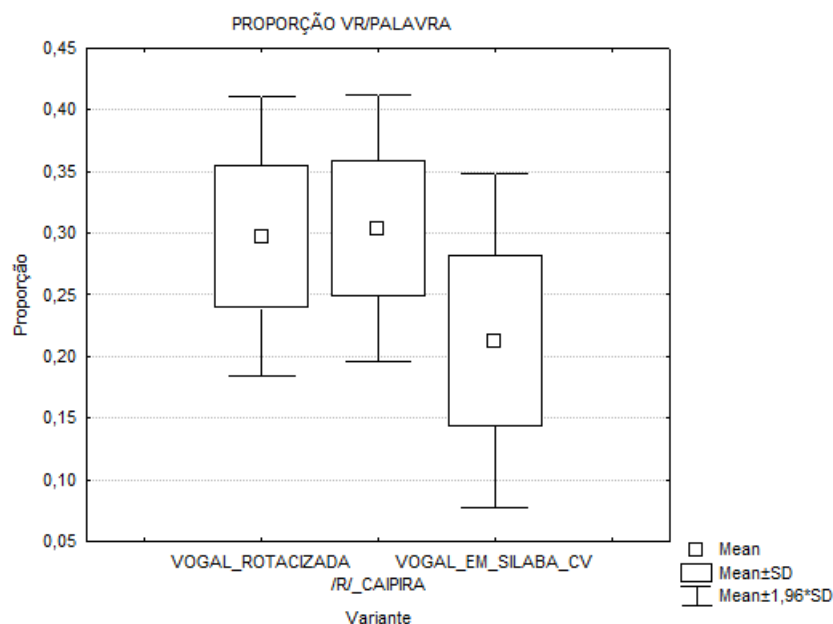


Figura 34 - Comparação das proporções VR/palavra entre a vogal em sílaba CV e as variantes /R/ caipira e vogal rotacizada

O teste Mann-Whitney foi utilizado para localizar as diferenças entre a vogal em sílaba CV e as variantes /R/ caipira e vogal rotacizada. O teste indicou que as duas variantes do /R/ apresentam proporções VR/palavra maiores que aquelas encontradas para a vogal em sílaba CV, mas que não há diferença significativa entre as mesmas. Assim, verifica-se que esse resultado difere daquele encontrado por meio das análises baseadas nas médias das frequências dos formantes, pois, enquanto as médias das frequências de F3 mostram-se como parâmetros expressivos para distinguir essas variantes, o mesmo não se pode afirmar a respeito das medidas de duração da proporção VR/palavra.

A comparação da duração das proporções VR/palavra entre vogal rotacizada e vogal em sílaba CV indica diferença entre essas proporções, o que contribui para diferenciá-las. Entretanto, esse resultado não deve ser interpretado como única evidência para classificação dessas variantes como vogal rotacizada – em detrimento de classificá-las como apagamento de /R/, conforme argumento explicitado no tópico 4.6.2.7 – uma vez

que os estudos lingüísticos⁸⁸ mostram que em casos de apagamento do /R/, é esperado que ocorra alongamento compensatório da vogal que antecede o rótico.

Se assim for, tanto nos casos em que possa haver realização da vogal rotacizada quanto naqueles em que existam apagamento do /R/, poderá haver valores maiores de duração, bem como de duração relativa dessas possíveis variantes, se comparado com os valores de duração de vogais em posição tônica (vogal em sílaba CV), como feito aqui neste estudo. Essas são apenas suposições. Certamente que as comparações realizadas neste estudo em função da proporção VR/palavra não são suficientes – e nem se propõem – a esclarecer tais questões. As comparações e os testes realizados apenas mostram que são os resultados obtidos através das médias de F3 que melhor particularizam a vogal rotacizada, e não a duração da proposição VR/palavra.

4.7 Síntese

A análise de dados da amostra 1 revelou a vitalidade da variante /R/ caipira, em coda medial e em coda final, tanto na fala de informantes circunscritos na faixa etária 1 quanto para aqueles localizados na faixa etária 3. Contudo, essa não é a única variante, pois há ocorrências de vogais rotacizadas. A análise estatística dos dados indicou que: (i) o /R/ caipira é realizado mesmo em coda final e, portanto, não há apagamento do rótico; (ii) não houve diferença estatisticamente significativa nem para a soma de postos em relação a palavras e sentenças e nem em relação ao número da repetição para as posições PI, PM e PF; (iii) há diferença estatisticamente significativa ($p \leq 0,05$) na soma de postos de F1, F2 e F3 em função das vogais (/a/, /e/, /i/, /o/, /u/) para as três posições (PI, PM e PF). Essas diferenças são atribuídas à estreita relação entre vogais e róticos, responsáveis pela variabilidade do rótico; (iv) há diferença estatisticamente significativa ($p \leq 0,05$) na soma de postos de F1, F2 e F3 em função do sexo. O teste indicou que a soma de postos para os formantes do grupo feminino é mais alta em comparação com a soma de postos dos formantes do grupo masculino; (v) em relação à faixa etária, os informantes que

⁸⁸ Conforme afirmam Ladefoged e Maddieson (1996) e Barbosa (2006), por exemplo.

representam a faixa etária A produzem o /R/ caipira, tanto quanto aqueles que ocupam a faixa etária C e há uma gradação entre os dados circunscritos nessas faixas e aqueles incluídos da faixa etária B. Sendo assim, há uma grande vitalidade da variante /R/ caipira no *corpus* analisado, inclusive nos dados de fala dos mais jovens campineiros; (vi) há gradação em termos de roticidade em função do grau de escolaridade dos informantes, sendo que são os informantes que têm nível médio que produzem o rótico com maior roticidade, uma vez que os dados desses informantes apresentam F3 mais baixo; (vii) as médias das frequências de F1 e F3 distinguem a vogal rotacizada da vogal em sílaba CV, bem como da variante /R/ caipira. As menores médias das frequências do terceiro formante foram aquelas correspondentes à posição final da variante /R/ caipira, seguido pela posição final de VRt e, por fim, a vogal em sílaba CV. Há diferença significativa entre a vogal rotacizada e a vogal em sílaba CV, o que impede que se afirme que haja apagamento do /R/ nos dados analisados; (viii) há diferença estatisticamente significativa ($p \leq 0,05$) na soma de postos das proporções VR/palavra entre a vogal em sílaba CV e as variantes /R/ caipira e vogal rotacizada. As duas variantes do /R/ apresentam proporção VR/palavra maiores que aquelas encontradas para a vogal em sílaba CV, mas não há diferença significativa entre as mesmas. Esse parâmetro não contribuiu para estabelecer distinções entre as variantes /R/ caipira e vogal rotacizada.

As análises empreendidas a partir dos dados da Amostra 1 mostram que a variante mais frequente é o /R/ caipira. Vale ressaltar, entretanto, que há uma gradação dos valores de frequência dos formantes dessa variante em relação às variáveis faixa etária e grau de escolaridade. Em função desse resultado, questiona-se se as diferenças resultantes dessa gradação seriam suficientes para motivar e justificar a afirmativa dos informantes que julgam falar um erre menos marcado, o qual denominam “intermediário”.

O exame dos dados permite que se argumente que, tanto a gradação existente entre as variantes do /R/ caipira em relação às variáveis faixa etária e grau de escolaridade quanto a existência da variante vogal rotacizada, podem ser consideradas como indícios do enfraquecimento do rótico em posição de coda silábica.

A análise dos dados da Amostra 2, por sua vez, mostrou que: (i) a informante CL realiza fricativas posteriores como variante do /R/ em coda silábica durante a primeira etapa de coleta de dados. Entretanto, durante a segunda etapa de coleta de dados – entrevista – essa não é a variante encontrada na fala dessa informante, mas sim o /R/ caipira e, principalmente, a vogal rotacizada; (ii) o informante EG realizou o tap durante a primeira etapa de coleta de dados. Esse segmento foi bastante freqüente durante a entrevista, mas, além desse, há ocorrências do /R/ caipira e do /R/ vocalizado; (iii) o informante AL, durante a primeira etapa de coleta de dados, realiza o tap e o tap aproximante, sendo que esse último é a variante mais freqüente. Há poucas ocorrências da variante /R/ caipira nos dados de AL.

5

Atitudes lingüísticas: *saber e discurso público* *sobre a língua*

5.1 Questões iniciais

Como delineado nos objetivos, tópico 1.3 do capítulo 1, foi proposto, em segundo lugar, investigar as atitudes lingüísticas, isto é, o saber e o discurso público sobre a língua no que tange ao /R/ em posição de coda silábica no falar campineiro. A motivação para a análise delineada neste capítulo baseia-se nas opiniões manifestadas por informantes campineiros durante a enquete realizada para esta pesquisa, como registrada no capítulo 1. O saber e o discurso público sobre a língua a que todo falante tem acesso não devem ser descartados em um estudo sociolingüístico. Antes, devem ser resgatados e investigados como ponto de partida quando se quer entender, por exemplo, a ocorrência, a referência ou o desaparecimento de determinados aspectos lingüísticos.

As questões principais que guiaram as entrevistas e que compõem os depoimentos que são apresentados e analisados neste capítulo referem-se, de maneira geral, às seguintes indagações: o que os campineiros dizem a respeito do falar de Campinas? Há algum traço lingüístico expressivo que caracteriza esse falar? Como qualificam e avaliam a pronúncia do rótico típico do interior paulista? A afirmação dos informantes a respeito da existência do /R/ intermediário que atribuem ao falar campineiro se baseia em quê?

É preciso dar voz àqueles que são os responsáveis pelo processo de variação lingüística para que se possa compreender esse processo. Dessa forma, neste estudo, além de descrever a variação do /R/ em coda silábica no falar campineiro, interessa ouvir o que os informantes têm a dizer a respeito dos assuntos que permeiam a variação, pois, como afirmam Milroy e Milroy (1999, p. 48): “it is speakers who innovate in the first place – not languages”.

5.2 Atitudes lingüísticas: delimitando o conceito

5.2.1 Atitudes sob a perspectiva da Psicologia Social

Surgido na Psicologia Social, o conceito de atitude têm se tornado recorrente em outras disciplinas, sendo um dos conceitos mais comuns no campo das Ciências Sociais a partir dos anos setenta. É desse período em diante que os estudos envolvendo atitudes lingüísticas tornaram-se proeminentes no âmbito da Sociolingüística (DEPREZ; PERSOONS, 1987).

Segundo Fasold (1990), as pesquisas a respeito das atitudes lingüísticas têm sido desenvolvidas sob dois pontos de vista: (i) mentalista, que entende a atitude como “a state of readiness”, como uma disposição mental em relação a determinadas condições ou fatos sociolingüísticos concretos, por exemplo. Para essa perspectiva, a atitude seria uma categoria intermediária entre um estímulo e a resposta ou a ação individual a esse estímulo; e (ii) behaviorista, que interpreta a atitude como uma reação a um estímulo, seja esse estímulo uma língua, uma situação ou características sociolingüísticas determinadas.

Para os mentalistas, as atitudes implicam a presença de sub-componentes: afetivo (valoração); cognitivo (crença) e conativo (conduta, comportamento) e requerem técnicas mais complexas a fim de desvendar algo intangível como o estado mental. A partir de uma perspectiva mentalista, há dois grupos de método de estudo das atitudes: métodos diretos e indiretos. Os primeiros recorrem a questionários e entrevistas abertas para a coleta de dados enquanto os últimos utilizam técnicas indiretas como a *matched-guise*.

Para os behavioristas, a atitude é vista como um elemento único, mais comportamental do que valorativo ou afetivo. Sendo assim, as atitudes podem ser apreendidas, simplesmente, através das respostas dadas pelas pessoas nas mais diversas situações sociais. Sendo assim, para estes, a observação direta das condutas objetivas é o procedimento de estudo das atitudes.

Em síntese, pode-se afirmar que, para aqueles que interpretam atitude de uma perspectiva mentalista, há a dificuldade em eliciar atitudes sem que os sujeitos envolvidos tenham consciência do processo. Por outro lado, para a perspectiva behaviorista, as atitudes

podem ser captadas através das respostas que os sujeitos apresentam nas situações sociais. Essa é, certamente, uma maneira mais simples, uma vez que não requisita inferência indireta e nem relatos pessoais, e que não deve ser descartada em um estudo de atitudes, mas, na opinião de Fasold (1990, p. 148), bem como de outros estudiosos, não é a perspectiva mais adequada, pois “attitudes of this sort, however, would not be quite as interesting as they would be if they were defined mentalistically, because they cannot be used to predict other behavior”. Em função dessas especificidades, a maior parte das investigações a respeito de atitudes lingüísticas é realizada a partir da perspectiva mentalista.

O objeto a que se refere as atitudes lingüísticas é que as distinguem das demais atitudes. O interesse nesta pesquisa é em atitudes lingüísticas e não em atitudes em uma perspectiva geral. Nesse sentido, o intuito é investigar, a partir dos depoimentos dos informantes, as atitudes que se referem a aspectos da linguagem, tais como: as diferenças dialetais, o /R/ caipira e os falantes que têm, em seu dialeto, esse traço lingüístico, por exemplo. Diante desse interesse, será adotado o conceito de atitudes delimitado por Schlieben-Lange (1993), como já anunciado nos capítulos 1 e 2.

5.2.2 Atitudes lingüísticas: o saber e o discurso público sobre a língua

A pesquisa realizada por Schlieben-Lange (1993) em 1972 em uma comunidade de fala ocitana na cidade de Bagnols-sur-Cèze, localizada no sul da França, procurou verificar: (i) se o ocitano⁸⁹ ainda era falado nessa cidade; (ii) as formas em que essa língua continua a existir e (iii) a consciência dos membros dessa comunidade de fala a respeito da situação lingüística. Diante desses objetivos, uma grande dificuldade se

⁸⁹ O ocitano é uma língua românica que se estende por quase todo o sul da França. É também denominado como Provençal ou Langue d'oc. Segundo Silvio Elia (1979), o provençal abrange aproximadamente 10.000.000 de pessoas, enquanto Schlieben-Lange (1993) indica 12.000.000 falantes do ocitano na França, mas alerta que os mais realistas apontam, apenas 7 a 8.000.000. Apesar de o francês ser a língua oficial, o ocitano tem, cada vez mais, sido ensinado nas escolas. Além da França, o ocitano também é falado em alguns pontos da Itália (vales alpinos do Piemonte) e da Espanha (Val d'Aran).

impunha: quem seriam os falantes do ocitano e quais os critérios para identificá-los? Segundo autora, não havia números oficiais a respeito do uso dessa língua na França. Ainda que esses números existissem, seria árdua a tarefa para distinguir os falantes da língua ocitana, pois, como questiona:

(...) quem seria, então, um falante do ocitano? Aquele que o *usa* no seu dia a dia, aquele que o usa de vez em quando, aquele que o entende, mas quase não o usa mais? Ou seria aquele que *diz* de si mesmo que sabe falar o ocitano fluentemente e que o usa diariamente, mas que, na realidade, somente domina algumas expressões idiomáticas? Ou finalmente aquele que *diz* que não fala e não entende nenhuma palavra em ocitano (ou provençal ou patois ou como for que ele denomine a língua em questão), mas, mal viramos as costas para ele, já começa a falar? Como se pode, então, contar os conhecedores e falantes do ocitano? (SCHLIEBEN-LANGE, 1993, p. 93-94 – grifos da autora).

A hipótese que sustenta a pesquisa desenvolvida pela autora é que a comunidade de fala ocitana pode ser caracterizada por um “bilingüismo encoberto”, fenômeno que procura investigar no quadro de discussão sobre consciência lingüística e atitudes lingüísticas.

A consciência lingüística a que se refere Schlieben-Lange (1993) diz respeito à capacidade que os seres humanos têm de se voltar reflexivamente para as atividades culturais. Essas atividades culturais se referem às atividades de fala⁹⁰, atividades estas que

⁹⁰ Ao descrever a sistemática das atividades de fala a autora segue a orientação teórica dos estudos desenvolvidos por Eugenio Coseriu. A partir de uma visão funcional da linguagem, o autor estabelece distinções para a tríade: sistema, norma e fala. Como afirma Coseriu (1979, p. 50), “uma língua funcional (língua que se pode falar) é um ‘sistema de oposições funcionais e realizações normais’, ou melhor, sistema e norma”. O *sistema* é definido como “‘sistema de possibilidades, de coordenadas que indicam os caminhos abertos e os caminhos fechados’ de um ‘falar’ ‘compreensível’ numa comunidade, enquanto a *norma* é definida como um sistema de realizações obrigatórias (obrigação consentida, um compromisso contraído) consagradas social e culturalmente. A norma é motivada pela comunidade lingüística e são de dois tipos: de caráter social – que define o que é imposto por uma dada comunidade sócio-lingüística-cultural e a norma individual – pertencente a cada falante. Assim, resume: “o sistema abrange as formas ideais de realização duma língua, isto é, a técnica e as pautas do correspondente fazer lingüístico; a norma, os modelos já realizados historicamente com essa técnica e segundo essas pautas”. Quanto ao terceiro elemento da tríade, Coseriu (1979, p. 42-43) afirma: “a língua funciona e se realiza concretamente no falar”. O falar é definido como “uma atividade universal que se realiza por indivíduos particulares, enquanto membros de comunidades históricas”. Esse falar pode ser considerado em sentido universal (atividade lingüística concreta, considerada

são acompanhadas por uma consciência no nível reflexivo. Segundo a autora, pode-se supor que haja dois graus diferentes para esse nível de consciência: (i) uma consciência de fala (ou de texto) “ingênua”, de que todo falante dispõe e (ii) uma consciência de fala (ou de texto) teórica, desenvolvida por especialistas. Esses dois níveis de consciência são designados, respectivamente, como *cognitio clara confusa* e *cognitio clara distincta*.

Como salientado em 5.2.1, a noção de atitude advém da Psicologia Social. Nesse âmbito do saber, os estudos que lidam com atitudes, inclusive com atitudes lingüísticas, são freqüentemente realizados com o auxílio da técnica *matched-guise*. Na opinião de Schlieben-Lange (1993), ao recorrerem ao uso dessa técnica para eliciar atitudes, as pesquisas reduzem o fenômeno observado⁹¹. Sendo assim, afirma: “o problema maior que vejo nas tentativas realizadas até agora para se aproximar desse objeto de estudo é que todo o âmbito do ‘falar e saber sobre línguas’ está sendo interpretado homogeneamente” (p. 94-95). Para averiguar as questões que se propõe investigar, a autora apresenta uma proposta metodológica definindo que duas coisas distintas estão em jogo no que diz respeito às atitudes lingüísticas: um saber sobre a língua e um discurso público sobre língua.

Para a autora, há, portanto, elementos de dois âmbitos distintos compondo as atitudes: (i) um saber sobre a língua – saber que, na maioria das vezes, permanece implícito, que raras vezes se torna explícito e que afeta tanto as unidades de uma determinada língua como também as suas possibilidades de uso. Conforme Schlieben-Lange (1993), esse não é o saber do lingüista, uma vez que os falantes possuem apenas uma *cognitio clara confusa*, sendo capaz de explicitar o saber sobre a fala apenas até um grau

em geral – que denomina simplesmente como falar), em sentido histórico (saber falar segundo a tradição de uma comunidade – a língua como acervo idiomático) e em sentido particular (o discurso do indivíduo – o ato ou a série de atos). Em linhas gerais, esse é, portanto, o referencial que a autora mobiliza para descrever os níveis das atividades de fala: o nível do falar, o nível da língua e o nível do texto.

⁹¹ Essa crítica pode ser melhor entendida quando se consideram os objetivos que levam a autora a compor a proposta metodológica para o estudo das atitudes no âmbito da Sociolingüística. Entre esses objetivos destaca-se o intento de investigar o discurso metalingüístico na ocitânia do século XVIII através de fontes escritas da época e mesmo a proposta de desvendar a língua “encoberta” no ocitano falado no século XX. Em função de objetivos como esse, parece ser muito mais interessante eliciar as atitudes através de entrevistas, como fez em 1972, ou mesmo buscando evidências desse discurso metalingüístico através de dicionários e de histórias dos falantes do ocitano no século XVIII.

determinado que o permite, por exemplo, identificar variantes geográficas, sociais e estilísticas de sua língua; e (ii) um discurso público sobre língua – relativo às línguas e à fala – que, ao longo de amplos períodos, pode ser transmitido. Esse discurso pode ser descritivo ou avaliativo, sendo esse último o mais freqüente. Os estereótipos são os argumentos desse discurso público, ou dos vários discursos públicos que concorrem entre si.

Nos depoimentos dos informantes, freqüentemente são encontrados exemplos de elementos desses dois âmbitos. Assim, em um discurso público sobre a língua, composto principalmente por julgamentos a respeito de um determinado aspecto lingüístico, é comum que haja elementos daquilo que constitui o saber sobre o objeto que é alvo de avaliações. A respeito desse entrecruzamento de informações que podem ser identificadas nas enunciações sobre a língua, a autora afirma:

Se um membro de uma comunidade de fala se manifesta por qualquer razão sobre sua língua ou sobre as línguas ou formas lingüísticas que concorrem no seu mundo cotidiano, observa-se, então, nas suas enunciações a penetração de elementos dos dois âmbitos acima esboçados: de um lado, esse falante explicita seu saber, que se baseia na sua prática e nas suas experiências, ao mesmo tempo que é fundador delas; de outro lado, ele repete elementos do discurso público (ou inclusive de outros com ele concorrentes), discurso, aliás, que tem uma existência autônoma (SCHLIEBEN-LANGE, 1993, p. 96).

A afirmação acima é resumida da seguinte maneira:

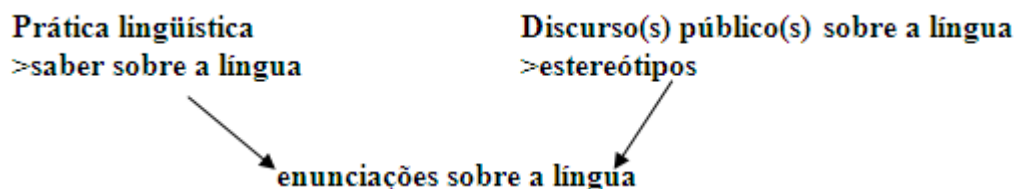


Figura 35: Figura reproduzida de SCHLIEBEN-LANGE, 1993, p. 96

Nem todas as variantes lingüísticas são alvos de um determinado discurso lingüístico. Entretanto, a variante que constitui objeto de estudo desta pesquisa é estigmatizada e estereotipada, o que a torna centro de interesse para as descrições e avaliações que compõem o discurso público sobre a língua, nos termos de Schlieben-Lange (1993).

As atitudes lingüísticas dos informantes desta pesquisa, eliciadas por meio das entrevistas, serão descritas e analisadas adiante, seguindo a proposta apresentada.

5.3 Descrição e análise dos depoimentos

Como foi dito, elementos do saber e do discurso público sobre a língua se entrecruzam nas enunciações dos informantes e compõem as atitudes. Sendo assim, os depoimentos dos campineiros, que certamente possuem elementos desses dois âmbitos e que se constituem em um dos corpora de análise desta pesquisa, são apresentados e analisados com o intuito de identificar as atitudes lingüísticas que os entrevistados mantêm, principalmente, a respeito das diferenças dialetais, do /R/ caipira, do falar campineiro e do rótico característico desse falar, bem como as atitudes manifestadas em relação à cidade de Campinas e àqueles que nela vivem.

5.3.1 Percepção e avaliação das diferenças dialetais

Como assinala Schlieben-Lange (1993), os falantes são capazes de explicitar o saber sobre a língua e assim o fazem até um determinado grau. Durante a entrevista, todos os informantes apresentaram exemplos dessa capacidade. Quando perguntado a eles se já tinham tido a oportunidade de perceber diferentes tipos de fala entre pessoas de outro estado, foram unânimes em afirmar positivamente, assim como fez a informante LB (F – 37 anos):

(1)

LB (F – 37 anos): já (+) tranqüilamente ((risos)) sotaque é a primeira coisa que eu percebo ((risos))

Para ilustrar a diferença percebida, os informantes apresentavam explicações como a que se segue:

(2)

EG (M – 37 anos): o paulista' o carioca' né'' (+) o carioca' cê identifica o carioca em qualquer lugar (+) o paulista também (+) eu acho que o verdadeiro' o paulistano mesmo' né'' acho que também consegue em qualquer lugar (+) é essas coisas (+) eu entendo' mas é difícil de explicar

Como esperado, as exemplificações não eram muito específicas quanto aos aspectos lingüísticos que caracterizavam as diferenças apontadas, mas eram suficientes para que explicitassem a distinção desejada. Quanto às possíveis diferenças existentes no Estado de São Paulo, afirmaram:

(3)

EG (M – 37 anos): é:: é:: bom (+) o paulista' o: diz que é mais caipira né'' não sei se chega a tanto' mas podemos dizer (+) porta ((pronuncia o /R/ caipira)) né'' o erre arrastado

(4)

LB (F – 37 anos): ah:: o que eu mais percebo assim na forma de falar é realmente o controle do erre ((risos)) o que eu vejo fortemente no Estado de São Paulo é as diferenciações do erre (+) um puxa mais' outro puxa menos' outro come o erre' né''

Entrevistadora: onde você percebe (+) assim' essa diferença''

LB (F – 37 anos): ah: acho que isso eu não consigo identificar não' mhm:: por exemplo' Piracicaba é gritante' né'' (+) isso é ÓBVIO o quanto que eles puxam de erre (+) Piracicaba' Limeira (+) também Brotas' aonde eu tô indo' é mais aquele/ aquela coisa gostosa do caipira' né'' (+) isso lá ainda tem porque é uma região bastante rural

As diferenças indicadas pelos informantes, na maioria das vezes, dizem respeito a um traço lingüístico presente no dialeto paulista, a pronúncia do /R/ caipira⁹². Essa pronúncia, característica do dialeto caipira, é apontada por todos os informantes como o elemento principal na caracterização dos falantes do interior do Estado de São Paulo.

O /R/ caipira é, também, o traço lingüístico que alguns informantes campineiros apontam como característico do seu idioleto, pois, quando perguntado a eles se acreditavam que outras pessoas poderiam identificá-los pela maneira como falam – estando eles em outras cidades ou em contato com pessoas de outras cidades ou regiões –, responderam:

(5)

LB (F – 37 anos): eu acho que sim

Entrevistadora: já aconteceu”

LB (F – 37 anos): não’ explicitamente não

Entrevistadora: e por que você acha isso”

LB (F – 37 anos): ah:: porque eu acho que o campineiro (+) ai’ tá em mim’ não tem como (+) é aquela coisa de querer falar bonito e tentar esconder o erre e o erre sai do mesmo jeito ((risos))

(6)

GP (M – 20 anos): ah:: porque é completamente diferente’ né” (+) acho que nem um/ outros estados fala igual o paulista porque’ pra nos’ todos os outros estados são (+) como que eu vou te falar” (+) caipira (+) pra eles’ nós os paulista são os caipira’ né” (+) verdadeiro caipira (+) já tive em Minas Gerais’ já (+) e eles falaram também no próprio Rio de Janeiro’ que eu já fui

Entrevistadora: já falaram o quê”

GP (M – 20 anos): ah:: que/ que o sotaque do paulista é caipira’ né” mais caipira do que/ do que os deles

⁹² A pronúncia do /R/ retroflexo, aqui denominado por /R/ caipira, é apontada como característica do dialeto caipira por estudiosos da linguagem, como Amaral (1920), Rodrigues (1974), Head (1987), Castro (2006), entre outros. Esses três primeiros estudiosos utilizaram dados do interior do Estado de São Paulo para descrever o referido dialeto, enquanto Castro (2006) baseou-se em dados do Esboço de um atlas lingüístico de Minas Gerais e em dados do Atlas lingüístico do Paraná. Além de ser encontrado em dados de fala coletados junto a informantes do Estado de São Paulo, Minas Gerais e Paraná, a realização do /R/ caipira pode ser localizado, ainda que com algumas alterações, em dados de fala oriundos do Estado do Mato Grosso e Goiás, como atesta Rodrigues (1974). Além dessas localidades citadas no trabalho de Rodrigues (1974), há a indicação de algumas poucas ocorrências desse traço lingüístico no estado da Paraíba, no norte fluminense (municípios de Campos e São João da Barra) e nordeste de Santa Catarina, conforme Brandão (1991). São também poucas as ocorrências da realização do /R/ caipira nos estudos dialetológicos empreendidos na Bahia e em Sergipe, referentes ao Atlas prévio dos falares baianos – APFB (1963) e ao Atlas lingüístico de Sergipe (1973) – ALS, como atestam Cardoso e Ferreira (2000).

(7)

OE (M – 29 anos): ah:: sim (+) eles vão me achar um caipira (+) ah:: eu falo porta ((pronuncia o /R/ caipira)) por exemplo' e não porta ((pronuncia o tap)) como os paulistanos falam (+) a pessoa já vai saber que eu sou do interior de São Paulo' ou talvez Minas enfim' mas o sotaque dos mineiros é diferente do nosso sotaque (+) então' assim (+) podem identificar que eu sou de Piracicaba ou de Campinas mesmo' muitos aqui falam desta forma

A distinção entre a fala dos paulistas e a dos paulistanos também foi feita, principalmente, em função dessa pronúncia. Assim, ao estipular essa diferença os informantes recorreram ao auxílio de palavras que têm o /R/ em posição de coda silábica, mesmo antes que essa separação fosse solicitada, conforme consta na questão de número 19 do roteiro 2 de entrevista. A propósito dessa distinção, disseram:

(8)

JB (F – 56 anos): ai:: deixa eu ver (+) o paulistano ele (+) é:: tem um quê (+) fala assim mais apressado' né'' (+) o outro já/ já tem um sotaque assim mais assim arrastado (+) cada um fala assim de um modo diferente mas dá pra diferenciar (+) eu não sei te explicar como (+) mas eu sei que dá pra diferenciar' distinguir o cada um de cada um

(9)

EG (M – 37 anos): cara eu semp/ é por o:: (+) o paulista ele (+) é uma maneira tipo' num sei se/ num sei se eu tô definindo certo' mas até mei/ meio é:: meio italiano de falar' mais italiano (+) e:: e aqui é:: o interior é: porta ((pronuncia o /R/ caipira)) enquanto o paulistano é porta' porta ((pronuncia o tap))

E ainda:

(10)

JC (M – 46 anos): é:: eu acho que o:: paulista do interior ele pronuncia o erre com mais/ mais forte e o:: paulistano não tão forte quanto

Entrevistadora: hum::

JC (M – 46 anos): o paulistano fala porta ((pronuncia o /R/ caipira rapidamente)) assim com naturalidade e o:: e o pessoal do interior fala porta ((pronuncia o /R/ caipira com ênfase)) fala mais puxado

Ao estabelecer distinções entre a fala do paulistano e do paulista, os informantes a fazem a partir de um juízo de valor. A fala do paulistano é qualificada como apressada, assim como a cidade, e é, ainda, mais natural. Em contrapartida, a fala do paulista é arrastada, lenta, como a vida supostamente calma daqueles que vivem em cidades do interior. Diante das avaliações manifestadas, foi perguntado se era conferido algum tipo de prestígio a esses tipos de fala e qual deles detinha mais prestígio. Quanto a essa questão, ponderaram e, por fim, declararam:

(11)

AL (M – 68 anos): não sei (+ +) talvez/ talvez o paulistano tenha mais prestígio’ não sei

Entrevistadora: porque”

AL (M – 68 anos): é:: é porque é um/ é porque é uma cidade maior com muito mais recursos né” não sei’

(12)

EG (M – 37 anos): cara (+ +) não sei se tem mais prestígio do que o outro’ mas isso acontece/ isso é tratado é:: diferente (+) tem’ tem’ tem (+) não sei se eu posso definir isso como status’ como uma coisa bonita de: ver a/

Entrevistadora: e quem teria mais status”

EG (M – 37 anos): eu acho que’ na minha opinião’ o paulistano e o carioca (+) a coisa complica né” eu acho

EG (M – 37 anos): é que cê perguntou/ porque a fa::la’ eu sei (+) mas porque é o status do/ e:: (+) eu não sei porque o paulistano (+) principalmente passa aquela coisa de:: ser uma/ é:: grande metrópole’ aquela coisa toda de::: até de dinheiro mesmo (+) uma posição indicada no país’ mais alta na sociedade

Como visto, o falante reflete sobre a sua fala e estipula distinções entre as variedades dialetais a que tem acesso. Entre as distinções estabelecidas pelos informantes, destaca-se a que se refere à existência de uma pronúncia do /R/ em coda silábica característica do falar campineiro – aqui denominado por /R/ campineiro – e, por isso, distinta daquela que é encontrada nas demais cidades do interior paulista. Mas, há, ainda, aqueles que reconhecem que não há distinção em relação à pronúncia do /R/ quando

proferido por campineiros ou por demais falantes do interior paulista, como verificado na citação de número sete. As avaliações manifestadas pelos informantes a respeito do /R/ caipira e do /R/ campineiro serão apresentadas adiante.

5.3.2 Avaliações acerca do /R/ caipira e do /R/ campineiro

5.3.2.1 A estereotipização do /R/ caipira

Os representantes do dialeto caipira descritos por Amaral (1920, p. 41)⁹³ são definidos pelo autor como “roceiros ignorantes e atrasados”. Apesar do tempo transcorrido, as referências a esses falantes parecem não ter mudado muito. Como afirma Quasthoff (1987), os estereótipos são caracterizados por persistência e rigidez e, portanto, são difíceis de serem alterados. Assim, foi possível verificar nos depoimentos dos informantes, ainda hoje, que a referência ao falante do dialeto caipira é feita através dos mesmos termos utilizados por Amaral em 1920:

(13)

EG (M – 37 anos): (...) o caipira é aquela coisa é::: da roça’ né”

(14)

LB (F – 37 anos): infelizmente o jovem hoje ridiculariza’ né” fala que é uma pessoa ignorante’ no sentido de ser uma pessoa ignorante mesmo e tal

A designação conferida ao dialeto paulista é a mesma atribuída ao /R/ produzido por aqueles que são naturais dessa região: caipira⁹⁴. Essa coincidência é notória

⁹³ Vale lembrar que Amaral (1920) se refere ao homem do interior paulista, de hábitos simples e voltado ao meio rural.

⁹⁴ Várias são as acepções atribuídas ao termo caipira. Ao investigar algumas dessas acepções, Brandão (1983) verifica que as definições são sempre formuladas pela contraposição ao indivíduo da cidade. Assim, o caipira é retratado como aquele que não mora em povoação, ignorante, sem trato social, simplório, acanhado, etc. O autor indica, ainda, que coube a Cornélio Pires em “Conversas ao Pé do Fogo” e a Antônio Cândido, em “Os parceiros do Rio Bonito” atribuir ao caipira indicações de características próprias, relacionadas ao modo de

nos depoimentos dos informantes apresentados até então, bem como nos dois trechos abaixo:

(15)

AL (M – 68 anos): então (++) eu acho que caipira é o piracicabano ((risos)) eu acho que é isso (+) inclusive cê vê na/ na/ na/ em cinema essas coisas (+) o:: Jeca /aqueles é: no/ na/ no/ rádio aqueles caipiras de rádio né” o Ranchinho’ o Mazaropi é:: fala assim

(16)

LB (F – 37 anos): o caipira (++) eu acho que vou repetir de novo’ eu acho que é o sotaque mesmo’ é o erre

A pronúncia do /R/ que se realiza em coda silábica foi escolhida pelos informantes com objetivo de particularizar a fala do interior paulista. A característica do rótico produzido por esses informantes é a mesma dos segmentos descritos no capítulo quatro, ou seja, trata-se do /R/ caipira. Alguns dos informantes se referiam a esse segmento através dessa mesma designação. Diante disso, foi perguntado a todos os entrevistados se concordavam com a designação da fala do interior de São Paulo como caipira, pois, até então, a referência à correspondência entre interior paulista e caipira era feita, na maioria das vezes, citando a opinião do outro. Eis o que responderam:

(17)

EG (M – 37 anos): concordo

Entrevistadora: por que” você pode dá um exemplo”

vida, à localização e ao exercício do trabalho agrícola. Mas, certamente, é o caipira preguiçoso, estereotipado no personagem Jeca Tatu de Monteiro Lobato, a representação que persiste, haja vista a referência a esse personagem em depoimentos dos informantes, como no exemplo de número 15. A propósito dos sentidos atribuídos a esse termo nos dias atuais, Castro (2006, p. 49) questiona e resume: “E o que se poderia dizer da noção de *caipira*, hoje? O termo continuou a ser usado, mas parece-nos que encerra certa opacidade. A denominação é usada tanto em referência a um tipo social como a sua maneira de falar, que se supõe uma continuidade da variedade descrita por Amaral, sem que se tenha, no entanto, uma visão mais precisa de suas peculiaridades. Costuma-se atribuir a designação de caipira ao interiorano, particularmente o de zona rural (tocando-se, portanto, em um fator geográfico), inculto e que tem hábitos diversos dos que se vêem nos grandes centros (e aqui se toca em um fator cultural). A linguagem, indiscutivelmente, é um fator relevante no reconhecimento do caipira”.

EG (M – 37 anos): eles falam mais arrastado’ mais caipira é:: só vem/ nossa (+) tem tanta coisa com erre mais só vem a porta ((pronuncia o /R/ caipira)) na minha/ na minha cabeça

Entrevistadora: e qual cidade’ assim (+) que você já teve contato com alguém de lá e que deu pra perceber”

EG (M – 37 anos): Piracicaba (+) uma cidade que você pode ver tudo é Piracicaba

(18)

JC (M – 46 anos): concordo

Entrevistadora: você pode dar um exemplo”

JC (M – 46 anos): Piracicaba

Entrevistadora: como é” como’ como as pessoas falam”

JC (M – 46 anos): falam é:: bem caipira mesmo (+) aquela forma/ aquela/ arrastando o erre (+) uma outra forma que não é igual ao carioca’ mas eles falam

(19)

MC (F – 23 anos): não

Entrevistadora: por que”

MC (F – 23 anos): ((risos)) porque eu não acho que a gente fala caipira ((risos))

Esses excertos ilustram bem as opiniões dos informantes. A maioria deles concorda com a designação de caipira conferida ao dialeto do interior paulista. Entretanto, verifica-se que os informantes que concordam com essa designação não incluem a cidade de Campinas no conjunto “interior paulista” e, quando o fazem, são contrários à qualificação, uma vez que, para esses, o falar campineiro não carrega traços lingüísticos suficientes para que seja classificado como pertencente ao dialeto caipira.

É notória a avaliação negativa conferida ao dialeto caipira e, conseqüentemente, ao /R/ caipira, traço lingüístico mais evidente desse dialeto. Como exemplos das avaliações feitas pelos informantes, seguem os seguintes trechos:

(20)

EG (M – 37 anos): cê sabe” sinceramente eu num gosto não ((risos))

Entrevistadora: por que”

EG (M – 37 anos): porque caipira pra mim passa uma impressão que:: é::: /é::: não no sentido lá:: puro' caipira (+) mas num sentido assim'/ que:: num/ que num tá situado numa/ numa circunstância ou mal informado (+) etc. (+) é feio

Entrevistadora: e o quê que é feio”

EG (M – 37 anos): o que eu acho feio” falar arrastado (+) porque eu acho feio

(21)

TG (F – 20 anos): ah:: depende da pessoa (+) eu não gostaria de ser chamada de caipira' morando numa cidade dessa' na segunda capital do estado (+) eu não' eu não gostaria (+) é isso ((risos))

Como afirmam Hewstone e Giles (1997), o estilo de fala é uma das características que servem para a categorização dos indivíduos, dos membros de um determinado grupo, no processo de estereotipização. Nesse processo, é certo que um conjunto de características é concedido a quase todos os membros dessa categoria e que os indivíduos que dela fazem parte são considerados similares uns aos outros e distintos de outros grupos. No que se refere à estereotipização do /R/ caipira, observa-se, através dos depoimentos, que aqueles que fazem parte do dialeto paulista e que pronunciam o /R/ caipira como variante em coda silábica, por exemplo, são categorizados, simplesmente, como caipiras. Esses falantes são estigmatizados como ignorantes e “da roça” e o elemento lingüístico mais evidente – o rótico – é rotulado como feio, mole, falar arrastado, puxado.

Apesar das avaliações negativas manifestadas pela maioria dos informantes, foi possível verificar, também, julgamentos favoráveis às demais manifestações da cultura caipira, mas não em relação ao /R/ caipira. O fragmento a seguir traz uma avaliação positiva obtida a partir dos depoimentos:

(22)

LB (F – 37 anos): eu tenho orgulho' porque (+) é uma cultura' é uma tradição (+) traz consigo uma raiz histórica' e que bravamente ele sobrevive no mundo atual' porque a tendência é do agronegócio' é extinguir também' esse caipira (+) então as máquinas' né” enfim' tudo controlado por máquinas' enfim (+) a pessoa já com aquela característica urbana' digamos assim' né” (+)

então assim' eu admiro mu::ito' qualquer tipo de manifestação cultural que valorize o caipira (+) um exemplo (++) XX que é um' violeiro' que é um conhecido meu' que conta todas as tradições' os causos' eu ado::ro causos' quer coisa mais gostosa do que você sentar em volta de uma fogueira e contar causos' (+) né"

Como lembram Amossy e Pierrot (2001), os estereótipos favorecem a integração e a defesa da identidade social na medida em que há identificação e adesão à uma opinião estereotipada, por exemplo. Como visto no excerto acima, o conjunto de traços positivos que foram atribuídos à cultura caipira mostra que os estereótipos também têm um papel importante na vida em sociedade na medida em que a opinião ou crença, antes estereotipada negativamente, é reinterpretada.

5.3.2.2 Idealização do /R/ campineiro: reflexo da insegurança lingüística

Para a maioria dos informantes entrevistados (sete dos doze informantes), o /R/ que figura em coda silábica no falar campineiro – designado aqui como /R/ campineiro – é distinto daquele que prevalece nas demais cidades do interior paulista. Na tentativa de descrever o falar campineiro, os informantes também recorrem ao rótico para caracterizá-lo e para estabelecer um contraponto entre esse falar, o falar do paulistano e o falar das demais cidades do interior paulista. Assim, alguns dos informantes descrevem o falar campineiro da seguinte forma:

(23)

AL (M – 68 anos): campineiro tem um erre diferente daquele também do interiorzão né"

Entrevistadora: é diferente"

AL (M – 68 anos): é:: (+) porta ((pronuncia /R/ caipira)) (+) é sua::ve né" porta ((pronuncia /R/ caipira)) ((risos))

(24)

JC (M – 46 anos): agora’ o campineiro tá entre os dois ((risos)) intermediário

Entrevistadora: e como seria’’ dá um exemplo pra mim

JC (M – 46 anos): ah:: como vou fala::r (++) sei lá (+) um porta ((pronuncia o /R/ caipira com menos ênfase)) mais suave (+) assim:: mais suave assim

Apesar da afirmativa dos informantes, o segmento produzido por eles foi o /R/ caipira, como pode ser observado através do espectrograma abaixo, em que se reproduz a pronúncia do informante AL ao caracterizar o rótico que denomina como “suave”:

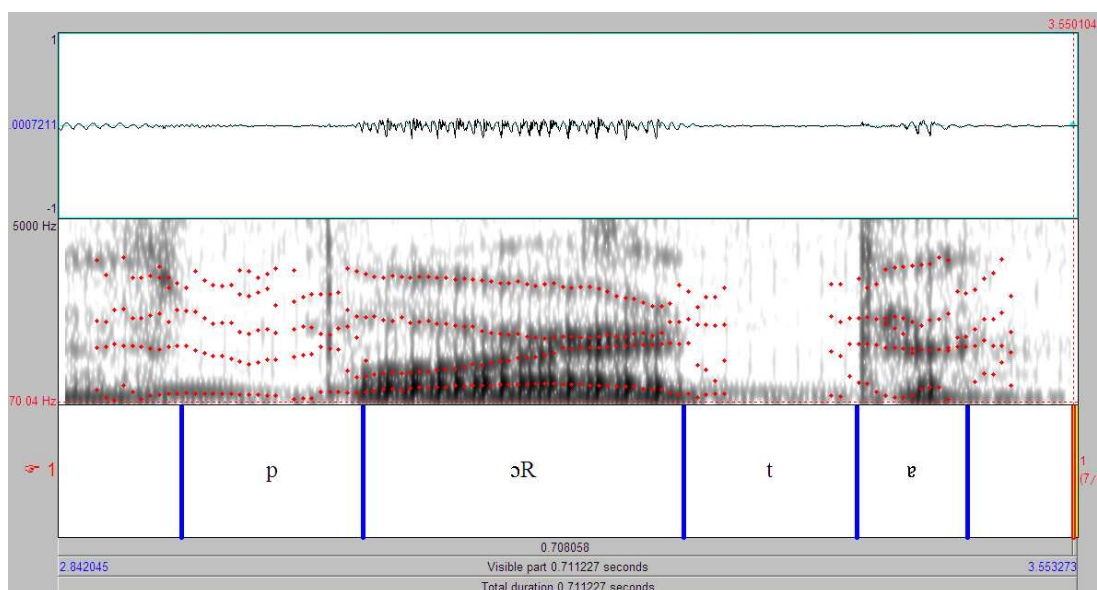


Figura 36 - Espectrograma AL 4: *porta*

Mesmo quando reconhecem que há semelhança entre o rótico característico do interior paulista – caracterizado como puxado, forte – e aquele que apontam como sendo o do falar campineiro – qualificado como mais suave que o rótico do interior paulista e intermediário, entre o rótico do paulistano e do paulista – amenizam a comparação e reafirmam a diferença entre ambos, assim como faz AL (M – 68 anos):

(25)

AL (M – 68 anos): é:: eu acho que o campineiro' campineiro mesmo tem esse traço do erre mole né" (+) porta (+) perna ((pronuncia /R/ caipira)) porque o paulistano não fala esse erre nosso e eu acho que: com o interior aqui (+) veja que eu falei interior né" aqui né" que tam/ é:: aqui não é interior né" ((risos)) eu acho que o erre do interior aí é mais carregado ainda que o nosso ((risos))

Dos doze informantes entrevistados, dois deles relacionam a pronúncia do /R/ campineiro à pronúncia do /R/ do interior paulista (informantes OE e LB) e outros dois à pronúncia do /R/ do paulistano (informantes TG e LH). Para ilustrar as declarações desses informantes, seguem trechos das opiniões emitidas por LB (F – 37 anos) e TG (F – 20 anos):

(26)

LB (F – 37 anos): ah:: o do interior (+) por mais que tente disfarçar' é:: é o do interior' INTERIOR ((pronuncia o /R/ caipira com ênfase)) ó (+) OR ((pronuncia o /R/ caipira com ênfase)) é isso

e

(27)

TG (F – 20 anos): porta ((pronuncia /R/ caipira)) normal' ((risos)) porque eu não vejo diferença entre o da capital' e campinas (+) então' pra mim ((risos)) /.../ mas o do interior/ quer dizer' somos do interior' mas das outras cidades do interior' dá pra perceber bastante o sotaque /.../ o do interior é mais esse puxa:do

A informante TG, por exemplo, faz essa declaração e, em seguida, afirma que a variante campineira é distinta da variante que caracteriza como típica do interior paulista, uma vez que esta é mais puxada. A outra informante – LH – não estabeleceu essa distinção.

Apenas uma informante alega que não está muito atenta às diferenças de fala e se esquivava ao ser convidada a estabelecer distinções relacionadas a essas diferenças. Apesar da alegação, o seu depoimento revela que as distinções são percebidas e avaliadas, assim como faz quase todos os informantes, pois reconhece que os campineiros são qualificados como caipiras. Eis o que CL (F – 47 anos) diz:

(28)

CL (F – 47 anos): não (+) às vezes a gente até pode ser ((risos)) taxado de caipira

Entrevistadora: por que”

CL (F – 47 anos): pelo modo que a gente fala às vezes’ né” o normal’ você fala::ndo (+) você pode falar de um jeito que dá a entender que você é caipira’ né” eu não acho ruim isso daí não ((a informante diz não perceber, mas mudou a pronúncia e usou a variante fricativa ao longo da primeira etapa de coleta de dados))

Ao se esquivar, a informante demonstra o desconforto proporcionado pela situação de entrevista e mesmo pelo conteúdo da conversa. Em função disso, acoberta o /R/ caipira, característico do seu idioleto, e elege a fricativa como variante prestigiosa. Essa é a variante sustentada durante toda a primeira etapa de coleta de dados, correspondente à leitura de palavras e sentenças. Na segunda etapa, durante a entrevista, o /R/ caipira e a vogal rotacizada emergem nos dados de fala de CL (F – 47 anos).

Apesar de a maioria dos informantes afirmar que o /R/ campineiro é distinto do rótico característico da fala do interior paulista – o /R/ caipira –, as análises auditivas e acústicas revelaram que a assertiva deles, na maioria das vezes, não coaduna com os fatos. São poucos os exemplos – apenas dois – em que produzem uma variante distinta do /R/ caipira ao caracterizar o /R/ campineiro. Quando o fazem, a realização se aproxima de uma vogal rotacizada.

Com a análise dos depoimentos dos informantes, percebe-se que há uma contradição entre as opiniões manifestadas a respeito do falar campineiro. Embora todos os informantes afirmem que sentem orgulho devido a forma como falam, três deles mudaram a pronúncia do /R/ durante a primeira etapa de gravação dos dados, como registrado no capítulo quatro. Dois desses informantes asseguraram, durante a entrevista, que essa mudança é uma opção:

(29)

EG (M – 37 anos): eu/ eu tento me policiar (+) mas isso é coisa minha’ óbvio (+) é:: de num falar arrastado’ porque eu acho feio

(30)

AL (M – 68 anos): faço força pra não falar como caipira

Entrevistadora: e em casa”

AL (M – 68 anos): também não (+) lá em casa também

CB: já:: cê fala/ já entrou no ritmo’ né” ((aceno afirmativo com a cabeça))

AL (M – 68 anos): é:: já me acostumei (+) é:: já:: (+) mas eu procuro não falar ((risos))

Entrevistadora: por que não”

AL (M – 68 anos): porque eu acho feio (+) eu acho:: muito embora: dizem que não é’ que isso não é caipirice’ né” isso parece até que é advindo de:: dos americanos do Sul dos Estados Unidos’ da Guerra da Secessão’ né” que vieram pra cá e trouxeram essa influência desse erre caipira ((risos)) /.../

AL (M – 68 anos): cê acha que eu consegui” eu tento ((risos))

O argumento para o fato de evitar pronunciar o /R/ estigmatizado é sempre o mesmo: porque é feio. Ao final da sessão de entrevista, o informante EG (M – 37 anos), que se empenhou em produzir a variante avaliada por este positivamente – o tap –, dirigiu-se à entrevistadora e perguntou:

(31)

EG (M – 37 anos): e aí” fui bem” cê acha que disfarcei bem”

Entrevistadora: disfarçou o quê”

EG (M – 37 anos): esse erre caipira ((risos))

O esforço para mudar ou ocultar a pronúncia que lhe é característica certamente denota insegurança lingüística, como afirma Labov (1966, 1972). Assim como ocorreu com os nova-iorquinos, foi possível observar que alguns dos campineiros entrevistados – AL (M – 68 anos), EG (M – 37 anos) e CL (F – 47 anos), por exemplo – se esforçaram para não pronunciar o /R/ caipira e tentaram, conscientemente, modificar a pronúncia que lhes é característica. AL e EG também demonstraram satisfação – e não, vergonha – ao declararem que conseguem sustentar outra variante⁹⁵ de /R/ ao longo de uma conversa.

⁹⁵ Como descrito no capítulo quatro, o informante AL realiza um tap aproximante e o informante EG produz o tap. Por algumas vezes, apenas durante a entrevista, pronunciavam o /R/ caipira.

O depoimento da informante LB (F – 37 anos), abaixo, também retrata a insegurança que há por parte de alguns campineiros e que aparece na fala de muitos dos entrevistados:

(32)

LB (F – 37 anos): confuso' acho que o falar do campineiro confuso' por causa da falta de identidade' como eu falei antes (+) então' ou ele quer ser paulistano' ou ele quer ser paulista' então' aquela coisa que eu falei pra você' ele quer falar bonito' ele quer ter o status' porém ele quer tentar esconder o erre e não consegue (+) onde que eu vejo isso muito claramente" em entrevistas de telejornais (+) e percebo claramente (+) então' a pessoa faz aquela pose' porque já tá na televisão com o microfone' né" na frente dela' então ela vai falar' e ela pensa que ela não emitiu aquele erre e foi aquele erre (+) foi ecoado' entendeu" eu não consigo te fazer um exemplo mas dá pra perceber nitidamente

A informante revela, ainda, que a tentativa de ocultar o falar estereotipado ocorre quando há um obstáculo – a interferência externa – e quando há, também, a intenção de reduzir a dissimilaridade entre os falantes. Em situações como essa, a atitude do campineiro que se inquieta diante da estereotipização relacionada ao seu falar é resumida da seguinte maneira:

(33)

LB (F – 37 anos): se ele não tem interferência externa' acho que ele não tá nem aí pra isso' honestamente falando (+) se ele não tem interferência externa' né" o que/ o que' envergonha muito o campineiro aqui' na minha opinião' é a interferência externa (+) quer dizer' o ridicularizar' quando vem o outro de fora e o ridiculariza (+) quer dizer' automaticamente tá deixando ele fora da sociedade e a pessoa' ela quer pertencer à sociedade (+) então' aquela coisa de:: ôpa' então deixa eu mudar pra agradar tal pessoa' pra poder fazer parte' né"

Os falantes certamente sabem quais fatos lingüísticos são preferíveis ou adequados a determinadas situações e, sendo assim, elegem o que consideram mais

adequados às situações comunicativas. Essa capacidade de eleição, segundo Fernández (1998), que deriva da consciência lingüística, é importante quando se investiga fenômenos de variação e mudança lingüística, por exemplo.

5.3.3 O olhar do campineiro em relação à capital do interior paulista: uma cidade indecisa?

A idealização do /R/ campineiro talvez esteja relacionada à visão que o campineiro tem em relação à Campinas. Como apontado no capítulo 1, é atribuído a essa cidade o título de capital do interior paulista. Essa titulação não é aleatória, pois Campinas é, de fato, o núcleo de uma RMC, única no país cujo núcleo não é, também, capital do Estado. Assim, a distinção que há em termos populacionais, de desenvolvimento econômico – para não citar os demais – entre Campinas e as demais cidades do interior paulista é requerida em termos lingüísticos.

Quando perguntado se concordavam com o título concedido à cidade, afirmaram:

(34)

AL (M – 68 anos): olha' em termos viu'' porque na verdade o campineiro acha que o interior é daqui pra lá né'' e daqui pra cá não é interior (+) Campinas não é interior ((risos)) mas que é' é

(35)

TG (F – 20 anos): ela é o coração' né' do/ ela seria a segunda capital do estado se não houvesse São Paulo (+) porque tem todo os requisitos' né'' em grande parte independente da capital (+) tem muitas coisas' tem o pólo industrial em decorrência das cidades que estão na metrópole' na região metropolitana' então eu concordo' que ela é a capital do interior (+) mesmo não achando que é interior' mas ((risos))

(36)

LB (F – 37 anos): a capital do interior paulista” (+) ah: de uma certa forma eu concordo (+) agora’ eu acho um pouco/ um pouco antagônico’ a capital do/ junto com o interior né” ou se é capital ou se é interior (+) acho que ai denomina um pouco essa falta de:: (+) que eu falei antes’ de identidade da cidade (+) ou seja’ de ser/ de alguém/ de pertencer a alguém’ né” (+) então’ dá um pouco daquela coisa’ é interior ou é capital” qual a identidade da cidade” às vezes eu fico um pouco nessa/ nessa dúvida (+) ou se define como interior de vez e a gente assume e:: se aprofunda nas questões regionais’ da cultura que’ como você viu’ nem lembrei’ (+) quer dizer’ tão perdido que tá (+) ou se transforma numa capital de vez e a cidade é de ninguém e fim de papo (+) porque pra mim capital é cidade de ninguém’ não tem pertencimento

O antagonismo apontado pela informante, demonstrado no excerto de número 36, não foi sentido pela maioria dos informantes, uma vez que quase todos afirmaram que estão de acordo com a qualificação dada à cidade. Assim, há quem argumente que não há incompatibilidade na designação capital do interior, pois, conforme alegam, existem motivos suficientes para enquadrar a cidade no rol das capitais. Outros, entretanto, sustentam que a denominação denota incerteza.

Como exemplo daqueles que são partidários a essa segunda interpretação, vale apresentar o conteúdo de uma reportagem veiculada pelo jornal Correio Popular de Campinas em 07 de julho de 2002. O editorial de cultura desse jornal traz uma reportagem cujo tema é a retomada e valorização da música caipira em Campinas. Logo no início da reportagem, o redator relata um fato ocorrido durante a semifinal do campeonato paulista de futebol no ano de 2001, realizado no estádio Moisés Lucarelli na cidade de Campinas. Nesse jogo, o time Ponte Preta, de Campinas, enfrentou o Botafogo de Ribeirão Preto. Os torcedores do Botafogo foram recepcionados pelos pontepretanos com o seguinte grito de guerra: “caipiras, caipiras, caipiras”. Para Nunes (2002, p. 1), que assina a reportagem, “a cena é emblemática de uma cidade que vive uma eterna crise de identidade. Não é capital e se recusa a ser interior”.

Uma evidência da recusa, afirma Nunes (2002), é a demora em dar a devida atenção às manifestações culturais que reafirmam a cultura caipira, tanto que, somente em

2001, surgiu uma das mais importantes manifestações da cultura regional em Campinas: a oficina de viola caipira⁹⁶. Além dessa importante atividade, que indica uma retomada e valorização de traços da cultura caipira, a matéria ressalta, ainda, a realização de atividades voltadas para essa temática que seriam desenvolvidas no Museu da Cidade de Campinas. O fato de questões relacionadas à cultura caipira, à memória e à tradição da cidade assumir a pauta de discussões na sociedade campineira mostra que “Campinas começa, mesmo que de maneira hesitante, a assumir que é uma cidade do interior e se volta para suas raízes ‘caipiras’” Nunes (2002, p. 1). Apesar do grito de guerra dos torcedores, que não coaduna com a reflexão proporcionada pelos músicos e demais estudiosos, o editor finaliza a reportagem esperançoso e conclui:

Indecisa como sempre foi, a cidade deverá receber em boa hora o debate. É possível que, a partir de então, nenhum campineiro ouse mais chamar o vizinho de caipira. Primeiro, porque se espera que a palavra perca o sentido pejorativo. Depois, porque a cidade não é uma ilha no meio do Estado. É tão caipira quanto, mesmo que tenha o nariz empinado e olhar – ainda – direcionado para a Europa. Se assim for, pontepretanos e bugrinos terão de encontrar outro grito de guerra para zoar torcedores de equipes do interior de São Paulo, porque eles também são caipiras (NUNES, J. 2002, p. 1).

Certamente, as atividades são importantes e contribuem para a reflexão a respeito da importância da preservação de traços da cultura caipira, mas não o suficiente para apagar o sentido pejorativo do termo caipira, como esperava o jornalista.

Em relação à alegada indecisão atribuída à cidade e, conseqüentemente, aos campineiros, os informantes expuseram opiniões que podem ser sintetizadas com a indagação surpresa da informante LB (F – 37 anos) e com a assertiva do informante OE (M – 29 anos):

⁹⁶ O editor se refere à Orquestra Filarmônica de Viola Caipira de Campinas. A orquestra é regida pelo músico e professor Ivan Vilela e encontra-se em atividade desde agosto de 2001, quando foi fundada. O primeiro CD foi lançado em 2005, intitulado Zabumba. Esse projeto, que teve arranjos musicais baseados apenas na viola caipira, foi indicado ao Prêmio Rival Petrobrás de Música na categoria “Atitude”.

(37)

LB (F – 37 anos): acertei' né'' ((risos)) é isso mesmo' perfeito (+) ela é indecisa' e ela reflete isso nas pessoas que moram aqui nas mais diversas formas' eu vejo claramente isso no meu trabalho social aí

(38)

OE (M – 29 anos): é:: é verdade (+) parece que ela fica no meio termo' assim né'' tem tudo que uma cidade grande tem' mas ainda tem umas características de uma cidade pequena e aí vai (+) fica no meio termo' nem lá nem cá

5.4 Síntese e Discussão

5.4.1 O fato lingüístico e os depoimentos: aparente incongruência

A análise acústica dos dados, apresentada no capítulo 4, revela que, ao contrário do que foi suposto, a variante que prevalece – encontrada em 90,6 % dos dados analisados – é o /R/ caipira. Há variação, uma vez que essa não é a única variante do /R/ em coda silábica medial e final, mas o número expressivo de realizações do /R/ caipira afasta a hipótese de apagamento, já que nenhuma ocorrência foi encontrada, ou de vocalização – que corresponde a apenas 0,4% da amostra. Há, ainda, um número reduzido da variante vogal rotacizada, que é avaliada positivamente pelos informantes.

Por meio dos depoimentos, verificou-se que, dos doze informantes entrevistados, sete deles afirmaram que o rótico do falar campineiro é distinto daquele que indicam como típico do interior paulista e outros dois alegaram, ainda, que não percebem diferença entre a pronúncia do /R/ campineiro e do /R/ característico do paulistano, uma vez que são iguais. Na tentativa de estabelecer a alegada distinção, os segmentos produzidos pela maioria dos informantes não diferem entre si. Ou seja, a maioria deles produziu o /R/ caipira ao demonstrar a pretensa diferença, como mostram os espectrogramas que serão apresentados adiante.

Os trechos dos depoimentos dos informantes AL (M – 68 anos) e JC (M – 46 anos), exemplificados nos excertos 23 e 24, fazem referência a uma variante de /R/ que seria típica do falar campineiro. Essa variante é qualificada como “suave” e “intermediária”. Os espectrogramas AL 4 e JC 1 reproduzem as produções do rótico proferidas por esses dois informantes quando eles demonstraram qual era a pronúncia do /R/ campineiro.

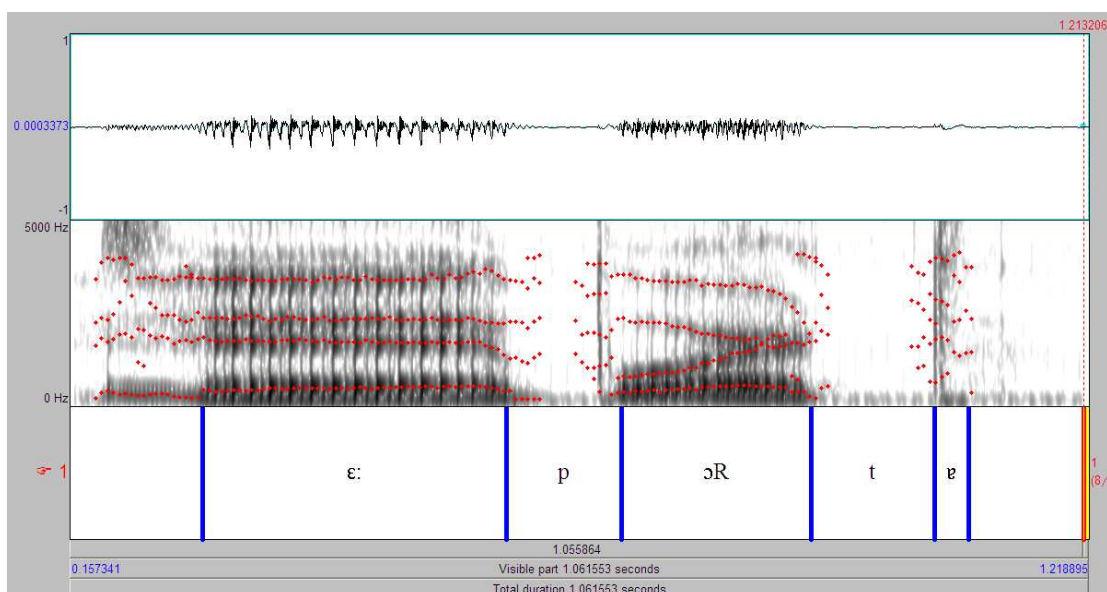


Figura 37 - Espectrograma AL 5: *porta*

Como pode ser verificado no espectrograma AL 5 (figura 37), a frequência do F3 é baixa e se aproxima do F2 na posição final da trajetória / R/. Esse correlato acústico foi mobilizado nesta pesquisa para caracterizar o /R/ caipira. Assim, ao tentar produzir o erre “suave” do falar campineiro, a variante mais freqüente e estigmatizada é que é proferida: o /R/ caipira.

O espectrograma JC1 (figura 38), também não difere muito do padrão ilustrado no espectrograma AL 5. Desse modo, assim como no anterior, a variante emitida foi o /R/ caipira, mas produzido com um volume menor, já que a intenção do informante é caracterizar o erre do campineiro, que seria mais suave do que o erre puxado das demais

idades do interior paulista. Entretanto, as demais ocorrências do rótico na amostra de fala desse informante são produzidas normalmente, sem a preocupação de suavizar a pronúncia. E, como descrito no capítulo quatro, a variante mais freqüente na fala de JC (M – 46 anos), assim como na fala dos demais informantes, é o /R/ caipira.

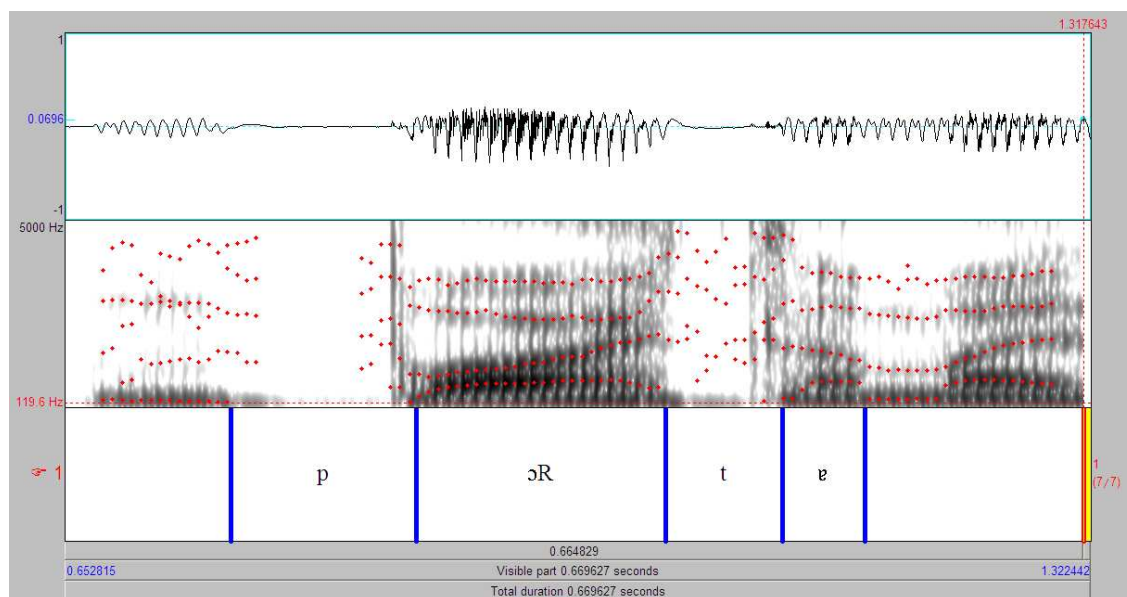


Figura 38 - Espectrograma JC 1: *porta*

Como se sabe, dois informantes compararam o erre campineiro ao erre do paulistano – cuja variante mais freqüente é o tap. Ao estabelecer essa comparação, a informante TG (F – 20 anos) também afirma que o erre do interior é mais puxado, conforme excerto de número 27. Contudo, no exemplo dado pela informante, é, mais uma vez, o /R/ caipira que é pronunciado, como ilustra o espectrograma TG 2 (figura 39), adiante.

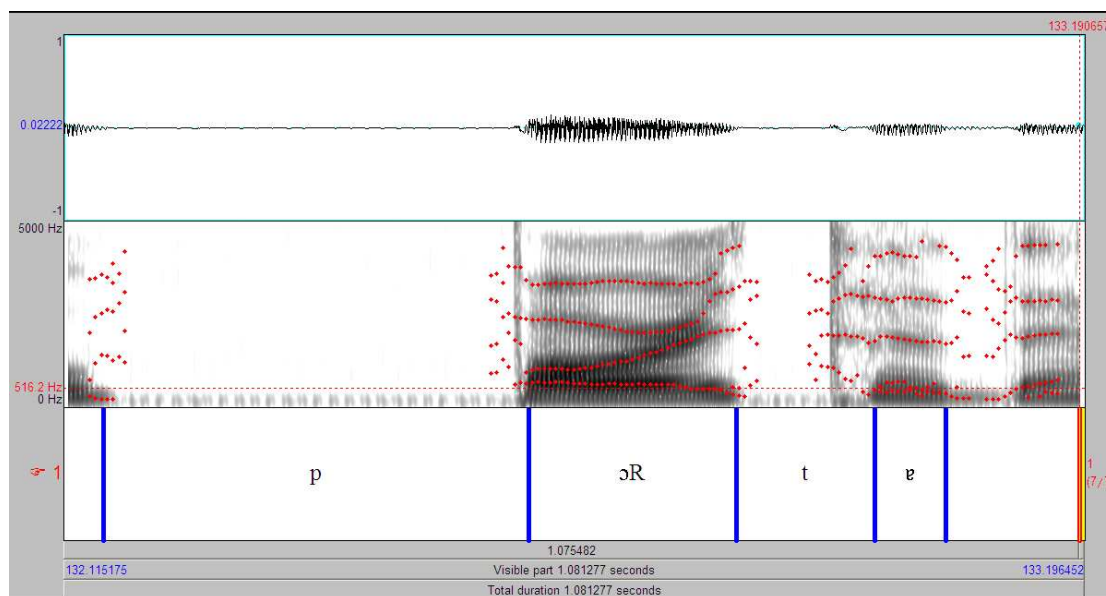


Figura 39 - Espectrograma TG 2: *porta*

Se a variante predominante nos dados analisados fosse a vogal rotacizada, poder-se-ia argumentar que a distinção que existe entre o /R/ caipira e essa variante – a vogal rotacizada caracteriza-se por não apresentar F3 tão baixo quanto aquele encontrado para a variante /R/ caipira – por ser significativa, seria suficiente a ponto de o falante poder percebê-la e considerá-la como distinta do /R/ caipira e representativa do falar campineiro. Entretanto, a vogal rotacizada corresponde a apenas a 9% das amostras do *corpus* analisado.

O /R/ caipira é estereotipado e os informantes, como quem procura se distanciar das opiniões e crenças que fomentam esse estereótipo, requerem para si uma pronúncia distinta dessa que é estigmatizada como feia, carregada, puxada, entre outros rótulos. Os informantes refletem sobre a pronúncia desse segmento linguístico, emitem opiniões, mas quase todos afirmam que “o outro” – o piracicabano, por exemplo – é que tem o erre mais puxado e que melhor representa o sotaque do interior paulista. Com afirma Romaine (1996, p. 35) “la gente manifiesta opiniones rotundas sobre los acentos, incluída la idea de que son siempre otros los que tienen ‘acento’ y nunca uno mismo”

Assim, ao confrontar os resultados obtidos através das análises acústicas dos dados com aqueles alcançados por meio da análise das atitudes manifestadas nos

depoimentos dos informantes, observa-se que há uma desarmonia entre o que é dito e o que é produzido. Entretanto, pode-se pensar que essa dissonância ou falta de coincidência é apenas aparente, uma vez que os falantes se vêem como se realizassem a forma que julgam prestigiosa e que almejam produzir, assim como foi verificado nos estudos realizados por Labov (1966) e Trudgil (1974), por exemplo.

Ao analisar os dados de fala dos novaiorquinos, Labov (1966, p. 315) afirma: “we shall see that when the average New Yorker reports his own usage, he is simply giving us his norm of correctness”. A análise dos dados dos campineiros apresentadas neste trabalho indica que os informantes de Campinas, assim como os de Nova Iorque, não ouvem o som que produzem – o /R/ caipira –, mas sim a norma que impõem a si mesmos, confirmando, portanto, a segunda a hipótese apresentada neste trabalho.

5.4.2 A vitalidade do /R/ caipira

Amaral (1920, p. 42) previu o desaparecimento do dialeto caipira, “em prazo mais ou menos breve”. Para o autor, o crescimento da população, o desenvolvimento do comércio, o contato da província de São Paulo com outras localidades, entre outras causas, contribuíram para que o dialeto caipira sofresse grandes alterações já em 1920; estando fadado, então, à extinção. Entre os traços lingüísticos que caracterizam o referido dialeto, destaca-se o /R/ caipira – segmento lingüístico objeto da pesquisa que origina este trabalho. O desaparecimento desse segmento também é sinalizado por Cunha (1968).

Apesar dessas previsões, as pesquisas realizadas por Rodrigues (1974), Head (1973, 1978), Guiotti (2002) e Castro (2009) indicam que a realização do /R/ caipira no dialeto paulista permanece consistente. O trabalho de Castro (2006), baseado em dados de Minas Gerais e do Paraná, também confirma essa assertiva. Entre esses estudos, vale destacar os resultados obtidos por Castro (2009) por serem mais recentes.

Nessa pesquisa, a autora contou com dados do ALiB – Atlas lingüístico do Brasil – referente a dez localidades do interior paulista⁹⁷. O objetivo foi verificar a ocorrência do /R/ caipira em coda medial e final. A análise desses dados mostra que a variante denominada retroflexa corresponde a mais de 80% das realizações encontradas, tanto em coda media quanto em coda final. Nesse resultado foram excluídos os casos de realização zero. Os valores encontrados, em coda medial e final, para os dados coletados na cidade de Campinas foram: 82% e 84% para a variante retroflexa e 18% e 16% correspondente ao número de ocorrências da variante tap. A propósito do tap, Castro (2009) questiona se essas realizações poderiam estar relacionadas à preocupação e insegurança quanto ao desempenho por parte dos informantes ao serem inquiridos. A análise mais detalhada dos dados mostra que essa é a justificativa para a realização de tal variante, uma vez que 13 das 17 ocorrências de tap em Campinas foram localizadas na fala de apenas um informante.

Como anunciado anteriormente, a análise dos dados desta pesquisa revelou que o /R/ caipira corresponde a 90,6 % das variantes do rótico em Campinas. Esses resultados, somados ao de Castro (2009), confirmam a vitalidade dessa variante e indicam que a previsão de Amaral (1920) está longe de se cumprir.

5.4.3 Por que variantes não prestigiosas persistem?

Diante do resultado obtido nesta pesquisa, que aponta um considerável número de ocorrências da variante /R/ caipira – 90,6 % dos dados analisados –, há que se interrogar: por qual ou quais motivos variantes não prestigiosas persistem? Essa é mais uma pergunta difícil de responder e sempre presente na pauta dos pesquisadores, especialmente dos lingüistas e dos psicólogos sociais. Assim, vale recapitular, brevemente, algumas das

⁹⁷ Os dados foram coletados nas seguintes cidades: Araçatuba, Andradina, Araraquara, Bauru, Botucatu, Campinas, Ibitinga, São José do Rio Preto, Sorocaba e Piracicaba. De cada uma dessas localidades, foram inquiridos quatro informantes, sendo dois de cada sexo, com escolaridade até a oitava série e distribuídos, de maneira igual, em duas faixas etárias: de 18 a 30 anos e de 50 a 65 anos de idade. O montante de dados analisados foi 1153 ocorrências.

reflexões e das possíveis interpretações propostas por Ryan (1979) e Milroy (1980) para essa questão.

Após analisar diversas situações caracterizadas pela persistência de variantes (regionais, étnicas, entre outras) que não sucumbem às formas consideradas como padrão, Ryan (1979) conclui que as variedades de fala não padrão persistem, basicamente, porque os falantes não têm intenção de abrir mão delas. A justificativa para agirem dessa maneira está relacionada à solidariedade que existe entre os membros dos grupos, ou seja: variedades não padrão são vistas favoravelmente quando os membros desses grupos se unem em função da preservação da identidade, principalmente. Como exemplo, cita a resistência do francês canadense no Canadá, do catalão na Espanha, entre outros.

Ryan (1979) argumenta que as variedades não prestigiosas resistem, também, porque têm uma mesma função social importante, independentemente do fato de os falantes não atribuírem valores positivos a elas quando questionados diretamente.

Milroy (1980) também aponta a lealdade à comunidade local como uma resposta para a questão apresentada e discutida neste tópico. Como se sabe, variedades estigmatizadas e não prestigiosas podem ser utilizadas para indicar lealdade, respeito e fidelidade à comunidade local, assim como ocorreu em Martha's Vineyard e em Belfast⁹⁸. A autora propõe, ainda, que as variedades prestigiosas não devem ser interpretadas como única alternativa positiva, como se ocupassem o topo em uma escala progressiva em termos de preferência, para onde todos os falantes se voltam e desejam alcançar. Resultados como esses, lembra Milroy (1980), sugerem que:

⁹⁸ Trata-se da série de estudos desenvolvidos por James e Lesley Milroy a partir de 1975. Nesses estudos, analisam a variação vocálica (sendo oito variáveis fonológicas) do inglês em três bairros de classe trabalhadora de Belfast, na Irlanda. Para explicar o emprego das variantes os autores recorrem à observação de redes de relacionamento existentes entre os membros dos grupos estudados. Os resultados alcançados mostram que as redes densas e do tipo multiplex – caracterizadas pelo inter-relacionamento de seus membros em diversas situações – funcionam como mecanismo de reforço dos valores lingüísticos e culturais compartilhados entre os membros desses grupos. Assim, são as inter-relações estabelecidas entre esses membros que possibilitam a manutenção, ou não, do comportamento lingüístico observado.

Instead of positing a sociolinguistic continuum with a local vernacular at the bottom and a prestige dialect at the top, with linguistic movement of individuals in a generally upward direction, we may view the vernacular as a positive force: it may be in direct conflict with standardized norms, utilized as a symbol by speakers to carry powerful social meanings and so resistant to external pressures (MILROY, 1980, p. 19).

Nos depoimentos de dois informantes desta pesquisa (OE e LB) é possível verificar opiniões positivas e valorativas a respeito de traços da cultura caipira e mesmo do /R/ caipira. Esses informantes têm consciência do estigma conferido a esses traços, mas a estereotipização parece não ser maior do que a relação afetiva que mantém com os elementos representativos da cultura e do dialeto caipira, como pode ser percebido no excerto abaixo:

(39)

LB (F – 37 anos): pessoalmente falando sim' eu' eu' me assumo como interiorana (+) assumo MESMO /.../ eu gosto do meu jeito de falar

Entrevistadora: e no geral' as outras pessoas' o que você percebe"

LB (F – 37 anos): ((risos)) as pessoas não gostam muito não' sabe" elas acham horrível' aquela coisa de falar que ela é interiorana' que uma caipi::ra' acho TÃO bonito(++) é uma coisa que faz tanto parte da nossa história' da nossa cultura' né" e uma coisa que eu pessoalmente admiro e levo isso até como estilo de vida' inclusive (+) é a vida simples' e essa vida simples' tenho quase certeza que é herança dessa::// porque nós somos fortemente rurais aqui' com a:: toda história cafeeira' né" (+) então assim' até hoje a gente tem muitas fazendas assim:: ao nosso redor' preservando essa história (+) então' isso é muito forte dentro de mim' e eu sei que indiretamente vem por conta dessa história aí' então:: pra mim' quiser me chamar de caipira ((sinaliza com os ombros como quem diz que não se importa)) eu mesma brinco quando tô conversando com as pessoas (+) ah:: eu sou caipirona assim mesmo' repara não (+) eu gosto desse lado' eu ajudo a preservar isso' que é tão importante

Em relação ao aspecto lingüístico que interessa a esse estudo, os resultados indicam que a forma padrão não é o /R/ caipira. Essa não é a variante prestigiosa e nem aquela que é adotada pelos profissionais dos meios de comunicação, como telejornais, por exemplo. A exceção ocorre quando se trata de programas regionais. Entretanto, é a forma que representa uma cultura caipira – que, aliás, é cada vez mais valorizada, resgatada e reinterpretada, principalmente a partir do movimento musical.

A retomada de traços da cultura caipira, especialmente da música caipira, é fato, como demonstra a matéria de Nunes (2002). Ao ser retomado, é reinterpretado, dando origem a novos modos de expressão. A viola caipira divide a atenção com a música sertaneja e o típico caipira – antes descrito como roceiro, ignorante, acanhado – hoje pode ser representado através do protótipo do *cowboy* americano, como se vê nas festas de rodeio pelo país e mesmo nas cidades próximas a Campinas. Exemplos como esses podem ser considerados como evidências da resignificação de traços da cultura caipira. A propósito dessa questão, Setubal (2005) sustenta que há, de fato, uma retomada, em geral positiva, do significado e da representação do caipira. Nessa retomada, indica que:

É o caipira country que, inspirado na imagem do cowboy americano, pode construir um tipo vencedor, um herói que ultrapassa a imagem do caboclo pobre, sem educação, ingênuo, preguiçoso e sempre perdedor, porque explorado e espoliado. Com a reelaboração de várias imagens tradicionais do campo, a nova ruralidade tem uma entrada muito forte no imaginário social brasileiro. É importante contextualizar essa mudança como parte de um momento em que o campo, especificamente o agronegócio, vem ganhando destaque na economia e, conseqüentemente, na mídia brasileira (SETUBAL, 2005, p. 67-68).

A partir do exposto, é possível verificar que não há uniformidade em relação às avaliações e julgamentos a respeito dos aspectos lingüísticos aqui apresentados. Com isso, observa-se que a variante avaliada negativamente pela maioria dos entrevistados pode funcionar como símbolo de coesão e de identidade para outros falantes que também fazem parte do falar campineiro. Com base nos depoimentos, pode-se supor que sentimentos de solidariedade e lealdade, traduzidos através de valores afetivos, podem contribuir para a

manutenção de variantes estigmatizadas e não prestigiosas. Somado a isso, cabe destacar a resignificação e crescente valoração de traços que representam a cultura caipira.

A reflexão de Ralf Campos, na poesia *Mão Caipira, sim senhor!*, também faz referência a essa nova roupagem do caipira, como pode ser visto nos trechos selecionados que compõem a epígrafe desta tese. Mas, como relata o poeta, enquanto o /R/ das terras das pradarias⁹⁹, pronunciado pelo *cowboy*, é qualificado como “endolarado” e avaliado positivamente, o /R/ caipira continua sendo “mote de zombaria”, apesar da semelhança entre ambos.

⁹⁹ Pradaria é um tipo de cobertura vegetal herbácea, de aparente uniformidade, onde predominam gramíneas. As pradarias são consideradas como um dos ecossistemas mais importantes do planeta, pois ocupam a metade da superfície da Terra e apresentam solos ricos em matéria orgânica e são geralmente exploradas para pastoreio. Essa designação se aplica mais especificamente ao ecossistema típico das regiões centrais da América do Norte (prairies). Na América do Sul, as pradarias são encontradas na Argentina, Uruguai e no Brasil – no Estado do Rio Grande do Sul, onde são chamadas de pampas (ANTUNES, 1991). Assim, na poesia, ao utilizar a expressão “terra das pradarias”, o autor se refere aos países da América do Norte e, mais especificamente, aos Estados Unidos da América.

6

Considerações finais

As línguas podem ser estimadas por razões distintas, mas normalmente aqueles que as avaliam são guiados por motivos subjetivos e afetivos. As avaliações, sejam valorativas ou depreciativas, são importantes pontos de observação para os estudos da linguagem, uma vez que tais avaliações podem contribuir para a manutenção ou desaparecimento de traços lingüísticos. Os estudos relacionados às atitudes lingüísticas, que comumente lidam com questões afetivas e avaliativas relacionadas a fatos de língua, defrontam com questões complexas, escorregadias e, por vezes, contraditórias.

A questão inicial que orientou este estudo diz respeito a avaliações manifestadas por informantes campineiros a respeito de um traço lingüístico que seria característico desse falar: o /R/ intermediário. Diante dessa questão, foi apresentada uma hipótese inicial que guiou a pesquisa. Assim, foi proposto que o /R/ em posição de coda silábica no falar campineiro está em um estado mais avançado, se comparado a outras cidades do interior paulista, no que se refere ao enfraquecimento desse segmento, tendendo à vocalização ou ao apagamento. Esse enfraquecimento seria o responsável pela impressão, de oitiva, dos informantes que julgam pronunciar uma variante de /R/ avaliada como “intermediária” e indicada como característica do falar campineiro. Paralelo a essa suposição inicial, questionou-se, também, se a referência ao /R/ intermediário não estaria relacionada a uma idealização projetada pelo falante e que não teria necessária correspondência ao fato lingüístico. Essa seria uma crença estereotipada ou haveria, de fato, uma variação em progresso já percebida pelos informantes mais sensíveis às questões lingüísticas?

A partir desses questionamentos, o presente estudo foi desenvolvido apoiando-se em dois objetivos gerais: (i) examinar o processo de variação lingüística do /R/ em posição de coda silábica que parece ocorrer em Campinas, por meio de análises auditivas e

acústicas dos dados coletados junto a informantes campineiros; e (ii) investigar as atitudes lingüísticas, ou seja, o saber e o discurso público sobre a língua, nos termos de Schlieben-Lange (1993), procurando descrever os estereótipos e as atitudes relacionadas à variável lingüística em foco.

Os resultados obtidos através das análises auditivas e acústicas dos dados mostraram que há variação do rótico no falar campineiro. As variantes encontradas e a porcentagem de cada uma delas foram: /R/ caipira (90,6%), vogal rotacizada (9,0%) e /R/ vocalizado (0,4%). Como visto, a variante mais freqüente é o /R/ caipira, encontrado em coda medial e final, tanto na fala de informantes circunscritos na faixa etária 1 quanto para aqueles localizados na faixa etária 3. Sendo assim, há uma grande vitalidade da variante /R/ caipira no *corpus* analisado, inclusive nos dados de fala dos campineiros mais jovens. As análises revelaram, também, que não há ocorrências de apagamento do rótico nos dados examinados. Ao final dessas investigações, conclui-se que o grande número de realizações do /R/ caipira, somado aos fatos de não haver apagamento do rótico e das poucas ocorrências do /R/ vocalizado contrariam a hipótese inicial desta pesquisa. Embora esses resultados contrariem a primeira hipótese deste trabalho, não são suficientes para invalidá-la, uma vez que as ocorrências de vogais rotacizadas, bem como a existência de gradação entre as variantes do /R/ caipira em relação às variáveis faixa etária e ao grau de escolaridade podem ser consideradas como indícios do enfraquecimento do rótico em posição de coda silábica.

A análise dos depoimentos revelou que a maioria dos informantes (sete deles) afirma que o /R/ campineiro distingue-se do rótico característico do dialeto paulista – o /R/ caipira – por ser mais suave ou “intermediário”. Outros dois informantes alegam que o /R/ dos campineiros se assemelha ao /R/ dos paulistanos. Entretanto, a análise acústica desses dados mostrou que é o /R/ caipira que eles produzem, mesmo quando procuram estabelecer distinções entre as formas de pronúncia do rótico. Assim, há uma contradição entre a afirmação encontrada na maioria dos depoimentos e a pronúncia do rótico emitida por esses informantes. Pode-se dizer que essa contradição é apenas aparente, pois os falantes costumam se referir às formas lingüísticas que consideram prestigiosas socialmente e não àquelas que, de fato, fazem parte do seu repertório lingüístico. Os informantes campineiros

se vêem como se produzissem a pronúncia que julgam prestigiosa. Esse resultado confirma a segunda hipótese desta pesquisa.

Apesar de ser estigmatizada, a pronúncia do /R/ caipira mantém-se ativa no falar campineiro, sendo encontrada em todas as faixas etárias investigadas neste estudo, independentemente do grau de instrução e do sexo dos falantes. A pronúncia prestigiosa – que para alguns é o tap dos paulistanos, para outros a fricativa e para a maioria deles apenas uma pronúncia distinta do /R/ caipira – é almejada, mas não é encontrada na fala dos informantes, exceto quando polícionam a sua fala ou, ainda, nas poucas ocorrências da variante vogal rotacizada.

No embate entre a manutenção ou extinção da pronúncia não prestigiosa, duas forças se encontram: há uma forte reação contra a pronúncia estigmatizada, mas há, também, opiniões positivas em relação a traços da cultura caipira e em relação ao rótico característico do dialeto caipira. Não cabe aqui fazer previsões a respeito do rumo que a variação do rótico pode tomar no falar campineiro, bem como no dialeto paulista. Tanto é possível que a variante se mantenha inalterada por bastante tempo como há a possibilidade de a vogal rotacizada ou mesmo a vocalização do rótico ocupar posição de destaque nessa competição ao longo do tempo. Aliás, motivos não faltam para isso, haja vista a estereotipização do /R/ caipira.

Não se pode esquecer que os estereótipos exercem uma grande influência em relação à manutenção ou mudança lingüística e que uma das principais características atribuídas a eles diz respeito à persistência, rigidez e resistência à mudança. Sendo assim, os estereótipos agregados ao /R/ caipira tendem a se manter ativos. Mas, há que lembrar, também, que outra crença estereotipada é encontrada nos depoimentos dos informantes: aquela que atribui ao falar campineiro uma pronúncia intermediária.

Ainda em relação às características dos estereótipos, Quasthoff (1987) lembra que estes são categorias que generalizam, simplificam, são emocionalmente avaliativos e, principalmente, são contrários aos fatos. Assim, o resultado encontrado através da análise acústica dos dados desta pesquisa – que indica a vitalidade do /R/ caipira no falar campineiro – possivelmente não arranhará a imagem concebida por aqueles que alegam a existência da referida pronúncia intermediária ou suave. Como lembram Amossy e Pierrot

(2001), alguns estudos desenvolvidos pela Psicologia Social indicam que os estereótipos podem se difundir mesmo que não haja nenhuma base objetiva que lhes dê sustentação. As “imagens em nossas mentes”, como afirma Lippmann (1922), são avaliativas, criam expectativas, mas não estão baseadas, necessariamente, em um conhecimento direto e palpável – como ratificam os psicólogos sociais. Os estudos mostram que quando um sistema de estereótipos é bem fixado, a atenção é sempre voltada para os fatos que o apóiam, afastando-se, com isso, os fatos que o contradizem. Assim, ao refletir sobre o papel dos estereótipos como defesa na sociedade, Lippmann (1922) conclui:

Em alguma medida, estímulo externo, especialmente quando há palavras impressas ou faladas, evoca alguma parte de um sistema de estereótipos, de forma que a sensação real e o preconceito ocupam a consciência ao mesmo tempo. As duas estão misturadas, como se nós olhássemos o vermelho através de óculos azuis e víssemos o verde. Se o que estamos olhando corresponde bem ao que antecipamos, o estereótipo é reforçado para o futuro, como ocorre com um homem que sabe antecipadamente que os japoneses são espertos e tem a má sorte de cruzar com dois japoneses desonestos. Se a experiência contradiz o estereótipo, uma das duas coisas acontece. Se o homem não é mais maleável, ou se algum interesse poderoso torna altamente inconveniente reorganizar seus estereótipos, ele despreza a contradição como uma exceção que prova a regra, desacredita a testemunha, encontra uma falha em algum lugar, e trata de esquecer-lo. Mas, se for curioso e aberto, a novidade é trazida para dentro do quadro, permitindo-se que o altere. Às vezes o incidente é suficientemente surpreendente, de forma que se sinta desconfortável com seu esquema estabelecido, ele pode ser sacudido ao ponto de não acreditar nas formas usuais de ver a vida, e esperar naturalmente que algo não seja o que geralmente se supõe que seja. No caso extremo, especialmente se for letrado, pode desenvolver uma paixão em inverter o cânone moral fazendo Judas, Benedict Arnold¹⁰⁰, ou César Bórgia o herói de sua estória (LIPPMANN, 1922, p. 99-100).

¹⁰⁰ Em nota, Jacques A. Wainberg, que traduz a obra “Opinião Pública”, de Lippmann, para o português, informa que Benedict Arnold é conhecido como um dos mais célebres traidores da história. Trata-se de um general de sucesso no período da Revolução Americana que acabou trocando de lado durante a revolução e ajudando os britânicos em 1780. Informa, ainda, que César Bórgia (1475-1507) foi líder militar, filho ilegítimo do Papa Alexander VI e irmão de Lucrecia Bórgia. A sua vida foi repleta de excessos. Após inúmeras batalhas nos Estados papais entre 1499 e 1503 ganhou reputação de assassino frio. Por isso mesmo, segundo o tradutor, é citado inúmeras vezes por Maquiavel em “O Príncipe”.

Para finalizar, o que não significa encerrar a questão, vale ressaltar que as opiniões estereotipadas também exercem um papel muito importante na sociedade, uma vez que resguardam o homem de enxergar a realidade quando esta é perturbadora e desconcertante, como afirma Lippmann (1922). Assim, pode-se argumentar que essa crença relacionada a uma pronúncia suave, intermediária ou menos marcada, funciona como um escudo, que protege aqueles que se abrigam sob ele. Não é à toa que se sustenta esse estereótipo, pois, uma vez mantido, passa a funcionar como defesa da posição que se quer assegurar na sociedade. No caso da maioria dos campineiros, estabelecer um limite entre Campinas – a capital do interior – e as demais cidades do interior paulista. Entendidos dessa maneira, os sistemas de estereótipos podem ser, conforme Lippmann (1922, p. 96-97), “os cernes de nossa tradição pessoal, as defesas de nossa posição na sociedade”, e também “as fortalezas de nossa tradição” que protegem e fazem com que haja segurança para aqueles que ocupam posições sob essa fortaleza.

Referências Bibliográficas

ABAURRE, M. B. M.; SANDALO, M. F. S. Os Róticos Revisitados. In: da Hora D. e Collischonn G. **Teoria Lingüística**: Fonologia e outros temas. João Pessoa: Editora Universitária / UFPB, 2003. p. 144-180.

ALKMIM, T. Sociolingüística: Parte I. In: MUSSALIM, F.; BENTES A. C. (Orgs). **Introdução à Lingüística**: domínios e fronteiras, v.1. São Paulo. Cortez, 2001, p. 21-47.

ALLPORT, G. W. **The nature of prejudice**. Massachusetts: Cambridge, 1954.

AMARAL, A. **O Dialeto Caipira**: gramática, vocabulário. 4. ed. São Paulo: HUCITEC, 1982. Edição original: 1920.

AMOSSY, R.; PIERROT, A. H. **Estereótipos y clichês**. Tradução e adaptação de Leila Gándara. Buenos Aires: Eudeba, 2001. Edição original: 1997.

ANTUNES, C. **Geografia e participação**: introdução aos estudos geográficos. São Paulo: Scipione, 1991.

ARAI, T. The Replication of Chiba and Kajiyama's mechanical models of the human vocal cavity. **Journal of the Phonetic Society of Japan**. v. 5, n. 2, 2001, p. 31-38.

BARBOSA, P. A. **Incursões em torno do ritmo da fala**. Campinas: Pontes Editores, São Paulo: Fapesp, 2006.

BOERSMA, P.; WEENINK, D. **Praat: doing phonetics by computer**. Versão 4.6.36. [programa computacional]. Disponível em: <www.praat.org.br>. Acesso: 19 out. 2007.

BOUKOUS, A. Le Questionnaire. In: CALVET, Louis-Jean & DUMMONT, P. (direction). **L'Enquête Sociolinguistique**. Paris: L'Harmattan, 1999.

BRANDÃO, C. R. **Os caipiras de São Paulo**. São Paulo: Brasiliense, 1983, 92p.

BRANDÃO, S. F. **A Geografia Lingüística no Brasil**. São Paulo: Ática, 1991, 88p.

BRIGHT, W. As dimensões da Sociolingüística. In.: FONSECA, M. S.; NEVES, M. F. (Orgs.). **Sociolingüística**. Rio de Janeiro, Eldorado, 1974, p. 17-23.

BUNCHAFT, G; KELLNER, S. R. de O. **Estatística sem mistérios**. vol II. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

CAGLIARI, L. C. **Elementos de Fonética do Português Brasileiro**. São Paulo: Paulistana, 2007, 194p.

CALLOU, D. MORAES, J. A.; LEITE, Y. Variação e diferenciação dialetal: a pronúncia do /R/ no português do Brasil. In: KOCH, I. G. V. (org.). **Gramática do Português Falado**, v. VI: Desenvolvimentos. Campinas: Ed. da UNICAMP/FAPESP, 1996.

_____. Apagamento do R final no dialeto carioca: um estudo em tempo aparente e em tempo real. **DELTA**. v. 14. São Paulo. 1998.

_____. Processo (s) de Enfraquecimento Consonantal no Português do Brasil. In: ABAURRE, M. B. M.; RODRIGUES, A. C. S. (Orgs.). **Gramática do Português Falado**, v. VIII: Novos Estudos Descritivos. Campinas: Ed. da UNICAMP/FAPESP, 2002.

CALVET, Louis-Jean. **Sociolinguística**: uma introdução crítica. Tradução Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2002.

CAMPOS, R. **Mão caipira, sim senhor!** Disponível em: www.maocaipira.cjb.net. Acesso em: 27 ago. 2004.

CANO, W.; BRANDÃO, C. A. (coords.). **A região metropolitana de Campinas**: urbanização, economia, finanças e meio ambiente. v. 2. Campinas: Ed. da Unicamp, 2002.

CARDOSO, S. A. M.; FERREIRA, C. S. **O Léxico Rural**: *Glossário, Comentários*. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2000.150p.

CARVALHO, K. C. H. P. Análise acústica das vibrantes no português brasileiro. **Estudos Lingüísticos**, v. XXXII, 2002. Disponível em: <<http://www.gel.org.br/estudoslinguisticos/volumes/32/htm/acomunic.htm>> Acesso em 03. dez. 2004.

_____. Estudo fonético-acústico dos róticos no português e no espanhol para uma aplicação pedagógica. In: **Estudos Lingüísticos**, v. XXXV, 2006, p. 1090-1096. Disponível em: <<http://gel.org.br/4publica-estudos-2006/sistema06/1264.pdf>>. Acesso em 07 set. 2006.

CASTRO, V. S. **A resistência de traços do dialeto caipira**: *estudo com base em atlas lingüísticos regionais brasileiros*. 2006, 285 p. Tese (Doutorado em Lingüística). Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP, Campinas, 2006.

_____. V. S. **O 'r-caipira' no Estado de São Paulo**: estudo com base em dados do Atlas Lingüístico do Brasil (ALIB). Artigo inédito. Comunicação apresentada na 57ª reunião do Grupo de Estudos Lingüísticos do Estado de São Paulo – GEL – 2009.

CATFORD, J. C. **Fundamental Problems in Phonetics**. Bloomington: Indiana University Press, 1982, 278p.

CLARK, J.; YALLOP, C. **An introduction to Phonetics and Phonology**. Oxford: Blackwell Publishers, 1994, 400p.

CLEMENTS, G. N. 1990. The role of the sonority cycle in core syllabification. In: John Kingston and Mary E. Beckman eds. *Papers in laboratory phonology 1: between the grammar and physics of speech*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990, p. 283-333 *apud* KENSTOWICZ, M. **Phonology in generative Grammar**. Cambridge: Blackwell, 1994.

COLLISCHONN, G. A sílaba em português. In: BISOL, L (Org.). **Introdução a Estudos de Fonologia do Português Brasileiro**. 3. ed., Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001, p. 91-120.

COSERIU, E. **Sincronia, Diacronia e História: o problema da mudança lingüística**. Tradução de Carlos Alberto da Fonseca e Mário Ferreira. Rio de Janeiro: Presença, 1979, 243p.

COUPLAND, N.; JAWORSKI, A. (org.) **Sociolinguistics: a reader**. New York: St. Martin's Press, 1997.

CRISTAL, D. **Dicionário de Lingüística e Fonética**. Tradução e adaptação [da 2ª ed. Inglesa rev. e ampliada, publicada em 1985], Maria Carmelita Pádua Dias. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2000.

CUNHA, C. **Língua Portuguesa e Realidade Brasileira**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 8. ed., 1981, 124p. Edição original: 1968.

DELATTRE, P.; FREEMAN, D. A dialect study of American r's by x-ray motion picture. **Linguistics**. 44, 1968. p. 29-68.

DEPREZ, K.; PERSOONS, Y. Attitude. In: Ammon, U.; Dittmar, N.; Mattheier, K. J. (Org.). **Soziolinguistik. Ein internationales Handbuch zur Wissenschaft von Sprache und Gesellschaft**. Vol. 1, Berlin: de Gruyter, 1987, p. 125-132.

DITTMAR, N. Descriptive and explanatory power of rules in Sociolinguistics. In: SINGH, R. (Org.). **Towards a Critical Sociolinguistics**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins publishing company, 1996 p. 115-149.

DOWDY, S.; WEARDEN, S. **Statistics for research**. 2. ed. New York: Wiley-Interscience Publication, 1991, 629p. Edição original: 1985.

DUBOIS, J. et al: **Dicionário de Lingüística**. São Paulo: Cultrix. 1973.

ELIA, S. **Preparação à lingüística românica**. 2 ed. Rio de Janeiro: Ao livro técnico, 1979, 284p.

ESPY-WILSON, C. Y. (1987). An acoustic-phonetic approach to speech recognition: application to the semivowels. MIT Ph. D. dissertation, distributed as RLE Technical Report 531 *apud* HAGIWARA. Robert. Acoustic realizations of American /r/ as produced by women and men. **UCLA Working Papers in Phonetics**, n° 90, agosto, 1995.

FANT, G. **Acoustic theory of speech production**. 2. ed. The Hague - Paris: Mouton, 1970. 328p. Ed. Original: 1960.

FASOLD, R. **The sociolinguistics of society**. 3. ed. England: Blackwell, 1990. 341p. Ed. Original: 1984.

FERNÁNDEZ, F. M. **Principios de sociolingüística y sociología del lenguaje**. Barcelona: Editorial Ariel, 1998.

FERRAZ, I. S. **Características Fonético-Acústicas do /R/ Retroflexo do Português Brasileiro: Dados de Informantes de Pato Branco (PR)**. 2005. 123f. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2005.

FISHBEIN, M.; AJZEN, I. **Belief, attitude, intention and behaviour**. An introduction to theory and research. Massachusetts: Addison-Wesley, 1975.

FONTECAVE, J.; BERTHOMMIER, F. Semi-automatic extraction of vocal tract movements from cineradiographic data. In: Proceedings do ICSLP, 2006. Disponível em: http://www.icp.inpg.fr/~fonte/publis_eng.php. Acesso em: 20 dez. 2009.

GNU GENERAL PUBLIC LICENSE (GPL). **Audacity**. Versão 1.3.5. Disponível em: <<http://audacity.sourceforge.net/>>. Acesso: 05 de maio 2008.

GOLDENBERG, M. **A arte de pesquisar**: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais. Rio de Janeiro, Record, 1997. 107p.

GOFFMAN, E. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. São Paulo: Zahar, 1978.

GUIOTTI, L. P. **O Estudo da Variante Retroflexa na Comunidade de São José do Rio Preto**. 2002. 106 p. Dissertação (Mestrado em Estudos Lingüísticos), Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista – UNESP, São José do Rio Preto, 2002.

HAGIWARA. Robert. Acoustic realizations of American /r/ as produced by women and men. **UCLA Working Papers in Phonetics**, n° 90, agosto, 1995.

HALLE, M. Feature Geometry and Feature Spreading. In: **Linguistic Inquiry**, vol. 26, 1995. p. 1- 46.

HALLE, M., VAUX, B.; WOLFE, A. On Feature Spreading and the Representation of Place of Articulation. In: **Linguistic Inquiry**, vol. 31, 2000. p. 387- 444.

HAMANN, S. **The Phonetics and Phonology of Retroflexes**. Utrecht: LOT publications, 2003, 223p.

HAYWARD, K. **Experimental Phonetics**. London: Pearson Education, 2000, 298p.

HEAD, B. F. O estudo do “r-caipira” no contexto social. **Revista de Cultura Vozes**, v. 67, n.8, 1973, p. 43-49.

_____. Subsídios do Atlas Prévio dos Falares Baianos para o estudo de uma variante dialetal controvertida. **Cadernos de Estudos Lingüísticos**. n. 1. Campinas, 1978, p. 21-34.

_____. Propriedades fonéticas e generalidades de processos fonológicos: o caso do “R caipira”. **Cadernos de Estudos Lingüísticos**. n. 13. Campinas, 1987, p. 5-39.

HEWSTONE, G.; GILES, H. Social groups and social stereotypes. In: COUPLAND, N.; JAWORSKI, A. (org.) **Sociolinguistics: a reader**. New York: St. Martin’s Press, 1997, p. 271-283.

JAKOBSON, R., FANT, G.; HALE, M. **Preliminaries to speech analysis. The distinctive features and their correlates**. Cambridge: The M.I.T. press, 1952.

JOHNSON, K. **Acoustic and auditory phonetics**. Oxford: Blackwell, 1997.

KENT, R; READ, C **The acoustic analysis os speech**. San Diego: Singular, 1992. 238p.

KLINEBERG, O. Psychologie sociale, PUF, 1963 *apud* AMOSSY, R.; PIERROT, A. H. **Estereotipos y clichês**. Tradução e adaptação de Leila Gándara. Buenos Aires: Eudeba, 2001. Edição original: 1997.

LABOV, W. **The stratification of English in the New York city**. Washington, D.C.: Center for Applied Linguistics. 1982. 501p. Ed. Original: 1966

_____. (1964). Estágios na aquisição do inglês standard. In.: FONSECA, M. S.; NEVES, M. F. (Orgs.). **Sociolingüística**. Rio de Janeiro: Eldorado, 1974, p.49-85.

_____. **Sociolinguistic Patterns**. Philadelphia: Pennsylvania University Press, 1972, 344p.

LADEFOGED, P. **A course in phonetics**. 3. ed. Orlando: Harcourt Brace. 1993. 308 p.

_____. **Vowels and consonants**: an introduction to the sounds of language. Oxford, United Kingdom: Blackwell Publishing, 2001. 191p.

LADEFOGED, P.; BHASKARARAO, P. The rhotics of Toda. **UCLA Working Papers in Phonetics**, 87, 1994, p. 35-66.

LADEFOGED, P.; MADDIESON, I. **The sounds of the world's languages**. Blackwell Publishers, Oxford, 1996. 425p.

LAMBERT, W. E. A social psychology of bilingualism. In: WHITELEY, W. H.; FORDE, D. **Language use and social change**. London: Oxford University press, 1971. Ed. Original, 1967.

LEHISTE, I. Some allophones of /r/ in American English. In: Acoustical characteristics of selected English consonant. **International Journal of American Linguistics**. v. 30, n. 3, 1964. p. 51- 115.

LEHISTE, I.; PETERSON, G. Transitions, glides, and diphthongs. **The Journal of the Acoustical Society of America**, v. 33, n. 3, 1961, p. 268-276.

LEITE, C. M. B. **Atitudes Lingüísticas: A Variante Retroflexa em Foco**. 2004, 150 p. Dissertação (Mestrado em Lingüística). Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP, Campinas, 2004.

_____. 2008. **Estudo acústico de vocalização do /R/ em posição de coda silábica**. Artigo inédito (Qualificação Geral – área de Fonética/Fonologia). Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP, Campinas, 2008

LEVIN, J. **Estatística aplicada a Ciências Humanas**. Tradução Sérgio Francisco Costa. São Paulo: Harbra, 1978. 310p.

LINDAU, M. Phonetic Differences in Nigerian Languages. **UCLA Working Papers in Phonetics** 51. 1980a. p. 105-113.

_____. The story of /r/. **UCLA Working Papers in Phonetics** 51. 1980b. p. 114-119.

LIPPMANN, W. **Opinião pública**. Tradução de Jacques A. Wainberg. Petrópolis: Vozes, 2008, 350p. Ed. Original: 1922.

MARCUSCHI, L. **Análise da Conversação**. São Paulo, Série Princípios: Ática, 1986.

MATEUS, M. H. M, ANDRADE, A., VIANA, M. C. ; VILLALVA, A. **Fonética, Fonologia e Morfologia do Português**. Lisboa: Universidade Aberta, 1990.

MATEUS, M. H. M.; RODRIGUES, C. **A vibrante em coda no português europeu**. Disponível em www.iltec.pt/pdf/wpapers/2003-mhmateus-vibrante_em_coda.pdf. 2003. Acesso em: 30 jun. 2007.

MILROY, J.; MILROY, L. **Authority in Language: investigating standard english**. 3. ed. New York: Routledge, 1999, 173 p.

MILROY, L. **Language and social networks**. 2. ed. Oxford: Blackwell, 1987. Edição original: 1980, 231p.

MONARETTO, V. N. de O. O apagamento da vibrante posvocálica nas capitais do sul do Brasil. In: **Letras de Hoje**. v. 35. nº. 1. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000, p. 275-284.

MUNHALL, K. G.; VATIKIOTIS-BATESON, E.; TOHKURA, Y. X-ray film database for speech research. **The Journal of Acoustical Society of America**, 98, p. 1222-1224, 1995.

NUNES, J. Caipira, sim! **Correio Popular**. Campinas, 07 jul. 2002. Caderno C, p. 1-8.

OLIVEIRA, M. A. de. Reanalizando o processo de cancelamento do /r/ em final de sílaba. **Revista de Estudos da Linguagem**, v. 6, n. 2, Belo Horizonte, 1997, p. 31-58.

PEREIRA, M. E. **Psicologia social dos estereótipos**. São Paulo: EPU Editora Pedagógica e Universitária. 2002.

QUASTHOFF, U. Linguistic prejudice/stereotypes. In: Ammon, U.; Dittmar, N.; Mattheier, K. J. (Org.). **Soziolinguistik. Ein internationales Handbuch zur Wissenschaft von Sprache und Gesellschaft**. v. 1, Berlin: de Gruyter, 1987, p. 785-799.

RECASENS, D. On the production characteristics of apicoalveolar taps and trills. In: **Journal of Phonetics**, 19, 1991, p. 267-280.

RODRIGUES, A. N. **O Dialeto Caipira na Região de Piracicaba**. São Paulo: Ática, 1974.

RYAN, E. B. Why do low-prestige language varieties persist? In: GILES, H.; St CLAIR, R. (Org.). **Language and social psychology**. Oxford: Blackwell, 1979, p. 145-157.

ROMAINE, S. **El lenguaje em la sociedad: uma introducción a la sociolingüística**. Barcelona: Editorial Ariel, 1996, 266p.

SEMEGHINI, U. C. **Do Café à Indústria: Uma Cidade e seu Tempo**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1991.

SETUBAL, M. A. **Vivências caipiras**: pluralidade cultural e diferentes temporalidades na terra paulista. São Paulo: CENPEQ/Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2005, 144p.

SCHLIEBEN-LANGE, B. **História do Falar e História da Linguística**. Tradução: Fernando Tarallo *et al.* Campinas: Ed da Unicamp, 1993.

SIEGEL, S. **Estatística não-paramétrica** (para as ciências do comportamento). Tradução de Alfredo Alves de farias. São Paulo: Editora McGraw-Hill do Brasil, Ltda, 1979. 350p.

SILVA, A. H. P. **Para a Descrição Fonético-Acústica das Líquidas no Português Brasileiro: dados de um informante paulistano**. Dissertação (Mestrado em Linguística). Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP, Campinas, 1996.

_____. **As Fronteiras entre Fonética e Fonologia e a Alofonia dos Róticos Iniciais em PB**. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002.

SILVA, T. C. **Fonética e Fonologia do Português**: roteiro de estudos e guia de exercícios. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2001. Edição original: 1998.

SNYDER, M.; TANKE, E. D.; BERSCHIED, E. Social perception and interpersonal behavior: on the self-fulfilling nature of social stereotypes. **Journal os Personality and Social Psychology**, v. 35, n. 9, 1977, p. 656-666.

SOARES, R. A.; LEITE, C. M. B. Um estudo do processo de apagamento de /R/ em função de fatores de ordem estrutural-contextual. In: **Anais do III Seminário de Pesquisa em Estudos Linguísticos e III Seminário de Pesquisa em Análise de Discurso**. Vitória da Conquista: Edições UESB, 2007. v. 1. p. 105-109.

STATSOFT, Inc. (2004). **STATISTICA** (data analysis software system), versão 7.

STEVENS, P. Spectra of fricative noise in human speech. In: FRY, D. B. **Acoustic Phonetics**. London: Cambridge University Press, 1976, p. 132-150.

TRUDGILL, P. **The social differentiation of English in Norwich**. London: Cambridge University Press, 1974a, 210p.

_____. **Sociolinguistics**: an introduction to language and society, 4. ed. London: Penguin Books, 2000, 222p. Edição original: 1974b.

WATZLAWICK, P. Profecias que se autocumprem. In: WATZLAWICK, P. (org.). **A realidade inventada**: como sabemos o que cremos saber? Tradução de Jonas Pereira dos Santos. Campinas: Editorial Psy II, 1994, p. 95-116.

WEINREICH, U., W. LABOV E M. HERZOG. Empirical foundations for a theory of language change. In.: LEHMANN & MALKIEL: **Directions for Historical Linguistics**. University of Texas, Austin, 1968.

WOLFSON, N. Speech events and natural speech. In: COUPLAND, N.; JAWORSKI, A. (org.) **Sociolinguistics**: a reader. New York: St. Martin's Press, 1997.p. 116-125.

APÊNDICE A – Roteiro das entrevistas e sentenças utilizadas para gravação dos dados submetidos à análise acústica

Roteiro 1

1. Você é Campineiro? Mora aqui há quanto tempo? Qual a lembrança que você tem da sua época de infância na cidade de Campinas?
2. Quais eram os seus hábitos quando era criança ou adolescente?
3. Onde você mora/morava? Fale um pouco sobre o seu bairro, seus vizinhos, os lugares que você costuma ou costumava frequentar.
4. Em que escola você estudou? Relembre um pouco sua trajetória enquanto estudante.
5. Qual a lembrança mais cara que você tem desse tempo?
6. De lá pra cá a cidade mudou muito? O que você percebe como mais marcante em relação a essas modificações?
7. Como é viver em Campinas hoje? Você gosta? Do que você mais e/ou menos gosta em Campinas?
8. Você trabalha? Em quê? Desde quando? Gosta do que faz?
9. Você tem uma vida social ativa em Campinas? Quais os lugares que você costuma frequentar?
10. Campinas é apontada por estudiosos como um dos três melhores lugares para se viver no país. Você concorda com essa afirmativa? O que você teria a dizer a respeito disso?
11. Campinas é a terceira cidade mais populosa do estado (em torno de dois milhões de habitantes) e a nona mais populosa no país. Quais as facilidades e as dificuldades de morar em uma cidade tão populosa?
12. Campinas é uma cidade violenta? Você se sente seguro em morar nessa cidade? Você ou algum conhecido já foi exposto a alguma situação que envolvesse violência, já foi exposto a alguma situação de risco? Poderia relatar essa experiência?
13. A partir de 1998, a cidade vem assistindo a uma mudança acentuada na sua base econômica: perde importância o setor industrial (com a migração de fábricas para

- idades vizinhas ou outras regiões do país - em parte por causa da violência e dos altos impostos), e ganha destaque o setor de serviços (comércio, pesquisa, serviços de alta tecnologia e empresas na área de logística). Você pôde perceber essa mudança?
14. Qual a sua visão da cidade de Campinas, em linhas gerais, como você descreveria essa cidade?
15. Como você definiria a sua cidade, Campinas? Há algo (um costume, etc) que caracteriza a cidade de Campinas?
16. O que você poderia citar como marca dessa cidade? Há algo que a caracterize? Quando você pensa em Campinas, o que lhe vem à mente?
17. Em sua opinião, qual a posição que Campinas ocupa em relação ao estado de São Paulo?
18. O município de Campinas é referencial econômico e tecnológico para a região e o país. É uma das cidades melhor equipadas para ingressar no promissor universo da chamada “Novíssima Economia”, aquela que une os progressos obtidos em informática e Telecomunicações com os avanços cada vez mais freqüentes da área da Biotecnologia. Essa informação confirma, ou não, a imagem que você tem a respeito de Campinas?
19. E em relação ao interior de São Paulo, qual a posição ocupada por Campinas?
20. Como você definiria o comportamento do campineiro? Você conseguiria dizer algo a esse respeito? Há algo evidente no comportamento das pessoas que são naturais daqui de Campinas?
21. O jornal correio popular de 14 de julho de 2006, data comemorativa dos 232 anos da cidade de Campinas, exibe a propaganda de construção de um novo empreendimento imobiliário da cidade localizado no bairro Cambuí que diz o seguinte: “Quando as pessoas olham para Campinas, enxergam uma cidade com todas as características que uma metrópole possui”. O que você poderia dizer a respeito dessa afirmativa? Você concorda?
22. Em sua opinião, a cidade de Campinas oferece a infra-estrutura que uma grande cidade precisa?
23. Para o que ou para quem você “tiraria o chapéu” em Campinas?

24. Você conhece a locomotiva Maria-fumaça que faz o percurso Campinas/Jaguariúna? Essa é uma das atrações turísticas da cidade que vai ter o seu percurso ampliado. O trem turístico será levado até a Praça Arautos da Paz, no Taquaral. O que você acha dessa iniciativa dos órgãos públicos em preservar esse patrimônio histórico? Você conhece, tem informação sobre outras ações dessa natureza realizada em Campinas?
25. Campinas ostenta o título de capital do interior paulista, assim é definida e homenageada por uma empresa do ramo imobiliário no jornal Correio Popular¹⁰¹ em edição especial de comemoração do aniversário da cidade – um caderno exclusivo que traz reportagens e felicitações de diversas instituições, políticos e do comércio em geral parabenizando a cidade por esta ser o referencial econômico e tecnológico para a região e o país. Você concorda com essa denominação? Em sua opinião, o que significa ser a capital do interior paulista?
26. O economista Semeghini (1991), ao avaliar a cidade de Campinas, afirma que, quanto aos aspectos econômico-político e social, Campinas ocupa uma posição de “interface”, entre o interior e a capital. Ele diz:

A cidade pôde sempre colocar-se como uma interface entre o interior e a capital, dividindo com esta as funções urbanas crescentemente complexas que o desenvolvimento econômico no território paulista engendrava, antecipando para o interior as transformações nos padrões sociais e urbanísticos próprios da industrialização em curso, transformações essas que inicialmente manifestavam-se na capital. (Semeghini, 1991, p. 183 – grifo do autor)

O que você acha dessa afirmação?

¹⁰¹ Correio Popular, 14 de julho de 2003, p. 19.

Roteiro 2

1. Você já teve a oportunidade de perceber diferentes tipos de fala entre pessoas de outro estado? Poderia dar algum exemplo, caracterizando essa fala, mostrando como essas pessoas falavam?
2. E aqui no estado de São Paulo, você já percebeu alguma diferença na maneira como as pessoas falam? Você seria capaz de imitar (caracterizar) essa fala?
3. Você acredita que, estando em outro lugar, ou em contato com pessoas de outro lugar, outras pessoas possam identificar de onde você é (a sua origem) apenas pela maneira como você fala? Por quê?
4. Em sua opinião, há alguma diferença no modo de falar entre o paulistano e o paulista? Qual? Você seria capaz de imitá-los?
5. Ainda quanto a esses tipos de fala, você acha que um desses tipos detém mais prestígio do que o outro? Qual? Por quê?
6. Como você caracterizaria o falar do campineiro? Há algum traço que marca esse falar?
7. A fala do campineiro poderia ser comparada com a fala do paulistano, com a fala do paulista, ou com nenhuma delas?
8. Você seria capaz de imitar um campineiro falando? Como seria?
9. Você conhece alguma história ou piada relacionada ao paulista ou ao paulistano devido ao seu jeito de falar? Poderia contá-la em poucas palavras?
10. E quanto ao campineiro, você conhece alguma história ou piada devida ao seu jeito de falar? O que você sente a respeito disso?
11. A piada ou história que se refere ao paulista poderia ser aplicada da mesma forma ao campineiro?
12. Você, enquanto campineiro, reconhece que a piada ou a história, ou ainda qualquer outro tipo de gracejo, dirigida ao paulista também se refere a você? Por quê?
13. O que você entende quando se diz que alguém é caipira? Há algum modo de caracterizar alguém como caipira pelo modo de falar?
14. Para você, ser chamado de caipira é pejorativo, é desagradável?

15. Você concorda com a caracterização da fala do interior de São Paulo enquanto caipira? Você poderia dar alguns exemplos dessa caracterização?
16. Na matéria do jornal Correio Popular de 07 de julho de 2000, a cidade de Campinas é qualificada como uma cidade indecisa, ou seja, não é a capital, mas também é diferente do interior devido ao seu desenvolvimento. Qual a sua opinião a esse respeito?
17. O mesmo jornal exibe uma matéria que veicula a seguinte mensagem: “Campinas começa, mesmo que de maneira hesitante, a assumir que é uma cidade do interior e se volta para suas raízes *caipiras*”. Você concorda com isso?
18. Enquanto campineiro você gostaria de ser qualificado como caipira? (ou você se reconhece como um caipira típico?)
19. Você consegue perceber alguma diferença quando um paulistano ou um paulista pronuncia palavras como *porta*, *mar*, *cartão*, por exemplo? Poderia reproduzir (ou imitar) essa pronúncia?
20. E o campineiro, como pronunciaria essas palavras?
21. Enquanto campineiro, como você pronunciaria essas palavras?
22. Enquanto campineiro você sente orgulho ou vergonha devido à forma como você fala? Por quê? E o paulista do interior, como você acha que eles se sentem?
23. Em linhas gerais, qual a sua opinião a respeito das diferenças quanto ao modo de falar abordadas aqui?

Sentenças utilizadas para gravação dos dados submetidos à análise acústica

Exemplos de sentenças utilizadas que continham as palavras-alvo:

1. Durante a pescaria a turta era chamada de tuita pela criança
2. A granja do torto permanece como moradia do presidente
3. O rei tutur do Qatar permitiu ao filho que escolhesse um tutor para iniciá-lo na arte de bater cobre e forjar o ferro.
4. No largo do tatir permite-se pitar durante o dia inteiro
5. Na cidade de terto derruba-se o toiro bravo em grandes touradas
6. O tio do tirtio pescou uma grande turta na lagoa da fazenda
7. O Nicanor disse tarto ao invés de dizer tártaro
8. Agostinho disse ao Tuco que ficasse quieto
9. A casa ficava no beco das amoreiras
10. Cortaram as árvores e com o toco fizeram um banco
11. A moça pegou o pato no colo
12. Artur tirou o Tipo da garagem

Exemplos de sentenças utilizadas como distratoras:

1. O circo de Soleil fez algumas apresentações em São Paulo. Os ingressos custavam R\$ 100.
2. A ex-mulher do empresário Germano Gerdau foi morta na noite de quarta-feira no bairro do Leblon.
3. O sorteio 818 da Mega Sena, realizado nesta quarta-feira, não teve acertadores na faixa principal.
4. O controlador do jato Legacy atuava sem supervisão quando ocorreu o acidente aéreo.

5. O presidente nacional do PSDB, senador Tasso Jereissati (CE), quebrou a perna e, por isso, não deve ir a São Paulo para conversar com Fernando Henrique Cardoso.
6. O maior vestibular do país realiza sua 1ª fase de provas neste domingo, dia 26 de novembro.
7. O Palmeiras está disposto a negociar atletas. O clube alviverde já acena com a possibilidade de negociar alguns de seus jogadores.
8. A apresentadora Angélica participou da apresentação do circo de Soleil.
9. O dólar caiu muito depois que o presidente Lula foi eleito.
10. A cidade de Vilhena, em Rondônia, foi o lugar escolhido para o sorteio da Mega Sena.
11. Na antiguidade o ciclo lunar era chamado de Grande Ronda.
12. A lua tem o poder de influenciar as marés.
13. A seleção de vôlei feminino do Brasil ficou a medalha de prata.
14. Milton Gonçalves participou da entrega do Oscar depois de 40 anos de carreira.

APÊNDICE B – Médias de frequências de F1, F2 e F3 por sexo

Decisão: $p \leq 0,05$

Sexo masculino

Vogal	Posição da medida	N	F1		F2		F3	
			<i>Média (Hz)</i>	<i>Desvio-padrão(Hz)</i>	<i>Média (Hz)</i>	<i>Desvio-padrão(Hz)</i>	<i>Média (Hz)</i>	<i>Desvio-padrão(Hz)</i>
[a]	Inicial	46	601	49	1501	84	2366	240
	Medial	46	615	42	1531	92	2071	142
	Final	46	511	73	1585	125	1996	166
[e]	Inicial	43	358	46	1917	123	2537	298
	Medial	43	382	47	1775	158	2103	174
	Final	43	370	54	1627	242	2036	171
[i]	Inicial	34	273	33	1892	126	2433	304
	Medial	34	316	27	1745	147	2112	200
	Final	34	308	27	1589	184	1993	140
[o]	Inicial	46	354	41	1002	117	2280	251
	Medial	46	391	40	1081	99	1972	215
	Final	46	377	54	1228	141	1832	208
[u]	Inicial	41	300	36	992	144	2216	206
	Medial	41	320	33	1052	127	1999	160
	Final	41	319	45	1215	193	1894	214

Sexo feminino

Vogal	Posição da medida	N	F1		F2		F3	
			<i>Média (Hz)</i>	<i>Desvio-padrão(Hz)</i>	<i>Média (Hz)</i>	<i>Desvio-padrão(Hz)</i>	<i>Média (Hz)</i>	<i>Desvio-padrão(Hz)</i>
[a]	Inicial	55	718	68	1764	113	2690	241
	Medial	55	730	88	1773	99	2273	199
	Final	55	588	90	1794	115	2220	187
[e]	Inicial	57	416	47	2205	163	2928	129
	Medial	57	432	55	2074	167	2498	199
	Final	57	437	55	1872	162	2299	176
[i]	Inicial	42	331	63	2181	121	2647	209
	Medial	42	378	64	2045	153	2403	199
	Final	42	370	53	1939	158	2291	175
[o]	Inicial	58	402	49	997	120	2614	202
	Medial	58	442	56	1124	142	2193	157
	Final	58	426	61	1459	184	2061	143

Sexo feminino

Vogal	Posição da medida	N	F1		F2		F3	
			<i>Média (Hz)</i>	<i>Desvio-padrão(Hz)</i>	<i>Média (Hz)</i>	<i>Desvio-padrão(Hz)</i>	<i>Média (Hz)</i>	<i>Desvio-padrão(Hz)</i>
[u]	Inicial	57	337	66	1037	152	2492	228
	Medial	57	381	67	1098	236	2168	171
	Final	57	379	52	1581	243	2108	176

APÊNDICE C – Resultados das análises estatísticas das frequências dos formantes

Decisão: $p \leq 0,05$

Variável: coda (medial ou final) – PI, PM e PF

Posição Inicial (PI)

F1: H (1, N= 479) =,94 $p =,33$

	N	Média	Desvio-padrão	Soma de postos
Medial	248	415	149	58048
Final	231	422	142	56913

F2: H (1, N= 479) =,11 $p =,73$

	N	Média	Desvio-padrão	Soma de postos
Medial	248	1543	508	60024
Final	231	1520	497	54936

F3: H (1, N= 479) =,23 $p =,62$

	N	Média	Desvio-padrão	Soma de postos
Medial	248	2548	295	60252
Final	231	2528	319	54709

Posição Medial (PM)

F1: H (1, N= 478) =1,04 $p =,30$

	N	Média	Desvio-padrão	Soma de postos
Medial	248	445	146	57.853
Final	230	450	131	56.628

F2: H (1, N= 478) =,94 $p =,33$

	N	Média	Desvio-padrão	Soma de postos
Medial	248	1509	441	57.931
Final	230	1532	399	56.549

F3: H (1, N= 478) =,31 $p =,57$

	N	Média	Desvio-padrão	Soma de postos
Medial	248	2194	224	60.239
Final	230	2185	261	54.242

Posição Final (PF)F1: $H(1, N=479) = 2,84$ $p = ,09$

	N	Média	Desvio-padrão	Soma de postos
Medial	248	408	97	56.968
Final	231	424	103	57.991

F2: $H(1, N=479) = 8,65$ $p = ,0033$

	N	Média	Desvio-padrão	Soma de postos
Medial	248	1630	288	63.972
Final	231	1559	285	50.987

F3: $H(1, N=479) = ,85$ $p = ,35$

	N	Média	Desvio-padrão	Soma de postos
Medial	248	2096	232	60.918
Final	231	2070	227	54.041

Fator: tipo de estímulo (palavra ou sentença) – PI, PM e PF**Posição Inicial (PI)**F1: $H(1, N=479) = ,23$ $p = ,62$

	N	Média	Desvio-padrão	Soma de postos
Palavra	253	415	142	59986
Sentença	226	422	149	54974

F2: $H(1, N=479) = 2,97$ $p = ,08$

	N	Média	Desvio-padrão	Soma de postos
Palavra	253	1564	496	63327
Sentença	226	1496	508	51633

F3: $H(1, N=479) = 2,17$ $p = ,14$

	N	Média	Desvio-padrão	Soma de postos
Palavra	253	2560	295	62951
Sentença	226	2515	318	52010

Posição Medial (PM)

F1: $H(1, N=478) = 15,15$ $p = ,69$

	N	Média	Desvio-padrão	Soma de postos
Palavra	252	445	138	59.760
Sentença	226	450	139	54.720

F2: $H(1, N=478) = 2,80$ $p = ,09$

	N	Média	Desvio-padrão	Soma de postos
Palavra	252	1547	418	62.879
Sentença	226	1489	423	51.602

F3: $H(1, N=478) = 0,0036$ $p = ,95$

	N	Média	Desvio-padrão	Soma de postos
Palavra	252	2189	248	60.262
Sentença	226	2190	237	54.218

Posição Final (PF)

F1: $H(1, N=479) = 53E-5$ $p = ,99$

	N	Média	Desvio-padrão	Soma de postos
Palavra	253	417	105	60.716
Sentença	226	414	96	54.243

F2: $H(1, N=479) = 0,07$ $p = ,79$

	N	Média	Desvio-padrão	Soma de postos
Palavra	253	1597	294	61.121
Sentença	226	1595	283	53.839

F3: $H(1, N=479) = 3,73$ $p = ,05$

	N	Média	Desvio-padrão	Soma de postos
Palavra	253	2068	239	57.798
Sentença	226	2100	218	57.161

Fator: número da repetição (1, 2 ou 3) – PI, PM e PF

Posição Inicial (PI)

F1: $H(2, N=479) = 0,06$ $p = ,96$

	N	Média	Desvio-padrão	Soma de postos
1	164	420	152	39192
2	158	417	145	37718
3	157	418	139	38050

F2: $H(2, N=479) = .18, p = .91$

	N	Média	Desvio-padrão	Soma de postos
1	164	1535	515	39233
2	158	1542	515	38498
3	157	1519	479	37230

F3: $H(2, N=479) = .34, p = .84$

	N	Média	Desvio-padrão	Soma de postos
1	164	2543	312	39597
2	158	2545	310	38491
3	157	2528	299	36873

Posição Medial (PM)

F1: $H(2, N=478) = .05, p = .97$

	N	Média	Desvio-padrão	Soma de postos
1	164	449	141	39.427
2	158	444	135	37.533
3	156	448	140	37.520

F2: $H(2, N=478) = .45, p = .79$

	N	Média	Desvio-padrão	Soma de postos
1	164	1538	424	40.206
2	158	1518	439	37.588
3	156	1502	400	36.686

F3: $H(2, N=478) = .20, p = .90$

	N	Média	Desvio-padrão	Soma de postos
1	164	2193	249	39.890
2	158	2187	244	37.353
3	156	2189	235	37.237

Posição Final (PF)

F1: $H(2, N=479) = .47, p = .78$

	N	Média	Desvio-padrão	Soma de postos
1	164	411	99	38.502
2	158	415	97	37.927
3	157	421	105	38.530

F2: H (2, N= 479) =1,83 $p =,39$

	N	Média	Desvio-padrão	Soma de postos
1	164	1620	285	41.277
2	158	1586	295	37.254
3	157	1581	286	36.429

F3: H (2, N= 479) =,89 $p =,64$

	N	Média	Desvio-padrão	Soma de postos
1	164	2098	238	40.673
2	158	2071	228	36.969
3	157	2080	223	37.317

Variável: tipo de vogal (/a/, /e/, /i/, /o/, /u/) – PI, PM e PF

Posição Inicial (PI)

F1: H (4, N= 479) =314,44 $p =0,000$

	N	Média	Desvio-padrão	Soma de postos
a	101	665	84	43274
e	100	391	55	25378
i	76	305	59	8189
o	104	381	51	24932
u	98	322	58	13187

F2: H (4, N= 479) =402,56 $p =0,000$

	N	Média	Desvio-padrão	Soma de postos
a	101	1644	166	26290
e	100	2081	205	38958
i	76	2052	190	29167
o	104	999	118	10455
u	98	1018	149	10091

F3: H (4, N= 479) =91,89 $p =,0000$

	N	Média	Desvio-padrão	Soma de postos
a	101	2542	289	24494
e	100	2760	292	34345
i	76	2551	276	18513
o	104	2466	279	21651
u	98	2376	257	15958

Foi aplicado o teste Mann-Whitney para localizar as diferenças, assumindo $\alpha < 0,005$ (0,05/10).

F1:

- [a] é significativamente maior em comparação com [e] ($Z = 12,17, p = 0,000000$)
- [a] é significativamente maior em comparação com [i] ($Z = 11,36, p = 0,000000$)
- [a] é significativamente maior em comparação com [o] ($Z = 12,32, p = 0,000000$)
- [a] é significativamente maior em comparação com [u] ($Z = 12,16, p = 0,000000$)
- [e] é significativamente maior em comparação com [i] ($Z = 8,25, p = 0,000000$)
- [e] é significativamente maior em comparação com [u] ($Z = 7,82, p = 0,000000$)
- [o] é significativamente maior em comparação com [i] ($Z = -7,81, p = 0,000000$)
- [o] é significativamente maior em comparação com [u] ($Z = 7,19, p = 0,000000$)

F2:

- [e] é significativamente maior em comparação com [a] ($Z = -11,34, p = 0,000000$)
- [i] é significativamente maior em comparação com [a] ($Z = -10,16, p = 0,000000$)
- [a] é significativamente maior em comparação com [o] ($Z = 12,36, p = 0,000000$)
- [a] é significativamente maior em comparação com [u] ($Z = 12,08, p = 0,000000$)
- [e] é significativamente maior em comparação com [o] ($Z = 12,33, p = 0,000000$)
- [e] é significativamente maior em comparação com [u] ($Z = 12,15, p = 0,000000$)
- [i] é significativamente maior em comparação com [o] ($Z = 11,44, p = 0,000000$)
- [i] é significativamente maior em comparação com [u] ($Z = 11,29, p = 0,000000$)

F3:

- [e] é significativamente maior em comparação com [a] ($Z = -5,49, p = 0,000000$)
- [a] é significativamente maior em comparação com [u] ($Z = 4,18, p = 0,000029$)
- [e] é significativamente maior em comparação com [i] ($Z = 5,11, p = 0,000000$)
- [e] é significativamente maior em comparação com [o] ($Z = 7,04, p = 0,000000$)
- [e] é significativamente maior em comparação com [u] ($Z = 8,42, p = 0,000000$)
- [i] é significativamente maior em comparação com [u] ($Z = 4,03, p = 0,000054$)

Posição Medial (PM)

F1: $H(4, N=478) = 289,08, p = 0,000$

	N	Média	Desvio-padrão	Soma de postos
a	101	678	91	42.682
e	100	410	57	23.232
i	76	350	59	9.690
o	104	419	55	25.523
u	98	355	62	13.353

F2: H (4, N= 478) =368,18 $p =0,000$

	N	Média	Desvio-padrão	Soma de postos
a	101	1663	154	27.783
e	100	1945	220	37.839
i	76	1910	212	27.865
o	104	1105	126	11.428
u	98	1078	198	9.565

F3: H (4, N= 478) =64,67 $p =,0000$

	N	Média	Desvio-padrão	Soma de postos
a	101	2178	201	23.467
e	100	2328	271	31.357
i	76	2272	245	21.611
o	104	2095	214	19.865
u	98	2097	185	18.180

Foi aplicado o teste Mann-Whitney para localizar as diferenças, assumindo $\alpha < 0,005$ (0,05/10).

F1:

- [a] é significativamente maior em comparação com [e] ($Z = 12,07, p = 0,000000$)
- [a] é significativamente maior em comparação com [i] ($Z = 11,31, p = 0,000000$)
- [a] é significativamente maior em comparação com [o] ($Z = 12,15, p = 0,000000$)
- [a] é significativamente maior em comparação com [u] ($Z = 12,10, p = 0,000000$)
- [e] é significativamente maior em comparação com [i] ($Z = 6,34, p = 0,000000$)
- [e] é significativamente maior em comparação com [u] ($Z = 6,13, p = 0,000000$)
- [o] é significativamente maior em comparação com [i] ($Z = -7,12, p = 0,000000$)
- [o] é significativamente maior em comparação com [u] ($Z = 6,99, p = 0,000000$)

F2:

- [e] é significativamente maior em comparação com [a] ($Z = -8,67, p = 0,000000$)
- [i] é significativamente maior em comparação com [a] ($Z = -7,37, p = 0,000000$)
- [a] é significativamente maior em comparação com [o] ($Z = 12,22, p = 0,000000$)
- [a] é significativamente maior em comparação com [u] ($Z = 11,64, p = 0,000000$)
- [e] é significativamente maior em comparação com [o] ($Z = 12,31, p = 0,000000$)
- [e] é significativamente maior em comparação com [u] ($Z = 11,84, p = 0,000000$)
- [i] é significativamente maior em comparação com [o] ($Z = 11,42, p = 0,000000$)
- [i] é significativamente maior em comparação com [u] ($Z = 10,99, p = 0,000000$)

F3:

- [e] é significativamente maior em comparação com [a] ($Z = -4,39, p = 0,000011$)
- [i] é significativamente maior em comparação com [a] ($Z = -2,61, p = 0,008887$)
- [a] é significativamente maior em comparação com [o] ($Z = 2,52, p = 0,011712$)
- [a] é significativamente maior em comparação com [u] ($Z = 2,80, p = 0,005024$)
- [e] é significativamente maior em comparação com [o] ($Z = 6,13, p = 0,000000$)
- [e] é significativamente maior em comparação com [u] ($Z = 6,23, p = 0,000000$)
- [i] é significativamente maior em comparação com [o] ($Z = 4,36, p = 0,000013$)
- [i] é significativamente maior em comparação com [u] ($Z = 4,65, p = 0,000003$)

Posição Final (PF)

F1: H (4, N= 479) =234,90 $p =0,000$

	N	Média	Desvio-padrão	Soma de postos
a	101	533	90	40.909
e	100	408	63	24.669
i	76	341	52	9.688
o	104	404	62	24.933
u	98	353	57	14.760

F2: H (4, N= 479) =187,96 $p =0,000$

	N	Média	Desvio-padrão	Soma de postos
a	101	1699	158	28.983
e	100	1766	233	32.568
i	76	1782	243	24.883
o	104	1356	202	12.525
u	98	1427	286	16.000

F3: H (4, N= 479) =61,60 $p =,0000$

	N	Média	Desvio-padrão	Soma de postos
a	101	2117	209	26.269
e	100	2186	216	29.887
i	76	2157	218	21.387
o	104	1959	208	17.572
u	98	2018	219	19.843

Foi aplicado o teste Mann-Whitney para localizar as diferenças, assumindo $\alpha < 0,005$ (0,05/10).

F1:

- [a] é significativamente maior em comparação com [e] ($Z = 9,92, p = 0,000000$)
- [a] é significativamente maior em comparação com [i] ($Z = 10,74, p = 0,000000$)
- [a] é significativamente maior em comparação com [o] ($Z = 10,21, p = 0,000000$)
- [a] é significativamente maior em comparação com [u] ($Z = 11,36, p = 0,000000$)
- [e] é significativamente maior em comparação com [i] ($Z = 6,67, p = 0,000000$)
- [e] é significativamente maior em comparação com [u] ($Z = 5,79, p = 0,000000$)
- [o] é significativamente maior em comparação com [i] ($Z = -6,48, p = 0,000000$)
- [o] é significativamente maior em comparação com [u] ($Z = 5,44, p = 0,000000$)

F2:

- [e] é significativamente maior em comparação com [a] ($Z = -3,09, p = 0,0019$)
- [i] é significativamente maior em comparação com [a] ($Z = -2,84, p = 0,0043$)
- [a] é significativamente maior em comparação com [o] ($Z = 10,04, p = 0,000000$)
- [a] é significativamente maior em comparação com [u] ($Z = 6,69, p = 0,000000$)
- [e] é significativamente maior em comparação com [o] ($Z = 10,19, p = 0,000000$)
- [e] é significativamente maior em comparação com [u] ($Z = 7,76, p = 0,000000$)
- [i] é significativamente maior em comparação com [o] ($Z = 9,21, p = 0,000000$)
- [i] é significativamente maior em comparação com [u] ($Z = 7,17, p = 0,000000$)

F3:

- [a] é significativamente maior em comparação com [o] ($Z = 5,06, p = 0,000000$)
- [a] é significativamente maior em comparação com [u] ($Z = 2,99, p = 0,0027$)
- [e] é significativamente maior em comparação com [o] ($Z = 6,55, p = 0,000000$)
- [e] é significativamente maior em comparação com [u] ($Z = 4,84, p = 0,000001$)
- [i] é significativamente maior em comparação com [o] ($Z = 5,17, p = 0,000000$)
- [i] é significativamente maior em comparação com [u] ($Z = 3,63, p = 0,000276$)

Fator: situação (CVR inicial ou Vogal em sílaba CV)

F1: $H(1, N = 628) = 1,58, p = ,20$

	N	Média	Desvio-padrão	Soma de postos
CVR inicial	479	418	145	153.082
Vogal em sílaba CV	149	437	221	44.423

F2: $H(1, N=628) = 1,80$ $p = ,17$

	N	Média	Desvio-padrão	Soma de postos
CVR inicial	479	1532	502	153.246
Vogal em sílaba CV	149	1493	665	44.259

F3: $H(1, N=628) = 22,60$ $p = ,0000$

	N	Média	Desvio-padrão	Soma de postos
CVR inicial	479	2538	306	141.450
Vogal em sílaba CV	149	2685	282	56.055

Variável: sexo (masculino ou feminino) – PI, PM e PF

Posição Inicial (PI)

F1: $H(1, N=479) = 28,55$ $p = ,0000$

	N	Média	Desvio-padrão	Soma de postos
Masculino	210	385	126	42368
Feminino	269	445	154	72592

F2: $H(1, N=479) = 15,50$ $p = ,0001$

	N	Média	Desvio-padrão	Soma de postos
Masculino	210	1441	420	44481
Feminino	269	1603	548	70480

F3: $H(1, N=479) = 119,47$ $p = 0,000$

	N	Média	Desvio-padrão	Soma de postos
Masculino	210	2364	282	33970
Feminino	269	2675	251	80991

Posição Medial (PM)

F1: $H(1, N=478) = 36,16$ $p = ,0000$

	N	Média	Desvio-padrão	Soma de postos
Masculino	209	411	117	41.046
Feminino	269	475	147	73.434

F2: $H(1, N=478) = 22,77$ $p = 0,0000$

	N	Média	Desvio-padrão	Soma de postos
Masculino	209	1422	336	42.906
Feminino	269	1596	463	71.574

F3: $H(1, N=478) = 148,71$ $p = 0,0000$

	N	Média	Desvio-padrão	Soma de postos
Masculino	209	2046	185	31.787
Feminino	269	2301	223	82.694

Posição Final (PF)

F1: $H(1, N=479) = 48,71$ $p = 0,0000$

	N	Média	Desvio-padrão	Soma de postos
Masculino	210	382	90	39.908
Feminino	269	442	100	75.051

F2: $H(1, N=479) = 105,21$ $p = 0,0000$

	N	Média	Desvio-padrão	Soma de postos
Masculino	210	1443	259	34.981
Feminino	269	1715	252	79.979

F3: $H(1, N=479) = 136,06$ $p = 0,0000$

	N	Média	Desvio-padrão	Soma de postos
Masculino	210	1947	197	32.866
Feminino	269	2189	195	82.094

Variável: faixa etária (A, B e C) – PI, PM e PF

Posição Inicial (PI)

F1: $H(2, N=479) = 7,76$ $p = 0,0206$

	N	Média	Desvio-padrão	Soma de postos
A	222	418	152	52010
B	86	390	116	18283
C	171	434	148	44668

F2: $H(2, N=479) = 1,45$ $p = ,48$

	N	Média	Desvio-padrão	Soma de postos
A	222	1519	516	51841
B	86	1508	473	20347
C	171	1561	501	42773

F3: $H(2, N=479) = 23,18$ $p = ,0000$

	N	Média	Desvio-padrão	Soma de postos
A	222	2461	342	46184
B	86	2626	193	44651
C	171	2595	281	24126

Foi aplicado o Mann-Whitney para localizar as diferenças, assumindo $\alpha < 0,017$ (0,05/3).

F1:

- A soma de postos da faixa etária C é maior que a B ($Z = -3,17$, $p = 0,0015$).

F3:

- A soma de postos da faixa etária B é maior que a A ($Z = -4,01$, $p = 0,00006$).
- A soma de postos da faixa etária A é maior que a C ($Z = -3,83$, $p = 0,000125$).

Posição Medial (PM)

F1: $H(2, N=478) = 5,22$ $p = ,07$

	N	Média	Desvio-padrão	Soma de postos
A	222	444	141	52.049
B	85	424	115	43.953
C	171	462	144	18.478

F2: $H(2, N=478) = 1,28$ $p = ,52$

	N	Média	Desvio-padrão	Soma de postos
A	222	1502	402	51.732
B	85	1505	446	42.549
C	171	1550	433	20.199

F3: $H(2, N=478) = 37,88$ $p = ,0000$

	N	Média	Desvio-padrão	Soma de postos
A	222	2145	238	47.674
B	85	2313	197	39.464
C	171	2187	250	27.342

Foi aplicado o Mann-Whitney para localizar as diferenças, assumindo $\alpha < 0,017$ (0,05/3).

F3:

- A soma de postos da faixa etária B é maior que a A ($Z = -6,13$, $p = 0,000000$).
- A soma de postos da faixa etária B é maior que a C ($Z = 4,86$, $p = 0,000001$).

Posição Final (PF)

F1: $H(2, N=479) = 6,38$ $p = ,04$

	N	Média	Desvio-padrão	Soma de postos
A	222	408	107	49.779
B	86	418	104	20.757
C	171	425	89	44.423

F2: $H(2, N=479) = 2,39$ $p = ,30$

	N	Média	Desvio-padrão	Soma de postos
A	222	1576	291	51.289
B	86	1592	280	20.456
C	171	1624	289	43.214

F3: $H(2, N=479) = 53,25$ $p = ,0000$

	N	Média	Desvio-padrão	Soma de postos
A	222	2061	224	50.753
B	86	2223	144	28.923
C	171	2042	246	35.283

Foi aplicado o Mann-Whitney para localizar as diferenças, assumindo $\alpha < 0,017$ (0,05/3).

F1:

- A soma de postos da faixa etária C é maior que a A ($Z = -2,41$, $p = 0,016$).

F3:

- A soma de postos da faixa etária B é maior que a A ($Z = -6,40$, $p = 0,000000$).
- A soma de postos da faixa etária B é maior que a C ($Z = 6,74$, $p = 0,000000$).

Variável: escolaridade (Médio e Superior) – PI, PM e PF**Posição Inicial (PI)**F1: $H(1, N=479) = ,75$ $p = ,38$

	N	Média	Desvio-padrão	Soma de postos
Médio	260	416	146	61086
Superior	219	422	144	53874

F2: $H(1, N=479) = ,16$ $p = ,68$

	N	Média	Desvio-padrão	Soma de postos
Médio	260	1519	469	61784
Superior	219	1548	540	53176

F3: $H(1, N=479) = 2,09$ $p = ,14$

	N	Média	Desvio-padrão	Soma de postos
Médio	260	2513	325	60217
Superior	219	2569	281	54743

Posição Medial (PM)F1: $H(1, N=478) = 2,79$ $p = ,09$

	N	Média	Desvio-padrão	Soma de postos
Médio	259	442	143	59.516
Superior	219	453	133	54.965

F2: $H(1, N=478) = 4,75$ $p = ,03$

	N	Média	Desvio-padrão	Soma de postos
Médio	259	1486	384	58.750
Superior	219	1560	459	55.731

F3: $H(1, N=478) = 28,09$ $p = ,0000$

	N	Média	Desvio-padrão	Soma de postos
Médio	259	2133	236	54.054
Superior	219	2256	234	60.426

Posição Final (PF)

F1: $H(1, N=479) = 0,0084$ $p = ,92$

	N	Média	Desvio-padrão	Soma de postos
Médio	260	414	98	62.261
Superior	219	418	104	52.699

F2: $H(1, N=479) = 35,48$ $p = ,0000$

	N	Média	Desvio-padrão	Soma de postos
Médio	260	1524	275	53.409
Superior	219	1682	281	61.550

F3: $H(1, N=479) = 76,80$ $p = ,0000$

	N	Média	Desvio-padrão	Soma de postos
Médio	260	1996	216	49.173
Superior	219	2187	201	65.786

Fator: CVR (/R/ caipira), CV (vogal rotacizada) – em PI, PM e PF – e Vogal em sílaba CV

Estatística descritiva

Situação	Vogal	N	F1 (Hz)		F2 (Hz)		F3 (Hz)	
			Média	Desvio-padrão	Média	Desvio-padrão	Média	Desvio-padrão
CV - PI	[a]	5	657	37	1661	53	2561	155
CV - PI	[e]	6	341	72	2077	249	2734	346
CV - PI	[i]	26	303	42	2139	240	2864	189
CV - PI	[o]	4	340	31	1267	371	2453	8
CV - PI	[u]	7	300	41	1070	256	2565	261
CV - PM	[a]	5	685	39	1657	42	2385	101
CV - PM	[e]	6	374	66	2068	285	2724	475
CV - PM	[i]	26	343	50	2113	299	2773	289
CV - PM	[o]	4	380	32	1044	135	2402	56
CV - PM	[u]	7	341	20	1008	254	2469	370
CV - PF	[a]	5	663	61	1674	54	2460	144
CV - PF	[e]	6	384	73	1948	283	2655	402
CV - PF	[i]	26	353	47	2031	289	2759	201
CV - PF	[o]	4	390	42	1190	123	2355	72
CV - PF	[u]	7	376	17	1167	304	2351	146
Vogal sílaba CV	[a]	3	790	11	1415	54	2771	11
Vogal sílaba CV	[e]	9	364	54	2224	334	2845	234
Vogal sílaba CV	[i]	21	292	39	2275	207	2900	244
Vogal sílaba CV	[o]	6	389	48	826	45	2672	89
Vogal sílaba CV	[u]	6	303	41	789	103	2662	152
CVR - PI	[a]	3	647	51	1687	61	2649	182
CVR - PI	[e]	4	376	39	2034	307	2860	311
CVR - PI	[i]	9	301	38	2199	165	2843	199
CVR - PI	[o]	2	378	60	1071	131	2451	9
CVR - PI	[u]	5	338	15	1171	166	2553	102
CVR - PM	[a]	3	668	72	1703	18	2281	89
CVR - PM	[e]	4	403	65	1935	278	2356	221
CVR - PM	[i]	9	361	65	2077	175	2461	244
CVR - PM	[o]	2	407	40	1138	135	2405	138
CVR - PM	[u]	5	356	36	1166	65	2248	116
CVR - PF	[a]	3	669	30	1716	62	2219	91
CVR - PF	[e]	4	377	97	1774	302	2266	117
CVR - PF	[i]	9	349	77	1891	159	2291	119
CVR - PF	[o]	2	395	85	1265	42	2189	107
CVR - PF	[u]	5	360	67	1286	48	2259	166

F1: H (6, N= 258) =27,82 $p =,0001$

	N	Média	Desvio-padrão	Soma de postos
CV - PI	48	347	116	4.577
CV - PM	48	385	113	6.668
CV - PF	48	395	104	7.406
Vogal sílaba CV	45	353	130	4.680
CVR - PI	23	373	117	2.869
CVR MEDIAL	23	411	117	3.725
CVR FINAL	23	402	127	3.485

F2: H (6, N= 258) =6,62 $p =,35$

	N	Média	Desvio-padrão	Soma de postos
CV - PI	48	1853	480	6.659
CV - PM	48	1809	522	6.318
CV - PF	48	1787	437	5.938
Vogal sílaba CV	45	1816	681	6.505
CVR - PI	23	1781	493	2.949
CVR - PM	23	1723	429	2.687
CVR - PF	23	1661	305	2.353

F3: H (6, N= 258) =81,68 $p =,0000$

	N	Média	Desvio-padrão	Soma de postos
CV - PI	48	2738	256	7.557
CV - PM	48	2651	337	6.313
CV - PF	48	2621	271	6.022
Vogal sílaba CV	45	2818	224	7.784
CVR - PI	23	2723	236	3.545
CVR - PM	23	2367	201	1.409
CVR - PF	23	2261	120	779

O teste Mann-Whitney foi utilizado para localizar as diferenças ($\alpha < 0,05/21 < 0,002$).

F1:

- CV medial é maior que CV inicial ($Z = -3,21, p = 0,0013$)
- CV final é maior que CV inicial ($Z = -4,03, p = 0,000056$)
- CV final é maior que Vogal em sílaba CV ($Z = 3,15, p = 0,0016$)
- CVR medial é maior que CV inicial ($Z = 3,33, p = 0,00085$)

F3:

- Vogal em sílaba CV é maior que CV final ($Z = -3,44, p = 0,00057$)
- Vogal em sílaba CV é maior que CVR final ($Z = -6,66, p = 0,000000$)
- Vogal em sílaba CV é maior que CVR medial ($Z = -5,90, p = 0,000000$)

- CVR inicial é maior que CVR medial ($Z = 4,55, p = 0,000005$)
- CVR inicial é maior que CVR final ($Z = 5,54, p = 0,000000$)
- CV inicial é maior que CVR medial ($Z = -5,07, p = 0,000000$)
- CV inicial é maior que CVR final ($Z = -6,16, p = 0,000000$)
- CV medial é maior que CVR medial ($Z = -3,50, p = 0,00046$)
- CV medial é maior que CVR final ($Z = -4,95, p = 0,000001$)
- CV final é maior que CVR medial ($Z = -3,69, p = 0,00022$)
- CV final é maior que CVR final ($Z = -5,32, p = 0,000000$)

APÊNDICE D – Análise estatística das durações das proporções VR/palavra

Decisão: $\alpha \leq 0,05$

/R/ caipira, vogal rotacizada e vogal em sílaba CV

Dur: H (2, N= 98) =29,80 $p = 0,0000$

		N	VR		VR/palavra	
			Média	Desvio-padrão	Média	Desvio-padrão
/R/ caipira	[a]	3	0,218	0,019	38%	0,06%
	[e]	4	0,156	0,070	29%	5%
	[i]	7	0,179	0,046	27%	4%
	[o]	2	0,156	0,013	34%	0,07%
	[u]	5	0,160	0,043	31%	6%
Rotacizada	[a]	5	0,213	0,016	38%	2%
	[e]	6	0,163	0,047	29%	4%
	[i]	22	0,155	0,038	27%	6%
	[o]	4	0,141	0,035	32%	3%
	[u]	7	0,178	0,048	30%	6%
Vogal sílaba CV	[a]	3	0,175	0,010	37%	0,09%
	[e]	6	0,140	0,040	23%	7%
	[i]	15	0,094	0,017	18%	3%
	[o]	4	0,131	0,013	25%	4%
	[u]	5	0,097	0,019	18%	3%

Fator: variante (/R/ caipira, vogal rotacizada e vogal em sílaba CV)

O teste Kruskal-Wallis indicou diferença estatisticamente significativa na soma de postos das proporções.

	N	Soma de postos
/R/ caipira	21	1314
Vogal rotacizada	44	2628
Vogal em sílaba CV	33	909

O teste Mann-Whitney foi utilizado para localizar as diferenças ($\alpha < 0,05/3 < 0,017$):

- /R/ caipira é maior que vogal em sílaba CV ($Z = 4,39, p = 0,000011$)
- Vogal rotacizada é maior que vogal em sílaba CV ($Z = 4,91, p = 0,000001$)

Comparação das proporções VR/Palavra entre tipo de estímulo (frase-veículo ou sentença)

Dur: $H(1, N = 475) = 10,85, p = ,001$

	N	VR (s)		VR/palavra		
		Média	Desvio-padrão	Média	Desvio-padrão	Soma de postos
Palavras	237	0,198	0,122	32%	21%	51.477
Sentenças	238	0,185	0,045	32%	6%	61.572

APÊNDICE E – Modelo do TCLE

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, _____, _____ anos, R.G. n° _____ residente à _____, na cidade de _____, Estado de _____, autorizo a pesquisadora Cândida Mara Britto Leite, responsável pela pesquisa, aluna regular do Curso de Pós-Graduação (Doutorado em Lingüística) do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Registro Acadêmico 013462, orientanda da Profª. Drª. Tânia M. Alkmim, a utilizar meus depoimentos para análise científica no âmbito do projeto de pesquisa intitulado *O /r/ em posição de coda na capital do interior paulista: uma abordagem sociolingüística*. Atesto que o material por mim concedido poderá ser utilizado pela pesquisadora descrita acima, e somente por ela, para qualquer espécie de publicação/divulgação, uma vez que a referida pesquisadora assume a garantia da não utilização das informações obtidas em prejuízo de minha pessoa. Reconheço que a pesquisadora responsável tem como objetivo investigar aspectos Sociolingüísticos, bem como Fonético /Fonológicos, e que sua pesquisa pretende oferecer contribuições para os estudos na área da Lingüística. Reconheço, ainda, que a concessão de meus depoimentos e de outros documentos a essa pesquisa não envolve qualquer tipo de remuneração e que a minha participação como voluntário/informante não gera nenhuma despesa a mim. A pesquisadora responsável assume que os sujeitos da pesquisa não serão identificados em qualquer das formas de divulgação do estudo e de seus resultados, preservando, assim, o anonimato dos mesmos. Assegura, ainda, que não há riscos previsíveis para a realização desta pesquisa. Declaro ter recebido uma cópia do presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Para recurso ou reclamações referentes aos procedimentos adotados nessa pesquisa, a pesquisadora responsável informa o telefone da secretaria do Comitê de Ética em Pesquisa da UNICAMP [(19) 3521-8936], e o *e-mail* do comitê (cep@fcm.unicamp.br). Para contato com a pesquisadora responsável, o telefone é: (19) 3253-0305.

Campinas, _____

(Assinatura)